

# FRANK PAYNE

E A  
CAVERNA MISTERIOSA



MARCELO GAMÓN

# FRANK PAYNE

E A CAVERNA MISTERIOSA

***MARCELO GAMÓN***

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Gamón, Marcelo

Frank Payne [livro eletrônico] : e a caverna misteriosa / Marcelo Gamón. -- 1. ed. -- Suzano, SP : Ed. do Autor, 2021. -- (Frank Payne e a caverna misteriosa ; 1)

ISBN 978-65-00-24538-7

1. Aventuras - Literatura infantojuvenil
  2. Fantasia - Literatura infantojuvenil
  3. Literatura infantojuvenil I. Título
- II. Série.

21-68660

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Esse livro é dedicado à minha filha Isabela que me inspira cada dia a viver uma nova fantasia.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço à minha esposa Bruna, que sempre apoiou todas as minhas loucuras e aguentou ao longo de muitas madrugadas o barulho e a luz do computador acesa.

Agradeço aos meus pais e meu irmão por sempre me apoiarem a não desistir de meus sonhos.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e familiares pela parceria, em especial ao Guilherme Sonobe por ser o primeiro leitor a encarar essa aventura, Vitão Paoluk pelas ideias na criação e história do vilão, Jeff Reis pelas dicas valiosas e seus enigmas excepcionais, e pela maestria nas consultorias fantásticas de Miler Sardinha.

Um agradecimento especial para Roland Blass (secretário do Conselho da Comissão da Língua Chamorro), Anna Marie Arceo e a equipe de professores e educadores que, com toda dedicação promovem para que esse incrível idioma não seja extinto.

## **Prólogo**

- 1. A maré não está para peixe**
- 2. Uma profunda ameaça**
- 3. A revelação**
- 4. A pedra do devaneio**
- 5. Estratégia militar**
- 6. O embarque**
- 7. Conhecendo o território**
- 8. Uma aliança se forma**
- 9. Os fuzileiros chegam à ilha**
- 10. Experiência divina**
- 11. Desenterrando o passado**
- 12. A Fossa das Marianas**
- 13. Uma missão suicida**
- 14. Reconhecendo o terreno**
- 15. O batalhão se divide**
- 16. A fantástica revelação**
- 17. Bolduf: O sábio Delver**
- 18. Erik Morgan**
- 19. Peixomem**
- 20. Um vulto misterioso**
- 21. A caverna desmorona**
- 22. Um adeus inesperado**
- 23. O templo sagrado**
- 24. Thomas S. Wolf**

- 25. O enigma de Artmeck**
- 26. As lágrimas de George Nelson**
- 27. Surge um novo guerreiro**
- 28. O guardião do elemento água**
- 29. A ambição fala mais alto**
- 30. Devorador de mentes**
- 31. Um novo recomeço!**
- 32. A clínica psiquiátrica**
- 33. A lendária espada Gram**
- 34. Ataque sem piedade**
- 35. Voltando para a casa**
- 36. A verdade é revelada**

**Epílogo**

Não foi a primeira e nem a última vez que Frank havia se metido em encrencas, mas nada se compara ao que você vai ler. Lembro-me como se fosse hoje do dia mais maluco e intrigante de nossas vidas. Tudo começou quando estávamos nos formando no colégio. Eu andava indecisa do que faria de faculdade, já Frank não partilhava da mesma dúvida. Desde criança, dizia que um dia seria um grande cientista e que levaria para casa o prêmio Nobel. Mal sabia ele que sua conquista seria muito maior e incalculável para a humanidade.

Prepare-se para a maior aventura de sua vida, pois, assim como a minha, ela irá mudar para sempre.

Barbara Bell

— Com licença senhor secretário-geral, preciso te mostrar uma coisa — exclamou o capitão Leonard, com seu cabelo grudando na testa pelo suor frio que escorria. As olheiras embaixo dos olhos deixavam claro que não havia dormido na noite anterior. — Encontramos ondas eletromagnéticas vindo do ponto mais profundo do oceano. Não víamos problema, uma vez que é comum no céu, no solo e também no fundo do mar estes tipos de oscilações, mas essa em especial está me deixando apreensivo. São ondas de frequência dez vezes superior aos raios gama, conhecido até hoje como a radiação com maior potência energética.

— Mande uma equipe para lá agora mesmo para identificar a causa, capitão. Vou acionar o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Se isso se confirmar, poderá ser o fim da raça humana e a destruição da Terra!

Organização das Nações Unidas (ONU)

Nova Iorque - EUA



## **A maré não está para peixe**

Frank acordou muito cedo para ver o nascer do Sol e apreciar a calmaria do mar pela manhã. Pôde perceber que os pescadores locais já estavam à procura de seu ganha pão, atravessando o mar celeste com seu barco a remo.

Partiam de um ponto onde um deles ficava na areia, segurando um dos cabos da rede, enquanto outros dois dentro do barco, entravam a cem metros de distância mar adentro, até chegarem em uma área conhecida por eles como “benção de Deus”, um local repleto de peixes e outros animais marinhos. Começavam a descrever um arco com o barco lançando e imergindo pouco a pouco a rede na água, até chegar a outro ponto na areia, terminando por sua vez a uma distância de cinquenta metros do local de partida.

Estavam em sete pescadores ou amigos de pescaria, sendo dois no barco enquanto os outros cinco esperavam seus compatriotas voltarem para a areia a fim de puxarem a rede ao mesmo tempo, quatro de um lado e três de outro. Por fim, Frank, franzino de estatura média e corpo magro como o dos pescadores se colocou à disposição para igualar o time nessa empreitada. Havia acabado de se formar no ensino médio e assim esperou iniciar as suas “férias escolares”, com novas experiências e muitas aventuras, mas ainda pouco sabia o que os mares estavam lhe reservando.

Um puxão de cá, uma mão cortada de outro e, por fim, a gigantesca rede foi retirada do mar, com centenas de peixes pulando de um lado para o outro para tentar voltar para o mar e se salvarem da

ira dos homens, ou então escapar das famintas gaivotas que cercavam a arapuca criada pelos filhos de Deus.

Frank percorreu a rede de uma ponta a outra para conhecer os mais diversos tipos de peixes, questionando a cada pescador o nome da espécie e como se consumia, ouvindo cada história fascinante do povo local, entre piadas e gargalhadas. Até que seus olhos caramelo-claros encontraram algo entre os peixes que lhe chamou a atenção. Parecia ser uma pedra, porém diferente de tudo que havia visto.

O pescador chefe do grupo lhe disse que já era a segunda vez que haviam retirado do mar esse objeto, mas que para nada lhes servia. Quando a pedra tocou a água assim que o pescador a arremessou novamente ao mar, Frank escutou como se uma voz o chamasse dentro de sua cabeça, sentiu a pulsação do coração e sua respiração acelerarem em compassos diferentes, perdendo de uma vez a visão, entrando involuntariamente em um tipo de transe por alguns segundos. Afastou-se do grupo de pescadores que continuavam a pegar seus peixes enroscados na rede sem perceberem que o garoto se pusera a caminhar em passos lentos em direção ao mar até a água chegar à sua cintura.

Viu algo que não sabia identificar, brilhos resplandecentes, sentimento de angústia e euforia e um cheiro que lhe parecia familiar, sim, fazia muito tempo, mas jamais se esqueceria desse aroma. Era o mesmo perfume que seu pai usava no dia em que o viu pela última vez, antes de desaparecer para sempre, há cinco anos. E então se viu novamente à superfície. Nadou alguns metros sem sentir o cansaço natural das braçadas dadas no mar, até chegar na parte bem rasa onde seus joelhos já tocavam as areias finas e abrasivas. Por sorte a pedra parecia estar à sua espera ao lado de algumas conchas. Na época, Frank imaginava ter sido realmente sorte, mas ele não sabia

que seu destino havia sido selado naquele momento e nem o que estava à sua espera.

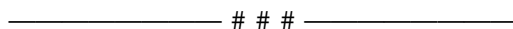
Correu para casa, pegou algumas coisas como lupa, régua, lanterna, alguns cadernos e resolveu analisá-la. A tal rocha misteriosa era extremamente lisa e leve, sendo um pouco mais pesada que um isopor, com formato rústico, arredondado na parte inferior e com um achatamento estranho no topo, de cor clara e com detalhes contornando a pedra em azul celeste vibrante, terminando exatamente na parte achatada.

Ao virá-la, ele viu algumas pintas escuras, porém perfeitamente espaçadas, medindo aproximadamente dois milímetros entre cada pinta, como se alguém as tivesse feito com algum equipamento especial. Iluminou melhor com a lanterna e usou uma lupa para enxergar do que se tratavam essas marcas, porém, ainda assim, não conseguia entender, pois pareciam micro-inscrições talhadas na pedra e que não podiam ser decifradas com apenas uma lupa qualquer.

Frank percebeu que se tratava de algo muito maior do que apenas um mísero pedaço de rocha, portanto, desmontou um binóculo antigo e adaptou-o para criar algo parecido com uma luneta. Enfim enxergou, mas ainda não podia entender o que havia na pedra. De fato, era algo escrito por alguém, pois aumentando o campo de visão consideravelmente, pôde constatar letras muito pequenas que não conseguia identificar.

De onde seria essa relíquia, ou melhor, quem a havia jogado ao mar? Quem tinha esculpido e entalhado as inscrições tão minúsculas em uma pedra? Aliás, aquilo seria uma simples pedra? Tantas perguntas e dúvidas enchiam sua cabeça que, naquele momento, não pensava em outra coisa a não ser descobrir que língua era aquela e o que tinha para ser revelado naquele misterioso objeto

encontrado que o havia perseguido na praia.



A cortina entreaberta do quarto de Barbara acabou com seus planos de ficar até tarde em sua cama. Logo no primeiro dia de suas tão merecidas e esperadas férias. Mas isso não iria irritar a moça, que já havia escolhido dias antes uma lista de filmes e séries para maratona em sua nova TV, recebida de presente antecipado de seus pais pela formatura escolar.

Eram 9h00 da manhã quando resolveu tirar seu pijama, escovar os dentes e ir à cozinha tomar o café da manhã que Rose, sua mãe, já havia deixado preparado antes de ir trabalhar. Fazia tempo que Barbara não comia o delicioso bolo de frutas tradicional da família Bell, receita essa que vinha de muitas gerações, passadas de mães para filhos e, nesse caso, nora.

Rose Bell era chefe de cozinha de um grande restaurante da região e muito do que aprendeu foi resultado de vários jantares na casa de seu então noivo, Pedro Bell. A avó de Barbara era descendente de imigrantes italianos, tendo que aprender a cozinhar desde muito pequena e aperfeiçoou esse dom durante sua jornada. Ensinou todos seus truques para Rose, que não teve o mesmo sucesso com sua filha Barbara.

O pai da garota, Pedro, trabalhava com contabilidade em uma grande empresa do ramo de importações, e mesmo com a facilidade com números herdada de seu pai, não fez despertar em Barbara o amor pela matemática, física ou engenharia, como era esperado pela sua família. Ela tinha mesmo era uma queda por jornalismo investigativo, seu sonho desde criança, e dizia que um dia iria receber o

prêmio Pulitzer (uma espécie de Oscar do Jornalismo, o maior reconhecimento de um jornalista).

Sempre lia livros e histórias de detetives, mistérios, enigmas e aventuras. Ainda não sabia ao certo qual faculdade iria seguir após a formatura, mas imaginava algo próximo a isso. E com todas essas habilidades em se envolver em aventuras e mistérios, não via a hora de começar sua maratona.

Quando estava finalizando o suco de laranja, seu celular vibrou anunciando uma mensagem de Frank, seu melhor amigo desde que se conheceram na escola aos seis anos. Dizia ele que precisava de uma ajuda, estava chegando em sua casa e esperava que a amiga já estivesse acordada. Sem antes conseguir responder à mensagem, a campainha tocou, assustando Barbara, que deixou cair os talheres no chão, fazendo a maior bagunça na cozinha. Enquanto tentava recolher as migalhas do bolo do chão, ouvia desesperadamente o barulho da campainha sendo tocada por seu amigo Frank, que não soltava o dedo do interruptor por nada, fazendo o maior estardalhaço ecoando aquele inconveniente barulho por toda a casa. Se não estivesse acordada por conta da luz em seu quarto, teria agora com o desespero do amigo.

— Barbara, preciso de sua ajuda urgente! — entrou Frank, correndo sem nem ao menos lhe dar um oi.

— Oi, Franklinzinho — disse Barbara, irritando o amigo ao mexer em seus cabelos pretos que viviam bagunçados. — Em que eu posso ser útil dessa vez?

— Preciso que você me ajude a decifrar algumas coisas que estão grafadas nessa pedra que encontrei na praia essa manhã. Tentei com uma luneta improvisada, mas não consegui identificar essas palavras escritas.

Barbara possuía o maior acervo de livros de simbologias e dialetos estrangeiros que Frank conhecia. Mal sabia ela, mas seus planos de férias seriam cancelados logo após a visita do impaciente amigo.

## **Uma profunda ameaça**

O general de maior patente do exército americano, George Nelson, abriu a porta e entrou na grande sala às pressas. Acabara de receber uma ligação do secretário-geral da Organização das Nações Unidas e precisava dos conselhos do tenente-general Erik Morgan, seu fiel amigo e maior estrategista de guerra que já conhecera.

— Tenente-general Morgan, temos uma missão extraordinária e precisamos juntar a maior força-tarefa que conseguirmos, prioridade máxima. Recebemos um relatório da ONU sobre explosões eletromagnéticas no Oceano Pacífico. Parece ser algo maior do que jamais vimos, salvo por um caso há cinco anos, que até hoje não foi entendido pelos cientistas.

— Com licença, senhores — articulou o capitão Leonard abrindo a porta. — Acabamos de receber o local exato da explosão. Foi em uma depressão chamada Fossa das Marianas, ao extremo Sul das Ilhas Marianas, o local mais profundo dos oceanos e próximo a nossa base militar em Guam.

— Obrigado, Capitão — agradeceu o general, dispensando o militar.

“Local mais profundo dos oceanos. A missão acabou ficando mais difícil do que imaginava”, pensou o general.

— Tenente-general Morgan, para ganharmos tempo, ordene ao responsável pela nossa base naval em Guam, o contra-almirante Thomas Wolf, para que inicie uma força-tarefa com a sétima frota dos Estados Unidos, o departamento da Marinha Americana em

Guam e uma unidade expedicionária de Fuzileiros Navais vindo de Okinawa, no Japão, pois precisaremos estar atentos com forças inimigas na região que estejam tentando atacar nossa base militar — ordenou o general. — Enquanto isso, nos reuniremos com a cúpula do Conselho de Segurança das Nações Unidas para traçarmos estratégias a favor da manutenção da paz e da segurança internacional. Por se tratar do local mais profundo dos oceanos, nossos submarinos não devem conseguir chegar nem na metade dessa depressão. Precisaremos avaliar com agilidade táticas militares e científicas para atingirmos esse local, que pelo que sei são próximos de 11.000m abaixo do nível do mar.

O Conselho era composto por quinze países, sendo cinco membros permanentes com poder de veto: Estados Unidos, França, Reino Unido, Rússia e China. Os demais dez membros eram eleitos pela Assembleia Geral para mandatos de dois anos. Uma resolução do Conselho de Segurança era aprovada se tivesse maioria de nove dos quinze membros, porém, se tiver um voto negativo de um dos cinco membros permanentes, a resolução não era adotada.

— Precisaremos convencer pelo menos os cinco membros do conselho para que aprovem a expedição para atuarmos na região — explicou o general George Nelson.

— Entendido, general — assentiu o oficial Morgan. — Ligarei agora mesmo para o contra-almirante Wolf para repassar suas ordens. Licença para me retirar, senhor — solicitou o oficial, batendo continência ao seu superior.

— Concedido, meu amigo — se despediu George Nelson, liberando o militar e dando um abraço em seu companheiro de muitas histórias.

— Que Deus nos ajude! — pensou o general em voz alta assim



que Morgan fechou a porta da sala em que estavam.

Essa era uma missão que fugia de sua competência e George não sabia o que fazer. Havia enfrentado muitas adversidades em sua vida militar, mas nada comparado a isso. Temia pela vida humana e também pela saúde do planeta que tanto amava. Ultimamente sua vida estava muito boa, tinha acabado de nascer seu primeiro neto, fruto do casamento de seu filho mais velho, o major Daniel Nelson. Ainda era um avô novato, que estava aos poucos iniciando nesse novo mundo para ele.

Quando seu filho era recém-nascido, foi obrigado a comandar uma expedição de paz e nunca esteve presente nas principais conquistas da criança. Após essa missão, sua carreira militar deslançou, foi ganhando insígnias e graduações diversas até chegar à patente de maior importância militar do mundo, general do exército americano. Não teve tempo também de presenciar as proezas e realizações de seu segundo filho, por mais que quisesse. Talvez essa tenha sido a maior decepção da vida do oficial, que ganhou todas as honrarias que alguém pode receber, mas havia deixado de desfrutar o mais importante, acompanhar o crescimento de seus amados filhos.

Perdeu os primeiros passos dos pequenos. Nunca soube quais haviam sido suas primeiras palavras, nunca esteve presente em uma apresentação escolar, por sempre estar envolvido em missões, a primeira queda da bicicleta, então, do pequeno Daniel, só ficou sabendo dois meses depois.

Conheceu somente a terceira namorada do filho, com quem se casou, e em falar em casamento, quase que perdeu a cerimônia por chegar em cima da hora, felizmente com tempo de levar sua nora para o altar. Por fim, após perceber que a velhice estava chegando,

começou a dar mais importância para sua família, ainda mais com a chegada do pequeno neto. A família dos Nelson havia novamente ficado colorida e não parava de pensar neles, na oportunidade que a vida estava lhe proporcionando mais uma vez, só que dessa vez em ser avô de uma jovem e agitada criança e recuperar o tempo que havia perdido.

O general das forças armadas, um dos principais membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, braço forte do presidente dos Estados Unidos da América estava decidido, assim que essa missão terminasse, pediria por sua merecida aposentadoria.

## **A revelação**

Frank mostrou para Barbara o pedaço de rocha que ele havia pego no mar e lhe contou toda a história, de como ela chegou até ele, da voz que parecia ter escutado dentro de sua cabeça, das alucinações, entre outras coisas.

Barbara não quis dizer nada naquele momento, mas essa história estava mexendo demais com Frank, pois em doze anos nunca havia visto seu amigo tão eufórico. Estava afobado, irritado e até mesmo em alguns momentos mal educado, logo ele que sempre foi um amor de pessoa, gentil, cuidadoso e extremamente inteligente, mesmo depois de ter sofrido muito com as perdas nos últimos sete anos.

A mais recente há cerca de cinco anos foi seu pai Douglas que desapareceu em uma viagem a trabalho sem nunca mais voltar para casa. Pelo que sabia, Douglas Payne era um executivo de uma grande companhia farmacêutica e sempre tinha que viajar a negócios para muitos países no mundo. Sempre que voltava trazia lembranças para os dois amigos, desde doces e guloseimas até réplicas de artificios históricos que comprava em uma barraquinha ou lojas de souvenirs.

Certo dia, Douglas teve que viajar às pressas e foi se despedir, enquanto Frank se preparava para ir à escola. Disse que precisava resolver algo com urgência, mas que voltava para casa em duas semanas, porém nunca mais voltou. As buscas terminaram após três meses de intensa procura, sem nunca terem encontrado corpo nenhum, apenas a memória do pai engraçado e dedicado foi o que sobrou para Frank. Sua mãe, Elizabeth, estranhamente tivera o mesmo

destino, desaparecendo do mapa dois anos antes.

Só receberam a informação de seu falecimento mais tarde quando encontraram o corpo de uma mulher que foi reconhecida por Douglas como sua esposa. Desde então, Frank vinha sido cuidado por seu avô Walter Payne. Um senhor muito dedicado, que ensinava as matérias da escola que Frank tinha dificuldade, cozinava, limpava a casa e sempre o levava a um caminho justo e correto. Era um dos maiores amigos do garoto, que com Barbara formavam o Esquadrão Fantástico.

Era esse o nome que apelidaram o grupo de estudos do Universo, enigmas e caças ao tesouro, e mesmo com seus 68 anos, Walter ainda dispunha de um físico de dar inveja a qualquer senhor de sua idade, de estatura média-alta, corpo magro e mãos grandes e fortes cultivadas ainda em sua juventude. Seus poucos cabelos brancos e sua pele já riscada pelos anos vividos eram o que denunciavam sua idade. Walter Payne nunca mencionava seu passado e quando perguntavam algo sobre o que fazia quando jovem ou onde e quem o ensinou as coisas que conhecia, sempre mudava de assunto, para algo que interessasse mais os adolescentes e estes acabavam esquecendo.

Assim que Barbara colocou seus lindos olhos azuis na pedra, pôde entender o motivo de sua excitação. Ela era estranhamente bela, com um aspecto bizarro, diferente de qualquer outra rocha, muito leve e com pintas pretas. Parecia que vinha de outro planeta, pois nunca havia visto algo parecido. Percebeu que as tais pintas estavam super alinhadas, que pareciam escrituras antigas, porém extremamente pequenas, imperceptíveis a olho nu.

Virou em direção a seu amigo e o viu parecendo uma criança com um brinquedo que acabara de ganhar, aguardando seus pais

colocarem pilha para enfim poder brincar. Foi até sua estante de livros e pegou um exemplar bem grande e pesado, que parecia ser de uma idade bem avançada, por conta de seu desgaste visível. Era o dicionário de símbolos, utilizado por ela para decifrar muitos dos enigmas, os quais eles adoravam.

Folheou o livro até a letra P e então só parou até chegar no que procurava, a palavra “Pedra”. Começou a ler em voz alta:

— *Pedra (bêtilo, diamante, esmeralda, jade, joia, pérola), tradicionalmente a pedra ocupa um lugar de distinção. As pedras não são massas inertes; pedras vivas caídas do céu continuam tendo vida mesmo depois da queda. Ela desempenha um papel importante nas relações entre o céu e a terra. Diversos povos do Pacífico, como a Austrália e regiões entre Indonésia e América do Norte, consideram algumas espécies como sendo fragmentos desprendidos do céu ou do trono celeste: ela é o instrumento da clarividência dos xamãs. As pedras caídas do céu são, além disso, muitas vezes, pedras falantes, instrumentos de um oráculo ou de uma mensagem.*

— Muito desse texto reflete exatamente o que senti quando eu a vi pela primeira vez — disse Frank. — Parecia que a pedra queria me mostrar algo, como se fosse meu próprio oráculo, manifestando algo que irá acontecer ou uma revelação oculta. Mas o que será que ela quer me apresentar? Não estou conseguindo entender mais nada.

Barbara voltou a ler mais um trecho do livro:

— *Existe entre a alma e a pedra uma relação estreita. Segundo a lenda de Prometeu, procriador do gênero humano, as pedras conservaram um odor humano.*

— É isso! — gritou Frank. — Quando eu entrei em transe senti o cheiro do perfume de meu pai. Não acredito que essa pedra esteja querendo me dizer onde está o paradeiro dele. Não pode ser verdade.

Frank estava eufórico com a possibilidade de enfim descobrir onde seu pai poderia estar escondido. No íntimo, ele nunca acreditou que havia morrido. Nunca conseguiu se despedir de verdade, pois sabia, lá no fundo, que reencontraria com ele novamente. Mas onde? Como iriam descobrir uma pista que o levasse a ele? Foi então que se lembrou das minúsculas inscrições e se voltou para Barbara.

— Báh, você conseguiu identificar o que está escrito nessa pedra? São tão minúsculas que minha lupa não conseguiu aumentar a ponto de identificá-las.

Frank estava dando sua lupa para que Barbara pudesse analisar as escrituras, mas esta abriu a gaveta de sua escrivaninha e retirou um óculos profissional, com lâmpadas led nas extremidades e lentes com seis ampliações diferentes, até dez vezes maior que a de seu amigo.

— Aí eu vi vantagem! — brincou Frank.

— Estou enxergando algumas letras desconexas formando frases que não consigo entender — afirmou Barbara. — Parecem inscrições de uma língua desconhecida ou de algum lugar remoto:

***“Mungnga pumâra manhongge!***

***Mahâlang yu' nu todû.***

***Hu guaiya hamyo na dos!”***

— Eu já vi algo escrito dessa forma em algum lugar, mas não estou lembrando onde... — disse Frank.

— Acho que devemos falar com o seu avô, quem sabe ele possa nos ajudar a desvendar esse mistério. Ele adora esse tipo de coisa e seu conhecimento em relação a línguas estranhas é algo extraordinário.

— Boa, pegue seu livro e seu óculos engraçado. Espero que o vovô esteja em casa.

## **A pedra do devaneio**

Os dois amigos pegaram suas coisas e foram ao encontro do avô Walter. Logo chegaram na casa ao fim da rua que era o lar dos Payne há cinco anos. Sua esposa havia falecido já há longos doze anos e estar com seu neto o fazia se sentir melhor, ainda mais quando se encontravam com a Jovem Bell à procura de desvendar mistérios do mundo. Os amigos estavam entrando à porta da casa, imaginando que Walter deveria estar na garagem arrumando algo, como sempre.

Frank entrou no cômodo gritando por seu avô e este, assustado, deixou cair uma caixa de parafusos de pequeno calibre, que havia retirado do antigo aparelho de som, um rádio vitrola com gravador de rolo da marca Phillips, que ganhou de seus pais na década de 1960 e que guardava com muito carinho. Walter, bravo, pediu que eles ajudassem a recuperar os parafusos que haviam caído e que só depois eles conversariam sobre a história que queriam lhe contar.

Muito a contragosto, Frank abaixou para procurar os mais de vinte parafusos minúsculos, demorando quase meia hora para finalizarem a tarefa, pois estes se espalharam por toda a garagem. Só então seu avô perguntou o que eles queriam para chegar assim tão eufóricos pela porta da garagem.

Frank abriu a caixinha de madeira que havia pego na casa de Barbara para acomodar o artefato com segurança e revelou ao seu avô seu conteúdo misterioso.

— O que tem demais essa pedra? — perguntou Walter.

— Então, vovô, eu a encontrei hoje pela manhã na praia, após



ajudar alguns pescadores a pegar seus peixes. Veio junto com a rede.

— Então devolva-a ao mar — bravejou Walter. — Você não aprendeu que não se deve retirar as coisas do mar? A não ser que seja para seu próprio sustento?

— Mas, vô, eu achei algo muito sinistro nessa pedra — disse Frank, sem mencionar o que havia acontecido a ele quando se encontrou pela primeira vez com o objeto. — Tem algo escrito nela, com um dialeto que a Barbara e eu não conhecemos. O senhor precisa nos ajudar.

Walter pegou os óculos de Barbara para verificar o que deixara seu neto agitado. Deveria ser mais uma fonte de mistérios que resolveriam juntos mais tarde, porém algo o deixou branco como a neve fazendo com que engasgasse com sua própria saliva.

— Menino, como disse antes, jogue isso de volta ao mar. E não procure saber mais nada a respeito dessa pedra.

— Mas, vô, você sabe o que está escrito nela? Nos conte, por favor! Preciso saber o porquê esta pedra me escolheu.

— Como assim, essa pedra te escolheu? — perguntou Walter.

— Eu não lhe contei, mas quando a vi pela primeira vez, tive um sentimento estranho e confuso, como se entrasse em um tipo de transe, notei um forte perfume e vi algumas sombras que não pude reconhecer. Não senti medo, apenas uma angústia e ao mesmo tempo uma energia excessiva, uma exaltação que não sei explicar. Por favor, vovô, me conte o que o senhor sabe sobre essa pedra, o que está escrito e qual a razão desse seu medo repentino. É algo sobre mim? Sobre meu pai? O cheiro que eu senti, tenho certeza que era do perfume que ele usava quando o vi pela última vez, é inconfundível! Guardei esse odor em minha memória por muitos anos. A camisa que ele tinha usado um dia antes de sumir, eu nunca lavei.

Deixei guardada e sempre que começava a me esquecer dele, ou quando estava com muitas saudades, pegava para sentir seu cheiro. Isso me confortava, me acalmava. Só que com o tempo o aroma foi ficando mais fraco, até um dia em que eu não pude mais senti-lo. E agora tudo está voltando e, se for verdade? E se ele estiver vivo me mandando uma mensagem? Preciso saber, por favor!

Walter, meio sem saber o que fazer, e pensando que devia isso a seu neto, disse que iria contar o que havia escrito na pedra, apenas a tradução do que se lembrava.

— Crianças, sentem aqui ao meu lado — disse o avô, puxando duas cadeiras extras para os dois. — Este é o idioma Chamorro, falado por mais de cinquenta mil pessoas na região das Ilhas Marianas.

Barbara, curiosa que só, já puxou o celular de seu bolso e procurou na internet sobre as ilhas e a língua chamorro, pronunciadas por Walter.

— Este é um idioma que eu aprendi quando pequeno. Há muitos anos eu deixei de ter contato com essa língua, mas acho que consigo traduzir. Pelo que entendi, o que pode estar escrito nessa pedra é algo como:

***“Mungnga pumâra manhongge!***

***Mahâlang yu' nu todû.***

***Hu guaiya hamyo na dos!”***

***“Nunca deixa de acreditar!***

***Sinto a sua falta.***

***Amo você!”***

— Não está assinado, tampouco direcionado a alguém. A região é conhecida por ser um local romântico, onde foi inspirada a magnífica e famosa história de Shakespeare: Romeu e Julieta. Por isso, não daria muita importância no que está grafado nesse pedaço de rocha — disse Walter, tentando tirar falsas esperanças do coração de seu neto. Mas este não sabia que o coração de Frank já estava tomado de fê, de que encontraria seu pai nas Ilhas Marianas.

“Só pode estar por lá!” — pensava Frank, sem saber o motivo de estar tão longe assim.

Frank pegou a pedra novamente em sua mão para analisá-la melhor quando teve um outro surto psicótico, voltando dessa vez uma semana antes do sumiço de seu pai. Lembrava de uma conversa ao telefone de Douglas com uma pessoa misteriosa, de quem seu pai nunca falava a respeito. Dessa vez, percebeu que ele estava nervoso com o que o sujeito lhe falava ao telefone. Começou a aumentar o tom de sua voz, algumas tossidas e engasgos e então uma palavra que pôde ouvir em alto e bom tom: Mariana.

Voltou a realidade com uma respiração ofegante, gritando com toda a força de seu jovem pulmão:

— Mariana!

— Ai... — gritou Barbara, jogando seus cabelos castanhos cacheados para todos os lados após o susto que Frank lhe deu. — O que aconteceu?

— Desculpe — respondeu Frank. — Agora tenho certeza. Meu pai foi para as Ilhas Marianas. Preciso encontrá-lo. Ele deve estar em perigo pra não ter dado mais notícias durante esses últimos cinco anos.

— Não, não, não! — gritou Walter. — Ninguém vai a lugar algum. Você não ouviu o que eu acabei de falar? Não mexa com isso.

Esquece o que você achou ter visto. Nossa mente cria algumas ilusões e, às vezes, até vozes para nos enganar. A neurociência explica que o cérebro faz isso para economizar energia em nosso dia a dia, assim como quando estamos dormindo e sonhamos. Cerca de 80% das pessoas têm tendência ao otimismo, algumas mais do que outras. O otimismo é sempre mais comum do que o pessimismo, ainda mais em pessoas jovens. Assim, nunca acreditamos que algo vá dar errado, mesmo quando o mais racional seria pensar que sim, e você, meu neto, está entre a grande maioria. Não consegue enxergar o perigo em que está se metendo.

— Mas, vô, eu ouvi meu pai dizer ao telefone o nome Mariana, uma semana antes de partir.

— Existem milhares de “Marianas” espalhadas por aí. Por que seu pai falaria sobre a ilha, se ele nem a conhecia? — bradou seu avô.

— Ele não a conhecia? — perguntou Frank com cara de tristeza.

— Douglas nunca me falou nada sobre as ilhas do pacífico. E também nunca lhe contei sobre meu passado — soltou Walter, antes de se arrepender do que acabara de dizer.

— Seu passado? — gritaram os dois amigos ao mesmo tempo.

— O senhor já esteve nas ilhas antes? — perguntou Frank ainda mais curioso que o normal. O passado de seu avô era o maior mistério que os dois integrantes do Esquadrão Fantástico não conseguiram resolver, até aquele momento.

Walter balançou a cabeça em um gesto de afirmação, mesmo que no fundo quisesse ter dito que não.

— Há muitos anos que eu não piso naquele lugar. O local é muito lindo, exuberante e, como disse, propício ao amor. Mas também esconde muitos segredos perturbadores, lendas e mistérios

sobrenaturais. Já presenciei muitas coisas sinistras e assustadoras e não quero isso para vocês. Peço que me ouçam e prometam não voltar a questionar sobre meu passado, muito menos sobre ir a esta região. Me atormenta pensar em reviver coisas que há tempos enterrei.

— O senhor não pode fazer isso comigo, não sei como, mas tenho certeza que meu pai está lá e preciso ajudá-lo. Essa pedra foi uma mensagem dele. Precisamos ir, por favor — suplicou Frank.

— Chega! Já disse que não é ponto final. Enquanto estiver sob minha guarda e minha responsabilidade, o senhor não vai a lugar algum. Não lhe darei dinheiro para comprar a passagem para aquela ilha — disse Walter com dor no coração, mas pensando na segurança do neto que tanto amava. Sabia que era uma questão de tempo até Frank conseguir o dinheiro que precisava para viajar, mas, até lá, tentaria mudar o pensamento do garoto.

Frank colocou a pedra no saquinho de veludo, balbuciou algumas palavras grosseiras que só ele entendeu, baixou a cabeça e saiu da garagem batendo a porta com força. Barbara olhou para Walter e reparou que o idoso estava com lágrimas em seus olhos. Achou melhor ver seu amigo e deixá-lo menos constrangido ficando sozinho.

— Vou ver como ele está — falou Barbara

— Me desculpe — disse seu amigo de idade mais avançada. — Só fiz o que achei correto para protegê-los de todo sofrimento que esse lugar me causou.

Barbara acenou com a cabeça e saiu à procura do amigo. Estaria onde sempre se escondia quando ficava triste, em cima da Pedra do Devaneio, nome dado por eles para a rocha que ficava na ponta da praia, onde iriam sempre para pensar, refletir e imaginar coisas engraçadas. Muitas das respostas dos enigmas e mistérios que o trio

solucionava vieram após algumas horas de contemplação sentados nessa pedra e olhando o eterno beijo entre o céu e o mar.

— Frank, está tudo bem? — perguntou Barbara ao chegar ao local.

— Ele não pode falar assim comigo, Báh. Sequer ouviu o que tinha a dizer. Do que será que ele tem tanto medo?

— Ele deve ter seus motivos, Frank. E pelo jeito não devem ser poucos — ponderou Barbara.

— Tenho certeza que meu pai está me chamando. Não sei como, mas essa pedra veio até meu encontro e não foi por mera coincidência. Nunca acreditei em magia, logo eu que sempre quis ser um grande cientista, mas um mar tão extenso, além de uma enorme distância das ilhas até aqui e justamente esse artefato aparece do nada, não encontro outro motivo. Precisamos investigar. Meu avô disse que não me dará o dinheiro para comprar a passagem, mas, na verdade, não preciso da ajuda dele. Tenho minhas economias que fui juntando todos esses anos com presentes de aniversários e outras coisas que me desfiz. Não é muito, mas acho que, se conseguir algum emprego temporário, eu consigo juntar o restante do dinheiro já no próximo mês. E, então, minha garota, vou passar a limpo essa história, custe o que custar.

“Minha garota”, pensou Barbara. Era a primeira vez que Frank a chamava assim. Sempre teve uma queda por ele, mas nunca lhe disse nada. Desde que o conhecia, era seu amigo e esse sentimento foi sendo cultivado aos poucos. Não lembrava quando, mas um dia se encontrou com Frank na praia e teve uma vontade enorme de segurar sua mão e andarem como namorados, aguardando o pôr do Sol. Não sabia das intenções de seu amigo e, portanto, achou melhor não abrir seu coração para não estragar a amizade entre eles.

— Você embarcaria comigo nessa aventura? — questionou o amigo.

— Não sei, Frank. Ainda estou procurando qual curso fazer na faculdade e não sei se meus pais permitiriam viajar sozinha com você para outro país, ainda mais um lugar tão distante e remoto.

— Tudo bem, não tem problema.

Ambos ficaram em silêncio por um tempo que lhes parecia uma eternidade.

— Barbara, queria ficar um pouco sozinho, por favor.

— Tudo bem. Vou voltar para casa. Mas não faça nenhuma loucura, ok? — disse preocupada.

— Pode ficar tranquila. Preciso de um tempo para colocar as ideias em ordem. Meu avô pode estar certo, perdi um pouco a razão com tudo o que me aconteceu. Você pode achar que é loucura, como eu achava também, mas parecia algum tipo de bruxaria que pareceu tomar conta de mim.

— Hahaha — riu Barbara do amigo. — Não estou te reconhecendo mais, Franklin Payne, futuro vencedor do prêmio Nobel de ciências — brincou ela. Mas seu comparsa não esboçou reação. — Ok, Frank, vou indo. Saiba que sempre estarei ao seu lado para o que precisar. Fique bem!

Barbara desceu da pedra do Devaneio com cuidado para não levar um tombo. As sardas em seu claro rosto já começavam a esquentar por conta do Sol, o mar estava agitado e a água já batia em seu joelho com força. Seria aquele mais um dia tomado por surfistas na praia que tanto amava.

Frank ficou mais uma hora após a saída de Barbara quando decidiu voltar para casa. O Sol já estava a pino e seu estômago roncando. Apoiou-se para se levantar quando, sem querer, deixou cair

de seu colo o saquinho com a pedra e ela se abriu, revelando um brilho jamais visto por ele que ofuscou sua visão, deixando-o sem enxergar por alguns segundos. Ainda com os olhos fechados, ouviu um ruído. Sabia que esse barulho não vinha do mar e sim da misteriosa pedra.

Ela queria se comunicar novamente com ele. Aos poucos, foi retomando sua visão, mas já não estava sobre a sua estimada Pedra do Devaneio. Não, encontrava-se agora em uma espécie de caverna gigantesca, pouco iluminada. Por toda direção que olhava só enxergava estalactites, sem enxergar parede alguma. O que seria isso? Estava ficando louco? Perguntava-se quando então ouviu novamente uma aflita voz o chamando:

— Frank Payne, acredite. Eu preciso de você!

Frank deu um grito e se viu novamente em cima da Pedra do Devaneio, olhou para os lados e não encontrou ninguém a não ser as ondas batendo forte contra as pedras próximas e espirrando gotas de água em seu rosto. O artefato já não tinha o mesmo brilho que outrora e resolveu colocá-lo em seu porta-pedras novamente.

— Isso não foi uma ilusão. Eu vi. Essa pedra quer me mostrar algo e eu posso sentir dentro de mim. Preciso ir — disse Frank para si mesmo, levantando da Pedra do Devaneio e saltando na água como um louco. — Vou pedir para trabalhar como garçom durante esse mês no restaurante do amigo do meu pai. Certeza que me ajudará a juntar o dinheiro que preciso, daí não haverá alma no mundo que me segure aqui. Enquanto isso, vou pesquisar mais a respeito do local e tentar entender de uma vez por todas o que meu avô tem escondido por todos esses anos. Douglas Payne, me aguarde que estou chegando!



## **Estratégia militar**

Gritos ecoavam dentre os pátios da Base Naval no porto de Apra em Guam. O contra-almirante Thomas Wolf acabara de se reunir por vídeo conferência com o tenente-general das forças armadas americanas, senhor Erik Morgan. Por ordens expressas do general do exército George Nelson, o oficial deveria fortalecer uma aliança de urgência entre o departamento da Marinha em Guam e a 31ª Unidade Expedicionária Marítima e Fuzileiros Navais vindo de Okinawa, no Japão.

Quem olhava para Thomas não identificava em seu superior se estava apreensivo com as informações que lhe eram passadas recentemente ou se estava eufórico por finalmente voltar às ações de guerra. Foi para isso que ele havia se alistado quando bem jovem, ainda na Califórnia, EUA.

Passou por muitas privações para alcançar a patente que havia chegado, mas não se arrependeu de nada, pois esteve presente à frente de muitas batalhas em diversas ocasiões, e essa adrenalina era que lhe fazia se sentir vivo. O até então major Wolf fora transferido para Guam há quatorze anos, com a promessa de se tornar almirante da marinha em pouco tempo, elevando sua patente hierárquica muito rapidamente.

O oficial levou sua esposa e seu jovem filho de seis anos, sendo este alfabetizado nas duas línguas, inglês e chamorro, idiomas oficiais falados na ilha. Desde que chegou às Ilhas Marianas, iniciou a missão de paz estabelecida pela ONU, utilizando navios e até mesmo

o lendário submarino USS Frank Cable para resgates de náufragos, acidentes aéreos e catástrofes naturais próximas a Guam, como tufões, tsunamis, etc.

Thomas já não sentia mais seu sangue ferver há uns bons pares de anos. Teve alguns pequenos contratempos, como aquele acidente com um ladrão que rondava as ilhas da região roubando artigos e pedras raras das lendárias cavernas de Guam, Rota e Saipan. Isso aconteceu há aproximadamente cinco anos, quando já havia sido promovido a contra-almirante de uma estrela.

Fora algo que nunca tirou de sua cabeça, pois, em uma perseguição, o bandido acabou se afogando nas águas das Marianas sem nunca terem encontrado nenhum rastro de seu corpo e dos artefatos roubados, pelo menos era o que havia reportado aos seus superiores. As buscas se estenderam por alguns meses, gerando um alto custo e, por sua vez, frustrando a promoção de patente de Thomas.

Desde então, tudo voltou ao marasmo de sempre, com as mesmas missões determinadas pela Organização das Nações Unidas, sem qualquer emoção dominando seu corpo. Sentia sua alma definhando aos poucos, com apenas cinquenta e sete anos de idade. Precisava sentir-se vivo novamente e não havia hora melhor para atender àquela ligação do oficial Morgan com as ordens do general Nelson.

O tenente-general Morgan havia sido muito claro e convincente na conferência, lembrou ele: “Contra-almirante Wolf, o excelentíssimo senhor general do exército lhe ordenou que não poupasse esforços para vasculhar a área e encontrar a causa da explosão, mesmo que tenha que descer com o submarino USS Obstinatus para mergulhar por aquelas bandas. O mundo necessita dessa proteção e seremos nós quem salvaremos mais uma vez a humanidade. Não

deixaremos nenhum terrorista atacar. Se precisar, atacaremos antes”.

— Major Preston! — gritou o quase almirante ansioso para lhe dar ordens. — Reúna todo o comando na sala de treinamento agora. Tenho uma missão que envolverá a todos da base naval.

Thomas Wolf voltou para sua sala, exigiu que ligassem para a unidade dos fuzileiros navais em Okinawa, no Japão, para traçarem uma estratégia da força-tarefa para o cumprimento da missão. Passados trinta minutos desde a exigência da reunião com todo o comando e o término da ligação, o almirante chegou à sala de treinamento, onde todos estavam à sua espera.

— Senhores, o que eu tenho para lhes falar é algo muito importante, e não as baboseiras de ajuda humanitária que a ONU sempre nos manda fazer nesses últimos anos. A missão que tenho a apresentar vai exigir dos mais bem treinados marinheiros da ilha, além daqueles que não temem a morte como eu. O general do exército americano, assim como todos os membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas nos ordenaram descer às profundezas das águas geladas e escuras da Fossa das Marianas, pois foi registrado uma explosão de grande magnitude e precisaremos identificar sua causa. Submergiremos dentro do USS *Obstinatus* até a profundidade que conseguirmos alcançar. Mas estejamos preparados, pois há indícios de que outras nações estejam rondando a região e que possivelmente isso foi um ato terrorista. Os fuzileiros navais também foram acionados e partiremos em uma expedição militar em três dias.

Ele fez uma pausa e olhou para os rostos dos outros militares que o cercavam.

— O capitão Ford, comandante do navio *Emory S. Land*, fica

incumbido de selecionar seus homens de confiança para ancorar, junto à Força-Tarefa 75. A embarcação servirá de apoio para a missão, responsável pelo fornecimento de suprimentos, alimentação, água, eletricidade, assistências médicas e quaisquer peças de reposição ou equipamentos para os submarinos.

“O capitão Sanchez seguirá com o barco patrulha WPB-1337, vigiando as águas ao redor de Guam e a comunidade das Ilhas Marianas do Norte.

“O capitão Roberts comandará o barco patrulha WLB-215, que navegará junto do Emory S. Land para auxiliar na proteção e segurança da missão, realizando buscas e salvamento, além de apoio à proteção do meio ambiente marinho.

“Major Preston comandará o Esquadrão Submarino 15, responsável pelo comando, estratégia e monitoramento da missão diretamente da base naval de Guam.

“Capitão Pontes e sua equipe estarão a bordo do submarino USS *Obstinatus* juntamente dos fuzileiros navais que estão vindo à ilha, para fazer todo o patrulhamento abaixo do nível do mar até uma profundidade de 8.000 metros. Já eu irei a bordo do batiscafo *Aequor*, qualquer outro tipo de embarcação não conseguiria vencer as pressões exercidas pelas águas profundas do mar.”.

Este era um mini submarino fabricado para submergir em grandes profundidades, desenvolvido pelo próprio contra-almirante e engenheiros há aproximadamente três anos, após o fatídico episódio do ladrão que afundou no mar e desapareceu sem deixar vestígios.

— Alguém tem alguma dúvida? — questionou o primeiro-almirante, sabendo que ninguém ousaria levantar a mão. — Sendo assim, vamos salvar o planeta!

Todos se levantaram, aplaudindo e ovacionando as palavras do

empolgante líder e, aos poucos, esvaziando o auditório da base naval.

Assim que não sobrou mais ninguém na sala, Thomas caminhou em direção ao mapa onde havia feito um risco na região conhecida como Challenger Deep, na fossa das Marianas, e deu um sorriso ameaçador.

— Dessa vez eu te encontrarei, seu maldito! — disse para si mesmo. — Tenho certeza que isso tudo é culpa sua e daquele submarino idiota que te salvou. Dessa vez, você não sairá ileso, custe o que custar.

## **O embarque**

O galo cantou cedo na manhã daquela quarta-feira. Assim que percebeu os primeiros raios de Sol, Frank pulou da cama com sua mochila já preparada, pegou uma maçã na fruteira da cozinha e partiu para sua tão aguardada viagem. Durante mais de um mês, o menino trabalhou dia após dia com apenas um propósito, juntar o restante da grana para comprar a passagem para Guam, no extremo Pacífico.

Sua ideia era chegar o mais rápido possível até a casa de Barbara para convencê-la a voarem atrás de seu objetivo. Ele tinha que entender por que as ilhas estavam lhe chamando e qual era o mistério por trás disso tudo, e sua amiga era peça fundamental para ajudar a desvendá-lo. O garoto insistiu tanto que acabou por convencer Barbara, mas não seus pais, que a proibiram de viajar com o rapaz para um lugar tão longe, recolhendo a mochila que a garota havia arrumado com suas coisas às pressas.

Frank, sem a perspicácia e a fidelidade de Barbara, se sentia incompleto e julgava de extrema importância que fossem juntos, porém, como o tempo estava muito apertado, não poderia esperar mais.

O rapaz saiu cabisbaixo da casa de Barbara e se virou a caminho de casa, avistando-a por inteira. Era uma casa de cor amarela clara com toques em branco, construída no ano de 1970, mesmo que muitas coisas já tenham sido consertadas por ele e o avô, ainda havia muitas manutenções a se fazer.

Uma pintura aqui, um apertão na rosca do sifão da cozinha, um

ajuste na bomba da caixa acoplada do vaso sanitário que sempre se colocava a vaziar, entre outras coisas, mas ainda assim o conforto que ela proporcionava e a sensação de segurança para os dois moradores eram mais do que suficiente para chamá-la de doce lar da família Payne. Sentiria falta dela, com certeza não acreditava que seriam dias fáceis, mas estava mais do que decidido a partir.

Chegou em casa e encontrou seu avô na cozinha, se hidratando com um copo de água bem gelada, algo importante nos dias quentes que estavam fazendo ultimamente. Walter viu quando Frank abriu a porta, já esperando pelo pior. Apressou-se a explicar novamente todos os motivos para não irem a essa fatal expedição e que era insano o que estava pretendendo, mas o garoto novamente não quis ouvir seu mestre.

Agradeceu pela preocupação, deu um beijo e um abraço bem forte em seu avô, já entendendo que este não o ajudaria com os pais de Barbara, se despediu e saiu de casa com sua mochila em direção ao ponto de ônibus que o levasse ao aeroporto. Estava certo de que não veria mais seu velho amigo tão cedo, e também sua confidente Báh, a quem tanto amava, mesmo sem nunca ter tido a coragem de lhe dizer. Enfim, era melhor que fosse assim. Não saberia o que iria encontrar pela frente e jamais os colocaria em perigo.

Chegou ao ponto de ônibus e sacou o celular de seu bolso para escrever algumas coisas para Barbara, quando avistou o grande carro dobrando a esquina vindo em sua direção. Voltou a colocar o celular em seu bolso, deu sinal para o ônibus e aguardou sua parada, entrando e sentando em uma das últimas poltronas que estavam vazias.

Segurou a misteriosa pedra em sua mão direita, olhou pela janela, se dando conta de quanto seu bairro era lindo. Respirou fundo,

enchendo os pulmões com um ar que lhe parecia estar inebriado do mesmo perfume de antes. Sentia seus olhos trepidarem rapidamente em total descompasso, uma ânsia bateu forte tomando conta de seu corpo e sugando de uma vez toda sua energia até não suportar tamanha estranheza e desmaiar, batendo sua cabeça contra a janela do ônibus com força, apagando no mesmo instante.

————— # # # —————

Walter se viu só em sua antiga casa, sem sua esposa, seu filho Douglas, Elizabeth e, dessa vez, sem seu amado neto. Era um homem forte, mas não suportou o que a vida estava armando para ele e iniciou um choro reprimido e angustiante que durou alguns bons minutos. Respirou fundo, olhou para o teto de sua casa e pediu que os espíritos daquela ilha protegessem seu pequeno garoto. No mesmo instante, uma lufada de ar abriu os vidros da janela que se quebraram ao bater com tudo contra a parede.

O vento estranhamente forte invadiu a sala, atingindo em cheio uma prateleira onde guardava diversos livros, derrubando um em especial, abrindo-o no meio. Antigo com uma capa dura já desgastada por conta do tempo, escrito em uma língua que até pouco tempo atrás fazia questão de esquecer, revelou dentro dele uma chave escondida e uma foto retirada há muitos anos de George Payne, seu pai e bisavô de Frank, vestindo um uniforme militar com uma faixa branca e uma cruz vermelha no braço esquerdo. Ao lado dele, havia dois soldados segurando uma arma de alto calibre, e o próprio Sr. Walter ainda bebê no colo de seu pai. A foto foi retirada por uma antiga máquina fotográfica Leica, com lentes Summitar de 2/5cm, em Saipan nas Ilhas Marianas, no dia 30 de junho de 1944.



Subitamente, vieram em sua mente os perigos que vivera no passado, a morte de seus pais e mais algumas coisas que tentara há muitos anos esquecer. Começou a pensar novamente em Frank, a pessoa que mais amava nessa vida. Ele poderia estar se colocando em risco, sozinho, indo para a morte certa.

Teria que protegê-lo, mesmo que colocasse sua vida e sua sanidade novamente em risco. No mesmo segundo, pegou a tal chave que parecia ter sido feita há muitos e muitos anos, já oxidada pelo tempo e más condições de armazenamento, correu para seu guarda roupa, puxou algumas camisas, revelando um pequeno buraco e introduziu o pedaço de metal o encaixando perfeitamente.

Ninguém perceberia que se tratava de uma fechadura escondida. Girou o objeto para a esquerda, produzindo alguns cliques, como se estivesse destrancando um cofre, revelando uma pequena porta secreta que continha uma espécie de baú de metal em seu interior. A câmara parecia não ser aberta há muitos anos, por conta do fedor de mofo que se apoderou do quarto.

O baú não havia trancas nem cadeado, porém não era fácil abri-lo devido ao peso de sua tampa. Dentro dele, havia uma sacola preta bem pesada com algumas ferramentas para acampamento e alpinismo, como corda, mosquetões, entre outras coisas. Havia também um facão com alça para amarrar na cintura, além de uma pequena caixinha de madeira que guardava em seu interior um colar com um pingente de uma pedra azulada, onde podia se ver um triângulo invertido, uma das únicas lembranças que tivera de seu passado.

Walter nunca soube quem lhe dera e para que servia, mas sentiu que deveria pegá-lo também. Colocou tudo dentro de sua mochila, junto de algumas roupas, tênis, lanterna e pilhas, passaporte, alguns pacotes de biscoito para comer no caminho, além de seu antigo

cantil que enchera de água. Colocou um saco plástico para tampar sua janela quebrada e saiu de casa como um tigre.

— # # # —

Barbara foi para seu quarto e chorou por alguns instantes. Não podia abandonar Frank, logo agora quando mais ele precisava estar com sua melhor amiga. Atirou -se em sua cama e lembrou da cena quando ele chegou, todo empolgado, perguntando se ela havia pensado melhor na viagem e já estava pronta para partir com ele.

Lembrou a cara de decepção do amigo quando lhe disse que não iria e sentiu um sabor amargo descendo em sua garganta, sabor de remorso, por ter quebrado o voto de confiança entre eles. Havia dito ao garoto que seus pais não tinham deixado viajar com o rapaz, sim, esse era um bom motivo, mas tampouco Barbara se esforçou para que mudassem de ideia. No fundo, ela imaginava que Frank pudesse desistir da viagem se ele se visse sozinho, sem sua amiga e sem seu avô, mas não foi o que acontecera, e isso a deixava se sentindo cada vez mais culpada.

Olhou para a parede e viu o recorte do jornal da escola, em que aparecia Frank e ela ganhando o prêmio de melhor projeto da feira de ciências daquele ano. Foi um dia incrível, como todos os outros em que estavam juntos. Havia feito uma espécie de equipamento de separação e extração de pedras preciosas e objetos raros que poderia ser utilizado por garimpeiros e arqueólogos.

Consistia em uma caixa energizada com um funil onde se colocava uma quantidade de terra a ser analisada e um motor que

movimentava uma espécie de tela. A separação dos objetos se dava por conta da gravidade e dos movimentos de puxão realizado pelo motor, separando assim a terra de outros artigos.

Até então algo muito simples, porém o diferencial do projeto era que assim que a terra, raízes e outros pedaços de plantas fossem separadas, o que ficasse retido na peneira era conduzido por uma esteira até um reservatório para realizar uma lavagem, através de um bombeamento de água e, em seguida, encaminhado para outro recipiente que continha um digitalizador de alta resolução acoplado, o qual enviava as imagens em alta definição para um notebook, conectado através de um cabo de transmissão HDMI.

Por sua vez, as imagens eram comparadas com um banco de dados de artigos raros disponível no dispositivo. O que era identificado como lixo ou algo sem valor era excluído do sistema, já os objetos encontrados que eram reconhecidos com algum diferencial, seriam catalogados automaticamente e notificados para uma análise mais minuciosa. Isso gerou um dos melhores projetos que a escola já teve e os dois ficaram muito famosos pela conquista.

Barbara estava com um sorriso no rosto, lembrando do passado dos garotos, quando, de repente, deu um salto da cama, correu para a parede, arrancou o jornal de seu mural e aproximou a cabeça para enxergar melhor. Havia algo de estranho naquela imagem que nunca tinha reparado até aquele momento. Ao lado direito de Frank, próximo a porta de saída, estava seu pai Douglas, falando ao telefone como de costume, porém havia algo pendurado em seu bolso que a fez pegar seus óculos de aumento para enxergar melhor. Sim, era a pedra de Frank! Procurou a data do recorte do jornal e reparou que a foto havia sido retirada há cinco anos, poucas semanas antes do desaparecimento de seu pai. Frank estava certo, Douglas corria

perigo!

---

# # #

---

“Que escuridão é essa? Estou no fundo do mar ou em uma caverna? Onde estou? Como saio daqui? Ai, que fome... Meu estômago está roncando e não me lembro quando foi a última vez que eu comi... Hum, o que é isso? Costela de porco? Arroz vermelho? O cheiro está delicioso, mas não estou vendo ninguém... De quem será? Bom, vou comer só um pouquinho porque não aguento mais... Isso é água? Estou no mar? Papai, onde é que você está? Está me ouvindo? Não, para!”.

— Olá, está tudo bem? — perguntou uma senhora que aparentava uns quarenta anos de idade cutucando o garoto para que acordasse. — Achei que estivesse com febre, pois estava delirando e dizendo coisas sem sentido. Precisa de algo?

Frank levantou a cabeça e percebeu que o ônibus inteiro estava lhe observando.

— Desculpe, eu devo ter comido algo que não me fez bem. Muito obrigado pela preocupação.

— Sem problemas. Chegamos ao aeroporto — disse a mulher.

— Obrigado novamente — disse Frank, se levantando para pegar sua mochila.

Desceu do ônibus meio fraco, não lembrava o que havia sonhado, mas isso com certeza sugou sua energia. Precisava comer algo antes de embarcar, porque havia comido apenas uma maçã desde que acordara. Olhou para o relógio que ainda marcavam 11h00 da manhã. Seu voo estava marcado para as 13h45min, então haveria ainda tempo de sobra para uma boquinha. Não queria gastar muito, pois

sabia que os preços do aeroporto eram muito salgados e precisava guardar o máximo de recursos que possuía, e isso envolvia também grana.

Encontrou um lugar que achou legal para comer um sanduíche de algo que lhe parecia um patê de frango com queijo cremoso, pegou um refrigerante e uma garrafa de água para encher seu cantil, que sempre levava consigo em suas aventuras com seu avô e Barbara. Isso o fez se lembrar do trio, o que o deixou triste ao ponto de perder o apetite, por isso guardou o lanche no bolso.

Abriu o refrigerante e deu três longas goladas, quase acabando com o conteúdo da lata, mas precisava sentir a bebida gaseificada enchendo o seu peito com a força do gás carbônico e então soltou um enorme rugido, assustando quem estivesse ao seu lado, enquanto outros julgavam o menino por sua falta de educação. Frank deu de ombros e gargalhou. Enfim, era bom rir, mesmo que fosse pra deixar de pensar no que o estava chateando. Logo iria encontrar seu pai, tinha plena certeza disso, ainda que ele tivesse que se sacrificar.

Olhou para o relógio e reparou que este havia parado de se mexer já há algum tempo, marcando ainda 11h00 da manhã. Não podia ser, era o destino pregando mais uma peça contra ele. “Só me faltava ter perdido o voo”, pensou. Saiu correndo para entrar na sala de embarque e foi impedido por uma caravana de pessoas da terceira idade, com mais de sessenta integrantes que estavam indo para Roma em uma excursão, para ver o santo pontífice, o Papa.

Demorou mais de vinte minutos para atravessar a sala de embarque e correr em direção ao portão 26, de onde sairia seu avião para Guam. Frank olhou para o monitor que marcava os voos que estavam decolando. Voltou a correr em direção ao portão quando ouviu no alto-falante uma das comissárias informando que estavam

finalizando o embarque: “esta é a última chamada para o embarque no voo 1528 com destino a Guam, nas Ilhas Marianas”.

Enfim, chegou ao portão quando restavam os últimos passageiros a adentrar ao avião. Apresentou seu passaporte para a comissária de voo, além do cartão de embarque que havia baixado em seu celular no app da companhia aérea. Atravessou o portão para acessar o corredor em direção à aeronave quando ouviu bem de longe alguém gritar seu nome, na verdade, parecia ser mais de uma pessoa e, dessa vez, não podia ser coisa de sua cabeça. Virou o rosto inesperadamente para trás, quando quase caiu com o tamanho da surpresa que vira:

— Frank, espere!

Eram seu avô Walter e sua melhor amiga Barbara vindo ao seu encontro, ambos com mochilas de viagem às costas.

— Onde o senhor pensa que vai sozinho, mocinho? — disse sua amiga com uma voz amável e ofegante, abraçando-o fortemente, quase sufocando o garoto.

Seus olhos encheram-se de lágrimas e um sorriso enorme surgiu em seu rosto.

Agora sim o time estava completo.

## **Conhecendo o território**

Enfim chegaram ao aeroporto internacional Antonio B. Won Pat em Guam, nas Ilhas Marianas. Foram muitas horas de voo até chegar à ilha, mas estavam felizes, pois conseguiram trocar seus assentos com duas pessoas ao lado de Frank voando assim os três juntos, conversando e traçando planos para quando chegassem. Nesse tempo, Walter não conseguiu mais manter seu segredo para os dois, pois a todo momento o questionavam. Mostrou o retrato que havia caído do antigo livro em sua casa, lhes explicando que aquele bebê era ele, aos braços de seu pai que era tenente médico do exército americano.

George Payne esteve presente na Batalha de Saipan em 15 de junho de 1944. Sua esposa grávida de oito meses foi com seu marido para a ilha, pois o Tenente tinha a missão de proteger seus compatriotas feridos em batalha e não voltaria para casa antes que a guerra terminasse. Walter veio a nascer semanas depois nas Ilhas Marianas. Ele foi alfabetizado na língua chamorro como os nativos da região e também na língua inglesa, além de aprender um pouco de espanhol e japonês, línguas ainda fluentes na ilha. Estudou sobre diversas coisas, aprendendo a arte da pescaria, artesanato, navegação, além de lendas, muitas lendas. A que mais gostava era do “Mito da Criação dos homens”.

— Vou lhes contar essa lenda conhecida por todos os habitantes da região — disse Walter, agora todo empolgado por relembrar uma parte de seu feliz passado, antes do acontecimento que mudou toda

sua história.

“Eu vou contar do começo. Antes não havia nada, mesmo antes dos peixes e bananas surgirem, ou antes que o primeiro coqueiro e a árvore fruta-pão germinassem suas sementes. Não havia nada! Muito menos havia caranguejos que se escondiam ou corriam pela areia até o mar, aliás, bem antes de surgir as primeiras gotas de água do mar. Não havia nada! Mais vazio do que podemos imaginar. O mundo não existia. O grande zelador dessa vaga imensidão era Puntan. Ele governou com sua irmã gêmea Fu'uña.

“Enquanto permaneciam sozinhos no vazio silencioso, Puntan pressentiu que logo chegaria seu fim e morreria. Triste em deixar sua irmã sozinha e o mundo ainda sem forma, ele imaginou uma maneira de preencher esse infinito espaço. Falou com sua irmã e descreveu seu plano de criação. Fu'uña olhou para o irmão e assentiu, prometendo completar o que ele havia imaginado. Ela se lembraria de cada parte de seu plano, desde as coisas grandiosas quanto as pequeninas: as poderosas estrelas, o vasto oceano e depois a terra, o sussurro do vento, a suavidade das pétalas das flores e o cheiro fresco da chuva.

“E assim ela fez. Quando o último suspiro de Puntan deixou seu corpo, Fu'uña segurou seu irmão e gemeu a sua primeira canção de nascimento. Ergueu sua cabeça para cima e deixou a vida de Puntan fluir para o vazio. Então Fu'uña arrancou os olhos do irmão e os arremessou bem acima dela, seus intensos brilhos tornaram-se o Sol e a Lua.

“Empurrou o peito pesado dele para cima com muita força até que foi arremessado para o alto, tornando-se o céu. A batucada do coração continuava a bater o ritmo da noite, seguindo ao amanhecer do dia, girando por quatro estações, dia após dia. Fu'uña descansou



o resto do corpo de seu irmão ao longo do nada. Ela bateu e lavrou até que ele se tornou a terra, rica e generosa. Logo a grama brotou grossa e verde. Árvores cresciam em folhas longas e delgadas para tecer esteiras e velas que capturariam o vento. O primeiro coqueiro sacudiu suas grandes folhas, surpreso ao ver abelhas zumbindo em volta das flores debaixo de cada galho.

“Fu'uña sorriu. Ela pegou as sobranceiras de Puntan e as jogou no céu. Elas deslizaram através da luz quente do Sol, dividindo o brilho em um arco de cores. O primeiro arco-íris se estendia entre a terra e o céu. Fu'uña assentiu, tudo foi feito como seu irmão havia dirigido.

“Com o tempo passando rapidamente, a Terra foi ganhando novas formas e vida. Para se divertir, nadava com os tubarões, seguia as baleias até chegar a uma fileira de adoráveis ilhas. Ela caminhava pelas praias pulando ondas que vinham ao seu encontro, colecionava conchas, observava pássaros tropicais voando entre as nuvens, ria enquanto os caranguejos eremitas saíam de lado e os pepinos do mar cuspiam areia. Ela observou os peixes mordiscarem os corais, maravilhados com suas cores e formas. Seu irmão planejou bem, a Terra era um lugar lindo. Mas então começou a chorar. Seu irmão havia ido embora para sempre, sua respiração e corpo se tornaram o mundo que ele imaginou, mas ainda assim ela estava sozinha.

“Certo dia, Fu'uña estava onde as ondas rolavam de volta ao mar e pensou: ‘eu preciso de pessoas’. Então entrou na água e lá perto da parte sul de Guam, jogou seu corpo nas areias se transformando em um pilar imponente de calcário, marcando assim seu local de descanso para a eternidade, conhecido nos dias de hoje como Fouha Rock. Quando o mar bateu forte sobre essa rocha, se quebrou em vários pedaços. Cada nova pedrinha continha seu espírito e sua alma

e, então, desses pedaços de seu espírito, nasceram os homens.”

— Demais! Nos conte mais, por favor — pediu Frank inebriado pelo que acabara de ouvir.

— ‘Hafa Adai!’ — ouviram da comissária de bordo no alto-falante. — Senhores passageiros, bem-vindos a Guam, localizada ao sul das Ilhas Marianas. Agradecemos por escolher nossa companhia aérea. Os portões se abrirão ao lado esquerdo da aeronave. Esperamos que tenham tido uma ótima viagem.

— Depois eu conto mais histórias para vocês, meus jovens. Agora é hora de esticarmos as pernas porque não aguento mais ficar sentado nessas poltronas apertadas depois de tantas horas na mesma posição — disse Walter.

O trio se levantou e aguardou a multidão esvaziar a aeronave em passos sincronizados, como se já houvessem ensaiado por muito tempo. Frank pegou sua mochila no bagageiro acima de suas cabeças, confirmou se a pedra estava ainda no saquinho que havia pegado emprestado na casa de Barbara e seguiu o mesmo caminho, seguido de sua amiga e seu avô.

Conforme haviam combinado no voo, repousariam essa noite em algum lugar na praia de Tumon Bay, na costa noroeste de Guam, pois, como haviam lido, era o local com a maior infraestrutura da ilha, com hotéis, restaurantes e entretenimento, mesmo que eles não tivessem tempo de explorar a diversão nesse momento. A ideia era achar algum tipo de guia para levá-los à Fossa das Marianas e lá seria o melhor lugar. Quem sabe talvez encontrassem respostas a respeito da pedra misteriosa e, por fim, do paradeiro de Douglas.

Ao entrarem na sala de desembarque, foram recepcionados por uma quantidade enorme de pessoas oferecendo traslado, táxis, venda de passeios, entre outros serviços para uma quantidade

enorme de turistas que estava chegando, porém mal sabiam eles do verdadeiro motivo da vinda do trio às Marianas. Tinham coisas mais importantes em mente, não que não quisessem usufruir do agito e diversão que a ilha poderia oferecer, mas, por ora, iriam atrás do rastro do pai de Frank.

Pegaram um táxi que os levou ao Tumon Plaza Hotel, onde fizeram os procedimentos de entrada da estadia. O recepcionista confirmou que seria um quarto com uma cama de casal e uma de solteiro, onde, em seguida, o hotel inteiro pôde ouvir em alto e bom som duas vozes que exaltados gritavam ao mesmo tempo:

— Não, são três camas de solteiro, senhor! — disseram Barbara e Frank com os rostos totalmente rosados.

O rapaz da recepção pediu desculpas pelo transtorno ocorrido e procurou vagas em quartos com três camas de solteiro, mas não encontrou. De fato, os hotéis estavam todos com lotação máxima por conta do período de férias escolares. Novamente pediu desculpas, mas que só teriam quartos nessa configuração, uma cama de casal e uma de solteiro, perguntando se poderia ser desse jeito.

— Eu não vou dividir cama com ninguém. Fico com a de solteiro — disse Walter rindo de canto de boca sem que os jovens percebessem.

Ambos se olharam meio que com vergonha da situação, e acenaram com a cabeça em forma de confirmação. “A gente se conhece há tanto tempo, mas nunca dividimos uma cama...”, pensou Frank, antes de pegar a chave da acomodação e acionar o botão do elevador.

Abriram a porta do quarto e viram um cômodo modesto, com a cama já aguardadas pelo suposto casal, uma outra cama auxiliar que seria onde Walter repousaria a noite, um banheiro com uma ducha bem confortável, mas o melhor havia ficado para o final. Ao

abrirem as cortinas, viram uma vista de tirar o fôlego. Eles viviam no litoral, mas nunca haviam presenciado algo tão lindo como a tarde ensolarada da praia de Tumon Bay, com suas areias branquíssimas e uma água azul turquesa cristalina, digna de filme, e fonte interminável de inspiração para artistas e escritores de romances.

Resolveram tomar um banho rápido, trocar suas roupas e descer para conhecerem a cidade, o local que iriam jantar e qualquer agência a fim de procurar algum guia que pudesse lhes ajudar.

Já era entardecer quando saíram do hotel, de acordo com o recepcionista, seria mais uma noite de calor na ilha, sugeriu que fossem até a Pale San Vitores Road, principal rodovia que corta toda a praia de Tumon Bay e onde estão localizados os principais resorts da região, para pesquisar alguns lugares onde comer. Deparam-se com o encanto que é a região, com muitos shoppings centers, restaurantes e uma vida noturna super agitada.

Compraram um pacote de Guyuria, que era uma espécie de biscoito doce, frito e brilhante tradicional dos Chamorros e se divertiam em morder um biscoito tão duro, que era apelidado pelos locais de quebra-queixo. Frank, deslumbrado com toda a grandiosidade e beleza do local e focado em não quebrar nenhum dente com o biscoito, virou-se de supetão sem olhar para o rapaz que passava com seus dois outros amigos, trombando nele com muita força a ponto de entornar todo o sorvete que o garoto tomava em seu rosto e blusa, arrancando gargalhadas de muitas pessoas que estavam no local, menos de Frank, que foi correndo lhe ajudar e pedir desculpas.

O rapaz, que não estava acostumado a ser diminuído perante os outros, fitou Frank com um olhar de desprezo e raiva, garantindo pra ele mesmo que essa humilhação não ficaria impune.

— Desculpe, eu não fiz por mal. Há algo que eu possa fazer por

você, meu amigo? — disse Frank todo envergonhado pela lambança que havia feito.

— Amigo? Não ouse falar comigo, seu moleque. Quem você pensa que é pra estragar minha noite desse jeito? — gritou o garoto.

— Você tá achando que eu fiz de propósito? — disse Frank. — Já lhe pedi desculpas. Quando me virei não vi que estava passando à minha frente e não consegui evitar o encontrão — respondeu Frank, alterando levemente a voz.

— Se eu fosse você, eu desejaria nunca ter vindo à minha ilha, gringo. Isso não ficará assim. A gente ainda vai se trombar muitas vezes por aí, pode escrever o que estou falando — proferiu o rapaz, chamando seus dois amigos para que lhe ajudassem a se levantar. Saíram da bagunça mirando com os olhos Frank, Walter e Barbara e fazendo sinais de ameaça.

O jovem aparentava ter vinte anos de idade, tinha estatura média, cabelos loiros, olhos verdes e uma arrogância fora do comum. Seus amigos pareciam ter idades próximas, mas ambos corpulentos e ameaçadores.

— Esses rapazes são conhecidos na região por conta das badernas que sempre se envolvem — disse uma garota que observou toda a confusão. — Mark, o que se envolveu no incidente com você, é nada menos que o filho de Thomas James Wolf, o atual contra-almirante das Forças Táticas da Marinha de Guam/EUA. Seu pai sempre o tira das enrascadas e este mimado consegue tudo o que quer, pois Thomas é um dos homens mais influentes e respeitados na região. Quando digo respeitado, podem entender também como temido, uma vez que este tem autoridade total para prender ou deportar qualquer um apenas por não ter ido com a cara da pessoa. Foi o que aconteceu uma vez, cinco anos atrás, com um forasteiro que chegou à ilha à

procura de algo valioso que não quis contar. Thomas ficou sabendo e o trancou até que revelasse o que procurava.

— E o que aconteceu com esse forasteiro? — perguntou Frank, envolvido com a história contada pela garota local.

— Até hoje é um mistério para todos, o que sabemos é que este estrangeiro havia rodado por muitas cavernas na região, desde Guam até Saipan ao norte, e isso chamou a atenção da marinha, que acionou as forças táticas e Thomas foi pessoalmente tirar satisfações com o homem desconhecido. Pelo que sabemos, ele não abriu o bico sobre o que estava procurando, mas encontraram uma pedra talhada a mão com algumas inscrições que estava presa em uma corda em seu pescoço.

Ao ouvir as palavras da garota, Frank virou-se, encarando seus amigos e recebeu de seu avô um aceno de cabeça confirmando sua hipótese, de que deveria ser seu pai, e que talvez estivesse com a outra metade da pedra.

— Parece que tinham informações importantes no colar, — prosseguiu a garota — pois algemaram o indivíduo e o colocaram em um navio com destino a Fossa das Marianas. Desde então, não soube-mos dele novamente. Muitos dizem que se jogou da embarcação e nunca mais foi encontrado, pois havia sido sugado para o fundo da depressão. Pessoas especulam que o pingente em seu colar na verdade seria a pedra da sabedoria dos Taotaomo'na, espíritos ancestrais que viveram há muitos anos na região e que eram invocados em tempos de grande perigo.

— O que faz exatamente essa pedra que você mencionou? — perguntou Barbara entrando na conversa.

— Dizem que quem detém e domina a pedra conquista o poder de enxergar o futuro, além de outras habilidades, algo como um sexto

sentido. Isso havia cobijado a mente de Thomas que o matou e ficou com a pedra, pelo menos é o que se espalhou pela cidade e o almirante de uma estrela recebeu essa fama que lhe cai muito bem, pois não há um sujeito que bata de frente com ele, é daquele tipo que está habituado a dar ordens e a distribuir pancadas.

— Você sabe me dizer como é essa pedra? — perguntou Frank à menina.

— Nunca vi, somente sei que ela é algo muito diferente de todas as pedras que conhecemos. Dizia meu pai, que o povo de antes eram espíritos evoluídos, e que essa era uma pedra especial, algumas tribos de outras etnias diziam que ela tinha o poder de liberar uma alta quantidade de energia, abrindo portais para outros mundos, mas não acredito nessa teoria.

Frank apertou a pedra em seu bolso com muita força, se perguntando se seria seu pai, esse forasteiro que a garota havia mencionado em sua história. Mas como então a pedra chegaria até ele naquele dia na praia? Precisava entender mais dessa história.

— Você poderia nos contar mais a respeito dessa tal pedra? — questionou Frank, esquecendo totalmente das ameaças que Mark havia feito minutos antes. O que a menina falou a respeito do lendário artefato mexeu demais com ele.

— Se vocês querem saber mais, me encontre na Chamorro Village em Hagåtña mais tarde, vai ter apresentação da nossa tribo e apresento-lhes meu pai, Jason Cruz, chefe da tribo de Inarajan, ao sul da ilha, e descendente direto do grande Gadao.

— Gao... quem? — brincou Frank, sem antes passar vergonha por não ter sortido o efeito que esperava nessa brincadeira.

— O grande Gadao, lendário chefe Chamorro — disse Walter, que até então ouvira toda a história em seu canto sem interromper a

discussão. — Na antiga língua chamorro, Gadao tinha o título de Maga'lahi, status mais elevado entre eles.

— Parece que foi só você quem faltou nas aulas de história — riu a garota, dessa vez brincando para descontrair um pouco. — A propósito, meu nome é Emily Cruz, mas pode me chamar de Emmy. Será um prazer receber vocês por lá essa noite — disse, entregando alguns folhetos sobre a Vila dos Chamorros, local onde havia apresentações culturais, além de vendas de souvenirs entre outras coisas. Então, saiu para entregar a outras pessoas que estavam ao redor.

Barbara pegou o folheto das mãos de Frank para conhecer mais sobre a festa que estavam a visitar.

— Hum, parece interessante, mas será que ela é descendente mesmo desse tal de Gadao?

— Vamos ter que ir lá para descobrir — disse Frank esperançoso.

— Mas primeiro vamos comer alguma coisa, pois meu estômago já está nas costas — brincou Walter, tentando apaziguar os batimentos cardíacos de seu neto. — E tente não trombar em mais nenhum filho de almirante tirano, por favor.

— Contra-almirante tirano — retrucou Frank.

Os três caíram na gargalhada e entraram no primeiro restaurante que encontraram.



## **Uma aliança se forma**

Como entrada, pediram uma porção de Lumpia, um enrolado de massa fina e frita muito parecido com um Harumaki, o famoso rolinho primavera, recheada com carne de porco, legumes e especiarias.

Como prato principal, Frank pediu a tradicional costela de porco com Hineksa-agaga, também conhecido como arroz vermelho. Walter, que se permitiu relembrar memórias afetivas do passado, pediu o prato Kadon Pika, ensopado de frango Chamorro picante feito com pedaços de frango marinados em leite de coco com especiarias e servido quente sobre arroz. Já Barbara queria algo mais leve e aceitou a sugestão do garçom. Escolheu o prato Kelaguen Mannok (Chicken Kelaguen), que é um prato guamês picante preparado com pedaços de frango marinados em uma combinação de suco de limão, coco ralado, sal e pimenta malagueta (que pediu com pouca), servido frio como salada e acompanhado de pães. Muito parecido com o Ceviche, só que feito com frango.

Para a sobremesa, Walter disse que deveriam experimentar o Apigige, uma sobremesa tradicional Chamorro, feita com mandioca ralada, açúcar, polpa de coco ralada e leite de coco. A combinação é espalhada em folhas de bananeira, grelhada e servida após resfriar. Os dois amigos concordaram com o avô, que estava flutuando de alegria após terminar seu ensopado.

Algum tempo depois, o garçom trouxe uma espécie de trouxinhas de folha de bananeira com aspecto grelhado, que preocupou os garotos, pois não era nada parecido com alguma sobremesa que

estivessem acostumados a comer, mas Walter já os havia explicado que por conta de sua aparência visual estranha e sua textura um pouco “emborrachada”, o Apigige era pouco atraente para a maioria das pessoas, mas os sabores deste doce tratavam mais do que compensá-lo, e foi exatamente o que aconteceu. O doce acabou em menos de cinco minutos, dado ao sabor maravilhoso que esta sobre-mesa proporcionava a quem a degustava.

Agradeceram aos céus por esse jantar e pela experiência maravilhosa, pagaram a conta e saíram do restaurante The Brave Puntan mais que satisfeitos. Vendo o nome do restaurante ao sair, Frank recordou da lenda contada por seu avô dentro do avião e pediu que lhe contassem mais lendas enquanto entravam em um táxi que os levaria ao Chamorro Village para se encontrarem com Emmy.

Walter, que se esforçara para lembrar de mais algumas das lendas que ouvira quando criança, estremeceu ao se deparar com algo que viu pela janela enquanto o automóvel parava forçadamente no semáforo. Seus olhos encheram-se de lágrimas, calando-se no mesmo instante, deixando Frank e Barbara preocupados. O garoto olhou na direção em que seu avô estava virado e reparou em um grande outdoor não entendendo o que estava se passando, pois era uma propaganda de uma loja de roupas onde aparecia um casal em uma lancha, vestidos com trajes de praia que deveriam ser fabricadas pela própria loja e, ao fundo, abaixo da embarcação, havia uma sombra de um tubarão gigantesco, parecendo que iria abocanhar o barco inteiro em apenas uma bocado. Leu mais acima, no início da placa de publicidade, o nome da loja que aparecia com letras grandes e ameaçadoras: Megalodon.

Devia ser algo relacionado às memórias antigas que deixara Walter apavorado, pois passaram-se alguns minutos em um silêncio

absoluto dentro daquele táxi. Barbara, percebendo que o sr. Walter estava incomodado, tentou mudar de assunto, puxando conversa com o motorista do táxi:

— Por que Guam é controlado pelos Estados Unidos da América, mas tem muita influência espanhola? — perguntou a garota.

— Olha, o que aprendi na escola foi que, em 1521 um português chamado Fernão de Magalhães descobriu a ilha durante uma expedição espanhola para estocar provisões e beber água. Então, em 1565, em nome do rei da Espanha, Miguel López de Legazpi tomou posse das Ilhas Marianas, incorporando-as à Espanha. Por conta disso que temos muita influência espanhola em nossa língua, nossa cultura e também em nossa deliciosa comida — disse o taxista orgulhoso com seus costumes. — Como Guam era um local estratégico no meio do pacífico, os EUA tomaram da Espanha, centenas de anos depois, após a famosa Guerra Hispano-Americana em 1898, tornando-se uma base naval e aérea americana. As outras ilhas do norte, como Saipan e Tinian e outras pequenas ilhotas ficaram para a Espanha, que foram vendidas para a Alemanha e estiveram sob sua administração entre 1899 à 1914, quando o Japão passou a controlá-las após a 1º Guerra Mundial, ou seja, uma mistura de aventuras.

— Nossa, que história! — disse Frank, olhando para seu avô e vendo que este prestava atenção em cada palavra do motorista.

— Pois é, e ainda tem muito mais — ponderou o taxista. — Guam foi capturada durante a segunda guerra mundial pelo Japão em 1941, mas foi recuperada novamente pelos EUA em 1944 e desde então somos cidadãos americanos. No mesmo ano, os Estados Unidos também tomaram posse das Ilhas das Marianas do Norte após a Segunda Guerra Mundial, que ficou conhecida na história como a

Batalha de Saipan, sendo desde então controlada pelos EUA até os dias hoje.

— Que demais — disse Barbara. — Realmente quem não queria ser o dono desse paraíso?

— Pois é, a ilha é fantástica — elogiou Frank ao motorista, que, por sua vez, concordou com os garotos.

Mas Walter continuava sem pronunciar uma palavra, agora seus pensamentos não estavam mais na imagem que viu há pouco e sim na foto de seu pai, segurando-o no colo, ao lado de outros dois soldados. O que seu pai teria passado, vendo muitos de seus irmãos americanos e japoneses morrendo na guerra, apenas por conta da ganância de poder do homem? “Realmente, quem não queria ser o dono desse paraíso?” Isso iria muito mais além do que ter um paraíso desses no quintal de sua casa. Muito sangue havia sido espalhado por esse paraíso.

O motorista parou o carro, dizendo que haviam chegado na Chamorro Village, em Hagåtña. Walter pagou o taxista e agradeceu pelas histórias, saindo do carro ao lado de seus dois companheiros. Parecia um mercado com vários quiosques, onde se vendia todo tipo de artesanato regional, culinária local e internacional além de ser possível ver apresentações de danças.

Encontraram Emmy vestida com roupas tradicionais dos antigos Chamorros, com um tipo de blusa vermelha, uma saia feita de tiras de folha secas de coqueiro, um colar de conchas no pescoço e uma flor amarela acima de sua orelha direita. Emily, com traços fortes indígenas e estatura baixa, pele morena com cabelos pretos, lisos e cacheados nas pontas e seus atraentes olhos brilhantes cor de mel deixava todos os turistas que estavam conhecendo a vila de queixo caído com toda sua beleza natural. Reconheceu o trio ali próximo a

ela e disparou a passos rápidos para o encontro deles.

— Hafa Adai! — disse a garota. — Que bom vê-los aqui no tradicional mercado noturno às quartas-feiras. Vamos dançar logo mais, às 21h00 e depois lhes apresento ao meu pai, Jason.

— Hafa Adai — disseram os três ao mesmo tempo.

— Daremos uma volta então para conhecer o mercado e nos encontramos na hora do show — disse Frank a Emmy, deixando Barbara com uma pontada de ciúme dessa nova amizade.

Visitaram diversos quiosques que vendiam artesanatos da região, desde pequenas esculturas, brincos, colares, enfeites e tapeçarias até artefatos indígenas como facas, lanças, machados e arcos e flechas, produzidos com pedras e madeiras retiradas da ilha e de suas cavernas.

Frank comprou um colar e um par de brincos de fibras de coco e conchas de presente para Barbara, demonstrando toda a gratidão por ter vindo com ele a essa viagem, e por não tê-lo deixado partir só. Já para seu avô Walter, não sabia o que comprar, pois tinha receio de que qualquer coisa que ele desse pudesse despertar sentimentos antigos ruins. Resolveu comprar então um pacote de Lumpia doce de coco e banana, visto que tinha certeza que o faria feliz.

Às 20h55min chegaram ao local da apresentação de dança que Emmy havia falado, comendo as últimas unidades dos rolinhos doces de Walter. Encontraram sua nova amiga no centro do palco, com quatro moças ao seu redor, e às suas costas sete homens sendo que o do meio parecia o mais velho do grupo, vestindo apenas uma tanga com um saiote de tecido claro, cabelos compridos soltos até as costas e segurando uma espécie de bastão de madeira, todo trabalhado a mão, com partes enroladas em fibra de coco. Imaginaram que poderia ser o pai de Emmy, o chefe Jason Cruz, que como a própria garota

havia dito à tarde, seria um descendente direto do grande Gadao.

Jason começou a falar na língua chamorro, fazendo uma reverência a todos que os estavam assistindo e uma apresentação ao grupo de dança que logo iria iniciar. Fez em seguida a tradução para o inglês, recebendo palmas e assobios dos visitantes da festa. A música começou a tocar e ele se afastou, deixando os dançarinos começarem o show tradicional de Guam, com muitas palmas, rodopios e mãos levantadas aos céus, como se tivessem fazendo uma oferenda e agradecendo a própria existência. Foi algo muito lindo, que deixaram todos mais uma vez encantados e arrepiados com a beleza da música e da cultura Chamorro.

Assim que o show terminou e os dançarinos receberam os aplausos da multidão, Emmy foi ao encontro dos rapazes, os levando para que conhecessem seu pai, confirmando a teoria deles de que aquele homem no palco era de fato o chefe Jason.

— Papai, estes são turistas que conheci hoje à tarde nas ruas de Tumon Bay enquanto distribuía os folhetos de nossa apresentação. Frank, Barbara e o senhor Walter.

— Hafa Adai! — disse Jason em um gesto cortês. — Sejam bem-vindos à nossa ilha.

— Muito obrigado — disseram os três ao mesmo tempo.

— Papai, Frank tem algumas dúvidas sobre aquela pedra que o forasteiro carregava antes de desaparecer pelas águas da Fossa das Marianas.

— Não fale mais dessa história por aí, Emily. Você sabe o quanto é perigoso para todos na tribo se o almirante Thomas souber que conhecemos a lenda da pedra da sabedoria dos Taotaomo'na — compreendeu Jason, puxando sua filha de lado.

— Desculpe, mas nós precisamos entender mais sobre essa

história, pois acredito que esse viajante deva ser meu pai — implorou Frank, com lágrimas nos olhos e retirando o artefato de seu bolso.

— Isso não pode ser verdade! Onde conseguiu essa pedra, garoto? — perguntou Jason, incrédulo.

— Ela veio até mim há alguns dias, revelando algumas coisas que não compreendi. Apenas enxerguei alguns vultos e senti o perfume de meu pai.

Jason a pegou na mão com a permissão de Frank e começou a analisá-la. Disse ao jovem que a pedra do conhecimento tinha o poder de mostrar o futuro para os Taotaomo'na, antigos espíritos dos mestres anciãos Chamorros, e que havia conhecido algumas histórias desse artefato, mas achava ser apenas uma antiga lenda.

— Preciso consultar algumas pessoas mais antigas em nossa aldeia na vila de Inarajan, a sudoeste da Ilha. Nos encontre amanhã, pela manhã, em Gef Pa'go. Serão meus convidados para conhecerem a antiga vila cultural dos Chamorros e falaremos mais a respeito do artefato. Muito cuidado para não perdê-la, pois estamos falando de uma antiga relíquia de grande poder — alertou o chefe da tribo de Inarajan.

Agradeceram ao novo amigo Jason Cruz e sua filha Emmy e resolveram voltar para o hotel para descansarem um pouco desse grande e turbulento primeiro dia na ilha. Chamaram um táxi que estava passando pela av. Marine Corps Dr. e pediram que os levassem ao Tumon Plaza Hotel. Frank estava feliz, pois com a sabedoria de Jason estava a um passo de conseguir ajuda para o sucesso da missão.

Ao avistar o hotel à sua frente, olhou para Barbara e reparou que estava com as bochechas rosadas de vergonha e só então se lembrou que dividiriam a mesma cama. Walter, que estava ainda pensativo

em tudo o que aconteceu, começou a sorrir novamente com o dilema dos garotos. Já sabia dos sentimentos dos dois, pois era muito experiente e estava sempre na companhia dos jovens, mas não quis forçar nada, deixando que eles se entendessem.

Agradeceram ao motorista, acertaram o pagamento da corrida e saíram do táxi ouvindo em seguida uma voz conhecida há pouco, mas que não lhes agradava em nada:

— Ei, gringos. Então é nesse hotelzinho que vocês estão hospedados?

Os três viraram e se depararam com um garoto loiro, de olhos azuis e de média estatura, mas com uma arrogância gigantesca.

— Bom saber, assim não preciso ficar procurando vocês quando for me vingar do sorvete que esse palhaço me arremessou mais cedo — vociferou Mark, apontando o dedo para Frank.

— Vejo que já trocou sua roupa! Vai querer qual sabor agora? — perguntou Frank, debochando com a cara do garoto.

— Vamos ver quem vai rir por último. A vingança é um prato que se como frio e, no seu caso, será gelado! — ameaçou o filho do almirante.

— Vai lá correr pra debaixo das asas de seu pai, o todo poderoso e intocável contra-almirante de uma estrela do exército.

— É da marinha! — corrigiu Mark. — Então, vocês já conhecem a fama que precede meu pai.

— Claro que sim, ouvi dizer que ele perseguiu o... — estava a dizer Frank, quando foi interrompido por Barbara com um soco em seu braço.

— Tem coisas que ele não precisa saber! — sussurrou sua amiga ao pé de seu ouvido.

— Você está certa, Bah. Melhor não dar ouvidos a esse ser.



— Ui, ui, vai preferir fugir e se esconder como um rato a me enfrentar como um homem — empenhou-se a irritar Frank, mas não teve o sucesso esperado.

Os três viraram suas costas para o garoto e adentraram a recepção do hotel. Estava acontecendo uma pequena festa próximo à piscina, porém, o dia havia sido muito cansativo para a turma e só pensavam em dormir, acordar cedo e se preparar para ir a Inarajan.

— Aquela garota cortou o moleque quando iria me contar algo relacionado a meu pai. Melhor ficar de olho nesses três, pois algo está me cheirando muito mal nessa história — julgou Mark dando meia volta e atravessando a rua para se juntar a uma galera que festejava o anoitecer, regado a petiscos e cervejas na calçada em frente ao mar.

Chegaram ao quarto do trio e foram logo escovar seus dentes e colocar seus pijamas. Frank agradeceu por ter pego algo que não estivesse rasgado. O mesmo aconteceu com Barbara, ao tirar de sua mochila uma blusa clara e um short vermelho.

Os três se deitaram e começaram a planejar como seria no dia seguinte. Concordaram em acordarem por volta das 07h00 da manhã para tomarem um café no próprio hotel e então partirem para Inarajan, em que haviam consultado no celular de Barbara que o trajeto seria algo em torno de quarenta e cinco minutos, chegando na vila por volta das 08h30min.

Frank agradeceu novamente a turma por estarem com ele nessa doida aventura e desejou que tivessem uma ótima noite, ao menos queria imaginar assim, dividindo a cama com Barbara sem ter a coragem de lhe dizer o quanto queria dormir de mãos dadas com sua amiga.

Fecharam os olhos por volta das 23h00 e, em pouco menos de

cinco minutos, puderam ouvir o alto ronco de Walter, este já totalmente dominado pelo cansaço.

Barbara não conseguia dormir, estava nervosa com a situação, pois queria tocar as mãos de Frank, ter coragem para dizer o quanto o amava e que logo encontrariam seu pai, mas lhe parecia que seu amigo já estava embarcado no sono merecido, naquela cama super confortável.

Estava agitada, virava sua cabeça de um lado para o outro e não parava de pensar em tudo o que estava acontecendo, quando por um instante percebeu que algo tocava seu dedo mindinho da mão esquerda. Foi subindo e tocou o anelar, dedo médio e então a palma de sua mão foi acariciada por Frank, até ser grudada e trançada entre os dedos dos garotos apaixonados. Não disseram nada um para o outro, apenas dormiram de mãos dadas a noite inteira sem se desgrudarem por um segundo, mas nunca haviam dormido uma noite tão feliz.

Acordaram conforme combinado às 07h00 da manhã, abriram os olhos e se encheram de um misto de vergonha e felicidade, mas resolveram não tocar no assunto naquele momento. Frank se virou para desligar seu celular que não parava de tocar o sino do despertador, já incomodando seu avô Walter, que estava de pé indo escovar seus dentes.

Os três já limpos e trocados desceram para o café da manhã, que além dos itens convencionais: pães, geleias, frutas, suco, café e leite, também tinha um prato chamado de Chamorro Breakfast, que continha uma camada de arroz com legumes por baixo e dois ovos fritos por cima. Ao lado, enfeitando o prato, havia rodelas de linguiça frita e dois pedaços de presunto.

Pegaram um táxi na frente do hotel por volta das 08h00 já com

suas mochilas, pois tinham muitas coisas para fazer e não pretendiam voltar a dormir na região, e partiram para Inarajan. A viagem até a vila foi de quarenta e cinco minutos como já era previsível pelo grupo e, ao chegarem a Gef Pa'go, chamaram por Jason. Logo veio Emily toda sorridente ao encontro do trio, dizendo para a pessoa na recepção que eram seus convidados. Ela explicou que ali era uma vila de antigos Chamorros, inspirada em uma comunidade das décadas de 1940 e 1950, onde preservavam a cultura local e transmitiam tradições às gerações mais jovens como as dela. O conhecimento dos antigos anciões na vila era algo que Jason mencionara a Frank quando analisou sua pedra, afirmando que eles deveriam saber detalhes mais específicos.

Jason, que estava em uma reunião com os antigos habitantes da vila, recebeu-os na entrada do salão, agradecendo-os por terem vindo e apertando a mão de cada um. Logo os apresentou para a comunidade que já estava à espera deles. Walter, que vivera sua infância em Saipan, nunca tinha estado em Inarajan, apesar das histórias magníficas que tinha ouvido e estava feliz em poder conhecer esse lado de Guam e esse vilarejo histórico.

Reparou na estátua do grande chefe Gadao, remando em sua meia canoa e se lembrou da lenda que o rodeia, a qual dizia que certo dia um antigo chefe Malaguaña, governante de Tumon, ouviu que o chefe Gadao era o mais forte de Guam e foi ao seu encontro de canoa para enfrentá-lo. Quando chegou em Inarajan, conheceu um fazendeiro, que não sabia se tratar do próprio Gadao, e disse a ele que veio enfrentar seu chefe.

Gadao, por sua vez, sem se identificar, o convidou para um suco e partiu um coco ao meio com as próprias mãos. Malaguaña começou a se perguntar quanto mais forte era o chefe dessa tribo, já que um

mero fazendeiro conseguia partir um coco com a própria mão, então resolveu ir embora com sua canoa. Em um ato de simpatia, Gadao ofereceu um passeio de canoa, sendo que cada um acabou indo com a sua, mas pegaram uma forte correnteza e Gadao, com toda sua força, acabou por partir sua canoa ao meio tentando vencer a mãe natureza. Walter, que ria sozinho com as façanhas do lendário chefe, parou ao ouvir seu neto começar a falar de sua pedra misteriosa.

— Hafa Adai! — saudou Frank a todos. — Como havia mostrado ao chefe Jason noite passada, essa pedra veio ao meu encontro a milhares de quilômetros daqui e, assim que a vi, comecei a ter um tipo de alucinação, com imagens distorcidas de lugares que nunca estive, assim como pude sentir o cheiro do perfume de meu pai, que desapareceu há uns cinco anos.

— Eu pedi para que eles viessem aqui lhes mostrar esse artefato que acredito ser a lendária pedra perdida do conhecimento dos antigos Taotaomo'na — disse Jason aos anciões, que estavam presentes na reunião.

O mais velho deles, mestre Cadassi, pegou a pedra em sua mão e começou a analisá-la. Teve certeza que se tratava de uma relíquia, porém disse estar quebrada, faltando a parte de cima. Percebeu que havia algo escrito em chamorro, mas não deu a devida importância que o garoto esperava.

— Parte de cima? — perguntou Frank, que, olhando bem para ela, percebeu que havia uma parte quebrada acima de onde estavam as frases escritas por seu pai. “Então o que estaria escrito na parte superior?” se perguntou.

O velho ancião informou não se tratar da lendária pedra que Jason tinha lhes falado, mas sim de uma relíquia muito poderosa, havendo surgido pela primeira vez na antiga caverna Liyang Chugai na

ilha de Rota. Lá, eles achariam alguma resposta entre as inúmeras pinturas rupestres na extensa caverna. O antigo povo chamorro foi no passado incumbido de guardar este artefato, como um guardião que controlava seu enorme poder, para que nenhuma pessoa com más intenções se apoderasse dela.

— Eu mesmo estive com essa pedra em meu poder por algum tempo antes de entregá-la a alguém de confiança há alguns anos. — disse Cadassi. Hoje, a caverna tem sua entrada com acesso controlado e dificilmente vocês entrarão sem autorização. Teriam alguém que pudesse levá-los?

— Eu sei onde fica o local! — bradou Walter, que até então estivera quieto o tempo todo, apenas observando alguns folhetos presos nos muros da vila com fotos de crianças desaparecidas. — Estive algumas vezes nessa caverna quando era apenas um garoto, mas não acredito que tenha mudado muita coisa desde então, porém precisaríamos de uma carona em alguma embarcação até lá.

— Eu levarei vocês até a ilha de Rota, ao norte — disse Jason. — Pode haver contratemplos no caminho e vos ajudarei nessa empreitada, se assim concordarem.

Os três se entreolharam e agradeceram a oferta do grande chefe da tribo.

— E quando partimos? — perguntou Barbara.

— Agora mesmo! — anunciou Jason, batendo com seu cajado de madeira no chão como um gesto de coragem, saindo da sala onde se reuniam, sendo seguido pelos demais, incluindo Emmy.

— Boa sorte, meus queridos — disse Cadassi. — Desejo sucesso a vocês nessa jornada — falou o ancião que aguardava esse momento há muitos e muitos anos, desde que o último guardião havia ido embora da ilha e nunca mais retornado.

## **Os fuzileiros chegam à ilha**

Pousou na Base da Força Aérea de Andersen em Guam o avião de transporte militar C-17 Globemaster III com a 3ª Divisão do Corpo de Fuzileiros Navais de Camp Smedley Butler, em Okinawa no Japão. Thomas Wolf olhou em seu relógio que marcavam 10h00 da manhã. Estava à espera do esquadrão de fuzileiros para darem início à viagem da missão na região conhecida como Challenger Deep na Fossa das Marianas, a 330 km de distância de Guam.

Chegaram na Base Naval por volta das 11h00 da manhã apresentando o Corpo de Fuzileiros para o pelotão da marinha. A 3ª Divisão era composta por dois regimentos com três batalhões, quatro companhias de armas e quatro pelotões especiais, mas para essa missão foram designados apenas um batalhão equipado com dois esquadrões de elite, entre eles soldados, tenentes e capitães, liderados pelo coronel Oliver Trik, que estariam a bordo do submarino USS *Obstinatus*. Haviam sido treinados para suportar adversidades nos mares do Japão e eram especialistas em mergulhos profundos.

Como quem não dormira na noite anterior tomado por uma ansiedade fora da normal, Thomas Wolf fez a última preleção antes de partirem para o mar. Havia embarcado no navio *Emory S. Land*, que estava rebocando o mini submarino *Aequor* até a superfície da Fossa das Marianas, além de transportar praticamente todos os suprimentos que utilizariam na missão.

Mark acordou ensopado depois de um pesadelo angustiante. Não se lembrava do que havia sonhado, mas a sensação de cansaço tomou conta de seu corpo durante todo o dia, deixando-o extremamente de mal humor. Desceu para tomar seu café da manhã e, ao ver que suas torradas estavam levemente assadas demais, atirou-as no chão, exigindo que a governanta de sua residência fizesse novas, chamando-a de vários nomes grosseiros e cheios de insultos.

Ele era daqueles que não havia encontrado um propósito em sua vida, não se importava com ninguém, mas que exigia que lhe servissem, um ser desprovido de afeto em casa e descontava suas frustrações na rua. Devido as promoções que seu pai recebera desde que chegara à ilha, Mark viveu uma vida de muito luxo e pouca educação. Por mais que insistisse em estudar em um colégio militar, seu pai nunca o apoiou, por medo de que o filho manchasse sua reputação onde quer que se alistasse, visto que fora suspenso diversas vezes das escolas convencionais por fugir das aulas para fazer estripulias nas ruas, azarar algumas garotas, principalmente turistas, pois alegava que as meninas nativas não estavam “à sua altura”, e criar desavenças com outras pessoas, espancando os mais fracos de próprio punho ou com a retaguarda de seus dois amigos comparsas, Sergio-Montanha e Hugodzilla.

Sua mãe era uma das mais conhecidas e renomadas socialites de Guam, abdicando do tempo para educar seu filho para fazer coisas que julgava mais importantes, como ir todos os dias, às 15h00, ao salão de beleza para fazer seu cabelo ou tratamento estético, saindo sempre às 18h00 e, ao menos duas vezes por semana, jantava com suas amigas no restaurante mais caro de toda a ilha, não por apreciar os espetaculares pratos criados pelo chefe consagrado com 3

estrelas Michelin, mas sim para ostentar seu status de pessoa importante na sociedade.

Mark havia acabado de concluir o ensino médio e desde então sua principal ocupação era vagar por entre os quatro cantos da ilha, gastando o dinheiro de seu pai, sem qualquer objetivo em sua medíocre vida, até cruzar com Frank naquele fatídico pôr do sol. Desde que se conheceram, algo se apoderou dos pensamentos do garoto. Mark conhecia muito bem os estilos de viajantes que chegavam em *sua ilha*, como a intitulava, distinguindo as pessoas que vinham a negócio dos turistas, mas estes três tinham algo especial que não compreendia até então. Não vieram a Guam à trabalho ou diversão, era algo muito maior, que estava disposto a apostar suas fichas para descobrir, nem que fosse para arriscar tudo em um grande “All-in”.



## **Experiência divina**

Chegaram no píer onde a lancha de Jason estava atracada. Emily implorou para seu pai para que fosse junto, pois não conhecia ainda a caverna e tinha muita curiosidade, além de ser a oportunidade perfeita para aprender sobre seus antepassados. Partiram então por volta das 11h20min. Estavam a uma distância de 113 km e precisavam se apressar para chegarem logo.

Emmy levou consigo algumas coisas para comerem no caminho e as colocou no convés. Partiram mar adentro com o capitão Jason no comando de seu barco. Próximo das 12h15min, passaram por um navio de patrulha da marinha americana conhecido por WPB-1337, que se comunicou com Jason via rádio para saber onde estavam indo.

Jason, sem querer dar muitas explicações, disse que visitariam alguns familiares e amigos na Ilha de Rota, mas que pretendiam voltar a Guam no final do dia. O capitão Sanchez, que era quem comandava a embarcação, alertou dos perigos que pudessem haver na região, uma vez que foram identificadas grandes explosões na área conhecida por Challenger Deep na depressão da Fossa das Marianas e que poderiam ter algum submarino ou embarcação pirata rodando toda a extensão. O chefe Jason agradeceu o alerta e seguiram viagem até a caverna em Rota.

Chegaram na ilha às 13h30min e atracaram o barco o mais próximo possível da encosta, porém não muito perto para não serem identificados.

— Vamos precisar subir alguns penhascos com cordas, então, caso o senhor ache melhor, pode ficar no barco — disse Jason para Walter, sem a intenção de lhe desmerecer, mas pensando no bem estar do homem mais velho do barco.

— Essa está boa? — perguntou Walter abrindo sua mala e pegando a corda que havia trazido de seu cofre escondido na porta secreta em seu guarda-roupas.

Jason sorriu para o velho e apertou-lhe sua mão. Naquele momento, não mais via a imagem de um simples senhor em Walter e sim uma áurea de um guerreiro reprimido por conta do tempo, mas que estava resgatando sua imensa vontade de viver e se aventurar. Esse homem era um mistério!

Todos estavam no bote a motor cortando as ondas que batiam fortes em algumas pedras da ilha. Pararam o inflável em uma praia deserta que tinha um acesso conhecido por Jason entre as matas da Ilha. Jason escalou uma montanha com uma destreza de dar inveja a qualquer um e amarrou sua corda em um gancho que já havia sido colocado antes por ele em algumas outras expedições ao local. Jogou a corda para os quatro que haviam ficado na praia e pediu que subissem o paredão de dez metros de altura. Emily foi primeiro, seguida por Frank, que não tiveram dificuldades para fazer a subida, porém Barbara não conseguia subir mais que três metros sem sentir que suas mãos estavam sendo rasgadas.

Seus amigos davam pequenos gritos de incentivo, mas, quando chegou à metade, pensou em desistir, foi então que viu ao seu lado Frank, que havia descido em uma segunda corda e atracado à de Barbara com seu mosquetão. Disse que subiriam juntos, assim como ela esteve com ele em todas as suas dificuldades, segurando a mão de sua amiga por alguns segundos e a enchendo de confiança.

Ambos puxaram suas cordas ao mesmo tempo que davam pequenos passos com os pés para cima, até que chegaram ao topo sem muitas dificuldades, para alegria da turma.

Era a vez de ajudar Walter e quando Frank se virou, seu avô já estava tirando a corda da cintura. Subira como se estivesse indo pegar o jornal no quintal de sua casa. Apesar das aventuras que se envolviam, o garoto nunca imaginou seu avô escalando altos e íngremes paredões. A cada dia descobria novidades a respeito de seu grande amigo, algumas que o deixavam feliz e outras que o deprimiam, sem poder ajudá-lo.

Agora que estavam no alto, era questão de pouco tempo para chegarem à caverna, subindo por uma trilha até alcançarem o topo da falésia a uma altura considerável ao nível do mar, e então caminhar mais uns dez minutos em terrenos afiados de coral até chegarem à entrada da Liyang Chugai. Como o ancião de Inarajan havia dito, a caverna estava fechada por um portão e um cadeado, mas, como Jason era um chefe influente na região, é claro que tinha uma cópia, que ganhou de uma pessoa que trabalhava no Escritório de Preservação Histórica de Rota, por conta de um favor concedido pelo chefe.

Abriram o portão e adentraram à profunda caverna, que após poucos passos já estavam dominados pela escuridão total. Acenderam suas lanternas e começaram as buscas por algo que lhes ajudasse a descobrir a respeito da relíquia sagrada.

Segundo Jason, havia uns noventa diferentes tipos de desenho rupestre nas paredes, entre tartarugas, morcegos até formas geométricas, sendo que muitas delas representavam divindades espirituais. O chefe explicou também que aquele local foi utilizado pelos japoneses como um "hospital" durante a guerra e que por isso haviam

restos de lixos deixados por eles, principalmente na entrada da caverna.

Caminharam cada vez mais para o interior da Caverna Chugai, quando então Frank começou a sentir uma tontura e algumas vibrações na altura de sua perna, onde estava o artefato em seu bolso direito. Abriu o pequeno saco de veludo de Barbara e notou que a pedra tinha um brilho azul intenso, como se tivesse uma iluminação natural. Pediu para que seus companheiros apagassem suas lanternas e ficaram em um breu total, a não ser pela luz que emanava do objeto em sua mão.

Foi Barbara, com sua perspicácia que Frank tanto admirava, que sugeriu apontar a pedra para a parede, de modo que ela mostrasse o caminho correto. Frank estendeu seu braço e começou a fazer movimentos com a pedra até que, em um certo momento, ela aumentou seu brilho, iluminando algo em uma rocha onde puderam ver um desenho escondido muito parecido com o artefato sagrado, só que na imagem a pedra estava inteira, com a parte superior que lhe faltava.

Deram um grito de alegria, esquecendo que haviam entrado na caverna às escondidas, mas por sorte não havia ninguém acerca e estavam muito longe da entrada para que qualquer pessoa se aventurasse pelas entranhas de Chugai. Jason então reconheceu algumas coisas grafadas próximo à imagem com uma língua há muito não falada pelo povo, mas que aprendera quando pequeno com seu pai, a quem aprendera por sua vez com sua mãe, passando assim o conhecimento por muitas gerações. Era um tipo de poema, que o chefe não conseguia diferenciar algumas palavras, mas resumiu para o grupo assim:

***“Essa é a pedra que da água provém,***

***controlada por aquele que a obtém.  
Os guardiões a ela dão proteção,  
nas entranhas da caverna Senhanon.  
Muito além de onde entra a luz,  
e da experiência de Jesus,  
a pedra o caminho vai mostrar,  
a quem por lá se aventurar!”***

— Não compreendo. Experiência de Jesus? — perguntou Frank pensativo.

— A caverna de Senhanon, ou Rota Hole como a chamam hoje em dia, está próxima daqui, a uns quinze minutos de barco. Os Chamorros da região dizem que quando a luz do Sol entra pela abertura no topo da caverna, um fecho de luz adentra a gruta, proporcionando para o visitante algo que remete a uma benção divina, como a experiência de Jesus, iluminando apenas um foco no fundo da caverna, que é dominada por água do mar e peixes. As agências de turismo estão permitidas a fazer mergulho de, no máximo, quinze metros de profundidade.

— Você pode nos levar? — perguntou Frank para Jason.

— Acho que não haverá problemas, já que a entrada é pelo oceano. O problema é que a essa hora está cheio de turistas. Precisamos esperar até as 16h00, pois os turistas voltam esse horário por conta da subida da maré. Lá dentro teremos que ser rápidos, pois a cada minuto começa a ficar cada vez mais perigoso.

— Ok, agora são quase 15h00, chegaremos em nosso barco em trinta minutos se andarmos rápido e então comemos algo no caminho — disse Emmy para todos, que concordaram com a garota.

Em trinta minutos estavam comendo algumas guloseimas que

Emmy trouxera para a equipe e o capitão já retirava a âncora do fundo do oceano. Partiram após se alimentarem, chegando poucos minutos mais tarde do horário estipulado por Jason. Realmente tinha razão, não havia mais nenhuma embarcação de turismo no local, portanto, tinham liberdade total para explorar a caverna, mas a maré já havia subido muito antes do habitual.

Frank, Jason e Barbara vestiram roupas especiais de borracha e máscara de mergulho com alto-falantes acoplados que estavam na embarcação junto com os cilindros de oxigênio que Jason sempre deixava pronto para qualquer urgência. Emily e Walter ficaram no barco para comunicar através do rádio caso vissem alguém, já que a região era bastante controlada pela patrulha costeira e não queriam se meter em encrenca, ainda mais com a marinha americana.

A visibilidade já começava a ficar prejudicada quando mergulharam. Os três nadaram mais um pouco até chegarem a um local bem escuro, apenas iluminado por um fecho de luz que vinha de um buraco no topo da caverna. “Essa deve ser a tal experiência de Jesus”, pensou Frank. Realmente a sensação era magnífica, e a vontade de ficar por lá curtindo a paisagem era ainda maior, mas precisavam se apressar, pois o tempo estava contra eles.

Lembraram-se das inscrições na caverna “Muito além de onde entra a luz, e da experiência de Jesus, a pedra o caminho vai mostrar, a quem por lá se aventurar!”. Afundaram ainda mais, onde o fecho de luz já não clareava mais as águas e, então, subitamente, a pedra começou a vibrar novamente no bolso do traje de mergulho de Frank.

O jovem retirou-a com cuidado para que não se perdesse nas águas e viram novamente um clarão. Agora era a pedra que se tornara a lanterna naquela escuridão do oceano por debaixo das rochas

da caverna. Seguiram o brilho que iluminava um grande buraco de uns quinze metros de largura no meio das sólidas paredes da gruta e encontraram uma câmara secreta, onde estava atracada uma espécie de embarcação.

Saíram da água, acenderam suas lanternas e caminharam sobre um platô de rocha em direção ao barco encontrado. Ao chegarem perto, perceberam que não se tratava de uma simples embarcação, mas sim de um tipo estranho de submarino cilíndrico, com uma cabine arredondada como uma cápsula esférica de vidro reforçado com uns dez centímetros de espessura e uma cauda extensa onde deveriam estar os propulsores, medindo no total aproximadamente uns nove ou dez metros de comprimento. Na cabine, viram que havia espaço para cinco tripulantes, com um banheiro, e em sua cauda, havia uma porta com um compartimento vedado o qual deveriam usar para a estocagem de materiais para coleta submarina além de uma área para descanso.

Perceberam que a maré começava a subir depressa, Jason se deu conta de que já estavam ali há mais de uma hora e precisavam sair o mais rápido possível, pois o oxigênio deles já começava a dar sinais de esgotamento, uma vez que estava sendo rapidamente consumido por conta de toda agitação dos desbravadores.

O chefe não quis comentar nada para não assustar o grupo, mas havia visto uma marca enorme de dentada de um animal feroz na parte de trás da embarcação e, pelos seus cálculos, a aberração deveria ter pelo menos alguns bons metros de comprimento. Mas então algo aconteceu que surpreendeu a equipe, Barbara ao encostar no submarino para ver melhor a cabine interna, acionou algum tipo de abertura e a cápsula se abriu, revelando que a embarcação ainda estava funcionando.

O espírito investigativo falou mais rápido que a razão da futura jornalista, que entrou no submarino sem pensar duas vezes, e foi seguida por Frank, outro que nunca sabia ponderar riscos. Começaram a mexer em alguns botões e em um tipo de controlador que fez com que ligasse uma espécie de propulsor, jogando um jato de água com força para cima.

Deram algumas risadas, agradecendo por não ser um submarino de guerra e em vez de água não ser mísseis, foi então que Frank, olhando com o canto do olho por debaixo de uma das poltronas, percebeu um caderno de anotações, já desgastado por conta da umidade e do tempo que estivera ali dentro. Sem pensar duas vezes, se pôs a folhear as páginas, mas as letras borradas eram pouco legíveis, a não ser por um bilhete, que estava dentro de um envelope plástico, anexo a última página.

O Jovem curioso abriu sem pestanejar e se não estivesse sentado, teria caído por conta da tremedeira que iniciou em suas pernas e foi tomando conta de seu corpo. O bilhete era uma anotação com a caligrafia de Douglas, que não via há um bom tempo, mas que jamais se esquecera.

Eram poucas as coisas que haviam ali, uma espécie de mapa onde tinha sido circulada uma região no meio do pacífico e estavam escritas as palavras “Challenger Deep” e alguns códigos 11° 22' N 142° 36' E, que identificaram como coordenadas para a Fossa das Marianas. Seu pai havia estado ali no submarino e tinha esquecido suas anotações, ou então escondido ali por alguma razão. Não sabia ao certo o que teria acontecido, mas uma coisa estava absolutamente certa, ele era o forasteiro da história contada por Emily, que havia sumido na Fossa das Marianas fugindo da marinha.

— Pai, o que o senhor estava procurando? — se perguntou Frank



em voz alta.

Jason entrou no submarino, apertou alguns botões que acreditava serem os corretos, acendendo os faróis e o nível de oxigênio dos tanques da embarcação, ativou-o para liberar o gás dentro da cabine onde estavam. Fechou a escotilha da cápsula deixando-os selados de qualquer infiltração.

— Vamos! — disse Jason ligando os propulsores. — Esse submarino deve nos levar até a superfície ao encontro de Emily e Walter. E então veremos o que iremos fazer sobre essas anotações.

O submersível afundou alguns metros, clareando toda a gruta e revelando um mar profundo, onde viram diversos tipos de peixes, lagostas e pequenos animais marinhos fugindo dos raios de luz, e ficando mais distante à medida que o capitão acelerava.

## **Desenterrando o passado**

Thomas e seus homens navegaram por longas cinco horas até chegarem ao ponto onde havia acontecido a grande explosão. As embarcações atracaram já ao entardecer e só iniciariam a descida às 06h00 da manhã do dia seguinte. A noite seria longa para os oficiais do corpo de engenheiros da marinha, pois iriam utilizar o tempo para conferir todos os equipamentos que iriam dispor para a descida do almirante e da unidade do corpo de fuzileiros navais. Recarregaram todos os cilindros de oxigênio, calibraram os rádios de comunicação e os computadores de bordo, o pessoal da limpeza tratou de deixar todos os ambientes das embarcações higienizados e descontaminados.

Thomas Wolf e o coronel Oliver, comandante dos fuzileiros navais, se reuniram com os membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas por vídeo conferência para debaterem os últimos planos da missão naval. Países como França e Reino Unido pediram cautela para não danificarem o meio ambiente e só atirarem quando fosse de extrema necessidade, último recurso a ser feito. Os outros países concordaram, meio que sem concordar. Mas os EUA deixaram bem claro que, pelo bem de seus cidadãos, e do planeta, não deixariam nenhum ato de terrorismo passar impune.

A reunião, que durou uma hora, acabou justamente no horário que haviam combinado de jantarem no restaurante do Emory S. Land. Antes do general George Nelson e do tenente-general Erik Morgan desligarem, chamaram o contra-almirante Wolf e lhe deram

carta branca para fazer o que fosse necessário pelo bem da humanidade e pelos Estados Unidos da América.

Thomas Wolf entendeu o recado e desligou o telefone, não antes de bater continência ao general do exército americano. Enfim, era tudo o que precisava ouvir! Agora, sim, iria comemorar a primeira vitória dessa fatídica missão.

— # # # —

Chegaram até a lancha onde estavam Walter e Emmy. Jason não sabia quem o projetara, mas este era um submarino diferente dos que tinha conhecimento, sua flutuação era muito estável ao mesmo tempo que podia fazer curvas com muita facilidade, parecia que haviam construído para expedições nas profundezas dos oceanos.

Emergia e submergia com muita precisão nos comandos internos, e sua pressurização era perfeita, sem sentir aquela tontura habitual quando se mergulha muito rápido. Não podia acreditar que o pai de Frank havia usado ou até mesmo construído esse submarino para navegar por entre os mares da região. Seria ele um explorador? Um ladrão, como dizia o tirano oficial. Sempre acreditou em destino, assim dizia seus antepassados, mas nunca imaginou que aquele menino franzino, que conhecera na noite anterior, mudaria sua vida para sempre.

Emily soltou um grito alto assim que viram o veículo submergir até a superfície. O susto foi tão grande que seus olhos se encheram de lágrimas, imaginando ser algum animal gigantesco marinho ou até mesmo tropas de um país inimigo. Ao ver através da esfera de vidro que eram seus amigos, deu pulos de alegria.

— Onde vocês arranjaram esse submarino? — gritou Emmy.

— É uma longa história, filha — disse Jason. — Depois lhe contamos tudo.

Frank ajudou Barbara a sair de dentro do submarino e subir as escadas da lancha, indo logo na sequência.

— Vovô, você não vai acreditar quem esteve nessa embarcação cinco anos atrás! — brincou Frank com ar de alegria e ao mesmo tempo preocupação.

Mostrou o caderno a Walter, que reconheceu na hora ser de seu filho perdido, abrindo o envelope de plástico para mostrar as anotações de seu pai.

— Ele desceu até a Fossa das Marianas nesse submarino? — questionou Walter. — Mas por quê?

— Também não sabemos, vovô. Mas precisamos ir atrás dele.

— Mas a história que vocês nos contaram foi que o forasteiro havia caído no mar e nunca mais encontraram seu corpo — disse o velho olhando para Emily e Jason.

— Pois é, isso foi o que os oficiais nos contaram, mas quem sabe qual é a verdadeira história? — alegou Jason.

— Alguma coisa aconteceu e precisamos explorar a região. Temos o melhor submarino para nos levar até lá, e estamos justamente em cinco pessoas que é a capacidade de tripulantes do veículo! — tomou a frente Barbara, que estava ainda mais fascinada com a história a cada descoberta do grupo.

— Walter, você sabe pilotar um barco? — questionou Jason.

— Com certeza, isso é algo que nunca se esquece — brincou Walter.

— Então faremos o seguinte. Voltaremos até Inarajan em Guam, atracaremos as embarcações e passaremos a noite lá. Partiremos às 03h00 da manhã para dificultar qualquer patrulhamento da

marinha. Enquanto isso, pegaremos provisões para essa longa viagem, carregaremos o combustível e os cilindros de oxigênio.

— Sim, senhor! — disseram em coro.

— Então Frank e eu vamos com o submarino por debaixo da água para não criar suspeitas caso o navio da marinha nos encontre novamente e vocês três irão na lancha. Nos encontraremos lá! Vou colocar o rádio do submarino na mesma frequência que o da lancha, caso precisem se comunicar conosco.

E então partiram. Por sorte do destino, não haviam encontrado nenhuma embarcação da marinha no caminho e chegaram na vila uma hora e meia depois de saírem do acesso à Caverna Senhanon em Rota.

Emily lembrou o grupo que essa noite teriam a última apresentação da temporada e perguntaram se topariam ir com eles para ajudá-los com as vendas dos artesanatos produzidos pelos moradores da aldeia e eles mais que na hora confirmaram a presença, deixando a moça extremamente feliz.

Frank, Barbara e Emmy encheram a caminhonete com mercadorias que deixaram os meninos fascinados, tamanha era a perfeição de cada item, produzidos pela comunidade com todo o cuidado e maestria. Walter estava se aprontando para partir com o resto do pessoal quando foi chamado de canto pelo ancião Cadassi, que esteve na reunião pela manhã, dizendo para não ir com os outros porque precisariam conversar de um assunto muito importante.

Os três garotos se despediram e foram para a capital da Ilha com Jason e mais duas pessoas. Walter se encontrou com mestre Cadassi na mesma sala da reunião e o velho pediu para que o avô dos garotos se sentasse em um pano estendido no chão com os olhos fechados e prestando atenção à sua respiração. Começou então a bater com seu

cajado na terra seca e proferir algumas palavras em uma língua antiga que Walter não entendia e então parou, ajoelhou de frente para ele e começou a sorrir.

Sorria e sorria cada vez mais com aquela boca na qual lhe faltava a maioria dos dentes, até que soltou um grito e assoprou algumas folhas que possuía em sua mão no rosto de Walter, que se jogou pra trás não curtindo aquela brincadeira de mal gosto. “Foi pra isso que me pediu pra ficar?” — pensou o velho sem pronunciar nenhuma palavra. Foi então que viu uma sombra enorme passando por debaixo de onde estava sentado. Aliás, naquele momento que havia se dado conta de não estar mais na sala com o ancião e sim no mar, dentro de um barco a remo, a uns cem metros da encosta. Olhou para seu reflexo nas águas e viu uma criança de doze anos.

Queria gritar, mas a voz já não saía de sua garganta. A sombra chegava cada vez mais perto. O animal era gigantesco. Já ouvira muitas histórias do Megalodon, mas tinha certeza de que estava extinto há milhares de anos. Mesmo que não fosse esse bicho, o que se aproximava de seu barco era algo muito, muito grande e não queria ficar para conferir.

Olhou para o lado e reparou que uma onda vinha forte quebrar próximo de si. Bateu os remos com força para movimentar o barco e aproveitar o impulso das ondas e se afastar do que estava por vir, mas o plano não deu nada certo. Na primeira tentativa, se afastou poucos metros do ponto de onde estava, já na segunda, a onda veio tão forte que o virou, derrubando Walter na água. Este nunca batera tanto os braços quanto nesse dia. Era uma questão de vida ou morte.

Tentou sair dali de qualquer maneira, mas não teve sucesso, antes que pudesse olhar para trás, foi puxado abruptamente para o fundo. Em uma briga louca com algo que não sabia o que era, abriu

os olhos com uma coragem admirável e viu uma outra sombra, quase que humana, não fosse pelo par de olhos azuis brilhantes que o encarava profundamente, carregando uma espécie de pedra reluzente em seu pescoço. Dizia que ele deveria voltar às suas origens, controlar seus temores e que não era sua culpa.

De repente, já não estava mais no fundo do mar, e sim no barco de seu pai. Aquele era seu dia de folga, já que a guerra havia acabado e os EUA saíram vencedores. George Payne era um pai adorável e, sempre que podia, levava seu filho Walter para passear, uma vez que o pequeno era louco por barcos e dizia que um dia seria capitão da marinha e lideraria tropas por entre os mares do Pacífico para garantir a paz mundial.

Foi na companhia de seu pai que viu novamente aquela sombra gigantesca se aproximando do barco. Avisara o que vira e George, preocupado, olhou para o oceano, mas nada encontrou. Começou a duvidar da sanidade do filho, pois já não era a primeira vez que Walter dissera ter visto um Megalodon. Houve uma pequena discussão em seguida de um novo clarão que ofuscou tudo em sua volta.

Walter agora se encontrava em uma maca sendo levado para dentro de uma sala, aos berros, por enfermeiros e médicos do hospital. O garoto estava sendo internado para tratamento psiquiátrico, uma novidade na ilha bancada pelo governo para oficiais e familiares que estiveram na guerra. Sentia aos poucos seu corpo se acalmar e começou a relaxar. Eram os fortes remédios fazendo efeito. Então, sentiu uma poderosa energia percorrer cada pedaço de seu jovem corpo, fazendo-o tremer da cabeça aos pés. Ainda não tinha completado quatorze anos e já estava recebendo altas doses de choques. Mas o tratamento fez efeito e recebeu alta após dez meses de internação.

Então o garoto Walter já não via mais alucinações bizarras e

podia se reintegrar à sociedade. Sua mãe havia falecido três meses antes de sair do hospital, por conta de um câncer devastador que tomou todo seu corpo sem chances de salvação. Walter nunca havia conseguido se despedir dela, pois quando ela o visitou pela última vez, ele não a reconheceu, por causa das fortes dosagens dos medicamentos que os médicos lhe davam.

Os especialistas disseram que uma tristeza crônica foi um grande fator para a baixa imunidade de seu corpo e por isso o câncer foi tão agressivo. Outro clarão! Repentinamente, Walter tinha dezoito anos e estava em um cemitério. Ouviu o padre proferir algumas palavras, questionando se alguém queria dizer algo. Ouviu choro, tiros para o alto que assustaram alguns pássaros que prestavam atenção à fúnebre tradição militar de enterrar seus compatriotas e entes queridos. E então ouviu novamente a frase: “Não foi sua culpa”. Pessoas davam tapinhas em seu ombro, em um gesto acolhedor, tentando confortar o coração do pobre rapaz, agora órfão de pai e mãe.

E então, lá no fundo de sua alma, ouviu alguém lhe chamando, bem lentamente, proferindo cantigas em Chamorro, sua língua nativa. Era Cadassi, trazendo Walter de volta para o presente.

Walter viu o ancião e muitas lágrimas começaram a escorrer de seu rosto, desabando em seguida. Acordou duas horas depois com uma enorme disposição, olhou para o lado e viu mestre Cadassi sentado em uma poltrona, observando-o voltar à realidade e então se pôs a falar:

— O que você viu foram trechos de seu passado que você tenta esquecer, mas que consomem sua energia vital. Em vez de escondê-los você tem que saber conviver com o que já passou. Talvez o primeiro passo a ser dado seja descobrir na realidade quem é você!

— Eu sei muito bem quem eu sou! — disse Walter em um tom



mais agressivo.

— Então, me diga, quem é você? — perguntou o mestre com sua calma penetrante.

— Eu sou... eu sou... — respirou fundo —... Sou um homem que vive atormentado pelo passado! Fui responsável pelas mortes de meus pais, por causa de alucinações malucas que essa ilha me causou.

— Não foi você quem causou a morte deles, meu senhor. Não foi sua culpa! Você não estava louco. Há coisas ainda inexplicáveis nesse mundo para simples seres humanos, mas você é especial, caro Betbo.

— Como assim? — questionou o senhor aprendiz, sem entender o porquê o ancião o havia chamado desse nome.

— Aquela sombra de um Megalodon que você havia avistado no mar algumas vezes não foi uma mera ilusão ou um ato de loucura. Volto a insistir, você precisa se conectar a si mesmo. Enxergar além de seus anseios e desejos, e então, só então, saberá no fundo de sua alma quem você é! — respondeu o mestre ancião, que começara a ganhar o respeito de Walter.

— Não entendo, mestre. Como essa sombra poderia ser minha? — indagou Walter preocupado.

— Caro compatriota — brincou Cadassi puxando a atenção de Walter — lembro do dia em que um bebê, de pele clara e de olhos tão azuis quanto as águas desse lindo oceano, chegou aqui na Vila de Inarajan. A previsão do tempo era de um dia ensolarado, com poucas nuvens e temperatura próxima dos 30°C. Mas repentinamente o tempo se fechou, o mar se agitou e uma tempestade se formou. As pessoas correram para suas casas para se esconderem da ira da mãe natureza. Logo, como mágica, um tufão pareceu surgir nas águas

calmas de Inarajan Bay, avançando até a encosta da praia e jogando muita água para cima, e então, de repente, ele se dissipou, a tempestade parou e o mar voltou a ficar tranquilo.

De suas casas, os moradores da vila ouviram o choro de um bebê no local onde a tempestade havia perdido a força. Nomearam o bebê de Betbo, o anjo de Deus, enviado para espalhar louvores ao povo.

Mestre Cadassi olhou para Walter que estava com a cabeça baixa, se concentrando na história que estava ouvindo. Voltou a falar:

— Mas a guerra já havia se instaurado na região, muitos compatriotas jaziam aos pés dos americanos e japoneses que aqui batalhavam. Certo dia, apareceu um pelotão do exército americano que invadiu nosso território para se refugiar da perseguição dos japoneses. Nos fizeram de reféns por alguns dias, exigindo que alimentássemos o grupo e cedêssemos nossas camas para dormirem. Por fim, quando estavam saindo, descobriram a existência do pequeno bebê, que conforme alguns soldados diziam, se parecia muito com o tenente deles.

Então resolveram levar o garoto para viver junto dele e de sua esposa, que havia perdido um bebê que carregara em seu ventre há poucos meses, assim que chegaram à ilha. Seu nome era Tenente George Payne, médico do exército americano.

— Então não sou filho de meus pais? Quem sou eu então? — rebateu Walter.

— Somente você poderá encontrar essa resposta Betbo, meu filho. — disse seu mestre com apreço. — O único conselho que posso lhe dar é que deva viver sua vida sem medo de ser quem você nasceu para ser!

## **A Fossa das Marianas**

Mark, que havia acabado de derrubar uma lixeira aos chutes, espalhando restos de comidas pelas ruas da Chamorro Village e arrancando gargalhadas de seus amigos e capangas Montanha e Hugodzilla, parou de supetão, se abaixando para não ser visto pelo casal estrangeiro. Sim, eram os mesmos perdedores que o derrubaram no chão espalhando sorvete em toda a sua cara.

“O que fazem aqui, dentro de uma barraca vendendo os artesanatos dos fracassados da tribo de Inarajan? Certeza que aquela insolente da Emily Cruz está ajudando a conhecerem o local. Mas quem são eles? Ou melhor, quem pensam ser se metendo assim em *minha ilha?*”, pensou o garoto.

Pediui para que a dupla de amigos o esperasse ali sem respirar, aliás, que aguardassem por ele ali sem se mexerem, pois era bem provável que os dois patetas parassem de respirar porque havia pedido. Continuou agachado sem se importar pelo o que os outros podiam falar dele e se escondeu próximo da barraca onde pôde ouvir a conversa entre os dois forasteiros.

— Mas, Frank, você tem certeza que aquele caderno que encontrou no submarino era de seu pai? — perguntou Barbara.

— Claro que sim, cada vez eu tenho mais certeza.

— Então era ele mesmo quem esteve aqui na ilha há cinco anos e se envolveu em encrenca com a marinha! Quem diria, seu amado pai julgado como ladrão pelo contra-almirante. Mas, também, com a criação que deu para seu filho, o almirante não deve ser boa pessoa.

— Pois é, mas amanhã vamos tirar nossas conclusões assim que chegarmos naquela fenda. Tenho certeza que meu pai não morreu e lá saberemos a verdade — ponderou Frank. — Sinto que ele ainda está vivo!

— Ainda bem que encontramos esse submarino. Estou tão ansiosa para chegar logo a madrugada e viajarmos até a Fossa das Marianas. Não vejo a hora de conhecer como é o fundo de nosso oceano, principalmente o ponto mais profundo, na depressão Challenger Deep — disse a garota com um brilho nos olhos e um sorriso que deixou o coração de Frank vibrando.

“Hum”, — pensou Mark, “Agora tudo faz sentido”. Tentou ligar para seu pai para explicar que o filho do ladrão estava em Guam, mas ele já havia partido para sua missão e não devia estar com sinal em seu celular. Resolveu voltar para casa, colocar algumas roupas na mochila, uma lanterna e um cantil, pois iria investigar esse tal submarino que estava em Inarajan e que utilizariam para viajar.

Sabia que a dança dos “pés-ralados”, como assim os chamava, deveria terminar por volta das 22h30min e até pegarem todas as suas coisas e chegarem em Inarajan demoraria mais ou menos uma hora, sendo assim teria tempo suficiente para chegar na vila, explorar o submarino e ver se encontrava algumas evidências para incriminar o ladrão e sua gangue, inclusive o povo do sul da ilha, que também deveria estar envolvido com o crime do passado. Imaginou receber as honrarias com a resolução desse caso, quem sabe, enfim, conseguiria provar ao contra-almirante todo seu valor como um futuro oficial da marinha.

Chegou na vila por volta das 23h00, meia-hora antes da previsão da chegada do grupo. Imaginou que um submarino deveria estar escondido próximo à costa onde havia pouca visibilidade para quem

estava nas areias da baía e partiu para lá, sem pensar duas vezes. Certamente que estaria lá, entre duas rochas em um píer improvisado.

Viu quando alguns Chamorros trancaram a embarcação e voltaram para a vila. Agora era sua chance, correu até o píer e se inclinou para ver através do vidro da cabine, descobrindo ser um submersível diferente dos que estavam atracados na base naval de Guam. Aliás, se lembrara de um projeto que seu pai havia lhe mostrado muito parecido com o que estava vendo.

Thomas Wolf havia pedido para construir de acordo com o projeto desenvolvido por ele e os engenheiros da marinha americana. Agora tinha certeza, eles roubaram o submarino da marinha e estavam a ponto de fugir, era tudo que precisava para incriminá-los por toda a vida. Sacou seu celular de última geração para tirar fotos da embarcação quando ouviu vozes muito próximas.

Desceu pelo píer, ficando pendurado nas toras de madeira que se fincavam nas areias do mar e aguardou aparecer quem for que fosse. Então, surgiram Frank e Jason carregando algumas caixas e abrindo uma porta de uma espécie de depósito na parte traseira do submarino. Voltaram para o vilarejo, deixando a porta do depósito semiaberta, imaginando que a haviam fechado, não fosse por um pequeno tronco de uma das raízes sagradas de Jason, que tinha caído de uma das caixas carregadas por Frank e ficado entre o batente e a porta da escotilha, impedindo-a de travar.

Essa foi a oportunidade que Mark precisava para adentrar a embarcação e descobrir mais coisas para mandar ao seu pai. Acendeu a lanterna de seu celular, fechou a porta da escotilha, travando-a por dentro, e começou a abrir as caixas que haviam sido perfeitamente encaixadas em um espaço para não se mexerem durante a viagem.

O garoto começou a investigar caixa por caixa por mais ou menos uma hora, tirando fotos de tudo o que havia lá, não deixando passar nada. Quanto mais pudesse incriminar esses ladrões melhor seria, já imaginando o perfume e o sabor da fama que conquistaria.

Foi quando viu uma caixa escrita com letras grandes a seguinte palavra de alerta: “Cuidado”! Mark foi tomado de uma curiosidade assombrosa com a certeza que o conteúdo dessa caixa seria seu trunfo, mas ao abrir se deparou com uma linda planta, que tinha em seu caule algumas pequenas flores de coloração branca e traços avermelhados, envolvida em uma redoma de vidro que a protegia.

Deu-se conta de que havia sido colhida recentemente, pois percebeu que suas folhas estavam ainda com uma cor verde bem vibrante. O garoto, pensando que só podia ser coisas desses índios e suas crenças idiotas, jogou tudo no chão, quebrando a cúpula que a preservava e espalhando suas folhas por todos os lados do depósito, não reparando que uma delas havia caído e ficado presa entre seus cabelos.

Passados alguns minutos, Mark sentiu seu corpo estar esgotado, como se algo tivesse sugado sua energia de uma hora para outra, suas pernas começaram a fraquejar, tentou de toda maneira chegar à porta do depósito para sair daquele maldito lugar, mas não tinha forças para abrir a maçaneta. Seus dedos foram escorregando, o seu corpo começou a pesar uma tonelada e suas pálpebras não aguentaram a empreitada, se fechando completamente. Mark caiu ao chão como uma pedra e adormeceu por algumas horas tomado pela toxina utilizada por Jason para ajudá-lo a dormir em dias fortes de insônia.

Então Mark ouviu um barulho muito forte, vindo de alguma coisa próximo a ele. Continuou dormindo imaginando estar em uma guerra ao lado de tropas americanas, comandando um exército

inteiro. Ouviu mais um ruído muito forte, dessa vez ao seu lado esquerdo, e seu corpo foi jogado com muita força para o canto, abrindo seus olhos aos pulos. Era o barulho das turbinas do Submarino que o faziam descer para um mergulho por entre as águas do Oceano em uma velocidade monstruosa. Não acreditava que havia dormido e embarcado junto com aquele bando de criminosos para dentro do oceano.

Precisava falar com seu pai, mas estava sem sinal algum, foi quando ouviu da parte da frente do submarino algo que o deixou ainda mais preocupado:

— Conseguimos nos esquivar desse ataque a míssil — gritou Jason feliz, mas ao mesmo tempo preocupado, pois este seria apenas o primeiro.

— Por que estão fazendo isso? — questionou Frank?

— Lembram o que aquele capitão nos falou quando estávamos indo para Rota? Que achavam ter submarinos inimigos na região? Talvez achem isso da gente — argumentou Walter.

Barbara continuou a olhar o radar do submarino para ver o quanto ainda estavam longe do destino do grupo, e concluiu que faltavam duas horas para chegarem à região da Fossa das Marianas.

— Ainda temos muito tempo para navegar, e a essa altura todos já devem estar nos esperando com uma recepção de boas-vindas nada agradável. Precisamos descer ainda mais, abaixo dos seis mil metros, se quisermos passar despercebidos do radar da marinha americana. Nessa profundidade há pouca comunicação e dificilmente nos detectarão.

Em sua cabeça, Mark achava que havia sido sequestrado pela gangue para vingar o que seu pai fizera com o ladrão e por terem descoberto suas intenções e iria morrer daquele jeito, sozinho, no

fundo do mar. Foi então que se deu conta de que, se tivesse sido sequestrado estaria amarrado e não solto, e compreendeu que havia entrado nessa sem querer, e que não suspeitavam de sua presença na embarcação, portanto achou melhor não fazer nenhum ruído e pensar em alguma estratégia para sair daquela situação. Se atacasse o grupo, estaria em uma condição desfavorável, pois ainda estava fraco e em menor número. Olhou para algumas folhas no chão, mas não teve coragem de pegar com medo de cair novamente e não acordar mais.

Mandou diversas mensagens no celular de seu pai, com a esperança de que conseguisse se comunicar, mas seu telefone continuava sem sinal e pelo jeito assim ficaria até voltarem à ilha. Não sabia o que fazer. Se ao menos estivesse com seus amigos para lhe protegerem desses criminosos, isso não ficaria assim. A cada minuto que passava, mais raiva consumia seu corpo e sua alma. Odiava aquele menino gringo e tudo o que ele representava. Assim que pudesse, iria saldar essa dívida, o apetite de vingança só alimentava a fúria do jovem.

— Estamos a apenas uma hora. Quase lá! — disse Barbara para os interessados.

Então enxergaram em seus radares algo muito grande vindo em sua direção naquelas águas profundas. Não podia ser, estavam sendo seguidos por um submarino americano, o USS Obstinatus, que trazia entre seus tripulantes um batalhão dos fuzileiros navais americanos. A embarcação foi ficando cada vez mais próxima, vindo em uma velocidade fora do comum para um submarino de guerra. Jason acionou o submarino para que este descesse ainda mais, pois sabia que não era qualquer embarcação que conseguia atingir profundidades extremas sem que lhe acontecessem implicações. A



velocidade foi tão forte que arremessou o celular da mão do jovem escondido, que não conseguiu encontrá-lo no meio daquela bagunça toda. O submarino *Obstinatus* não desistiu, seguiu seu alvo disparando um míssil ainda maior, que se acertasse o submersível, destruiria tudo, porém não contavam com as habilidades do capitão Chamorro.

Jason, utilizando de estratégias navais, acelerou a embarcação e bravamente apontou o submarino a um ângulo de noventa graus para baixo, atravessando cada vez mais as entranhas do oceano em um mergulho mortal, não fosse pela pressurização altamente eficaz do equipamento interno. Por sorte, Mark havia colocado um dos cintos de segurança, que serviam para segurar os pertences dos tripulantes, ao redor de seu corpo ou então teria sido atirado bruscamente contra todas as caixas do cômodo.

— Conseguimos — disse Jason com suas mãos trêmulas, ainda não acreditando na façanha que ocorrera segundos antes.

Todos se entreolharam e algumas lágrimas escorreram dos olhos de alguns.

— O que era aquilo? — perguntou Frank sem entender o que havia acabado de presenciar.

— Era um dos submarinos da marinha. Não sabia que tinha algum que chegasse a essa profundidade. Mas agora creio que não haverá mais problemas, pois estamos chegando a quase dez mil metros e nenhum submarino de guerra pode chegar a não ser...

Mas antes mesmo de Jason terminar a frase, eles se viram de frente a uma luz que não era de seu submarino.

Assim que clareou a ponto de enxergarem quem estava à frente, viram uma cópia do submarino deles, não conseguindo identificar quem estava no comando, achando mais prudente fugirem

acelerando cada vez mais a embarcação, iniciando assim mais uma perseguição, só que dessa vez com um equipamento com as mesmas habilidades que o deles.

O contra-almirante Thomas Wolf, pilotando o outro submarino, mandava-o parar via rádio, imaginando que estivesse perseguindo seu antigo inimigo Douglas, pois se tratava do mesmo submersível de cinco anos antes. O oficial, que mandou construir uma cópia parecida com a embarcação após diversos testes para deixá-lo com a mesma performance do submarino de seu rival, nunca entendera como ele havia sumido sem aparecer em seus radares e sem deixar rastros no oceano e imaginou que dessa maneira teria chances de desvendar esse mistério, e naquele momento, ao ver Douglas à sua frente, tinha certeza que não escaparia novamente de suas mãos. Já estavam próximo do solo, profundidade até então mais baixa encontrada pelo homem, a quase onze mil metros e o submarino à sua frente simplesmente não parava.

Com o torpedo acoplado ao novo submarino, Thomas mirou na embarcação do inimigo dizendo que, se ele não parasse de acelerar e se entregasse, iria destruí-lo de uma vez por todas, não se importando com o que poderia acontecer ao oceano. Sua raiva já a flor da pele, querendo de qualquer maneira parar o bandido que quase acabou com sua carreira e roubou o artefato que deveria ser seu, era muito maior do que qualquer outra coisa.

Do outro lado, todos seguiam aflitos com as palavras do militar, até mesmo Mark, que implorava a si mesmo para que não acabasse dessa maneira, nas mãos de seu próprio pai.

Não tendo mais para onde fugirem, e sendo encurralados pelo contra-almirante, eles começaram a planejar como iriam fazer para se entregarem. A decepção tomou conta do grupo por terem ido tão

longe e não concluírem a missão. Talvez nunca encontrassem as respostas do sumiço do pai de Frank. Foi então que algo sinistro aconteceu, a pedra, que até então estava esquecida no bolso do garoto, começou a flutuar ao redor dos tripulantes e, misteriosamente, uma luz branca que emanou de dentro da pedra cegou a todos, incluindo Mark que mesmo na parte traseira do submarino viu um estranho clarão propagar por todas as paredes da embarcação e, no mesmo instante, o submarino entrou em um silêncio total, pois as pessoas que ali se encontraram se puseram a dormir em um sono profundo, apagando completamente.

Essa era a visão de quem estava dentro do submarino da frente, já a visão de Thomas foi completamente diferente. Ele viu quando saiu de dentro da embarcação fugitiva uma luz estridente, como se fosse uma explosão de uma estrela, rasgando o oceano em uma fissura estreita de uns cinco metros de altura por três metros de largura, engolindo o submarino à frente por inteiro, e se fechando instantaneamente, como se fosse um portal mágico, deixando o almirante e seu submarino novamente sozinhos na imensidão do oceano pacífico.

O grupo abriu os olhos após algumas boas horas de sono e já não se encontrava naquela vasta escuridão, ao contrário, o fundo do oceano parecia ter ganhado vida, com peixes, corais entre outras vidas marinhas, em um colorido extraordinário.

Frank observou que a pedra voltava a se acomodar em seu bolso e não brilhava mais. Olhou para todos e constatou que os outros quatro estavam bem e, assim como ele, estavam incrédulos ao perceberem que a iluminação se dava por peixes que emanavam uma luz branca amarelada, parecendo com uma lâmpada. Havia seres nunca vistos pelo grupo e essa poderia ser uma grande descoberta

para a humanidade.

Barbara, que estava com o caderno de Douglas em suas mãos, começou a tomar nota de tudo o que vira até aquele momento, para não esquecer quando voltassem para suas casas, desde a perseguição da marinha, o brilho que os apagou misteriosamente até as estranheza e bizarrices do fundo do mar. Então ouviram um barulho forte seguido de uma queda de energia de dentro do submarino, que começou a emergir cada vez mais para a superfície em alta velocidade. Jason tentou religá-lo, mas sem sucesso, foi quando, ao olhar para o medidor de oxigênio da cabine, percebeu que estava se esvaziando muito rápido, aterrorizando todo o grupo com medo de lhe faltarem o bendito gás.

Chegaram à superfície em poucos minutos e se encontraram dentro de algo que lhes parecia uma caverna gigantesca, como uma grande galeria, onde não conseguiam enxergar o final ou alguma parede que a limitava, sem um céu acima de suas cabeças, mas ainda assim extremamente iluminada, como se fios de led descessem dos tetos, iluminando o ambiente, conectados a uma rede elétrica imaginária, ou então com um teto de vidro onde se pudesse ver um céu completamente estrelado.

Abriram a escotilha que separava a turma da misteriosa caverna sem pensar nas consequências, talvez pela falta de oxigênio que já deixara o time sentindo os primeiros sintomas. Estranhamente, na caverna não faltava oxigênio, portanto, puderam retirar seus trajes de mergulho, deixando-os no submarino e agradecendo por este achado. Começaram a olhar ao redor, mas não encontraram a fonte da iluminação da caverna achando tudo muito enigmático o que viram desde que acordaram, até que escutaram um barulho vindo de dentro do submarino como se algo, ou melhor, alguém quisesse sair

do depósito às pressas.

Ao abrir a porta traseira do submarino, não puderam acreditar no que viram. Saía ninguém menos que o filho do contra-almirante que os perseguia, com uma mochila às costas. Mark encarou os cinco que não entenderam como o rapaz estava ali à frente deles, mas não tiveram chance de questionarem, pois esse saiu correndo para o lado extremo de onde a embarcação havia parado, se perdendo do grupo, enquanto gritava com os peitos cheios de ódio, ameaçando-os e dizendo que iriam se arrepender por terem mexido com ele e sua família.

Jason entrou pela porta do depósito que estivera semiaberta e encontrou as caixas todas reviradas, além de pedaços de vidro espalhados no chão com algumas pétalas da planta da qual ele próprio utilizava as toxinas para vencer a insônia que assolava suas noites há mais de dez anos, desde a morte de sua esposa. Precisariam arrumar toda a bagunça criada pelo garoto antes de descobrirem em qual caverna estavam e, então, adentrarem a galeria para procurar o garoto fujão para que este não se metesse em mais encrencas onde quer que estivessem.

## **Uma missão suicida**

— General, foi detectado outro estrondo fortíssimo de alta magnitude na região da Fossa das Marianas registrando ondas eletromagnéticas como naquela ocasião ocorrida dias atrás — reportou major Burnett a seu superior.

— Me coloque agora mesmo em contato com o contra-almirante Wolf em Guam, ou onde é que esteja! — ordenou o chefe.

— Consegui contato com o Major Preston, que comanda o Esquadrão Submarino Quinze, alegando perda de comunicação com o almirante, pois estava justamente mergulhando as profundezas da depressão quando verificaram a grande liberação de energia. Ainda não sabem o que aconteceu, muito menos o paradeiro dele. Exigi que, assim que souberem de algo, nos reportem antes de mais nada. O coronel Oliver, quem liderava os fuzileiros navais a bordo do USS *Obstinatus*, relatou que perseguiram um submarino que vagava em alta velocidade, mas o perderam de vista, pois atingiu uma profundidade que nossa embarcação não fora construída para navegar.

— Nossos homens estão na infantaria, oficial. De frente com um inimigo desconhecido, e não devemos deixar que algo ruim aconteça com esses bravos guerreiros e muito menos com a humanidade em geral. Avise o tenente-general Erik Morgan que partiremos em três horas para as Ilhas do Pacífico — ordenou o general George Nelson.

— Peça para que preparem o *Blackbird* o mais rápido possível, major. Essa aeronave pode atingir até 3.700km/h, sendo assim, chegaremos em Guam o quanto antes.

— Sim, senhor — bradou o major, batendo em retirada do recinto.

— Assim que souberem do contra-almirante Wolf, avisem-no que iremos conversar em Guam ainda hoje.

O general desligou seu celular, pois não parava de tocar. A essa altura, os membros da ONU já estavam a par da situação e lhe cobravam uma posição quanto aos desastres ambientais que estavam acontecendo na região, e não tolerariam tamanha afronta, uma vez que foi acordado não utilizarem de artifícios que pudessem causar alguma catástrofe ambiental. Um míssil direcionado para o local errado poderia ocasionar tsunamis que devastariam ilhas na região, inclusive Guam. Apressou-se para pegar suas coisas em sua gaveta, olhando uma foto de seu neto dando seu primeiro sorriso no colo do avô coruja, já amassada de tantas vezes que o oficial a olhava.

— Eu voltarei, meu garoto — disse aquele senhor tentando acreditar em suas próprias palavras.

————— # # # —————

O submarino religou sozinho como se tivesse vida própria e imediatamente suas portas se fecharam para submergir em um mergulho veloz, desaparecendo imediatamente dos olhos do grupo. Não haviam terminado de retirar suas coisas da embarcação, ficando algumas caixas importantes, incluindo os trajes de mergulho que poderiam ser úteis caso precisassem entrar novamente na água. Já não havia rastros da embarcação, deixando dúvidas em suas cabeças até Barbara iniciar um sorriso que fez Frank e Walter entenderem na hora o que se passava na cabeça da garota.

— Ele voltou para onde o encontramos, não foi? — deduziu

Frank.

Walter e Barbara concordaram com um gesto afirmativo de cabeça.

— Por isso as anotações de Douglas haviam ficado no submarino, não tendo tempo de pegá-lo antes de ele sumir nas profundas das águas da caverna. Deve haver algum mecanismo automático fazendo com o que o submarino, depois de consumir grande quantidade de energia, volte até sua base na caverna para recarregá-lo. Por isso, quando o encontramos, ele estava com a bateria completa — respondeu Barbara matando a charada, e vendo os olhos de seu amigo brilharem por conta das palavras proferidas pela garota.

— Hum, quando estivemos lá na caverna, não percebemos se havia alguma base que o recarregasse. Deve ser isso então — ponderou Frank.

— Bem pensado, Frank.

— Então, meu pai esteve mesmo aqui onde estamos. Sinto que logo estaremos juntos. Vamos em frente, pessoal. Não temos tempo a perder!

————— # # # —————

Thomas Wolf se encontrava em uma reunião com o recém chegado general para explicar tudo o que acontecera. Havia retornado do mar há algumas horas e já estava na base naval da marinha em Guam. Dessa vez, pôde entender sem ainda compreender como o ladrão tinha desaparecido novamente de seus olhos. A energia que haviam identificado em seus radares se tratava de um portal que fora aberto à sua frente, engolindo o submarino que perseguia e fechando quase que imediatamente.



— Um portal? — indagou o grande chefe das forças armadas. — Você bateu forte com a cabeça, Wolf?

Ouvindo o que havia falado a seu superior parecia mesmo com um maluco. Mas era a pura realidade.

“Será que havia sido assim que aconteceu da outra vez?” — questionou-se o oficial.

— Senhor, não me deixe fora desse caso. Minha equipe e eu iremos descobrir o paradeiro desse marginal e colocá-lo na cadeia, que é de onde nunca havia ter saído! Tenho certeza que se trata do mesmo ser que roubou em nossas terras no passado. Mas dessa vez ele não sairá impune.

— Como posso acreditar em você, contra-almirante, se este homem sozinho fez o senhor e este quartel de bobo duas vezes e nem sequer foi pego? Ainda por cima, ninguém tem alguma pista de onde o submarino esteja.

Nesse momento, Thomas sentiu seu celular vibrar diversas vezes, sem parar. Mensagem atrás de mensagem chegava como se alguém estivesse querendo muito falar com o almirante. Pediu licença a seu superior e se pôs a ver quem o incomodava, ficando furioso quando descobriu ser do celular de seu filho. “Esse maldito menino me atrapalha justo agora em um momento crítico como esse!” — pensou Thomas quase desligando seu aparelho, quando chegou mais uma notificação com a mensagem dizendo algo sobre o submarino do ladrão.

Imediatamente, o almirante a abriu e começou a tremer a cada palavra que lia no dispositivo. Mark dizia estar no submarino com o filho do bandido que fugiu cinco anos atrás e que eles haviam sequestrado o garoto, deixando-o em apuros. Então, como um raio que passou por sua cabeça, pensou que quase havia matado seu filho

quando ordenou o ataque ao submarino e, por sorte do destino, não disparou o míssil fatal que destruiria por completo todos que estivessem a bordo.

Naquele momento, a coisa ficou séria, seu único filho havia sido sequestrado pela família do bandido que se escondia em algum lugar do oceano, mas não sabia onde.

Foi então que Thomas Wolf teve a brilhante ideia de rastrear o celular de Mark, pois se estava recebendo suas mensagens é porque estaria em algum lugar que havia sinal de telefonia. Explicou o que acontecera ao general e pediu uma pausa na reunião para ordenar aos hackers da Marinha, sob o comando do major Preston, que rastreassem o celular de seu filho para descobrir onde estariam os criminosos.

Passados alguns minutos, recebeu o relatório de que as mensagens vieram através da torre de telefonia fixa na Ilha de Rota, mais precisamente na caverna Senhanon, onde era conhecida também por Rota Hole e pela famosa e turística experiência de Jesus.

O general, junto de Erik e Thomas, reuniu as unidades de combate disponíveis e foram para a caverna atrás da última localização do garoto. Utilizando de pequenas embarcações para submergirem nas águas da caverna, chegaram a um local que parecia uma estreita galeria entre o amontoado de grutas e onde havia um pequeno submarino estacionado, muito parecido com o que Thomas utilizara para perseguir os criminosos.

Os oficiais, com todo o treinamento de abordagem militar, se aproximaram da embarcação, cercando-a por todos os lados. Um dos soldados abriu a porta da frente, enquanto um segundo abriu a porta do depósito ao fundo do submarino. Estava vazio, com exceção de algumas caixas de suprimentos jogadas, que, por alguma razão, não

havam sido retiradas da embarcação, e o celular de Mark, que piscava o led azul de notificação de mensagens.

O contra-almirante Thomas, próximo de conhecer o interior daquele submarino que assombrou os seus sonhos ao longo desses últimos anos, sentia-se realizado e confiante por ter encontrado essa grande pista e poder mostrar a seu superior que não estava para brincadeiras.

— De acordo com o sequestrado, eles estavam em cinco, senhor!  
— pôs-se a falar Thomas ao General George Nelson.

— Vamos encontrar seu filho, contra-almirante. Eu imagino o quanto deve estar sendo difícil para o senhor descobrir que seu único filho está nas mãos desses criminosos — disse o general, se espantando com o sorriso estampado no rosto de Thomas. Mal sabia ele que o oficial não ouvira nenhuma palavra proferida por seu superior. Sua cabeça estava voltada apenas na grande oportunidade de, enfim, encontrar o maior rival que houvera coragem de enfrentá-lo. Eles os tinham encurralados e seria impossível escapar desta caverna que, se dependesse de Thomas, faria o máximo para transformá-la na catacumba de Douglas e de sua gangue.

— Coronel Oliver, reúna seus homens e tragam o máximo de suprimentos que puderem carregar, vamos naquela direção — indicou o contra-almirante com o dedo esticado, mostrando a única passagem quase que imperceptível daquela grande e tenebrosa caverna onde se encontravam.

Os oficiais adentraram o interior da gruta através da porta de calcário onde fora revelada, mediante à absoluta escuridão, uma imensa galeria de pedras e estalactites gigantescas, extremamente afiadas que desciam a fio por vários metros, e que deveriam estar ali, crescendo para baixo em direção ao chão através de lentas

precipitações de carbonato de cálcio, por milhares de anos.

Utilizaram desde lanternas e headlamps, que são aquelas luminárias que se utilizam com uma cinta em volta da cabeça ou capacete, até holofotes e balões iluminados para clarear o caminho naquele ambiente inóspito e nada convidativo.

O esquadrão de fuzileiros navais, que eram treinados para atuar em ambientes com essa dificuldade, foram à frente, abrindo caminho para que o restante dos oficiais fosse em segurança até chegarem a um desfiladeiro, cuja única saída era o precipício.

— Isso é loucura. Nenhum homem sob o meu comando irá descer por entre um penhasco onde sequer é possível enxergar algo. Deve haver outro caminho.

— General, não há outro caminho, o senhor viu com seus próprios olhos. Quem veio no submarino certamente desceu por aqui. Não podemos deixar que o terrorismo nos vença. Pense como será se descobrirem que não os pegamos por conta de um receio do escuro. Somos treinados a não temer nada e a ninguém — bravejou Thomas, que a essa altura não respeitava mais hierarquia alguma, tomado pelo sangue nos olhos e pela adrenalina de estar cada vez mais perto de encontrá-lo.

O general sabia que o risco era enorme, mas o contra-almirante Wolf o havia colocado em uma sinuca de bico, deixando-o sem saída. Se desistisse, seria rotulado de covarde, perdendo a credibilidade perante seus subordinados, porém, se concordasse em descer com os demais, colocaria não só sua vida, mas a de todo o pelotão em perigo. De qualquer maneira, a mídia iria fuzilar as forças armadas dos EUA, e ele seria pra sempre lembrado por colocar todo o planeta em risco, e esqueceriam tudo que aquele senhor havia feito pela humanidade.

Só teria uma maneira de sair como herói daquela situação, se

conseguissem encontrar os responsáveis pela explosão e por toda a confusão dos últimos dias e os fizessem pagar, mesmo que para isso ele não saísse com vida daquela prisão subterrânea.

“Me desculpe, neto querido. Infelizmente não vou poder estar contigo em seu primeiro aniversário, assim como não estive presente na vida de meus filhos. Prefiro que você cresça e tenha orgulho de seu avô por ter sido um herói morto em batalha do que um covarde que deixou seus homens morrerem a protegê-los” — pensou o general consigo mesmo. Com lágrimas nos olhos e voltando-se para seus homens, disse:

— Vamos de uma vez, oficial. Tem a minha permissão para continuarmos com essa missão suicida.

## **Reconhecendo o terreno**

Por sorte, retiraram a caixa com os mantimentos antes do submarino sair em disparada, pois não teriam o que comer durante a jornada. Resolveram parar em um local com pouca umidade, algo difícil de encontrar dentro de uma caverna, que, como imaginavam, estava abaixo do nível do mar. Jason retirou de sua mochila, uma panela onde prepararia um arroz para matar a fome do grupo, misturando ao cereal cozido, peixes em conserva e alguns legumes enlatados. Algo rápido para não perderem muito tempo parados no mesmo local, pois não sabiam que tipo de animais viviam naquele ambiente hostil.

Suprimam suas energias, lavaram seus pratos com um fio de água que escorria de enormes estalactites e apertaram o passo. Acreditavam estar ainda no meio da tarde, por volta das 14h00. Seus celulares e relógios deixaram de funcionar logo que adentraram a caverna, assim como as pilhas que davam a energia para suas lanternas funcionarem. Misteriosamente, o local estava iluminado por inteiro, que Frank veio a descobrir através dos ensinamentos do chefe Chamorro se tratar de *Arachnocampas* luminosas, uma espécie de mosca, cujas larvas se alocam no teto das cavernas e soltam um fio de seda envolto com uma espécie de muco, que possui bioluminescência capaz de produzir luz, fazendo com que o local, assim, parecesse um céu estrelado.

— Esse tipo de inseto é proveniente das ilhas da Nova Zelândia, desconheço outra caverna que esteja tão infestada desse tipo de

animal — disse Jason aos demais.

— É lindo e mágico! — disse Barbara encantada com tamanha beleza.

— Vamos prosseguir — insistiu Walter. — Aqui não parece um local bom. A mãe natureza prega peças nos humanos. Tudo que parece belo tem seu nível de perigo acentuado.

O grupo levantou equipamento e começaram sua trilha rumo ao rastro de Douglas. Passaram por lugares que jamais imaginavam presenciar. Cada cenário digno de filmes de ficção e também suspense. Passados algum par de horas e algumas galerias, o grupo encontrou a primeira dificuldade, uma bifurcação onde constavam dois acessos entre rochas pontiagudas, sendo que em ambas não havia a magia dos insetos para iluminar as passagens.

Os companheiros decidiram que iriam apenas duas pessoas em cada caminho para averiguar o trajeto e em dez minutos voltavam para relatar o percurso da trilha, para então escolherem por onde o grupo iria seguir. Barbara e Walter seguiram pela abertura da esquerda enquanto Jason e Emmy atravessaram a porta de pedras do lado direito. Frank ficou na retaguarda, de vigia, para o caso de Douglas aparecer por ali.

Passados cinco minutos de um silêncio angustiante, o garoto sentiu mais uma vez sua perna vibrar de um jeito que já estava se acostumando. Frank retirou a pedra de seu bolso e começou a analisá-la, mas nada de importante aconteceu. Virou-a de um lado e do outro, no entanto, parecia que não havia sinal de interação alguma com o jovem, até que, por sorte, ele alinhou o artefato a porta que estavam Walter e Barbara e essa se iluminou com uma luz fraca, parecendo querer indicar o caminho correto.

Alinhou então para a segunda abertura à direita, porém a luz foi

perdendo a intensidade até apagar-se por completa. Frank adentrou a segunda porta e encontrou Jason e Emily voltando, ambos dizendo que, em um trecho do caminho, houve um deslizamento de pedras, travando-o por completo, sendo impossível transpassar. O garoto disse que já imaginava e que a pedra de alguma maneira lhe mostrara o caminho a seguir.

Entraram então onde estavam seu avô e sua amiga e andaram por um bom tempo. Já havia passado a hora dos dois terem voltado, mas nenhum sinal dos amigos. Seguiram adiante com mais velocidade, o raro objeto ajudando a iluminar, mesmo que fracamente, a passagem de rochas rústicas da trilha, até que finalmente ouviram vozes vindo mais à frente. “Algo aconteceu para não terem retornado”, estimou Frank preocupado, uma vez que viu de longe seu avô abaixado.

Correram para alcançarem seus amigos com medo de que algo pior tivesse acontecido até que perceberam que não se ouvia desespero vindo dos dois, mas sim um tipo de sussurro. Acalmaram-se ao ver que Walter não havia se machucado, na verdade, haviam perdido o tempo por conta de uma pista que encontraram no chão daquela nova galeria.

— Por que vocês não voltaram? Ficamos preocupados com o que poderia ter acontecido com vocês! — reprovou Emmy, com lágrimas nos olhos por ver seus amigos bem.

— Desculpe — disse baixinho. — Não prestamos atenção no tempo. Quando estávamos chegando aqui, percebemos que a galeria estava iluminada e a primeira coisa que descobrimos no chão foi essa pista. Talvez por causa da escuridão não encontramos nada no caminho, mas, agora, por conta desses minúsculos filhos de Gaia que iluminam um pouco essa parte da gruta, pudemos notar mais essa



pegada! — disse Barbara sorrindo para Frank, que se atirou no mesmo instante para analisar junto de seu avô.

— Você acha que pode ser de meu pai? — questionou Frank.

— Grandes chances de ser. O tamanho é muito parecido e se me recordo bem o desenho do solado se parece com aquela marca de botas para trilhas que Douglas sempre gostou de usar.

— Seguiremos as pegadas para ver até onde seu dono foi — disse Jason.

Os dois se levantaram e começaram a seguir o suposto rastro de Douglas. Frank olhou para a pedra e essa já não respondia com nenhuma mensagem, sendo assim, achou mais prudente guardá-la dentro do saquinho de veludo em seu bolso.

Andaram por mais uns vinte minutos, passando entre diversos tipos de obstáculos, rochas altas, poças de água que se formavam com pingos de água salina que descia pelas estalactites, e mais rochas no caminho. Cansados e já com pouquíssima água em seus cantis que racionavam durante o árduo caminho, resolveram aguardar um pouco para recuperarem as energias. Mas Frank, que já estava à frente da expedição, voltou correndo para avisá-los que encontrara um tipo de lago de águas que pareciam ser profundas. Chegaram ao local e viram que o lago era de água doce. Jason se certificou que a água era potável e que o grupo podia encher seus cantis, matando assim a sede que já ressecava a garganta dos aventureiros.

— Aqui é o fim da linha. Não encontrei mais nenhuma pegada de meu pai. Olhei por todos os lados e a última pegada estava em frente a esse lago — disse Frank desolado. — Não encontrei também nenhuma outra saída deste salão. Acho que devemos voltar e tentar desobstruir a outra passagem.

— Vamos encontrar o restante das pegadas, Frank. Certamente,

essa que seguimos ele havia vindo se refrescar como estamos fazendo. É só voltarmos e encontrarmos algum outro rastro para continuar o seu trajeto — ponderou Barbara, tentando animar seu amigo. — Por ora, dê um mergulho para dar uma aliviada na tensão. Dizem que a água gelada de cachoeira incentiva na circulação fazendo o corpo bombear o sangue com mais eficiência. Com lagos em uma caverna assustadora deve ser a mesma coisa — brincou Barbara para descontrair e deixar o amigo mais tranquilo. — Quem sabe chegamos a alguma conclusão se pensarmos melhor?

Frank aprovou, como sempre, a sugestão de sua inteligente companheira e se jogou no lago de cabeça, sem pensar em retirar a roupa na frente de Barbara. A água estranhamente não era gelada como a garota havia mencionado, mas estava extremamente escura, não sendo possível enxergar um palmo à frente do nariz. Olhou pra cima e reparou como eram lindas as luzes que emanavam daqueles seres minúsculos, mas estranhamente maravilhosos que habitavam a caverna.

Olhou também para o reflexo de sua amiga, ou a silhueta que dali enxergava, tentando imaginar Barbara aflita o procurando dentro do lago, já com o coração na mão por ainda não ter voltado. Frank, mais relaxado, estava pronto a voltar à superfície quando percebeu outra vez um brilho intenso em seu bolso. Era a pedra querendo se comunicar novamente com o garoto.

Abriu o zíper e retirou-a do bolso com todo cuidado para que não caísse e se perdesse nas águas escuras e reparou que esta não estava em seu porta-joias habitual. A pedra iluminou algo a alguns metros que parecia ser uma abertura por entre as rochas que sustentavam a gruta. Subiu novamente à superfície, inspirou o máximo de oxigênio que seus pulmões conseguiriam suportar e desceu de novo em

um mergulho veloz, se aproximando do buraco para ver o que havia dentro daquela passagem subterrânea.

Nadou por quase dois minutos e então subiu para comprovar a existência de alguma superfície onde teria oxigênio para fornecer aos seus pulmões que já ansiavam pelo gás. Expirou todo o ar preso no peito e respirou tranquilamente. Olhou para cima e viu que estava em outra galeria daquela infindável caverna, mas desse lado havia poucos insetos no teto, iluminando pouca parte daquele salão subterrâneo. Percebeu que quanto mais adentravam a caverna mais a escuridão aumentava, pois dificilmente os seres conseguiriam viver naquele ambiente hostil.

Era hora de retornar para avisar aos seus companheiros por onde deveriam seguir. Chegou novamente ao outro lado do lago e subiu rapidamente para contar a novidade quando se deu conta que Barbara, já aos soluços, chorava pela falta dele. Observou também que Walter e Jason estavam à sua procura nas águas escuras.

— Você quer nos matar do coração? — brigou Barbara com lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Desculpe-me. É que eu encontrei a passagem para o outro lado. Está abaixo dessas águas, em uma fenda no meio das rochas.

— Mas como vamos encontrá-la? — questionou Walter. — Nossas lanternas não funcionam e nosso equipamento de mergulho ficou no submarino.

— A pedra me guiou e eu posso guiar vocês. A travessia não leva mais de dois minutos então eu os levo, um a um para o outro lado.

— Mas você vai ficar esgotado, Frank. Serão sete cruzamentos que deverá fazer — ponderou Jason.

— Não tem problema. Descansamos assim que chegarmos à outra margem do lago. Levarei você primeiro, vovô.

Walter segurou no ombro direito de Frank e ambos mergulharam no lago negro de águas cristalinas. A pedra já não iluminava mais o caminho, mas o garoto havia decorado como fazer a passagem e não foi um problema. Em um pouco mais de dois minutos atravessaram, demorando um pouco mais do que o previsto por conta da dificuldade em se locomoverem estando os dois grudados, mas nada que uma boa quantidade de oxigênio não melhorasse.

Frank aguardou alguns segundos e voltou a descer em direção aos outros amigos. Agora foi a vez de Barbara, também não tiveram grandes dificuldades. Novamente o rapaz encheu o pulmão com oxigênio novo e desceu para buscar sua outra amiga, Emmy. Com sinais já de cansaço extremo, Frank demorou mais que dois minutos e meio para atravessar a garota, mas como essa vivia em uma ilha, já estava acostumada a ficar um longo período submersa.

— Deixe que eu vou em seu lugar buscar Jason — disse Walter.  
— Acho que eu consigo atravessar para o outro lado.

— Não, vovô. Você nadou no escuro sem enxergar coisa alguma. Eu sou o único que viu o caminho e sei chegar à outra margem.

— Então descanse um pouco mais — pediu Barbara preocupada.  
— Recupere suas forças e seu fôlego, pois você pode não aguentar.

Frank não havia chegado tão perto para cair por tão pouco. Ele tinha plena certeza que conseguiria terminar a tarefa e não queria que Jason ficasse do outro lado sozinho, sem notícias de sua filha, então mergulhou novamente e nadou com dificuldade em direção ao chefe. Chegou exausto e contemplou o guerreiro à sua espera esticando sua mão para ajudá-lo a sair do escuro lago.

— Meu jovem, vejo o quanto debilitado você ficou por conta da responsabilidade que assumiu em levar todos em segurança. Aguardaremos um pouco mais até que você recubra suas forças.

Frank assentiu com a cabeça e sentou ao lado de Jason. Ambos se olharam, mas não pronunciaram palavra alguma, apenas um sorriso que o grande chefe exibia em seu rosto quadrado, sorriso este que de uma hora para outra deixou de existir, tomando lugar uma cara apavorada por conta do perigo eminente, deixando Frank extremamente preocupado.

— Que barulhos são esses? — questionou o garoto.

— Algum tipo de animal, creio eu, aliás mais do que um. Vamos, garoto, precisamos ir agora!

Os dois entraram no lago, Jason segurando o ombro de Frank e partiram para o outro lado com todas as forças que o jovem rapaz ainda possuía. Assim que conseguiram atravessar a fenda, Frank começou a diminuir drasticamente a velocidade de suas braçadas, já com extremo cansaço físico e sem energia suficiente para manter seu corpo acordado, desmaiou engolindo grande quantidade de água. Diante disso, Jason o agarrou pela cintura e, com a força de um urso, levou o garoto até a margem onde estavam seus amigos à espera.

— Frank! — gritou Barbara.

Jason o tirou da água com a ajuda de Walter e deitaram o garoto no chão. O chefe então começou uma massagem cardíaca para extrair a água que o rapaz havia engolido, porém este não respondia à pressão exercida sobre seu peito e a respiração boca a boca. O virou de todos os lados, mas parecia que Frank não queria voltar à vida. Barbara e Emily, desesperadas, gritavam por seu nome e choravam copiosamente, enquanto Walter se segurava para não desabar.

Após várias tentativas em acordá-lo sem qualquer reação do garoto, Jason virou-se para seus amigos que já esperavam pelo pior.

Frank abriu seus olhos e se viu em um lugar escuro, sozinho,

sem seus amigos por perto. Perguntou-se onde estava e começou a caminhar. Em sua cabeça, imaginou ter andado por muito tempo, mas reparou que não saía do lugar, apenas movimentava suas pernas em vão. O local era um breu só, a escuridão reinava e não se ouvia mais nada, a não ser gotas de água que pingavam a cada exatos dez segundos. Resolveu caminhar em direção ao som da goteira e o barulho foi ficando cada vez mais perto e intenso.

A cada passo do garoto diminuía o tempo entre uma gota e outra para cinco segundos, quatro, três e assim seguindo até não haver mais intervalo e o som de água corrente se apresentar. Frank olhou para baixo e viu suas pernas submersas em uma espécie de lago. Percebeu, então, que conseguia enxergar, mas ainda continuava muito escuro, somente podendo ver a água do lago que tinha uma coloração azulada e um brilho diferente.

A água que já cobriam suas coxas foi subindo cada vez mais chegando à sua cintura. Frank começou a se preocupar e tentar sair daquele aguaceiro que, rapidamente, aumentava de tamanho, já cobrindo seu peito e subindo cada vez mais. O rapaz se debateu, gritou por socorro, mas ninguém apareceu. A água chegara em seu pescoço, sua boca e então suas narinas.

O menino tentou prender a respiração o quanto pôde, mas uma força estranha o impediu, fazendo-o respirar toda aquela água, que logo preencheu toda a cavidade nasal, descendo pela faringe, laringe, traqueia e brônquios até enfim chegar aos pulmões. Nessa hora o garoto deveria já estar inconsciente, mas inexplicavelmente Frank observava tudo. O movimento não durou sequer dez segundos e o menino começou a sentir as águas azuis voltando todo o caminho por onde haviam entrado, refazendo o percurso contrário.

Frank olhou ao redor e a escuridão havia diminuído. As águas

que o envolviam haviam baixado e seu corpo estava livre de qualquer impedimento. As águas que ainda o consumiam internamente chegaram às suas narinas e foram expelidas em jatos, com a deslumbrante cor azul brilhante. Porém, em seguida, o azul deixou de reluzir dando lugar a uma água preta, sem vida, esvaziando de vez seu pulmão que outrora havia estado cheio desse líquido. Enfim, o garoto pôde voltar a sentir o oxigênio atravessar suas narinas novamente e encontrar Barbara debruçada sobre seu peito.

A menina abraçou Frank com tanto carinho que o rapaz, se não tivesse ainda frágil, a beijaria calorosamente.

— Garoto, você consegue caminhar? — perguntou Jason.

— Calma, grandalhão. Deixa ele descansar um pouco mais e recuperar suas energias. Tudo isso exigiu muito de seu físico — ponderou Walter.

— Não temos tempo a esperar. Estamos sendo seguidos desde a outra galeria e não se sabe que tipo de animal pode habitar essa lendária caverna. Você consegue andar? Senão eu tento carregá-lo.

— Pode deixar, chefe. Eu consigo, sim.

— Então vamos, não temos tempo a perder.

Andaram mais alguns passos por entre rochas e pedregulhos percorrendo uma pequena distância quando Frank pediu para parar mais um pouco pra ele poder respirar. Jason, abaixando ao chão para verificar como o rapaz estava, ouviu um grito bem próximo a eles quando então, subitamente, sentiu uma enorme pancada na região de suas costas, não fosse por sua força teria caído por cima de Frank.

— Socorro! Ahhhhhh... POOOFF!

— Quem é você, garoto? E o que faz por aqui? — gritou Jason, tomando um susto após receber uma trombada de um menino que

surgira do nada e que parecia ter por volta de uns quinze ou dezesseis anos de idade.

— Eles estão atrás de mim. Me ajudem, por favor!

— Quem estão atrás de você? — perguntou Walter, se colocando em posição de ataque.

E, antes que o jovem desmaiasse, com a pouca energia que lhe sobrava pronunciou uma palavra que deixou a todos intrigados:

— Peixomens...



## **O batalhão se divide**

Os peritos em rapel prepararam os equipamentos para a descida daquele abismo, entrelaçando um amontoado de cordas e mosquetões naquelas rochas de enorme calibre. Cintos de segurança eram vestidos por todo o pelotão, incluindo a alta patente, iniciando assim o processo para chegarem ao ventre da caverna. Foi uma longa descida, de aproximadamente quarenta e cinco minutos, até atingirem um solo úmido, proveniente de um pequeno rio que passava por ali.

A escuridão só não era maior devido aos equipamentos que os oficiais carregavam, pois nem mesmo um fóton de luz havia naquele inóspito lugar. Após a chegada do restante do grupo, partiram na direção de onde corria o fluxo do riacho. Não havia pistas, pegadas ou outra coisa que pudesse revelar o paradeiro dos criminosos. Continuaram o percurso atravessando para outro ambiente ainda cheio de pedras, mas dessa vez com a vazão de água já menor, parecendo perder força a cada metro percorrido.

Naquela profundidade em que se encontravam, era improvável haver qualquer tipo de vida. O próprio oxigênio já era uma dádiva terem em abundância para respirarem, mas, ainda assim, com o ambiente agressivo somado ao fato de não ter nenhum alimento à disposição era quase impossível ter alguma espécie viva.

Bom, era o que pensavam até descobrirem alguns metros à frente uma quantidade de ossos de um esqueleto que, pelo tamanho e formato, não deveria ser de um ser humano, mas sim de algum tipo de animal que deveria ter se aventurado por aquelas bandas, ou se

perdido do grupo e morrido de fome ao adentrar aquela arapuca mortal. Era um esqueleto magnífico e impressionante, que nem mesmo o tenente-general Erik, com formação em biologia e especialização em anatomia, era capaz de identificá-lo.

— Essa é uma excelente notícia! — enfatizou Thomas. — Se esse bichão conseguiu entrar nessa caverna, então deve haver alguma passagem mais para frente, já que de onde viemos havia somente água e esse animal, pelo que me parece, não era um peixe.

O general Nelson assentiu com a cabeça em um gesto afirmativo como que estivesse dizendo para Thomas assumir a liderança e avançar com o grupo para o caminho à frente, pelo menos foi isso que o contra-almirante interpretou com a expressão de seu superior e ordenou que a equipe prosseguisse pela trilha. Andaram mais um bom tempo sem ter nenhuma outra novidade, atravessaram mais uma galeria e quanto mais avançava, mais silencioso se tornava o lugar.

Thomas já estava ficando com dúvidas se esse era o caminho correto, pois não seria possível que um bando de pessoas que havia sequestrado seu filho não tivesse ao menos movimentado a poeira que descia das rochas de calcário, no entanto, ainda assim acreditava ser possível pegar o cretino do bandido se continuasse a seguir sua intuição, que nunca o abandonou durante a carreira militar.

Seguiram por mais uma hora, a passos lentos devido à dificuldade que enfrentavam naquele breu e por entre rochedos pontiagudos e afiados. Escutaram novamente o barulho de água logo adiante e se preocuparam em dar uma parada para encher seus cantis e matar a sede das pessoas. Thomas olhou o relógio preso em seu pulso esquerdo e este dizia que já passavam das 19h00.

Seus homens já demonstravam cansaço e fome, pois desde que

chegaram àquela caverna, não pararam para descansar. Achou mais prudente pararem ali, já que tinham água em abundância para fazerem uma refeição e repousarem por cinco horas, revezando em sentinelas para resguardar o grupo de qualquer investida que pudessem tomar, mesmo estando nas profundezas da terra. Essa era uma prática de defesa militar que já estavam acostumados e não iriam deixar de segui-la.

Ao despertarem à meia-noite, já com a energia necessária restabelecida para continuarem a jornada, os oficiais levantaram acampamento em uma empreitada fantástica, em menos de cinco minutos já estavam todos atravessando por entre rochedos e blocos milenares de saís de cálcio espalhados pelo percurso. Andaram mais um pouco até se depararem com um grande dilema, sendo obrigados a separar o grupo em dois times, pois o caminho se dividiu devido a uma bifurcação.

Tentaram comparar as duas passagens, procurando por pistas que acusassem o paradeiro dos foragidos, mas naquela escuridão ficava cada vez mais difícil encontrarem algo. Decidiram, então, separar os dois generais para liderarem a missão, ficando de um lado o grande general George Nelson, junto de Thomas Wolf, e na outra equipe o tenente-general Erik Morgan em parceria com o coronel do esquadrão dos fuzileiros navais, Oliver Trik. Compunha também cada grupo um capitão, um tenente e dois soldados que juntos formavam um dos agrupamentos mais respeitados e fortes do mundo.

Os túneis eram muito parecidos com o restante da caverna, escura, de pedra calcária e com uma umidade muito forte, chegando a molhar as botas dos oficiais. O que diferenciava um caminho do outro era que um deles era muito mais largo enquanto que o outro, para padrões normais de altura e largura de um homem adulto, era

muito apertado, fazendo com que fosse necessário, em alguns pontos, passar de lado.

O trecho percorrido também era bem diferente. O caminho da esquerda, por onde seguiu Wolf e Nelson, era muito curto. Eles haviam caminhado apenas quinze minutos e já chegaram a uma galeria, que, para espanto do grupo, estava toda iluminada por algo que parecia mágico. O outro caminho era mais comprido e sinuoso, fazendo com que os militares demorassem mais de uma hora para chegarem em seu destino, tendo que muitas vezes fazer um grande esforço como se estivessem em uma subida, que foi confirmada pela bússola com clinômetro que um dos soldados carregava para verificar a elevação e inclinação do terreno.

Pelos cálculos de Erik, desde que partiram por esse caminho, deviam ter subido pelo menos uns 1.300 metros. O fim do túnel se dava em uma pequena galeria, extremamente escura e em alguns trechos encontraram uma espécie de folhagem, algo que intrigou o general Erik, pois como haveria folhas verdes se não tinha luz na região?

O tenente-general sabia que era possível, sim, um processo de fotossíntese ser concluído com êxito somente com luzes artificiais, porém naquele local não havia nada, exceto muitas rochas carbonatadas e essas tais raízes de folhas verdes. Entendeu então que o oxigênio, que estranhamente era abundante na caverna, deveria provir de anos de fotossíntese dessas plantas.

Tentou colher uma pequena amostra para, assim que saírem do buraco em que estavam, levar para ser analisada no laboratório militar. Chegou próximo a uma delas, porém, não reparou que haviam espinhos bem finos, mas muito pontudos, e, ao tocar no vegetal, teve três dedos espetados, absorvendo uma toxina liberada pela planta misteriosa, que impregnou as veias de seu corpo rapidamente,

levando ao seu cérebro a maior mensagem de dor que já havia sentido.

Era algo tão insuportável que, se tentasse explicar, seria como facas extremamente afiadas perfurando sua mão em vários pontos, seguindo de um ardor como se um tanque de álcool fosse jogado sobre seus dedos e ateado fogo na sequência. Seu braço ardia como se fosse derreter por conta da febre local subindo rapidamente e se espalhando por todo o corpo. A dor era tão infernal que chegou a desmaiar, sendo amparado pelo coronel Oliver Trik e despertado horas mais tarde, ainda no mesmo local, coberto pelas jaquetas dos membros da equipe, tamanho o frio que tomara conta de seu corpo enquanto estivera inconsciente.

— Uma dor dessas não se esquece jamais — disse o general de uma estrela para seus comparsas. — Obrigado por me ajudarem!

— Como está se sentindo, senhor? — perguntou um dos soldados que estava tremendo de frio.

Erik, vendo a cena à sua frente, arrancou de seu corpo a jaqueta do soldado que o havia ajudado a vencer o frio que sentira, entregando novamente ao militar.

— Muito melhor, soldado. Agradeço sua lealdade comigo.

O soldado bateu referência a seu superior, colocou novamente sua jaqueta e virou-se para levantar acampamento. Deveriam seguir caminho em breve, pois haviam gasto muito tempo naquele local.

— Encontramos a saída dessa galeria, senhor! Se apertarmos o passo, atravessaremos em trinta minutos. O senhor consegue caminhar? — questionou Oliver Trik.

— Perfeitamente, oficial. Vamos em frente — disse Erik Morgan, levantando-se e fazendo uma força sobre humana para seguir pela trilha, deixando de lado a ideia de carregar uma amostra daquele ser

tóxico e mortal.

— # # # —

Era a primeira vez que haviam visto os tais insetos que emitiam pequenos pontos de luz, que, aos olhos do contra-almirante, pareciam filamentos de pequenas lâmpadas led pendurados no topo da caverna. Thomas achou muito bizarro e quis pegar em suas mãos para ver como funcionava a emissão dessas luzes, mas, ao encostar suas mãos a larva perdeu totalmente o brilho, escurecendo por completo.

— Como em todas as coisas que existem na natureza, são os homens os grandes responsáveis por apagarem a majestosa beleza criada por Deus — disse George Nelson.

— Eu não sou religioso, general. Não acredito que um Deus tenha criado essas coisas insignificantes — blasfemou Thomas.

— Se acredita ou não, pouco me importa, almirante. Mas devia se preocupar mais com o meio ambiente. Estamos conseguindo enxergar a galeria por completo devido ao milagre que esses insetos emanam pelo seu corpo. Milagre esse que faz com que se desintegram ao pequeno toque dos endiabrados homens.

— Isso é uma reação físico-química, general. Não acredito em milagre, ou já teríamos saído dessas ruínas há muito tempo.

— Realmente é algo que tenho que concordar, contra-almirante Wolf. Será um milagre se conseguirmos sair daqui vivos — disse o general em tom de brincadeira, mas com a clara certeza de que falava a verdade.

## **A fantástica revelação**

Era notável que o menino estava delirando, pois devia estar perdido naquela caverna aterrorizante há algum bom tempo, devido às condições das roupas que estava usando, sujas e rasgadas. Emmy abriu sua mochila, retirou um embrulho que tinha guardado desde que havia acordado na madrugada, antes de partirem no submarino com destino a fossa das Marianas, e entregou para que o garoto comesse, acordando-o com suas delicadas mãos. Ele não se fez de rogado e atacou o lanche como que se não visse um pão há muito tempo.

— Precisamos sair daqui! Walter, leve consigo o garoto, que eu levarei Frank. Nos abrigaremos em algum lugar mais tranquilo e então tentaremos entender o que se passa aqui no subterrâneo da Terra.

Walter, concordando com o chefe, levantou o menino que devia ter por volta de 1,68m de altura, ajudando-o a caminhar por entre as rochas e estalactites. Andaram desse jeito por uns vinte minutos até encontrarem uma gruta, com pouca umidade aparente e algumas rochas onde puderam sentar e conversar a respeito dos últimos acontecimentos.

— Peixomem? O que é isso?

— Olha, eu também não sabia que existia até me deparar com um. Como eu posso explicar? Peixomem é um monstro aquático asqueroso que, pelo que me parece, vive no mundo submerso, uma mistura de homem e peixe, isso mesmo, um homem-peixe bem forte,

com cauda e de pele lisa, e que deve ter aproximadamente a minha altura. Nós os chamamos assim por conta de sua aparência, mas alguns deles disseram serem da espécie chamada Skum. Estes estão atrás de mim desde que fugi do trabalho que me forçaram fazer.

— Nós? Peraí, vamos com calma. Quem é você e como veio parar nesse fim de mundo? — questionou Frank.

— Você, garoto, é um dos jovens desaparecidos da ilha de Guam, certo? Vi algumas imagens espalhadas em postes na Vila Inarajan — perguntou Walter.

— Sim, confirmou o menino. Meu nome é Luiz Garcia, fomos sequestrados e aparecemos aqui no meio da noite. Nenhum dos garotos lembra como fomos arrancados do lugar que estávamos, apenas de acordarem nesse local escuro e deprimente, sendo forçados a trabalhar quebrando rochas e mais rochas desde então.

— Mas vocês estão quebrando essas tais rochas para quê? — rebateu Jason.

— Então, não nos dizem muito, só sabemos que estão procurando uma tal pedra azul, ou algo do tipo.

— Quem está atrás disso? Quem os sequestrou? — perguntou Frank, levantando-se e se aproximando do garoto.

— Então, é aí que entra a história dos Peixomens. Pelo que entendi, eles estão às ordens de algum superior, mas que felizmente não nos foi apresentado e, pra falar a verdade, prefiro nem conhecer.

— Onde estão o restante dos garotos? Vocês são em quantos? — Barbara se dirigiu ao rapaz pela primeira vez.

— Então, eu estou foragido há algumas boas horas, aqui embaixo é difícil de medir distâncias e tempo, mas posso garantir que estamos muito longe. Somos em doze no total, separados em dois grupos. Um grupo ficou na ala leste e a outra na ala norte.



— Como assim? — perguntou novamente a garota.

— Pelo jeito essa caverna é maior do que estamos imaginando — afirmou Walter.

— Então, eu estou vindo da ala leste. Dois Peixomens vieram atrás de mim, mas ainda ficaram uma dessas aberrações e um Grimlock cercando os outros garotos, para que estes não largassem as picaretas e para chamar reforços.

— Como é? Grimlock? — Emmy, que estava quieta, se prontificou a perguntar, já sem unha de tanto que havia roído com a história contada pelo garoto.

— Sim, são seres fantásticos e monstruosos que também estão nessa caverna. Não sei como apareceram, mas não são nada agradáveis de se ver — admitiu o garoto.

— Estou achando que você não está nada bem, rapaz. Que história bizarra é essa de seres fantásticos, animais estranhos, soldados meio humanos, meio peixe? Vamos parar com isso e diga a verdade — contestou Walter sobre a invenção do menino, concluindo que estivesse projetando uma história para não contar a realidade.

— Mas é verdade. Eles conversam entre si e por conta disso que fiquei sabendo como se chamam as raças deles. Não são amigos e a toda hora se provocam e ameaçam acabar um com o outro, apenas se suportando por estarem à serviço de alguém mais poderoso. Aproveitando a distração de um dos Peixomens que estava próximo a mim, saí correndo e passei muito perto do Grimlock, mesmo este sendo cego e tendo o olfato e a audição extremamente aguçados, não percebeu minha presença, minha sorte.

“Então eu corri, corri sem olhar pra trás. Notei que dois deles estavam me alcançando e acelerei meus passos, conseguindo me esconder por detrás de uma enorme rocha. Então ouvi os passos dos

perseguidores correndo para outro canto.

“Aguardei alguns minutos e, quando a poeira abaixou segui meu caminho mais tranquilamente. Porém não havia percebido que um deles tinha ficado para trás, na retaguarda, para me procurar e, por sorte do destino, não trombei com aquele monstro como fiz com esse grandalhão — disse Luiz, apontando para o chefe Jason, arrancando um pouco de gargalhadas do grupo. — É que as vezes sou meio atrapalhado mesmo. Bom, mesmo com a ótima visão que essas criaturas possuem, não fui notado por ele, passando lentamente até o outro lado e então disparei a correr.

“Pude ouvir os gritos assustadores deles que se puseram a correr novamente ao perceberem minha presença. Dei tudo de mim nessa corrida insana a favor da minha vida, quando então passei por uma outra galeria e mais outra, até chegar em um corredor de pedras. Acelerei meus passos e ouvi, já de longe, eles entrarem nesse túnel e algumas rochas caírem por detrás deles, selando de vez a passagem de volta. Sem saída, continuei pelo escuro túnel até chegar em um salão onde havia uma outra passagem à esquerda, como uma bifurcação, e resolvi seguir por essa direção.

“Saí em uma galeria, já iluminada por esses insetos no teto e me escondi por detrás de um amontoado de rochas. Então avistei a chegada desses seres malignos. Eles haviam me seguido por esse túnel, como se farejassem cada passo meu. Foram de um lado para outro me procurando, até o final dessa galeria. Tentei desviar o olhar para não entrar em pânico, quando reparei ao longe que haviam duas pessoas abaixadas olhando para algo no chão na saída do túnel.

“Tentei me aproximar, mas reparei que os peixes estavam bem próximos a mim e me mantive no mesmo local. Logo apareceram mais três pessoas que se juntaram aos outros dois. Foi aí que reparei

que os Peixomens já não me procuravam mais, pois estavam olhando para a direção das pessoas, querendo iniciar um bote às escondidas contra eles. Não pensei duas vezes e atirei um pedaço enorme de uma pedra na direção deles para distraí-los, mirando em suas cabeças.

“Parece que a rocha atacada teve o efeito que eu esperava, pois um deles caiu no chão no mesmo instante. Olhei em volta e as pessoas haviam sumido do mesmo jeito que apareceram. Olhei novamente para os dois seres e o que caiu no chão não se levantou mais, deixando seu companheiro babando de raiva, e então esqueceu por um instante o grupo voltando suas atenções para mim, pois iria pagar pela morte de seu companheiro sobrenatural. Eu o vi se esgueirando por entre algumas rochas com uma incrível facilidade, ao mesmo tempo que me encolhia para não ser encontrado.

“Quando este já estava há poucos metros de distância, peguei a primeira pedra que encontrei solta e a arremessei com força para o mais longe que consegui, produzindo um leve som de deslizamento de pedra, suficiente para confundir o ser e conseguir fugir. Foi então que corri em direção ao caminho que aquele grupo havia feito, enxergando duas pessoas ao longe adentrarem uma lagoa e desaparecerem de vista.

“Seguindo da mesma estratégia, mergulhei na água, que, de tão escura, não conseguia enxergar um palmo a minha frente. Segui mesmo assim apenas para me esconder ao máximo daquele bicho repugnante, até que, por sorte, me dei conta de estar em uma outra galeria, pouco menos iluminada que a anterior, mas pelo menos ganharia tempo daquele monstro perseguidor. Corri olhando para o chão com medo de tropeçar nessas pedras, quando então acabei trombando no grandalhão ali — disse o jovem, apontando para o

forte homem, não percebendo se tratar do famoso chefe Jason.

O garoto parou de falar para encher seus pulmões com o oxigênio, que perdeu de tanto contar seu relato.

— Então foi assim que aquela passagem que vimos estava fechada, papai — lembrou Emmy.

— Mas essa história tá muito estranha! — exclamou Jason. — Eu conheço muitos contos mitológicos proferidos por nossos ancestrais, mas nada em relação a esses bichos que nos contou. Não sei onde estamos, mas nada disso me parece verdade, garoto.

— Eu também não acreditei em uma palavra do que disse — acrescentou Walter. — Não é lógico haver seres desses como você descreveu.

Foi então que ouviram algo saltar da lagoa ao fundo de onde eles vieram, se levantando de onde haviam atravessado para a galeria em que estavam. Começou a caminhar em direção ao grupo, sem pudor de ser descoberto, apenas pela satisfação de causar medo nos humanos ali presentes. Ao passar por uma área mais iluminada por um dos insetos, foi que a equipe viu do que se tratava, um peixe-humanoide, andando ereto em duas patas de garras pontudas e de olhos esbugalhados, seus músculos definidos saltavam de seu corpo magro e escorregadio com uma cauda que se arrastava no chão. De fato, se tratava de um dos seres mutantes que o garoto Luiz havia mencionado. O grupo não acreditava no que seus olhos viam. Colocaram-se em pé frente ao inimigo desconhecido, enquanto o jovem fugitivo se agarrou ao chefe, tentando se salvar das garras do temível monstro.

— Crick, crick, volte aqui, garoto, crick, crick. Temos alguns assuntos pendentes que precisamos resolver, crick, crick — ameaçou o homem-peixe.

— Que diabos é você? — perguntou Walter incrédulo.

— Crick, crick, acredito que esse fedelho já tenha lhes apresentado toda a história — supôs a criatura. — Crick, crick, meu nome é Zigam. Sou o que as pessoas geralmente chamam de Skum ou, vulgarmente, Peixomem. Os da minha espécie povoam os subterrâneos, como essa caverna sem graça. Estamos aqui apenas para cumprir os desejos de quem nos invocou e nos fez de escravos, crick, crick. Me passe esse garoto que pertence a mim.

— Calma aí, aberração — vociferou Jason, levando o garoto às suas costas. — Não sem antes passar por cima de mim.

Frank, que estava no chão, se levantou, cerrou os punhos e se juntou ao líder:

— E por mim.

— Por mim também — gritou Barbara, se enchendo de coragem, sendo seguida por Emmy.

— Pode vir cabeça de bagre — zombou Walter.

Vendo que o cerco estava armado, o ser aquático recuou alguns passos virando-se para trás e correu para outra direção, resmungando palavras em uma língua desconhecida. O peixomem deslizou por entre as pedras e estalactites, desaparecendo na escuridão do fundo da caverna.

— Isso aí, seu covarde. Vá correr para seu bando — gritou Luiz, dessa vez, com uma ponta de felicidade estampada em seu rosto.

— Acho que todos nós lhe devemos desculpas por termos duvidado de sua história — admitiu Emmy, olhando para o jovem garoto. — Meu nome é Emily, mas todos me chamam de Emmy. Somos da vila de Inarajan. Esse é meu pai, Jason, o chefe da tribo.

— O senhor é o incrível Jason, herdeiro de Gadao, o grande? — perguntou Luiz, admirado em conhecer uma lenda viva nos dias

atuais.

— Incrível foi essa história que você nos contou, garoto. Ainda estou digerindo o que aconteceu aqui — respondeu o líder do bando, esticando sua mão para cumprimentar o menino. — Pode me chamar apenas de Jason.

O garoto agarrou sua mão como se estivesse cumprimentando um super herói de longa data.

— Sabemos agora que ele irá voltar com mais alguns capangas, precisamos estar preparados e atentos — ponderou Walter.

— Sim, mas agora sabemos com quem estamos lidando — alertou Jason. — Melhor sairmos logo daqui. Se este ser consegue farejar o artefato de Frank, logo nos alcançará. Temos que surpreendê-los antes que eles os façam primeiro.

Continuaram, então, percorrendo o mesmo trajeto que o monstro fizera para fugir, pois era o único caminho a seguir. Um denso campo de estalactites esmagadas forjava uma trilha por entre as florestas de pedras, como se algum gigante as tivesse pisado. Andaram por esse caminho por alguns minutos até chegarem a um paredão de rochas, onde estavam três entradas de túneis totalmente escuras. Não era possível escutar nada na entrada das passarelas, tampouco enxergar algo.

Pararam então para conversar e decidir por onde deveriam prosseguir. Dessa vez, concordaram em não separar o grupo, sabendo que o perigo era enorme, e seriam mais fortes se estivessem todos juntos, mesmo que tomassem o caminho errado. Resolveram seguir pela passagem do meio, mas, antes, descansariam alguns minutos.

— Você chegou a ver meu pai? — perguntou Frank virando-se para Luiz. — O nome dele é Douglas.

— Não conheci ninguém além de vocês, os seres asquerosos, e os

garotos que vieram comigo. Ele também foi sequestrado?

— Não sabemos. Ele sumiu há cinco anos e a única pista que temos dele é essa maldita pedra — disse Frank retirando o artefato de seu bolso e apresentando ao garoto.

— É isso! Essa é a pedra que estão nos fazendo procurar por todos os lados! — exclamou o garoto, arregalando os olhos. — O que descobri ouvindo os seres conversando entre eles é que seu superior foi enviado para essa caverna para procurar uma das lendárias pedras elementais. — Ele fez uma pausa e olhou de um para o outro. — Pelo que entendi, ele tem um dom de farejar este artefato e nos sequestraram para fazermos o trabalho pesado: minerar a caverna com pás e picaretas.

“Parece que ele sabia onde nós devíamos cavar, pois aqueles monstregos nos mandaram cavar em uma região da caverna e, após alguns dias de trabalho intenso, encontramos enfim a pedra que procuravam. Porém, descobrimos que ela estava pela metade. Alguma coisa a fez se quebrar, mesmo sendo um pedaço de rocha indestrutível, pelo menos foi o que disseram. Era impossível que estivesse pela metade. Então, nos separaram em dois grupos para procurarmos a outra parte e o restante da história vocês já sabem”.

— O que eles querem com essa pedra? — questionou novamente Frank.

— Não sei — respondeu Luiz. — O que sei é que eles querem unificar as duas partes desse objeto para entregar ao mestre deles. Tinha mais alguma coisa, mas não me lembro agora. Aqueles monstros falavam entre eles, e muitas vezes não conseguia ouvir direito ou entender o que diziam.

Frank ouviu atentamente o relato do garoto enquanto levantava seu pé esquerdo para apoiá-lo em uma grande rocha à sua frente

quando, subitamente, ouviu uma voz estranha vindo bem próxima dele:

— Se eu fosse você, não faria isso, meu jovem!

Todos se viraram para Frank ao ouvirem a queixa de seu desconhecido interlocutor, quando se deram conta que a estranha voz viera por debaixo dos pés do garoto, percebendo que aquela inofensiva rocha na verdade era outra coisa.

— Quem é você? — questionou Frank boquiaberto, se perguntando se a rocha de fato havia falado com ele.

— Já tive muitos nomes ao longo dessa minha antiga jornada, jovem guerreiro. Muitos me chamavam erroneamente de escavador, pois me alimento de rochas, metais e hum... pedras preciosas. Mas meu nome é Bolduf, da classe dos Delves, e é um enorme prazer conhecê-los — disse aquela rocha misteriosa com uma voz grave e pausada.



## **Bolduf: O sábio Delver**

— Mais um ser bizarro! Tá me parecendo uma grande pegadinha isso tudo aqui, ou estamos dentro do sonho de um grande lunático — blasfemou Walter, incrédulo com o que acabara de ver.

Realmente aquilo que lhes parecia uma rocha com dois metros de comprimento, de pele marrom meio manchada e brilhante devido a um muco que o recobria. Tinha começado a se mexer e aos poucos aumentar de tamanho. Nas extremidades, surgiram duas nadadeiras com seis garras pretas desgastadas de tanto raspar contra o chão em que descansava, a fim de extrair algumas pedras para devorá-las.

— O que um Escavador, ou melhor, um Delver faz? — perguntou Frank.

— Eu me alimento de uma massa resultante das rochas que são dissolvidas nesse limo que recobre meu corpo. Por isso escavo esses deliciosos pedregulhos — disse a tal rocha com uma voz arrastada e cansada, como se muitos anos houvessem passado em sua longa vida subterrânea. — Estou nessa caverna há mais tempo que qualquer ser vivo que vocês conheçam ou tenham lido a respeito. Conheço todas as passagens e galerias desse submundo, sendo eu o grande responsável por criá-las.

— Onde estamos exatamente? — perguntou Barbara ao ser que lhe parecia pacífico.

— Adoraria lhes contar, mas, antes, vocês poderiam me dar algo para comer? Estou cansado dessas rochas comuns. Já as como por muitos e muitos anos! Queria uma iguaria melhor, mais rebuscada

e apetitosas. Uma gema preciosa, como essa que um de vocês carrega em seu bolso. — disse o monstro, deixando-os aflitos.

— Desculpe, meu amigo, mas eu não posso lhe oferecer essa pedra. Ela é o motivo de estarmos aqui, nesse fim de mundo — disse Frank, retirando-a do bolso e mostrando para a bizarra criatura.

— Então essa é a lendária pedra elementar, mais precisamente a do elemento água. Existem ainda as do elemento fogo, terra e ar. São pedras antigas que emitem algum tipo de poder a quem a possui — explicou Bolduf.

— E o que eles querem com essa pedra? — perguntou Frank.

— Primeiro me deem algo para comer — exigiu o sábio monstro.

O grupo revirou seus bolsos na intenção de encontrar algo para dar ao gigante de pedra, mas não havia nenhuma pedra preciosa, apenas moedas do bolso de Walter que haviam sobrado do troco do táxi que os levou à Gef Pa'go.

— Hum, esses petiscos me parecem apetitosos — completou Delver, devorando-as como alguém que comesse amendoins. — De acordo com a antiga profecia quando juntarem as quatro pedras elementares algo será revelado.

— Quem está atrás dessas pedras? — questionou dessa vez Walter, recuperando a crença nos acontecimentos fantásticos que ultimamente os rodeavam.

Bolduf se virou para Walter como se pedisse por mais aperitivos deliciosos, mas o bolso do idoso havia se esgotado.

— Sem comida, sem informação — afirmou a criatura com uma voz doce, porém firme.

— Nos fale então ao menos qual caminho desses três seguir? — suplicou Barbara.

— Sem comida, sem informação — insistiu novamente o tal

Delver.

— Ah, nunca iremos conseguir arrancar qualquer informação dessa montanha de pedra e gosma sem cérebro — retrucou Frank sem paciência.

— Cuidado com o que você diz, meu jovem humano. Nós escavadores somos pacíficos, mas, se precisarmos, enfrentamos qualquer um em uma luta para defender nossa honra. E você não gostaria de digladiar com uma pessoa que já viveu mais de seis mil anos.

— Desculpe-me — disse o garoto. — Não foi minha intenção ferir o intelecto e a honra de ninguém. É que quanto mais o tempo passa mais distante estaremos para encontrar meu pai.

— O tempo é relativo, dependendo das diferentes perspectivas que se estão.

— Bom, não temos mais nada a lhe oferecer. Vamos embora daqui e deixamos esse devorador voltar a comer suas pedrinhas — disse Walter bravo.

O grupo resolveu levantar e pegar suas coisas para partir pela passagem central quando foram interrompidos por uma voz adolescente:

— Esperem! — exclamou Luiz, colocando uma de suas mãos em seu bolso e retirando uma pequena pedra vermelha que devia medir em torno de quatro centímetros, lapidada pela natureza em perfeita simetria. — Eu encontrei esse diamante vermelho enquanto fazia minhas escavações à procura da pedra do elemento água. Pensei em guardá-la com a esperança de sair um dia daqui e dar uma vida digna para minha família, mas não teria melhor oportunidade de utilizá-la do que agora para salvar meus amigos das garras daqueles seres malignos.

— É muito gentil de sua parte, nobre rapaz. Você tem certeza

disso? — perguntou Jason.

— Sim, sempre pensei primeiro em mim para depois pensar nos outros. Hoje é o dia de me redimir de todos os pecados que cometi e iniciar uma nova vida — disse o garoto, jogando uma das pedras mais preciosas do mundo na boca da criatura, que saboreou cada pedaço como se nunca tivesse experimentado tamanha delícia.

— Seu nome é Bhaltair Arasgain — proferiu as palavras após um longo período mastigando e degustando aquela rara e caríssima joia vermelha.

— Quem é esse senhor? — questionou Frank.

— A pessoa que está atrás das pedras lendárias — explicou a criatura. — Ele é um druida antigo, que há muitos anos foi amaldiçoado por um ser maligno e desde então nunca mais viu a luz no final do túnel. Muitos acreditavam que a vida eterna concedida lhe era uma dádiva, um presente dos deuses, mas após longos anos enterrando seus amigos e amores que a vida lhe concede, você acaba descobrindo que é a maior maldição que alguém pode receber. Foi o que aconteceu com o caridoso ancião. Já fora conhecido como o grande druida Maitheas, grão-mestre dentre os povos celtas da antiga região da Irlanda. Um dia, revoltado por ter enterrado seu maior pupilo e ter que carregar a culpa pelo resto de sua imortal vida, teve seu coração dominado pela completa escuridão, se tornando o temido Bhaltair Arasgain. Foi então, através do uso de magia negra, que conheceu a profecia das lendárias pedras elementares, a qual dizia que ao juntar as quatro poderosas pedras no primeiro pôr do Sol de Samhaim...

— O que é Samhaim? — atravessou Barbara curiosa com a história contada pelo ancião.

— Samhaim era o festival celta que comemorava o fim do ano

velho e o começo do novo ano. Era o primeiro dia do início do inverno, onde acreditava-se que algumas almas dos mortos retornavam às suas casas. A fronteira entre o mundo real e o outro mundo desaparecia, assim como quando vocês atravessaram aquele portal na Fossa das marianas e adentraram nessa caverna mágica! Não disse pra vocês que eu sei de tudo? — lembrou Bolduf, se vangloriando a cada palavra dita. — Assim como o mago, eu também possuo a imortalidade, mas tendo comida para me alimentar, eu vivo em paz, e aqui nessa caverna eu estou há muitos e muitos anos, vivendo um dia após o outro, sem pressa, apenas curtindo alguns minerais deliciosos — explicou o ser com aquela voz rouca e cansada de quem já comeu muitas pedras em sua longa e pacífica vida.

— Obrigado pela explicação. E, então, o que dizia a profecia? — resmungou Walter, olhando para Barbara de maneira que dissesse para não interrompê-lo novamente.

— Sim, então, dizia que se juntasse as quatro pedras elementares no primeiro pôr do Sol de Samhaim, uma quinta pedra seria revelada. Nunca ninguém teve contato com esse artefato raro, nem mesmo seres como eu tiveram a chance de tocá-la, por mais que me pareça ser deliciosa. Dizem que o quinto elemento se chama éter, que é o material que preenche a região do Universo acima da esfera terrestre. A quintessência é o elemento mais poderoso de todos, sendo até mesmo capaz de destruir o Universo inteiro.

— E o que Bhaltair Arasgain quer fazer com o quinto elemento? — perguntou Frank.

— Você gostaria de explicar para seu amigo, jovem donzela? — interpelou o Delver, se voltando para Barbara, sabendo que a garota já havia matado a charada.

— Ele quer utilizar esse enorme poder para acabar com sua

maldição e pôr um fim definitivo em sua miserável vida.

— Então não vejo mal algum. Ele destruindo sua vida é menos uma pessoa cruel no mundo — ironizou o jovem Luiz.

— Mas se ele utilizar a pedra para esse fim, demandará uma enorme energia, destruindo de vez o planeta, e, dependendo do tamanho desse poder, todo o Universo que o cerca — reforçou Barbara.

— Exatamente! Esses são os planos de Bhaltair Arasgain, a escuridão tomou conta de todo seu coração e sua mente, agora sua prioridade é dar fim a tudo o que odeia, e sua detestável vida é a principal. Foi por isso que seu pai esteve nessa caverna há algum tempo, garoto. Mas as coisas não aconteceram conforme o esperado e cabem a vocês seguirem pela passagem à esquerda, e avançar com seus planos. Há muitos caminhos ainda a percorrer, e o maior sacrifício ainda está por vir, mas lembrem-se sempre que a esperança é a maior força que existe.

— Peraí, senhor. Fale mais sobre meu pai, por favor — suplicou Frank.

— Isso é tudo o que eu tinha para lhes falar. Agora irei me retirar para hibernar em um longo sono por muitos anos. Só mais uma coisa, lembrem-se de tomarem cuidado com alguns outros seres que povoam as profundezas dessas cavernas. Eles podem estar disfarçados e passarem despercebidos por vocês assim como eu. Nem todos são pacíficos como este pobre velho que de tanto comer rocha acabou se tornando uma. Bom, se vocês não conseguirem salvar a humanidade, foi um prazer conhecê-los — murmurou o velho Bolduf, fechando seus olhos e se recolhendo como se fosse novamente uma grande rocha empoeirada no meio da trilha.

Os seis humanos se entreolharam e tentaram digerir toda a informação que aquele ser lhes havia dado. De acordo com ele, o

caminho ainda era longo e não tinham tempo a perder, arriscariam suas vidas pela jornada que aquele velho sábio tinha lhes sugerido.

— Será que quando ele pediu para comer a pedra que estava no bolso, ele não se referia ao seu, Frank, e sim a do Luiz? — indagou Barbara.

— Não sei. Existem seres extremamente desenvolvidos e inteligentes que me dá até medo de pensar. Onde será que está meu pai? Por que ele não me contou? Será que ele morreu e o Delver não quis me contar para não atrapalhar nossa jornada?

— Acredito que não, Frank. A cada vez que entramos mais fundo nessa caverna, sinto o meu coração apertado e batendo acelerado — interveio seu avô, colocando uma mão em seu ombro.

— Eu também, vovô. Cada hora que passa eu tenho a sensação que chegamos mais próximo de desvendar o maior mistério de toda a nossa vida.

— Por ora, vamos seguir em frente — disse Walter. — Mas estejamos preparados, pois agora eu não duvido de mais nada. Estou com a mente aberta para o que vier.

— Vocês irão ajudar a libertar os outros? — implorou Luiz aos cinco novos amigos.

— Claro que sim, Luiz. Depois do sacrifício que você fez para salvar a todos, essa se tornou nossa principal missão. Pode contar conosco, certo pessoal? — perguntou Frank.

Todos deram as mãos uns aos outros levantando-as para o alto. Aos integrantes do grupo, pareceu apenas um gesto de uma equipe unida, mas não para Bolduf, que sorriu com o canto dos lábios ao ver o grupo formar uma estrela de seis pontas, conhecida também como estrela de David, um símbolo de proteção extremamente antigo, cujo propósito é de conectar o feminino com o masculino,

representando a união dos dois opostos, assim como a ligação entre o céu e a Terra, a água e o fogo, e mais tantos outros. Aquele grupo tinha algo de especial e uma enorme força oculta, que com o tempo viria a ser revelada para alguns dos integrantes. Enfim, a profecia iria se realizar!



## **Erik Morgan**

Ainda com o corpo trêmulo, Erik continuou a caminhar para se afastar o máximo possível daquelas ramificações que insistiam povoar a galeria em que estavam. A todo momento, um oficial vinha lhe perguntar se precisava de ajuda para andar, mas ele foi relutante, não queria demonstrar fraqueza aos seus subordinados. Percorreram por algum tempo a selva de pedras pouco iluminada por um tipo de inseto que havia pendurado no teto.

Quanto mais avançavam, maior a quantidade de insetos povoava o ambiente, fazendo com que parecessem que haviam acendido pares de lâmpadas. Foi então que perceberam que seus equipamentos haviam desligado. Nada eletrônico funcionava mais, lanternas, relógios, tampouco celulares, como se algo ali houvesse drenado a energia dos dispositivos. Estavam na forma em que a caverna se apresentava, natural e selvagem.

Caminharam mais alguns metros quando se depararam com uma ponte estreita acima de um desfiladeiro escuro. Exaustos, resolveram parar um pouco para averiguar se atravessariam ou não essa ponte de pedras. Procuraram ao redor outras formas de passarem para o outro lado, mas não existia nada, apenas rochas, cascalhos, pedregulhos e outras artes cavernosas criadas pelo tempo e calcário. Do outro lado da ponte, havia pouca iluminação, indicando um caminho à frente. A fenda deveria ter uns oito metros de extensão cobrindo toda a largura da galeria, portanto, não tinham como fugir, era atravessar ou voltar o caminho inteiro até onde se separaram,

porém o destino se encarregou de fazer a escolha para os militares.

Um dos soldados que estava fazendo a verificação do lugar se ancorou apoiando suas costas em uma estalagmite de uns três metros de altura que crescia forte do solo para cima, quando foi surpreendido por chicotes saindo de dentro da precipitação de calcário. O soldado foi agarrado por quatro das seis tiras de tentáculos da rocha disfarçada, revelando uma enorme boca cheia de dentes pontiagudos.

A criatura asquerosa começou a puxar o soldado para próximo de sua boca a fim de rasgar sua carne a dentadas com sua poderosa mandíbula. Porém, ao abrir a enorme e assombrosa boca, sentiu uma forte dor e percebeu que dois chicotes que prendiam o militar foram cortados por uma faca empunhada pelo capitão que chegara correndo ao ouvir os gritos dos soldados. Os outros dois chicotes que estavam livres tentaram agarrar o oficial que o atacara, mas este conseguiu se esquivar se atirando novamente contra os outros tentáculos que ainda agarravam com força o soldado prestes a receber uma forte mordida, que com certeza arrancaria parte de sua cabeça. Sentindo o calor do mal hálito vindo daquele ser bizarro, o soldado tentava de todas as maneiras se desvencilhar daquele abraço mortal quando sentiu, de raspão, uma lâmina cortar seu braço e arrancar o chicote maligno que o prendia, caindo ao chão com tudo.

O capitão Madison abaixou com destreza e apoiou o soldado entre seus braços, levantando-o. Gritou para os demais correrem em direção à ponte para atravessarem a fim de se salvarem daquela criatura asquerosa. Os seis obedeceram, acelerando o máximo possível para alcançarem o outro lado do precipício, e se livrarem daquele monstro rochoso. Faltavam poucos metros para estarem a salvos, quando o oficial que carregara seu subordinado sentiu um tranco

vindo por trás deles, agarrando-o com força. Não se deu conta de que aqueles tentáculos poderiam se regenerar rapidamente e o quanto eram compridos, medindo próximo de dez metros de comprimento ou até mesmo mais.

O monstro estrangulador agarrou o capitão pelo pescoço puxando-o com uma força extraordinária, atirando o soldado ao seu lado para o profundo precipício, sem chances de se salvar. Os outros oficiais iniciaram uma saraivada de tiros vindo de suas potentes armas na expectativa de conseguir parar o monstro, mas isso não o impediu de continuar com seu diabólico plano de devorar carne humana que há muitos anos não comia.

Madison estava sendo arrastado com velocidade batendo a cabeça nas diversas pedras e rochedos no caminho chegando quase sem vida à enorme boca da criatura asquerosa, que o devorou por inteiro. Oliver e o que sobrou da equipe agarraram o tenente-general pelos braços e correram sem olhar para trás, atravessando a ponte em direção ao caminho que haviam visto anteriormente, só parando quando estes já estavam cansados da maratona obrigatória, entrando naquele buraco escuro dentro da rocha no final da ponte mortal.

— # # # —

— O que foi isso? Os senhores ouviram também tiros vindo ao longe? — perguntou general Nelson, surpreso.

— Sim, e foram muitos. Parece que os outros oficiais estão com algumas dificuldades — salientou o Thomas.

— Voltaremos para ajudá-los — ordenou George Nelson.

— Não, general Nelson. Continuaremos nosso caminho. Eles são

fuzileiros navais, tenho certeza que nos encontraremos mais para frente, não importam quais dificuldades tenham passado — indagou Thomas.

O general a contragosto concordou com o contra-almirante, pois não tinha com o que se preocupar. Eram os oficiais mais temidos e habilidosos do mundo, tinham a reputação de serem uma força eficiente e agressiva de combate, principalmente em terrenos hostis e guerras ao redor do planeta. “Uma simples caverna inofensiva como essa não seria suficiente para atrapalhar os militares em sua caminhada”, pensou George Nelson. Ele acreditava que deveria ser algum animal como o que tinham visto no início da caverna, porém, pela quantidade de tiros, imaginou que deveria ser dos grandes.

Continuaram a jornada através de uma galeria toda iluminada pelos pequenos seres luminescentes já vistos anteriormente. O salão de pedras, ao brilho dos insetos, parecia uma obra-prima pintada durante o período renascentista. O som da chuva leve e suave cobria o ar daquele espaço lindo, mas pouco convidativo. A água que escorria de um horizonte de estalactites presas ao teto da caverna lembrava como o fim de uma forte garoa, em que pingos grossos e pesados caíam com tudo em um chão de pedregulhos.

As fileiras de baixas estalagmites alinhadas perfeitamente umas às outras, o reflexo das luzes naquele piso alagado que lembravam um céu estrelado e os arcos de rochas que se apresentavam contornando o caminho principal, eram um espetáculo à parte daquele local, mas não para Thomas, que sequer parou um segundo para apreciar o que a natureza vinha lhes presentear. Seu objetivo era apenas um, chegar o mais rápido possível para encontrar aquele que fora o responsável por lhe fazer perder sua promoção. Nem seu filho, sangue de seu sangue, era tão importante para o contra-almirante

quanto a oportunidade de concretizar a sua vingança.

— Parem de bobeira e vamos acelerar o passo. Ainda falta muito para alcançarmos aqueles marginais — disse Thomas, andando a passos largos.

O restante do grupo estava reabastecendo seus cantis com água que descia naqueles filtros naturais ricos em cálcio e zarparam para junto do líder subterrâneo para dar-lhes cobertura em um eventual embate. Andaram mais um par de horas, passando por diversas galerias, espremendo-se entre grandes rochas que ocultavam o caminho, em alguns lugares tinham que se abaixar para poderem continuar, pois estalactites gigantescas teimavam em crescer cada vez mais, mesmo em locais que já não havia espaço suficiente.

Ao final de mais algumas horas, chegaram a um abismo infindável, onde não era possível enxergar nada através da imensidão do precipício. Thomas soltou uma pequena pedra para tentar descobrir a profundidade do buraco, mas não ouviram de volta o bater da rocha no fundo. Lançou então uma pedra bem maior, mais pesada e ao que parecia mais sólida, mas ainda assim não foi possível escutar qualquer som de o objeto se chocar, então se sentaram para traçar alguma estratégia.

De acordo com o general, era possível enxergar do outro lado do abismo uma passagem de pedras e o caminho em que seguiam, porém, após um rápido mapeamento do local não encontraram meios de atravessarem a não ser por cordas. A distância deveria ser de aproximadamente uns dez metros, portanto conseguiriam atravessar tranquilamente. Foram treinados para atividades mais difíceis que essa e transpassar um precipício com profundidade infinita era a coisa mais simples que aqueles militares iriam enfrentar naquele dia, com toda a certeza, mas ainda não sabiam disso.

Prepararam os equipamentos para escalada, fincaram no início do precipício muitos ganchos para poderem sustentar a corda com o máximo de segurança possível, atirando em seguida, com uma arma especializada, um arpão que acertaram com sucesso na parede do outro lado da travessia, fincando-o profundamente na sólida rocha, de modo que não soltasse por nada. Apertaram e ajustaram a corda para que não ficasse frouxa e o primeiro soldado foi o escolhido para testar o equipamento, mais leve e mais ágil entre eles, atravessando o desfiladeiro rapidamente, atingindo o outro lado para conferir se tudo estava ok para que os demais atravessassem.

Então seguiu o outro soldado, tenente, capitão, sendo então finalizado pelo general. O almirante dessa vez foi o último a sair, não por temer algo, mas por uma questão de exaustão. Desde que chegaram à caverna, não conseguiu pregar seus olhos nenhum segundo, nem quando pararam horas antes, ou será que já se passaram dias? Não tinha como saber, pois seu relógio e celular haviam parados há muito tempo.

Os oficiais seguiram seus caminhos saindo de vez do abismo sem problema algum, como já era esperado. Continuaram pelo acesso que se observava à frente da equipe e marcharam por mais algum tempo até encontrarem um lugar para descansarem alguns minutos. Sacaram alguns sachês de um líquido escuro viscoso e sugaram todo o conteúdo que havia dentro, sentindo-se melhores após sorver até a última gota daquele energético.

Encostaram-se em algumas rochas que deixavam o ambiente mais escuro, quase invisível para qualquer animal ou ameaça que poderia vir a aparecer e descansaram por aproximadamente uma hora, ou um pouco mais, “talvez tendo dormido mais do que deviam”, julgou Thomas no momento em que ouviram passos vindo ao longe.

Levantaram-se já com suas armas em mãos, prontos para qualquer necessidade de embate. O barulho constante de pés arrastando os pedregulhos do caminho começava a ficar cada vez mais perto.

O terror invadia a sanidade de alguns que apontavam a arma, prontos para dar o tiro assim que vissem o despontar da cabeça do indivíduo que se aproximava. Então o barulho cessou, e o silêncio se instaurou por algum curto tempo. Ninguém se mexia, imaginando se tratar de alguma emboscada ou coisa parecida, portanto teriam que aguardar o comando de seus superiores para iniciar o ataque.

O general escorregou seu corpo por entre uma rocha à sua frente e enxergou um vulto muito próximo a eles parado a uns dez metros, então ordenou que dois oficiais fossem pela direita, outros dois pela esquerda, enquanto o restante abordaria o intruso pela frente, de modo que encurralassem quem quer que estivesse ali.

Alguns segundos depois todos já estavam em seus postos, apenas aguardando a ordem do general George Nelson, quando este gritou:

— Agora!

Ouviu-se então um grito sob lágrimas pedindo para abortarem a missão.

— Tenente-general Erik, o que faz aqui sozinho? Quase matamos o senhor! Onde estão os demais que deveriam assegurar sua vida? — questionou seu amigo Nelson.

— Estão mortos! — disse uma voz triste e dolorosa de um homem que esteve à frente de muitas guerras e batalhas para proteger seu país, mas que nunca havia vivenciado tamanho horror como o que experimentou naquela caverna amaldiçoada.

## **Peixomem**

Walter imaginou quão ruim deviam ser os outros acessos, pois esse túnel sugerido pelo ancião devorador de pedras não estava nada bem. Extremamente escuro, muitas vezes as rochas se espremiavam, fazendo com que tivessem que passar ora de lado, ora se arrastando entre as gigantes pedras. A umidade era cada vez maior naquele local. Demoraram mais de uma hora para conseguir andar alguns poucos metros.

A fome já persistia em doer na barriga do pessoal, mas o sono estava avassalador. Não lembravam quando fora a última vez que dormiram e seus relógios não funcionavam mais, devido a alguma oscilação magnética, concluiu a inteligente Barbara. Sem saber as horas, ficava cada vez mais difícil imaginar quando parar para recuperar suas energias, além de suas necessidades fisiológicas.

Não queriam ficar no túnel, pois a sensação era claustrofóbica. Acreditaram no ancião e seguiram sua recomendação, pois concluíram que este caminho havia sido criado pelo próprio Delver, assim como muitos outros locais dessa caverna, e ninguém melhor que o velhote para dizer qual o melhor trajeto a se fazer, portanto não parariam até chegar em uma galeria, onde, após uma ronda geral para identificarem o local, escolheriam algum lugar para comerem e descansarem seus corpos exaustos.

Gastaram mais alguns pares de horas andando a passos de taruga na escuridão total até enfim chegarem ao final daquela passagem subterrânea. Se ao menos estivessem com seus celulares



carregados, pilhas das lanternas funcionando, ou até mesmo algo para fazerem uma tocha improvisada para iluminar o caminho, não teriam demorado tanto. “Mas talvez tenha sido melhor assim”, pensou Barbara, com medo de encontrar coisas estranhas e nojentas nesse atalho. Separaram-se em dois grupos com três pessoas para conhecerem a galeria que haviam encontrado.

Ela parecia ser bem extensa, pouco iluminada por alguns insetos luminosos que insistiam em viver naquele ambiente inóspito, para a felicidade do grupo, que, forçando as vistas e se acostumando com a baixa iluminação, conseguiam enxergar algumas coisas. Após mais trinta minutos de mapeamento, resolveram voltar ao ponto de encontro que haviam definido e escolheram um local descoberto por Jason, Emmy e Luiz, uma pequena gruta no alto da colina de pedras bem escondida, apenas com acesso frontal e possibilitando o grupo ter uma vista panorâmica do local, sendo impossível de serem surpreendidos enquanto descansavam.

Encontraram alguns pedaços de madeira na galeria e até pensaram em iniciar uma fogueira para aquecer seus corpos e iluminar o local, mas logo desistiram da ideia para não atrair nenhuma criatura. Resolveram comer apenas algumas frutas e peixes enlatados com biscoitos e alguns pães que sobraram. A comida que levaram já estava acabando, pois as outras mochilas com os mantimentos haviam ficado no submarino, e agora com mais uma boca para alimentar, tiveram que racionar comida. Pelos cálculos de Emmy, teriam suprimentos para apenas mais uma alimentação. Rezou para que não ficassem muito mais tempo debaixo daquela depressão ou teriam que procurar por comida naquele maldito lugar.

Jason e Walter ficaram no primeiro turno de vigília, enquanto o restante do grupo caiu em um sono merecido. Vigiarium pelo menos

por três horas, e então os dois passariam seus bastões para Frank e Barbara que passariam na sequência para Emmy e Luiz, tendo cada integrante dormido ao menos seis horas para recuperarem totalmente suas energias.

As primeiras três horas voaram para o casal de amigos, pois, quando perceberam, já estavam os chamando para trocarem de lugar no patrulhamento.

— Que loucura isso tudo, né? — disse Barbara baixinho para não atrapalhar o sono dos demais.

— Nem me fale, Bah. Até agora não acredito onde nos metemos.

— Pois é! Isso tudo tá parecendo um sonho. E algumas vezes um pesadelo. Será que dormi em casa enquanto assistia as minhas séries e estou dentro dele? — disse Barbara, querendo fazer graça.

Frank riu e lembrou do jeito que chegou eufórico na casa da amiga. Estava tão confuso com a pedra e com a oportunidade de descobrir onde seu pai estava que nem havia dado oi para a garota.

— Você acha que iremos encontrar meu pai? — perguntou o jovem com uma cara de cansado.

— Lembre-se do que o velho Bolduf nos disse, a esperança é o que vai nos mover aqui dentro. Não devemos perdê-la nem deixar de acreditar, pois é a maior força que existe, depois do amor, claro — disse a garota encostando sua cabeça no peito do jovem rapaz.

Frank começou a acariciar os cabelos castanhos de Barbara com seus dedos, enrolando algumas mechas formando lindos cachinhos. Seus cabelos, por incrível que pareça, assim como a pele de Barbara, ainda estavam com um cheiro maravilhoso, mesmo depois de tudo o que haviam realizado nesse dia. Parecia que seus sentidos estavam mais sensíveis, pois Frank sentia o pulsar do coração da garota, que, assim como o dele, estava em ritmo acelerado.

Pegou a mão de Barbara e começou a acariciá-la, fazendo movimentos circulares, depois a dar pequenos apertos com um pouco mais de força até entrelaçar seus dedos com os dela. Relembrou do lance que tiveram no hotel e a vontade de descobrir o gosto da boca da garota foi ficando cada vez mais forte. Por um momento, esqueceu que estavam vigiando para que os outros pudessem descansar em paz e quase se perdeu na desesperadora vontade de beijá-la, mas conteve seus impulsos, voltando a ficar mais relaxado.

Barbara percebeu que Frank havia desistido de beijá-la, para sua frustração. Tinha quase certeza de que ele a pegaria com força e lhe daria aquele beijo de cinema, mas ficou apenas no desejo. Será que era só coisa de sua cabeça e o melhor a se fazer era esquecer do que aconteceu no hotel? Não parava de se perguntar quando Frank quebrou o gelo do momento:

— Quanto tempo você acha que já passou desde que começamos a ficar de vigia?

— Verdade, como que Jason e Walter fizeram para calcular o tempo já que não temos nenhum relógio que funcione? — perguntou Barbara.

— Acho que foi pelo *feeling*. Tenho a sensação que saberemos quando for a hora de fazermos a troca.

— Você está cansado?

— Não, na verdade, por mim levantaríamos acampamento agora mesmo.

— Eu imagino a sua ansiedade para encontrar seu pai e descobrir o que aconteceu com ele.

— Sim, é meio angustiante saber que meu pai esteve por essas bandas e sequer descobrir alguma pista que me leve até ele.

O casal de amigos ficou por mais uma hora conversando, e se

acariciando, quando resolveram chamar os próximos sentinelas.

Luiz e Emmy se levantaram, após terem tomado um susto com a presença de Barbara. Naquela gruta em que estavam, não havia um sinal de luz, o que era bom para passarem despercebidos por quem, por ventura, passasse pelo local. Assim que chegaram onde Frank estava, tomaram seu lugar e o rapaz voltou para descansar mais algumas horas junto de Barbara e os outros.

— Então você é um dos meninos desaparecidos em Guam? — perguntou Emmy, querendo saber um pouco mais da história de Luiz.

— Sim. E você é a filha do famoso chefe Jason! — exclamou o garoto.

— Pois é — respondeu Emily com um sorriso de canto. — Você é de qual lugar da Ilha?

— Moro em Mangilao, bem próximo da Universidade de Guam. Meus pais são professores lá — respondeu o menino com uma voz embargada, imaginando o que seus pais estavam passando procurando por ele.

— Eu morro de vontade de estudar naquele lugar. É meu sonho! — disse Emmy, tentando fazer com que Luiz parasse de pensar em seus parentes.

— Eu também quero poder estudar lá. Qual curso você quer fazer?

— Sempre quis estudar Biologia, entender como cuidar dos seres habitantes dessa nossa maravilhosa ilha, e você?

— Eu também! — respondeu o garoto. — Sempre foi meu sonho conhecer a respeito da vida. Nossa, muita coincidência. Quantos anos você tem, Emmy?

— Faço dezesseis daqui um mês. E você?

— Acabei de completar também dezesseis anos. Então, se conseguirmos voltar pra casa, iremos estudar juntos.

— Claro que iremos voltar. Confie no meu pai, que quando ele diz que irá salvar todos os seus amigos, pode botar fê.

— Não tenho dúvidas. Mas é que passei por tanta coisa que acabei perdendo um pouco da esperança.

— Como foi que sequestraram vocês?

— Então, como moro na parte central da ilha, todo fim de semana eu e um grupo de amigos nos reuníamos para desvendar os segredos da caverna Marbo e sua região. Já estive lá?

— Sim, uma vez quando era pequena, fui com meu pai e minha falecida mãe. É um lugar encantador.

— Dizem que as águas azuis turquesas são mágicas e terapêuticas. No entanto, íamos todos os finais de semanas para explorar os sistemas de cavernas submersos. Muitas pessoas não sabem, mas as águas dessa gruta são muito profundas e com muitas passagens subterrâneas. Somos considerados os melhores exploradores dessa região, sendo muitas vezes contratados para servirmos de guia para alguns turistas.

— Que legal, um dia vou querer contratar seus serviços — disse Emmy, ficando rosada por se auto convidar.

— Te levarei com o maior prazer — falou Luiz flertando com a encantadora filha de seu herói. — Então, um sábado desses saímos muito cedo de nossas casas e nos encontramos em frente à universidade com destino à caverna Marbo. Foram algumas horas pedalando nossas bicicletas até chegarmos ao local, que estranhamente encontrava-se deserta. Paramos nossas bikes e entramos na caverna, chegando até a plataforma que foi construída durante a guerra e que serve de apoio para os turistas que visitam o local.

Novamente, repito que achei muito estranho àquela hora não ter uma alma viva em um dos destinos mais cheios da região. Foi então que pegamos nossas mochilas para colocarmos os equipamentos de mergulho, e depois não lembro de mais nada, somente de acordar acorrentado aqui dentro, junto dos outros garotos que estavam me acompanhando em nossa aventura.

— Nossa, que triste o que aconteceu com vocês. Por que acham que foram sequestrados?

— Tentei criar várias hipóteses para isso, mas a que me parece mais certa é que nossa fama tenha chegado aos ouvidos do general que comanda a expedição maligna e resolveram nos sequestrar para ajudá-los na busca à pedra elementar da água.

— E como será que eles trouxeram todos vocês até aqui? Por exemplo, nós viemos por um submarino, mas até agora não sei como, porque na verdade estávamos em outro local, no fundo da Fossa das Marianas, e do nada dormimos e acordamos aqui.

— Sério? Que legal. Sempre ouvi falar da depressão no fundo do oceano e que foram poucas as pessoas que chegaram até lá.

— Sim, nós fomos com o submarino que te falei, mas este desapareceu de repente e acordamos aqui, na entrada dessa caverna — explicou Emily.

— Então, Emmy. Na verdade, eu não sei como nos trouxeram, e nunca nos falaram nada. Eu já acordei aqui, com praticamente a picareta em minha mão e a corrente em meus pés. Tentei diversas vezes arrebentar a corrente, mas sempre tinha um desses Peixomens em meu encalço, até que escapei e o resto da história você já sabe.

— Sei e vou concluí-la dizendo que iremos resgatar seus amigos, voltaremos para Guam, estudaremos juntos e nos tornaremos grandes biólogos — acrescentou a garota, estampando um sorriso e uma

pontada de esperança no coração do menino.

— Que assim seja! — agradeceu Luiz.

Foi então que ouviram, um pouco distante, alguns passos vindo na direção deles. Emmy foi correndo acordar os outros, tropeçando sem querer em Jason, que levantou e a pegou pelo braço com um pouco de força.

— Emmy, é você? O que houve?

— Ouvimos passos de alguém se aproximando.

O grupo levantou correndo, pegaram suas coisas e se aproximaram da entrada da gruta onde Luiz estava à espreita. Fixaram seus olhos naquela baixa iluminação, onde puderam contar dois Peixomens e um Grimlock a uns trinta metros de distância. Parecia que o ser cego era quem farejava os transeuntes, enquanto os outros dois homens-peixes os procuravam pela escuridão. Notaram que os seres mutantes tinham extrema facilidade em andar no escuro e então Jason concluiu que eles deviam enxergar bem em qualquer tipo de iluminação, tornando ainda mais difícil continuarem escondidos por muito tempo. Teriam que aproveitar ainda essa vantagem para atacarem os inimigos primeiro.

Recolheram todas as pedras que podiam carregar, aguardando o sinal de Jason para atirarem em cima das criaturas. Emmy, carregando mais detritos de rocha que suas mãos conseguiam carregar, deixou cair algumas que rolaram por entre as pedras abaixo deles, alertando os monstros, que viraram suas cabeças para o alto, onde puderam ouvir em alto e bom som uma voz grave que gritava:

— AGORA!

As criaturas viram então iniciar uma chuva de pedras passando próxima deles, atingindo algumas estalagmites que cresciam naquele solo rochoso, além de duas pedras que passaram zumbindo em suas

orelhas. Os Peixomens conseguiram desviar de quase todas as munições dos humanos, com exceção de algumas que atingiram seus braços e tórax sem grandes estragos, já o Grimlock não teve tanta sorte, por ser uma criatura cega e pesada, pouco conseguiu se esquivar. Três robustas rochas bateram em sua cabeça, o derrubando com tudo ao chão, sem chances de travar qualquer batalha ao lado dos outros seres malignos, largando o machado de pedra afiado que carregava ao lado de seu corpo.

Ouviram então gritos vindo dos Skums, aumentando a velocidade ao subir a montanha de pedras. “Não resta tempo e o confronto corpo a corpo é inevitável”, pensou Jason.

— Pessoal, fiquem atrás de mim e se preparem para a briga — disse o chefe, retirando duas adagas que estavam guardadas às costas dele e entregou uma para Walter, que a pegou e se colocou em formação de ataque.

— Vou arrancar as escamas desse peixe à força. Será que a carne deles é saborosa como salmão? — zombou Walter.

— Acredito que esteja mais para um baiacu, com seu veneno mortal — retrucou Jason.

— Crick, crick, vocês não vão escapar dessa vez, estão encurralados, crick, crick — disse uma voz ameaçadora já conhecida pelo grupo.

Então, saltando para cima do grupo, apareceram os dois monstros armados com uma lança e uma adaga, surpreendendo quem estava distraído. Não era o caso de Jason e Walter, que com um golpe acertaram de raspão parte do braço de Zigam, o perseguidor de Luiz.

— Cuidado! — gritou Jason. — Eles são escorregadios como peixes.

Com um rápido movimento, outro Peixomem rodopiou sua lança



e quase a enterrou no peito de Jason. Não fosse por seus treinamentos de guerra realizados toda semana em Guam, já estaria morto. O guerreiro esquivou-se do ataque e, com uma agilidade incrível, agarrou o braço do monstrengo enquanto Walter cravava sua adaga nas costas do escravo do mal. Tentou, por sua vez, arrancar a lâmina presa naquelas escamas grudentas, quando foi surpreendido por Zigam, sacando sua faca e acertando a perna de Walter, que caiu ao chão no mesmo instante, sentindo seu membro latejar. O sangue escorria devagar, mas a dor era insuportável, como se houvesse algum tipo de veneno na lâmina. O Peixomem chegou mais perto do avô de Frank para dar seu golpe de misericórdia, quando foi interceptado por uma pedra que acertou sua cabeça com pouca força.

— Deixe meu avô em paz! — dizia uma voz feminina no escuro da masmorra. O Skum atordoado se virou e fulminou Barbara com seus olhos de peixe esbugalhado, admirando a audácia e a coragem da garota, que não duraria nem dez segundos contra ele. Levantou sua faca para acertar o peito da jovem quando sentiu um forte solavanco e alguém subir em suas costas, agarrando seu pescoço e gritando em seus ouvidos:

— Ninguém mexe com a minha garota!

Frank, de posse de uma robusta pedra e uma raiva avassaladora nunca antes vista por Barbara, atacou o homem-peixe três vezes com toda a força que tinha, atingindo a cabeça da criatura, fazendo-a apagar na hora. O monstrengo caiu ao chão bem próximo a Walter, que a cada minuto sentia sua vida sendo retirada dele, por conta da grande quantidade de sangue que insistia em sair do pequeno, mas mortal, corte criado pela adaga envenenada daquele Skum.

## **Um vulto misterioso**

Passaram-se alguns minutos de grande sofrimento para Frank e Barbara, já que Walter, devido ao esgotamento de sua energia e a grande dor que o corte em sua perna lhe causara, desmaiou sem recuperar a consciência. Jason, desesperado, arrancou um pedaço de sua camisa e amarrou-a com força contra o sangramento na perna do senhor para estancá-lo.

Retirou de sua mochila um saco com folhas secas e uma pederneira, um objeto que produz faíscas utilizado por ele geralmente quando acampava nos dias em que precisava se reconectar à natureza. Chamou por Emmy e pediu que colocasse um pouco da água que sobrara em seu cantil em uma panelinha que carregava, enquanto retirava de sua mochila um pacote bem amassado com algumas ervas.

O chefe juntou algumas folhas, ascendendo uma chama com as faíscas produzidas nos pedaços de madeira encontrada na galeria e estas pegaram fogo rapidamente. Por cima das chamas, colocou a água para aquecer e assim que percebeu o surgimento das primeiras bolhas de ebulição jogou algumas das plantas medicinais na panela, mexendo com uma colher até o líquido incolor obter uma coloração amarelada. Retirou-a do fogo e aguardou até que esfriasse.

Com a ajuda de uma camiseta, Jason filtrou o chá improvisado e despejou na boca de Walter, que, ainda desacordado, engoliu toda a bebida, fazendo com que homem entrasse em uma briga consigo mesmo, se contorcendo e se debatendo assim que a infusão alcançou

seu estômago.

Abriu seus olhos, seguindo por uma combinação de fortes tosses. Continuou assim por mais alguns minutos até que a crise cessou, dando lugar a um homem revigorado, ainda com um corte na perna, mas já sem dor, como se a toxina do veneno que penetrou em seu sangue houvesse sido eliminada completamente e a hemorragia estancada. Barbara correu e abraçou seu amigo, que devolveu o abraço, olhando para Frank que não suportou vê-lo de volta e derramou algumas lágrimas de felicidade.

— Parece que seu velho avô ainda viverá por mais tempo.

— Que seja muito — disse Frank, abraçando-o com força.

— Peraí — clamou Barbara. — Onde o senhor pensa que vai? Precisa descansar um pouco.

— Não temos tempo para isso, minha pequena donzela — retrucou Walter, com o apelido carinhoso que a chamava quando estava feliz.

— Consegue caminhar? — questionou Jason com um sorriso de alívio em seu rosto.

— Acredito que sim. Que baita remédio foi esse que você me deu?

— É uma das ervas milagrosas muito conhecida pelos Suruhâna, o povo Chamorro que detém o conhecimento e a prática da cura tradicional. Esse ensinamento foi repassado de geração em geração através das entidades dos antigos Makâna, que são os antepassados dos Suruhâna, que viveram há muitos anos e se tornaram especialistas nos assuntos entre a terra e o reino espiritual, e desenvolveram técnicas do uso de plantas medicinais.

— Ou seja, eu não consigo comprar em qualquer lugar, não é isso? — brincou Walter.

— Hahaha! Se você quiser, meu amigo, quando sairmos daqui eu

lhe entregarei uma muda para que você plante em seu quintal.

Walter riu e abraçou o grande chefe e amigo, agradecendo por ter salvado sua vida.

Os seis se preparavam para descer a montanha de pedras. Frank recolheu uma das adagas de um dos monstros e amarrou em suas costas para possíveis confrontos com os seres sobrenaturais, tomando o máximo de cuidado para não se espetar com ela. Pegaram todas as mochilas e foram descendo devagar para que Walter fosse sentindo novamente os movimentos de suas pernas.

Andaram uns bons metros, até chegarem ao solo, onde puderam enxergar o caminho que vieram. Voltaram-se para o outro lado e se iniciou uma nova caminhada, agora com as energias restabelecidas devido ao sono que tiraram antes do embate com os metade-peixes. Andaram por algumas horas se esquivando de rochas no meio do caminho, contornando penhascos e atravessando salões de calcário saturados de umidade.

Resolveram não acender uma tocha para não atrair nenhuma outra criatura. Não encontraram mais nenhum problema pela frente, imaginando que os demais monstros já deviam saber da presença da equipe e estavam esperando que caíssem em uma emboscada planejada pela força maligna. Avançavam cada vez mais, com cautela e sempre mapeando o local, fazendo uma escolta armada.

A escuridão cada vez maior dificultava o avanço do grupo, tornando cada passo árduo e cansativo. Passaram-se mais algumas horas quando, exaustos, resolveram descansar e recuperar o fôlego. Controlavam a fome, pois sabiam que tinha pouca comida, suficiente para apenas mais uma refeição, e isso começava a preocupar o grupo. O que havia sido uma brincadeira de Walter, se tornaria realidade se não arranjassem comida. Teriam que comer a carne

daqueles peixes humanoides. Só de pensar na hipótese, Barbara passou mal. Não queria ter que experimentar dessa terrível iguaria, teria certeza que sairiam dali o quanto antes.

Frank levantou desconfiado. Sacou a faca que havia guardado e se pôs a caminhar sozinho. Ninguém percebeu, pois estavam distraídos com uma das lendárias histórias que Jason contava com todo seu vigor. O garoto percebeu algum movimento à frente, ao longe, como se fosse um vulto de alguém que estava os observando.

Não quis chamar os outros, pois ficou com receio de ser apenas algo de sua cabeça e não queria passar por louco ou coisa parecida. Fixou seus olhos no ponto onde havia visto a estranha sombra que desapareceu na sequência, assim que passou por uma rocha, tapando por alguns segundos seu campo de visão. Ouviu um barulho de alguém chutando uma pedra sem querer e se virou em direção a uma figura pouco nítida, distante, mas que tinha o semblante de um humano atravessando um buraco na galeria em que estavam.

Frank correu como pôde por entre as pedras que infestavam aquele ambiente inóspito e atravessou a passagem sem medir as consequências. Deparou-se com um abismo à sua frente, quase caindo dentro do buraco escuro. Parou e olhou para os lados para verificar se havia alguma saída e percebeu que ao lado esquerdo tinha uma trilha muito curta que contornava o precipício mortal. Apertou novamente seus olhos para enxergar na baixa iluminação e viu aquela figura misteriosa descendo por essa trilha, se perdendo de vista.

O garoto continuou o caminho anunciado pelo vulto, se esquivando na parede para não tropeçar e cair. Chegou com muito custo até o local onde aquela figura havia sumido e observou uma passagem entre algumas rochas. Ao entrar, se deparou com uma cena que jamais gostaria de ter visto. Havia por volta de umas dez criaturas

chicoteando algumas crianças sem dó, fazendo-as cavar e minerar o local empunhando picaretas e pás.

Frank abaixou-se, se escondendo por detrás de uma pedra de grande largura para ver melhor o que estava acontecendo a uns trinta metros de distância dele. Quanto mais tempo os garotos demoravam para bater com suas ferramentas naquelas sólidas e maciças rochas, mais eles eram punidos com chibatadas ou pauladas com uma vara flexível que alguns daqueles monstros carregavam.

Esses eram os amigos de Luiz, que foram sequestrados junto dele para serem escravizados e servirem aos domínios do mal. E, se não fosse por sua fuga, ainda estaria sendo mal tratado como aqueles pobres e indefesos meninos.

Frank sabia que não aguentaria por muito tempo presenciar toda aquela cena sem fazer nada e que a qualquer momento explodiria em cima daqueles monstros selvagens. Pena que seus amigos não estavam lá pra igualar aquela luta e não daria mais tempo de chamá-los porque já estava envolvido demais com aquilo tudo e não permitiria mais qualquer abuso da parte daqueles infelizes.

Empunhou a faca que havia pego do falecido monstro que os atacara anteriormente e se levantou para iniciar uma corrida suicida, quando então ouviu passos próximos a ele. Virou-se no susto e o vulto que estava perseguindo apareceu em sua frente, com uma capa e capuz pretos. O garoto não conseguiu identificá-lo, apenas sentiu a pancada em sua cabeça que o fez enxergar tudo embaçado caindo aos pés do misterioso desconhecido.

— Alguém viu o Frank? — perguntou Barbara, receosa.

— Achei que ele tinha ido fazer cocô, pela demora em retornar — brincou Walter.

— É sério, pessoal, acho que já faz uns trinta minutos que ele saiu para ir ao “banheiro”, mas ainda não retornou.

Walter levantou-se sério. Jason e o resto do grupo se prepararam para fazer uma busca para encontrar o rapaz, enquanto Emmy e Luiz ficaram para arrumar as coisas que haviam deixado para trás.

— Frank! Onde você está? — gritou Barbara, preocupada. — Aparece porque estamos preocupados.

Mas nada, a não ser o eco do chamado foi ouvido pelo grupo. Caminharam mais alguns metros até um ponto onde conseguiam enxergar dois caminhos distintos, um pelo leste e uma fenda em uma enorme rocha ao norte. O caminho pelo sul é de onde haviam vindo, portanto, acreditaram que Frank não seguiria por lá, e se ainda assim o tivesse feito, não teria muitos perigos, pois já não tinha uma alma penada por onde passaram. Barbara foi com Walter pelo norte, enquanto Jason seguiu pelo leste, não sem antes acender duas tochas, passando uma para o mais experiente do grupo.

Jason tentou andar o mais rápido que pôde, prestando atenção em todo o trajeto, tentando encontrar qualquer pista que explicasse o sumiço do rapaz. Andou por uns dez minutos até encontrar um paredão com águas escorrendo nele que formava embaixo um lago límpido e cristalino. Mergulhou para ver se havia algum tipo de passagem submersa como aquela em que atravessou com o rapaz, mas não encontrou nada, assim como o outro, aquele lago estava em uma escuridão total. Nadou de volta à margem e andou ao redor do lago que terminava próximo, tendo por volta de uns vinte metros de largura. Concluiu que o garoto não havia passado por lá e resolveu voltar e seguir o mesmo caminho que os outros dois, atravessando naquela fenda na rocha ao norte.

Walter e Barbara atravessaram o buraco e, se não fosse pelo

braço esticado do velho a segurando, a garota não estaria viva pra contar nenhuma história. Um abismo escuro surgiu à frente dos dois, que mesmo a tocha improvisada por Jason pouco a iluminava. Sentaram próximos ao grande penhasco, olhando para baixo, sem conseguirem enxergar mais nada a não ser um buraco negro. Já imaginando o pior, Barbara ameaçou um choro, mas logo foi acudida por Walter, lembrando que talvez ele não tenha passado por ali.

— Jason ainda está à procura de Frank no outro caminho. Precisamos ter esperanças.

— Verdade. Precisamos pensar positivo — disse a garota, se acalmando e reascendendo a chama da esperança.

Começaram a ouvir passos vindo por detrás. Levantaram-se antes que alguém trombasse neles, derrubando-os, e encontraram Jason passando pelo buraco em que entraram, vindo com uma cara de derrota, dizendo que Frank não havia estado do lado em que procurou. Então se deu conta que na frente dos dois, havia um abismo de grandes proporções ficando preocupado com o que viu e com a possibilidade da queda do garoto. Olhando para Barbara e percebendo o nervosismo da garota, o líder se recompôs e começou a pensar.

Olhou de um lado para o outro, chegando muitas vezes perto do precipício e outras vezes mais longe, até que, tocando o solo, percebeu a pista que procurava. Como o ambiente estava com pouca iluminação, apenas com a pequena chama que emanava de sua tocha improvisada, Jason teve que tatear o chão, deixando sua mão bem leve e sensível a qualquer irregularidade no solo.

Foi assim que conseguiu definir que algumas das pegadas naquele chão lá pertenciam a Frank, pois era de um calçado de tamanho médio, por volta do número quarenta, além de ser uma bota utilizada para trekking como a que ele usava, com aquele famoso



solado de borracha cheio de ranhuras que só esse tipo de bota tem. Percebeu também que Frank não estava sozinho, pois havia mais algumas pegadas de mesmo tamanho que o dele no chão. “Pelo menos não é nenhum monstro”, concluiu Jason.

— Douglas? — proferiu Walter.

— Pode ser, mas precisamos nos apressar para encontrá-lo. Esses lugares estão cheios de gente estranha — alertou Jason. — Vocês esperem aqui que vou buscar Emmy e o garoto e vamos todos juntos por aquela direção, encostando na parede para não cairmos abismo abaixo.

Jason fez o caminho de volta e saiu em disparada até o local em que Emmy e Luiz estavam aguardando. Chegou em pouco tempo até encontrar os garotos e pediu que o seguissem, pois tinham uma pista de onde Frank poderia estar, explicando também sobre o aparecimento de uma outra pessoa, sem dar muitos detalhes.

Em vinte longos minutos desde que Jason saiu, os dois garotos atravessaram a fenda na rocha, já sendo alertado sobre o abismo pelo grandalhão. Encontraram Walter e Barbara já se preparando para seguirem pelo caminho indicado por Jason. Os cinco andavam bem lentamente, equilibrando o peso das mochilas contra o penhasco por trás deles, sendo algumas vezes puxados para o vazio e retornando novamente ao chão firme por conta da corda transpassada na cintura envolvendo a todos, colocada pelo chefe como uma forma de segurança do grupo.

Andaram mais alguns bons minutos, tendo que parar em muitos pontos do caminho onde só conseguiam passar uma perna por vez, devido ao curto espaço para caminharem. Chegaram até o outro ponto da trilha e se juntaram para retirarem a corda que os uniam e guardar na mochila em que Jason carregava.

Barbara, que estava à frente do grupo e cada vez mais ansiosa para encontrar Frank com vida, atravessou o canto que dava acesso ao outro ambiente daquele lugar sinistro. Percebeu um grande salão, onde mais pra frente ouvia-se algum tipo de briga, ou coisa parecida, se dando conta que havia mais daqueles seres à frente, só não tinha percebido que eram tantos.

O pessoal foi chegando e se amontoando ao lado de Barbara, que se escondia para observar os acontecimentos. Luiz viu alguns de seus amigos sendo espancados e Jason o segurou para não sair correndo em direção a eles. Precisavam antes bolar um plano, pois estavam em desvantagem em relação ao grande número de criaturas armadas. Era certeza de que eles deviam ter aprisionado Frank e precisavam pensar no que iriam fazer para resgatá-lo assim como os outros.

Ao virar-se para elaborar uma estratégia, Emmy reparou que embaixo de uma rocha bem próxima de onde estavam, havia duas pernas humanas à mostra. As pedras estavam posicionadas de modo que alguém poderia se esconder sem problemas de desmoronamento. A garota cutucou Barbara que estava ao seu lado, apontando para o rapaz que repousava sonolento em sua pequena e exclusiva gruta. Barbara quase soltou um grito ao perceber que era Frank, chamando Walter e Jason para retirá-lo daquele esconderijo.

O rapaz estava desacordado, como se alguém o tivesse atingido e o escondido para ninguém achá-lo. O chefe chamorro deu alguns tapas no rosto do menino, mas esse não tinha reação alguma. Confirmou que ele respirava normalmente e estava como se dormisse profundamente. Não sabiam o que fazer, precisavam salvar os garotos, mas, por outro lado, não podiam deixar Frank sozinho.

Ouviram-se então um grito muito alto vindo alguns metros à frente.

Todos olharam em direção ao berro e constataram ser de um dos meninos, que havia levado uma baita chicotada por não estar fazendo seu trabalho direito. O grito foi tão forte e alto que fez com que Frank acordasse. Olhou para os lados e viu seus amigos todos próximos a ele, olhando através da mureta de pedras. Chamou por Barbara, mas sua voz não saía, pois estava um pouco fraco e zozinho. Mexeu sua perna de modo a tocar levemente a da garota, que se virou surpresa para encontrar seu amigo salvo e com vida.

— O que aconteceu? — perguntou Frank.

— Isso é o que queríamos que você nos dissesse. Te encontramos desacordado escondido debaixo daquelas pedras — respondeu Barbara apontando para o local onde encontraram o rapaz.

— Eu não me lembro de muita coisa. A não ser que eu persegui um vulto negro entrando nesse lugar. O segui e me dei de cara com o esconderijo desses monstros, que escravizam os amigos do Luiz e estão os maltratando. Depois disso não me lembro mais.

— E esse vulto? Você chegou a ver quem era? — se intrigou Barbara.

— Não, estou começando a achar que nem humano era.

— Ah, era sim. Jason confirmou que havia algum humano, de estatura média, que tinha caminhado junto a você. Suas pegadas e as dele se confundiam durante o trajeto — rebateu Barbara.

— E quem será que era? — perguntou Frank. — Será que era meu pai?

— Vamos saber assim que acabarmos com esses monstros! — disse Jason preocupado em bolar um plano para atacarem aqueles seres horripilantes.

## **A caverna desmorona**

Erik Morgan desmaiou assim que encontrou seus compatriotas. As pontas de seus dedos tinham feridas avermelhadas e seu corpo estava com hematomas espalhados por todos os lados. Thomas verificou que respirava normalmente então deixou que descansasse um pouco mais antes de acordá-lo de seu sono revitalizador. Os homens do coronel Oliver Trik temiam que a história contada por Erik fosse verdadeira, pois viveram muitas histórias com seu superior e os outros fuzileiros navais que o acompanhavam e não acreditavam no que podia ter acontecido com aquele imbatível time.

— Quem seria capaz de matar um homem com tanta experiência e conquistas como Oliver? — indagou Williams, o capitão do esquadrão.

— Aqueles tiros! Devem ter enfrentado muitos homens armados — argumentou o soldado Smith.

— Nunca nenhuma bala foi capaz de parar nossa equipe, soldado. Acredito que deve ter acontecido algo mais perigoso pra ter deixado o senhor Erik Morgan assustado daquele jeito.

— Por que não perguntam diretamente para ele, oficiais? — sugeriu Thomas Wolf apontando para Erik que estava acordando do pesadelo que o consumia.

O tenente-general queixava-se de dores fortes em suas costelas, com a certeza de que duas ou mais haviam se rompido enquanto se debatia para livrar-se do abraço mortal de uma lula amaldiçoada que habitava a caverna.

— Você deve estar delirando por conta das fortes dores, senhor. As lulas vivem nos oceanos e nunca são agressivas a ponto de matar seres humanos com abraços estranguladores.

— Mais respeito com seu superior, capitão — vociferou o general de maior patente dos EUA, George Nelson. — Deixe que continue com seu relato.

— Eu também não acreditaria se não tivesse vivido esse terror, oficial. Este animal foi o responsável pelas mortes do soldado Hoover, o tenente Johnson e também o coronel Oliver Trik.

— E quanto ao capitão Madison e o soldado Wilson? Questionou o tenente que até agora estava somente prestando atenção à conversa.

— Eles foram os que morreram primeiro, tenente Lopez. O soldado foi jogado de um precipício enquanto que o pobre capitão Madison foi devorado por um animal estranho e bizarro. Parecia com uma rocha, ou uma dessas estalagmites, só que vivo e com chicotes no lugar de suas mãos.

— Descanse mais um pouco, amigo. Não parece que você esteja muito bem. Não se preocupe que só sairemos daqui quando você estiver recuperado — propôs o general.

— Vocês não estão entendendo, se continuarmos nessa caverna será nosso fim. São seres sobrenaturais e em alguns desses monstros nossas armas não fazem nem cócegas.

Thomas olhou de canto de olho para aquele covarde homem que parecia um garotinho assustado, não querendo entrar na mansão da esquina por dizerem ser amaldiçoada. “Tenha dó, como que chegou onde chegou com essa atitude?” — se perguntava o contra-almirante Wolf.

— Não podemos nos dar o luxo de aguardar nem mais dez

minutos. Levantem acampamento que vamos continuar com a expedição.

— Ninguém vai a lugar nenhum! — ordenou o general, se impondo pela primeira vez desde que chegaram àquele maldito lugar. — Você não está vendo que o tenente-general não tem condições de prosseguir? Aguardaremos a minha ordem.

— E ficaremos aqui para servirmos de aperitivos pra esses monstros? — interrompeu Thomas, mostrando impaciência com o superior.

— O contra-almirante está certo, general. Devemos sair daqui o quanto antes. Eu aguento retomar a caminhada mesmo já sabendo o destino que todos teremos.

O general confirmou para Thomas que iriam continuar a jornada e que deveria liderar a campanha, mesmo sem saber se o que o almirante disse era por ter acreditado na fábula contada por Erik Morgan ou apenas para se esquivar da ordem dada por ele.

Andaram por mais algum tempo, a passos lentos por conta do novo estado de saúde do oficial, até chegarem em uma encruzilhada onde havia duas passagens afastadas entre elas, uma ao lado direito e outra ao lado esquerdo. Não precisaram escolher pois o homem abatido se colocou à frente da equipe se dirigindo à passagem da esquerda, pois o outro caminho lhe trazia frios na espinha e péssimas recordações do que havia vivido.

Um dos soldados questionou se Erik tinha certeza que estivessem todos mortos, pois queria poder ir ao resgate deles e este confirmou abaixando a cabeça em um ato de solidariedade.

— Soldado, eu, como seu tenente-general, não permito em hipótese alguma que você ou quem quer que seja, entre por aquela passagem enquanto eu estiver vivo. Não quero mais nenhuma perda

trágica como aquelas que presenciei em nossa equipe, tampouco que vocês experimentem os horrores pelos quais eu passei. Isso é inconcebível, soldado. Quando digo que ninguém sobreviveu, seja forte e acredite em minhas palavras. Se houvesse chance de enterrá-los com dignidade, pode ter certeza que eu mesmo ordenaria, mas não sobrou nada, apenas esse velho capenga aqui — disse Erik, relatando o acontecido, ainda que para eles houvesse muitas inverdades em seu discurso.

Os fuzileiros assentiram e o grupo seguiu pelo caminho da esquerda, onde encontraram um local tomado pela escuridão. Thomas sabia que se realmente houvesse algum animal rondando a caverna à procura de alimento, se tornariam presas fáceis andando naquela velocidade lenta. Exigiu que movessem seus pés mais rápidos até que encontrassem um ambiente mais iluminado. Apressaram-se para sair daquela galeria, mas não enxergavam um palmo pela frente e parecia que o caminho estava infestado de enormes rochas, dificultando a passagem do bando.

Percorreram o trajeto por mais algumas horas naquela escuridão infindável quando avistaram uma forte claridade obstruída por algumas rochas à frente do grupo. Aquela luminosidade chamou a atenção de Thomas, que, por alguns instantes, esqueceu-se da loucura por vingança que dominava sua mente para apreciar o que estava através da fenda nas pedras. Porém, a origem do misterioso brilho amarelo não era visível por aquele ângulo em que estava. Rodeou então as rochas, a fim de encontrar algum espaço para matar sua curiosidade, mas não havia passagem alguma. O general, que já estava arrependido por não ter tido um pulso mais firme em relação às loucuras do almirante, ordenou que deixassem aquele objeto brilhante para lá, pois se estava enclausurado e com difícil acesso, era

por um objetivo maior.

— Nem tudo que reluz é ouro! — alertou o general Nelson. — Pense, almirante, se esse objeto está trancado de alguma maneira, então o certo é deixá-lo para lá e seguirmos em frente. Não existe rosa sem espinhos, oficial!

Mas aquele brilho de alguma forma mexia com a cabeça do contra-almirante, dominava suas atitudes de maneira que não conseguia se desvencilhar. Não sabia do que se tratava e isso o deixava ainda mais alucinado. Quanto mais perto se aproximava da origem do brilho, maior era aquele sentimento forte que irradiava seu corpo até chegar em seu cérebro. Voltou para a fenda donde vinham os raios de luz e esticou o braço o máximo que pôde para tentar pegá-lo com suas mãos, mas a ação não obteve o sucesso esperado por ele, ou talvez lá no fundo sim, pois parece que Thomas, com sua mão enfiada entre as rochas, encostou em algum tipo de pedra ou metal extremamente gelado, que desencadeou uma sucessão de acontecimentos na galeria. O chão e as paredes rochosas começaram a tremer, caindo pedregulhos por todos os lados, forçando os oficiais a correrem para não serem esmagados e soterrados, conseguindo se esquivar de uma pedra aqui e uma estalactite ali que caiu por cima de suas cabeças.

Erik se esforçava para correr o mais depressa possível, mas, com sua saúde debilitada, ficou para trás perante ao grupo. O soldado Smith, vendo seu superior muito lento, correu na direção dele para ajudá-lo, porém foi impedido por um desmoronamento que aconteceu em sua direção. Tentou correr para o lado oposto, mas as pedras rolaram em uma velocidade tão alta por conta do excesso de peso que não deram chances para o soldado se salvar, atingindo suas costas e arremessando-o ao chão com muita força. Por fim, acabou



sendo soterrado pelas outras rochas que se acumularam umas acima das outras, prendendo o soldado para sempre em seu túmulo de calcário no centro daquela maldita caverna.

## **Um adeus inesperado**

— Pessoal, estou começando a me lembrar de algumas coisas e preciso contar antes de iniciarmos essa batalha. Assim que cheguei nessa galeria, ouvi alguns desses seres dizerem que o cavaleiro elemental estava próximo de conseguir a outra parte da pedra da água. Então tudo o que o Delver nos contou faz sentido e esse tal de Bhaltazar...

— É Bhaltair — interrompeu Barbara.

— Certo, esse tal de Bhaltair Arasgain deve estar querendo juntar as quatro pedras elementares.

— Isso seria o fim do mundo — disse Emmy com uma cara de pavor.

— Sim, não podemos deixar que isso aconteça de jeito nenhum — expressou-se Frank. — Vamos mandar aquele general e o maldito druida de volta para o inferno.

— O que pretende fazer? — perguntou Walter.

— Agora, somente acabar com esses desgraçados e livrar todos os garotos.

— Ai estão somente a metade dos meus amigos. Ainda tem mais seis em outra galeria — argumentou Luiz.

— Vamos então salvá-los, pode ter certeza. Quem está comigo? — perguntou Jason.

Então, ouviu-se mais um grito desesperado de dor e sofrimento vindo de um dos garotos. Luiz olhou sem aguentar mais um segundo, explodindo em uma corrida contra o monstro que atacara o garoto,

lançando um berro estridente:

— Pedro! Larga o Pedro, seu maldito! — bradou Luiz, retirando uma adaga que, assim como Frank, arrancou de um dos animais mortos.

O garoto pulou em cima do agressor, desferindo diversos golpes com sua faca no pescoço do animal, acertando uma importante veia e o apagando na hora. Vendo a cena, outros seres começaram a correr em direção ao ataque, assim como Frank e os outros que vinham no encalço de Luiz. Eram por volta de doze animais asquerosos, muito parecidos uns com os outros, mudando somente alguma coloração da pele escorregadia e a musculatura em seus braços e peitoral, assim como também em diferentes estaturas, mas nada muito desigual.

Luiz agarrou seu amigo Pedro e o trouxe próximo do grupo, enquanto os outros encaravam o pequeno exército animalesco, se é que podiam chamá-los de animais. Estava mais para exército bizarro. Ficaram por algum tempo se encarando e prevendo o próximo movimento do adversário quando ouviram mais gritos, vindo ao longe e passos apressados cada vez mais distantes. Alguns dos monstros que tinham ficado para atrás do nojento grupo estavam batendo em retirada levando com eles os meninos sequestrados, enquanto faziam um bloqueio evitando a passagem dos outros humanos.

— Não podemos deixar levá-los! — gritou Luiz, se pondo a correr em direção aos monstros.

Uma luta então se travou, chicotes foram atirados com força contra Jason, já que era o maior do grupo e ponto de referência, sendo enrolados em seus braços, mas não segurando a força do soco que desferiu em um dos Peixomens que tentava se proteger sem sucesso. Jason acertou o maxilar do oponente com tanta força que deve ter

deslocado-o para a direita. Em seguida, retirou um punhal por detrás de suas costas, cravando no peito da aberração, fazendo-o cair aos seus pés. Retirou a faca presa à caixa torácica do monstro com uma força sobre-humana, acertando em seguida um segundo Skum, que pensou se aproveitar da pequena distração do humano para atacá-lo pelas costas, não sabendo que Jason já havia previsto seus movimentos assim que se aproximou. Já eram menos dois daquele amontoado de seres horripilantes.

Barbara se apoderou do chicote que a criatura derrubou e acertou em um outro que chegava próximo, o jogando com tudo para trás. A menina apontou para o alto e rodou com toda a força que possuía, produzindo um zunido e um vento bem forte. Esse movimento, mesmo que feito sem querer, atordoou os cinco Grimlocks que vinham na direção deles atacá-los com seus machados, se trombando uns nos outros.

— Continue! — prosseguiu Walter. — Esses seres, por serem cegos, se orientam por eco localização assim como os morcegos. E com esse movimento que fez com o chicote para cima, de alguma forma está agitando as partículas do ar. Por conta desse agito, são criadas ondas que colidem com as outras emitidas pelos monstros cegos, confundindo-os e mudando a trajetória deles.

Emmy se apoderou de mais um chicote e, junto de sua amiga, começou a girá-los, fazendo com que aquelas criaturas se debatessem mais e mais, derrubando-se uns aos outros. Aproveitando a ridícula cena, Frank e Luiz se jogaram para cima deles, derrotando-os facilmente enquanto Walter e Jason enfrentavam dificuldades para acertar os Peixomens que, com sua pele escorregadia, desviavam de seus golpes e se aproximavam cada vez mais da dupla. O grandalhão já havia levado diversos golpes, mas não caía por nada, parecia que

seu corpo era de aço, pois algumas vezes os próprios monstrenhos reclamavam de dor nos punhos. Acertou mais um em cheio, derrubando-o com um golpe bem dado. Frank e Luiz se juntaram à dupla mais experiente e igualaram o duelo. Barbara e Emily também se envolveram na luta, ambas segurando os chicotes bem firmes e, assim que se aproximavam das criaturas, desferiam chibatadas atordoando-os. Não demorou muito para que todos os meio-humanos estivessem estirados ao chão. Luiz correu de volta ao seu amigo Pedro, que a essa altura estava descansando e recuperando suas forças. O garoto estava faminto e Emmy sem pensar duas vezes deu-lhe um pouco da comida que havia reservado para depois.

— Luiz, como é bom te ver, meu amigo. Você conseguiu fugir deles e arranjou algumas pessoas para nos ajudar? — indagou Pedro, com a voz cansada e todo dolorido.

— Sim, Pedro. Eles me salvaram e prometeram ajudar-nos contra os seres malignos.

— Mas a gente nunca vai conseguir, Luiz. Já tentamos de tudo e são em um grande número.

— Eu boto fé nesse pessoal, meu amigo. Quando estão reunidos, eles parecem exalar uma energia reconfortante e, de certa forma, acredito fazer parte desse time. Vamos, que te ajudo a levantar.

— Obrigado — agradeceu Pedro, se equilibrando sozinho com as pernas cansadas.

— Está vendo aquele grandão ali? Ele é descendente direto do grande Gadao.

— Sim! — respondeu uma voz doce vindo por detrás dos garotos.

— Pedro, quero que você conheça Emily, filha do chefe Jason, herdeira do trono do grande Gadao.

— Trono? Ha ha ha, corta essa, Lú — disse Emmy já com certa

intimidade.

Pedro olhou para a garota, encantado com tamanha beleza, mesmo debaixo de uma caverna repleta de perigos. Voltou seus olhos para Luiz, depois de novo para Emily e compreendeu que ali estava ocorrendo algum flerte entre os jovens. Ainda que todo dolorido, arranjou forças para dar um sorriso feliz, por seu amigo ter conhecido alguém legal, apesar da pouquíssima chance de saírem dali com vida.

— É um prazer conhecer todos vocês — disse Pedro, agradecendo a ajuda.

Jason, que estava um pouco afastado conversando com Walter, veio ao encontro do novo rapaz para perguntá-lo se conhecia o caminho que os bichos haviam feito com os outros rapazes.

— Acredito estarem voltando para a base, onde fica o general e seus capangas mais próximos, “de confiança” — disse Luiz, fazendo o sinal de asas com as mãos, insinuando que entre essas criaturas mágicas não existia honra, apenas o mais forte sobrevivia.

— Você consegue caminhar? — questionou Jason.

— Acredito que sim.

— Pode nos levar até essa base?

— Claro — disse Pedro, meio contrariado por ter que ir novamente até o covil, sabendo que dessa vez não teria chances de sobreviver — Mas vocês não têm ideia do tamanho do exército que esse general está criando. A essa altura, ele já deve estar sabendo desse ataque e estará pronto nos aguardando.

— Ótimo! Estaremos prontos para acabar com eles — interveio Frank, demonstrando sua coragem e determinação.

Pedro caminhou por alguns metros, se apoiando no ombro de seu amigo Luiz, este que era seu parceiro nas empreitadas e descobertas

nos fundos das cavernas de Guam. A vida dos garotos antes se baseava em ir à escola, jogar futebol e suas expedições às cavernas, seu maior e mais intenso amor. Mas não era isso o que esperavam quando acordaram amarrados nessa parte da caverna, aliás, nem sabiam se ainda estavam em Marbo. Andou por mais alguns metros até atravessarem a galeria em que estavam. O local era iluminado por tochas presas nas paredes. Até o momento, não haviam encontrado nenhum tronco de árvore ou qualquer haste de tamanho suficiente para acender uma tocha, apenas alguns pedaços de madeira desgastadas que Jason usou para algo improvisado. O chefe arrancou duas entregando uma para Frank que iria à frente, junto de Luiz e Pedro, e segurou a outra, caminhando mais atrás, cobrindo a retaguarda junto de Walter.

Barbara visualizou algumas inscrições escritas em algumas rochas mais à frente e se pôs a tentar decifrá-las, mas não conseguia. Era uma língua jamais vista, se é que aquilo era uma língua humana. O pessoal foi se juntando e tentando traduzir o que estava escrito, mais por uma questão de descanso e diversão do que por necessidade. Walter disse para Barbara não mexer com aquilo, já que haviam alguns desenhos de caveira e poderia ser perigoso. Ela, sem dar atenção ao que o senhor lhe aconselhava, já que dentre os três do esquadrão fantástico se sentia a especialista nesse tipo de enigma, continuou a tentar traduzir o que estava escrito.

Frank, vendo que não daria em nada entrar nessa discussão, disse que iria “ali atrás” rapidinho para aliviar a bexiga que estava para estourar, sendo caçoado pelos demais dizendo que dessa vez não era para ele tirar um cochilo debaixo de umas pedras.

Enquanto aguardavam o retorno de Frank, que atravessara para a outra galeria onde estavam para ter mais privacidade, Barbara

continuava com a tarefa árdua, imposta por ela mesma, em tentar traduzir aquelas palavras. Abriu seu dicionário de símbolos, que ainda não havia utilizado desde que colocou em sua mochila antes de partir de casa. Começou a caçar respostas para alguns tipos de hieróglifos ou caracteres desconhecidos, mas não encontrou nada parecido com o que estava entalhado nas paredes, até que, por fim, chegou a descobrir que se tratava de um sistema de runas.

Então, com a ajuda do dicionário, começou a tentar traduzir, enquanto Walter se pôs a conferir se Frank estava bem, com receio de que algo ruim voltasse a acontecer com o garoto.

— Isso começa com um “amar, ou amador”. Esse último aqui deve ser algo como “exaustão”, enquanto esse deve significar “cair” — disse a garota.

— Olha, — prosseguiu Pedro querendo se enturmar — esse símbolo aqui tá parecendo com “agilidade, rapidez, alguma coisa assim” e esse outro com “enquanto”.

— Mas tá faltando algo, porque ainda não faz muito sentido — disse Barbara, cada vez mais empolgada com o desafio. — Ah, já sei. Esse que está faltando aqui acho que significa “destino”, ou melhor, “destinados” e este acredito que é “treinar” enquanto este que tem o formato de uma caveira ou cabeça deve representar isso mesmo, uma cabeça. E, por último, essa palavra deve ser “inquietos”.

Barbara juntou então todas as palavras na ordem correta, prestando maior atenção à gramática e ao sentido que se fazia a frase até que chegou a uma conclusão:

— Então, — fez uma pausa de suspense — a frase deve ser algo assim: “amadores cairão rapidamente, enquanto destinados inquietos treinarão exaustivamente”.

Dito isso, sentiram o chão estremecer como que por encanto, pós



de pedras caíram do teto e infestaram o ar, fazendo com que o oxigênio daquele lugar começasse a diminuir, ficando ainda mais rarefeito. Então, ouviram gritos vindos lá de trás, de onde estavam os dois, avô e neto, e saíram correndo para tentar ajudá-los, mas não conseguiam enxergar um palmo à frente por causa da sujeira e poeira que se espalharam. Tentavam de todas as maneiras chegar o mais rápido possível, mas o caminho estava lotado de obstáculos. Antes não haviam prestado atenção, pois caminharam com as luzes das tochas, mas, como se encontravam em uma escuridão total, já que o fogo das tochas havia apagado por conta do desmoronamento, demoraram mais do que gostariam.

— Vai logo, Frank. Atravessa para o outro lado enquanto eu seguro essa rocha — disse Walter.

— Não sem você, vovô. Logo eles estarão aqui para nos ajudar.

— Não dá, garoto. Essa pedra é pesada demais para segurarmos por muito tempo. Vai logo. Eu vou estar bem do outro lado.

— Já disse que não. Então ficamos nós dois do outro lado e daremos um jeito de sairmos juntos — respondeu Frank.

Então começaram a ouvir gritos vindo do lado de onde estavam. Eram mais criaturas, que, pela conta rápida, deviam ser por volta de umas dez ou quinze. O desespero foi tomando conta deles, pois os seres começaram a puxá-los pelos braços e cintura tentando trazê-los para o lado perigoso. Fixaram seus pés ao chão ao mesmo tempo que seguravam aquela pesada rocha que quase os esmagaram.

Cada vez ficava mais difícil de suportar tanto os puxões das criaturas quanto o peso da rocha. Sem esperar, Frank recebeu um puxão do lado contrário, igualando assim as forças. Jason, Barbara e os outros tentavam de todas as maneiras trazerem seus amigos, mas não tinham força suficiente. Precisavam juntar todos e puxarem um

de cada vez, mesmo que a pedra que estava suspensa fosse pesada demais para apenas uma pessoa segurar. Tinham que agir rápido ou então quem não fosse escolhido primeiro poderia ser esmagado ou levado pelos monstros.

— Levem Frank primeiro. Eu aguento segurar por mais tempo do que ele.

— Não, meu avô ainda está se recuperando. Deixem-me aqui e levem ele primeiro.

— Jason, por tudo o que é mais sagrado. Leve ele que ainda é jovem e tem uma vida pela frente. Essa é a minha decisão, não me desobedeça, por favor.

Com o apelo de Walter, Jason decidiu rapidamente trazer primeiro Frank, que era mais leve, assim ganhavam tempo para trazer em seguida Walter, mas a estratégia falhou assim que retiraram o garoto, pois o senhor não tendo nenhuma força que o puxasse ao contrário, foi rapidamente arrastado para o outro lado, sendo cercado pelas asquerosas criaturas. Assim que ambos saíram debaixo daquela rocha, ela caiu ao chão com extrema força selando o acesso dos aventureiros por ambos os lados.

Um grito de dor ecoou por todos os cantos da caverna, atravessando até a grande rocha, podendo ser ouvido por todos. Walter, pelo jeito não suportou lutar contra todos aqueles seres e então não se ouviu mais nada, apenas os berros de angústia e lamentação de Frank, por ter perdido para sempre seu grande e fiel amigo, companheiro e avô, Walter Payne.

## **O templo sagrado**

— Vamos, Frank. Precisamos seguir em frente.

— Podem ir sem mim. Vou ficar aqui por mais um tempo!

— Todos estamos tristes com o que aconteceu ao seu avô. Ele era um grande homem e até seus últimos segundos de vida agiu como um herói, trocando de lugar contigo. Ele queria que você seguisse em frente! — alegou Jason, tentando convencê-lo.

— Você não está entendendo. Ele não queria vir pra cá de jeito nenhum. Eu insisti várias vezes, mas parecia que conhecia os perigos dessa jornada e não queria vir. Eu não quis ouvi-lo, virei minhas costas para meu avô e parti sem nem pensar nele e nas consequências. Fui imprudente, egoísta e fiz pouco caso com a pessoa que mais se dedicou a mim nos últimos anos, e que me amava acima de tudo. Acabou que não quis me deixar em perigo e me acompanhou para essa cilada mortal que eu mesmo criei. Se ele não está mais aqui com a gente, a culpa é toda minha! — vociferou Frank aos berros e aos prantos.

— Ele te deu a oportunidade de se tornar um herói como ele foi, filho. Temos ainda que resgatar muitas crianças que dependem de você, assim como salvar também seu pai que está por aí em perigo. Você lembra do que o velho Bolduf falou: “ele passou por aí, mas as coisas não saíram conforme havia planejado”. Pode estar em perigo! Seja o herói que seu avô gostaria que você fosse!

Parece que essas palavras mexeram com a cabeça de Frank, pois sem esperar um minuto a mais, o garoto estava em pé, secando suas

lágrimas e juntando suas coisas para partirem e resgatarem os garotos, que, assim como Luiz e Pedro, estavam sofrendo nas mãos daqueles seres malignos. Não podia permitir que houvesse mais nenhuma morte e acabaria de vez com a raça daqueles monstros sem alma.

Frank parecia decidido, caminhando com passos largos a fim de chegar o mais rápido possível onde as criaturas se escondiam. Sabia que talvez fosse um destino sem volta, mas nada o faria parar, a não ser Barbara, que pediu para que segurasse seus rápidos passos e parasse em frente às inscrições que há pouco tempo foram responsáveis, junto dela mesma, pela morte de Walter. Frank se viu em frente a uma garota aos prantos ajoelhada perante a ele, pedindo desculpas por tudo o que tinha acontecido.

— Frank, me desculpe. É tudo culpa minha! — berrava a menina, entre palavras e lágrimas.

— Não é culpa sua, Báh.

— Ê, sim. Fui eu quem desencadeou o desmoronamento após ter descoberto e proferido a frase, mesmo com a recomendação de Walter de não o fazer.

— Como assim? — questionou Frank, incrédulo com o que ouviu.

— Sim! — disse a garota, chorando sem parar. — Ao traduzir e ler essa frase, as paredes da caverna começaram a tremer, iniciando uma sequência de desmoronamento de pequenas pedras e, por consequência, o fechamento daquela outra sala, trancando Walter com aqueles bichos malditos.

— Tenho certeza que não foi isso. Apenas uma infeliz coincidência — disse Frank, tentando consolar Barbara ainda que estivesse com uma dor tremenda em seu coração. — Me mostre a frase que você decifrou.

Barbara sacou o caderno que já havia guardado em sua mochila e Frank, com a ajuda da tocha que carregava, começou a ler algumas palavras soltas e em seguida a frase inteira.

— Me empresta seu dicionário, por favor.

A jovem pegou o livro e entregou para seu amigo, que já procurava na página 120, conforme as anotações dela.

— Olha, Báh. Sei que a especialista em simbologia é e sempre foi você, e eu não quero jamais tomar essa fama conquistada com muito louvor — disse o garoto, tentando apaziguar o comovido desespero da menina e fazer aparecer um pequeno sorriso. — Mas olhe bem para esse desenho. Pode ser parecido, mas não é a palavra “destino”. Eu me lembro de já ter visto alguma coisa semelhante, mas não sei onde, porém tenho quase certeza que esse símbolo aí deve ser a palavra “determinação”. Logo a frase correta ficaria assim: “Amadores cairão rapidamente, enquanto determinados inquietos treinarão exaustivamente”. É apenas uma inscrição, sem valor algum. Alguém que conhece runas deve ter escrito talvez para passar uma mensagem, ou sei lá, mas não me parece nada mágico.

— Mas de onde você conhece isso? — perguntou Barbara mais calma.

— Então, não sei. Apenas apareceu pra mim, talvez em sonho, ou então algum livro que eu já devo ter lido. Tenho a sensação de ter ouvido isso há muitos anos, quando ainda era muito pequeno, mas não me lembro ao certo. O importante é que nada aconteceu e você não foi a culpada. Foi apenas uma circunstância do destino, ou outra coisa que queira chamar, mas não foi você quem provocou esse deslize. Não se martirize, preciso de ti ao meu lado para me ajudar a suportar toda essa dor, pois você e meu avô são as pessoas que eu mais amo, e vou encarar tudo isso para sairmos daqui vivos e então

planejarmos nossa vida juntos, se assim você quiser, claro.

Os olhos de Barbara brilhavam debaixo daquelas luzes fracas. Não sabia o que dizer, apenas queria estar junto de Frank e apoiá-lo nesse momento tão difícil. Abraçou-o, dando-lhe um beijo carinhoso em seu rosto. Enxugou as lágrimas que ainda escorriam pelas suas bochechas e começou a caminhar, ao lado de seu fiel amigo e companheiro de todas suas aventuras.

Caminharam em silêncio por quase uma hora, atravessando uma vasta galeria de pedras, iluminadas apenas pelas tochas que carregavam, se desviando de estalagmites que cresciam no piso e de algumas pedras soltas que insistiam em aparecer na frente do grupo, como se alguém estivesse tentando atrapalhar o caminho deles. Foi então que Jason, que tinha assumido a liderança há poucos minutos, esticou seus braços para que todos parassem de andar e apontou para algumas sombras à frente, que aos poucos iriam desaparecendo por entre as rochas.

Puseram a se concentrar em cada passo que davam, esquivando dos obstáculos que aleatoriamente estavam espalhados no meio do caminho, não havendo um padrão natural. Jason então confirmou suas suspeitas, realmente alguém estava tentando retardar o progresso deles, colocando empecilhos no meio do caminho. Mas não conseguiram identificar o responsável, já que toda vez que chegavam próximos, a sombra corria e fugia do campo de visão deles.

Não parecia ser coisa feita pelas criaturas que encontraram até então, pois estes não iriam criar armadilhas ou coisas parecidas, o negócio deles era o combate direto. Pensando nisso, Frank, Barbara e Emmy, como se houvessem ensaiado antes, disseram ao mesmo tempo em um único e forte som:

— Mark!

Sim, o garoto havia sumido desde que chegaram à caverna e em nenhum momento encontraram com ele. Desde que os malucos eventos se iniciaram, esqueceram-se completamente do rapaz. Agora estava ali, tentando de todas as maneiras atrasar eles de seus objetivos. Algo típico do filho do contra-almirante.

— Mas como sobreviveu todo esse tempo, sem comida, sozinho e com todas essas criaturas à solta? E como que ele não se tornou escravo como os demais garotos, caminhando livremente por aí? — questionou Barbara.

— Isso está me cheirando muito estranho — disse Frank, fechando as mãos com força, despertando um início de raiva misturada com indignação. — Todos os apuros que passamos, a ida do meu avô para o outro mundo, os meninos sequestrados, o caminho todo ferrado e esse moleque vem tirar uma com a nossa cara? Não me espantaria se ele fosse o responsável por tudo o que vem acontecendo.

— Você acha que ele está trabalhando junto com os caras maus? — perguntou Emily com espanto.

— Não me admiraria uma atitude como essa, já que não faz questão alguma de esconder seus péssimos modos e de quebra aquela família torta dele nunca foi um exemplo de educação.

— Esse que vocês estão falando é o filho do Almirante? — perguntou Luiz, entrando na discussão.

— Contra-almirante, você quer dizer! — interrompeu Frank, fazendo questão de rebaixar o cargo do cidadão, como se isso diminuísse o prestígio do oficial.

— Isso, contra-almirante. Então, eu me lembro de termos trombado com ele na manhã antes de partirmos para a caverna de Marbo e aparecermos aqui. Estavam ele e seus dois capangas Sergio-

Montanha e Hugodzilla, como se intitulavam.

— E então não se lembra de mais nada? — questionou Barbara.

Luiz olhou para Pedro que balançou a cabeça negativamente.

— Não! Apenas de termos chegado na caverna, iniciarmos nosso procedimento da expedição e acordarmos aqui dentro, presos a correntes com o bafo quente daquelas criaturas próximos aos nossos rostos.

— Quanto mais eu ouço e vejo esse tal Mark, mais ódio eu tenho dele — declarou Frank. — Certeza que está por trás desse sequestro. Não sei como, mas ele deve ser lacaio desse general elemental, ou até mesmo do tal mago Arasgain. Deve ter o recrutado por conta de todas as maldades que ele comete na vida, sei lá. Só sei que vai se arrepender de cruzar de novo à minha frente.

Quem não conhecia Frank e o visse naquele momento, teria certeza de que era uma pessoa amarga e não aquele rapaz alegre e sensato que Barbara tanto admirava. Parecia que sua alma estava sendo dominada por um ódio que emanava de dentro de seu corpo e se misturava com a energia da caverna, que a cada passo que o grupo dava se tornava mais iluminada.

Caminharam por mais meia hora sem em nenhum momento encontrar sinais e pistas de Mark. Parecia que seus rastros eram apagados com aqueles vestígios de pedregulhos espalhados pelo chão. Andaram por mais algum tempo, até chegarem em uma espécie de um extenso túnel de pedras, só que ao contrário daqueles que atravessaram anteriormente, este era todo iluminado e com um acabamento interno, de pedras lisas bem alocadas umas sobre as outras. Não encontraram a fonte da luz, mas, de certa forma, tinham certeza que era por lá que deviam seguir, ainda mais quando encontraram pegadas dentro dessa passarela subterrânea que só podiam ser de



Mark.

A certeza de que encontrariam os garotos sequestrados no final desse túnel deu uma injeção de ânimo no grupo que se colocou a correr, carregando suas tochas e armamento, desde as facas das criaturas aquáticas aos chicotes que as garotas utilizaram para acabar com os seres cegos. O corredor iluminado era muito suspeito e bizarro, mas a essa altura já não estranhavam nenhuma anomalia.

Correram como puderam como se o tempo estivesse acabando, uma vez que os monstros haviam recuado levando com eles os meninos e nem ao menos sabiam se os jovens ainda estavam vivos.

A travessia parecia não ter fim, pois já devia ter passado quase uma hora e ainda não era possível enxergar o final. Acharam melhor descansarem um pouco e recuperarem o fôlego. Emmy lembrou bem, já fazia um bom tempo que haviam comido pela última vez e sobrara muito pouco desde a alimentação de Pedro, portanto precisavam segurar a energia que lhes restava.

Sentaram naquele chão liso, que parecia ter sido varrido recentemente, contrastando com as outras galerias que estavam acostumados a caminhar, cheias de detritos de pedras, poeiras, rochas e conjuntos de estalactites.

Já com as pernas e o pulmão descansados, partiram em um caminhar rápido naquele sinistro corredor. Queriam sair logo dali, pois estavam encurralados e seriam presas fáceis para qualquer criatura que aparecesse ali. Aceleraram o passo e depois de mais alguns pares de minutos, se depararam com os últimos metros daquela longa travessia.

Chegaram a um estranho salão, tomado de água por todos os lados. À frente, havia uma espécie de ponte de pedras que transpassava o escuro e calmo lago, que não quiseram se aventurar a dar um

mergulho para descobrir sua profundidade.

Andaram por cima da antiga e rústica travessia, chegando ao final do percurso em poucos minutos de caminhada. Deparam-se com um cenário um tanto quanto inusitado. A ponte terminava em um misterioso círculo e nada mais, apenas um círculo de pedras, com algumas inscrições talhadas no chão.

Frank e os outros tentaram compreender o que se passava, mas mesmo com as tochas em suas mãos, a escuridão do local dificultava ainda mais a visibilidade.

— Como os monstros saíram desse local? Não é possível! — questionou Frank.

— Será que pularam nessas águas escuras? — perguntou Emily, incrédula.

— Eu não duvido de mais nada.

— Mas se for muito fundo? Gelado? Não dá pra enxergar quase um palmo à nossa frente — voltou Emmy a falar com insegurança.

— Acho que não temos o que fazer, vamos precisar pular – disse Luiz, segurando na mão da garota. — Caso se sinta melhor, pode segurar em mim.

Sorte que a escuridão era mais forte, pois Luiz veria uma garota extremamente encabulada.

— Pessoal, eu vou na frente e verificarei a profundidade desse lago — se prontificou Jason com o comportamento de um grande líder.

— Espere! — gritou Frank. — Vamos ver se a pedra elementar nos ajuda a iluminar melhor o local.

O rapaz se aproximou do centro do círculo de pedras, enquanto os outros se afastaram do garoto. Retirou a pedra do saquinho em seu bolso e essa começou a brilhar com os famosos tons azulados já

conhecidos pelo grupo. Porém, algo desta vez estava anormal. Uma forte e duradoura vibração fez a ponte tremer e as águas do lago se mexerem como se encarassem um oceano revoltado depois de um tempestade.

Algo estava acontecendo e não sabiam ao certo o que era. O local foi se iluminando na medida que as águas do lago giravam e subiam da superfície em um incrível e imponente vórtice, criando um espécie de portal mágico.

Ao se aproximarem, o portal começou a brilhar em um tom azul claro, como se alguém o tivesse ligado na energia elétrica, impossibilitando a visibilidade do outro lado da passagem.

— Que coisa mais linda — disse Emmy.

— Certeza que isso é magia — suspeitou Frank.

— Ainda assim é muito lindo — continuou Emily. — Será que é seguro atravessar?

— Frank! — gritou Barbara. — Olhe para a pedra.

O garoto abaixou sua cabeça e percebeu que o mesmo brilho azulado que aparecera no portal também estava no artefato em sua mão, que pulsava como se um coração azul estivesse batendo freneticamente.

— Que doideira! — brincou Luiz. — Acho que devemos estar próximos da outra parte da pedra. Ouvi uma das criaturas dizer que quando as duas partes estivessem próximas, elas piscariam como se uma chamasse pela outra. Elas querem se unir novamente. Deve ter sido uma pancada muito forte para se quebrar.

— Por via das dúvidas, é melhor você guardar essa relíquia — ordenou Jason. — Não sabemos se estão nos aguardando para roubá-la, até porque se essa brilhou desse jeito, a outra também não deve estar tranquila. Então, vamos dificultar as coisas para aqueles

monstros.

Frank obedeceu rapidamente ao grande chefe, guardando-a em seu bolso dentro da caixinha de Barbara, ignorando o fato de que ela não parava de pulsar com a cor azulada.

— E esses desenhos de triângulos e outros símbolos diferentes aqui nesse círculo? Não acharam estranho? — perguntou Frank agora enxergando as inscrições no chão.

— Esses são símbolos do elemento água — explicou Jason. — O elemento água é considerado frio e úmido. Eleva-se acima da terra, mas abaixo do ar. O símbolo é um triângulo apontado para baixo, representando o trajeto natural que é sempre descer, ao contrário do fogo que sobe e se expande.

— Interessante. Então, esse portal do elemento água está aqui por quê? — questionou Barbara.

— Acredito que este deve ser o local sagrado onde os guardiões protegiam essa pedra elementar. Deve ser seu templo, seu santuário. — respondeu Jason.

— Sim, por isso que aquele mago mandou seu exército vir procurar a tal pedra — argumentou Frank. — Ele já devia saber a localização dos templos sagrados de cada artefato. A essa altura, já deve ter juntado as outras três só esperando para pôr as mãos nessa aqui que está comigo.

— De alguma maneira ela te escolheu, garoto. Você é o novo portador e assim deverá ser até colocarmos um fim nessas criaturas e devolvermos essa relíquia para seu devido local, seguro de qualquer pessoa que queira usufruir de seus poderes.

Frank concordou com um aceno de cabeça, fechou seus punhos e chamou a todos para trocar umas últimas palavras antes de atravessarem o portal para a galeria desconhecida.

— É isso aí, pessoal. Parece que chegamos ao final da linha. Ao atravessarmos esse portal, iremos iniciar a batalha para salvarmos os garotos sequestrados e meu pai. Precisamos lutar com todas as nossas forças e deixar o medo aqui nesse corredor sozinho. Juntos somos imbatíveis, basta acreditarmos. Quem está comigo?

— Pode contar comigo — Barbara foi a primeira a se pronunciar. Saiu por detrás de Emily e se pôs ao lado de Frank.

— E comigo, afinal, eles precisam de nós — confirmou Emmy.

— O que estiver à minha altura, farei o melhor — disse Jason, batendo em seu peito em um gesto de bravura.

— Conte com a gente também. Vamos salvar nossos amigos e rever nossa família — gritaram Pedro e Luiz, empunhando as facas que Jason lhes deu.

— Vamos vingar a morte de meu avô e mostrar a eles que ninguém mexe com nenhum de nós — bradou Frank, atravessando o portal mágico, não acreditando no que estava à frente de seus olhos.

A gruta se tornara um paraíso por debaixo da cavidade rochosa. O local era totalmente iluminado, rodeado de ao menos uma dúzia de pequenas quedas d'água e uma cachoeira imponente bem no centro que abasteciam um grande lago ao fundo. A vegetação era bem cuidada e florida, com árvores frutíferas e um gramado bem aparado deixando o ambiente com um ar calmo e tranquilo. Barbara e os outros seguiram seus passos, aparecendo ao lado do garoto, não acreditando em tamanha beleza que o portal revelara. Jason estava certo, ali deveria ser o templo sagrado do elemento água.

As águas pareciam descer com muita força, desacelerando ao passo que chegavam próximas ao lago, fazendo pouco ou quase nenhum impacto, parecendo uma leve e fina garoa.

Olharam em volta e não encontraram nenhuma evidência de que

os monstros tivessem passado por ali. A ideia era alcançar as criaturas e iniciar uma guerra até que não sobrasse ninguém para contar história, salvando os garotos sequestrados e Douglas, mas, desde que entraram naquele santuário, o tempo parecia ter diminuído ou até mesmo parado. De alguma forma, o templo estava mexendo com eles, pois não queriam mais sair dali. Os outros compromissos podiam esperar, era hora de contemplar tamanha beleza e relaxarem. Eles queriam isso! Eles mereciam isso!

Luiz e Emmy entraram no lago para dar um mergulho e descansar suas pernas que já não aguentavam mais de tanto caminhar. Pedro sacou a mochila de Emily, retirando todos os alimentos que haviam sobrado, colocando um grande pedaço de uma mortadela em sua boca, sem ao menos pensar se alguém mais queria.

Jason se deitou no gramado com os pés dentro do lago, apreciando a vista e pegando no sono, iniciando um ronco, que dizem ter sido possível ouvir até mesmo do outro lado do portal. Enquanto que Frank e Barbara se acariciavam, sentados com suas pernas entrelaçadas e começando um beijo demorado, saboreando cada pedaço de seus lábios sedentos de amor. O ritmo foi aumentando, do mesmo modo que seus batimentos cardíacos, e diversas sensações foram tomando os corpos do jovem casal.

Barbara, que não aguentava mais esperar para se entregar ao seu secreto amor, agarrou Frank pela camisa, tentando a qualquer custo arrancá-la para beijar e acariciar o peitoral do rapaz. Este, eufórico, se levantou para carregar sua amada em seu colo quando, por acidente, o saco que carregava a pedra caiu de seu bolso, abrindo-o e revelando um brilho intenso azul que foi observado pelo casal, cegando-os temporariamente. Um minuto após essa luz entrar por suas retinas, Frank, irritado, pegou a relíquia e a colocou novamente

em seu bolso.

Voltou a olhar para Barbara e se assustou quando reparou que a magnífica paisagem havia mudado. De todas as quedas d'água que o local dispunha, apenas a cachoeira grande ainda estava lá, mesmo que com pouquíssima água. O vale parecia ter secado suas águas de uma hora para outra. Barbara também reparou nisso e quase caiu de susto.

— Não é possível. Agora mesmo era um dos locais mais bonitos que já conheci e então tudo mudou — falou Barbara, ofegante.

Frank olhou para Jason e viu o grandalhão deitado em um chão de pedregulhos com suas pernas suspensas ao ar acreditando ainda estar com seus pés dentro das águas cristalinas do lago. Do mesmo modo estavam Luiz e Emmy, que levantavam suas mãos para o alto a todo instante com a certeza de estarem jorrando água para cima.

O garoto já não estava entendendo mais nada, a vegetação desaparecera dando lugar às pontudas pedras de calcário, as águas sumiram e as frutas nunca estiveram lá. Parecia que estavam sendo encantados por magia desde que entraram naquele lugar e não enxergavam a realidade.

— Mas o que é que está acontecendo? — gritou Frank.

— Acho que o melhor seria perguntar quem é que está por trás disso — falou uma voz ao fundo, próxima à parede lateral.

— Quem está aí? — perguntou o garoto, empunhando uma faca.  
— Mostre-se!

Então uma neblina ao lado leste foi se dissipando e apareceu uma figura um tanto quanto bizarra, que nenhum dos dois jamais pudessem imaginar que existisse, nem mesmo nas histórias fantasiosas que Frank costumava ler quando mais novo. Um grande baú, de mais ou menos o tamanho de uma grande televisão, apareceu

revelando seis pequenos olhos, uma boca cheia de dentes protuberantes e uma língua enorme que teimava em fugir de sua boca.



## **Thomas S. Wolf**

O deslizamento causado pela curiosidade de Thomas separou novamente o grupo, deixando para trás o já debilitado Erik. Os oficiais tentaram de todas as maneiras retirarem as pedras de cima de Smith, mas eram pesadas demais para o enfraquecido batalhão. Dos doze militares que adentraram a caverna, a metade já não voltaria para suas famílias. O general já imaginava a repercussão negativa que essa história daria para suas carreiras, incluindo os aborrecimentos que teriam que lidar ao reportar os contratempos que tiveram para os outros países que compunham o Conselho de Segurança da ONU.

“Agora não era hora para isso” — pensou o general, que precisava resgatar seu amigo por detrás dos escombros que o separavam do restante dos seus homens. Subiu nas rochas empilhadas, procurando alguma que estivesse solta o bastante para rolar e abrir qualquer passagem, mesmo que pequena, para então tentar forçar as outras pedras.

Procuraram por um bom tempo, se perdendo entre esforços e pensamentos, a fim de resgatar o oficial de três estrelas. O general gritava por Erik, mas este não respondia. Então o chão voltou a tremer novamente com tamanha força que algumas rochas e pedaços de estalactites que haviam caído durante o terremoto se desprenderam e, não fosse pela agilidade dos oficiais, os teriam esmagados.

Com o deslizamento, um buraco se abriu no alto, de tamanho suficiente para a passagem de um homem. O capitão Williams

ordenou que dois de seus homens que tinham sobrevivido a derrocada atravessassem aquela fissura e resgatassem o tenente-general Erik Morgan. O soldado Scott e o sargento Lopez, ainda abalados com a recente morte do soldado Smith, assentiram com uma contidência e se dispuseram a avançar até o buraco criado pela estranha força que ocorrera após Thomas Wolf enfiar sua mão naquele vão brilhante em busca de aplacar sua cobiça.

Os militares subiram rocha a rocha, com o receio de ocorrer mais desmoronamentos até chegarem à fenda, onde atravessaram para o outro lado. Longos minutos passaram e nenhum sinal dos três homens. O general já esperava pela notícia de que seu melhor amigo havia ido dessa para melhor. Culpou-se por exigir que Erik lhe acompanhasse nessa missão suicida, pensando apenas nas glórias e ainda mais reconhecimento que ganhariam se colocassem um fim naquelas ondas eletromagnéticas que assolavam o planeta ultimamente, sequer imaginando que colocaria o compadre de seu filho mais velho em perigo iminente.

Thomas não aguentava mais esperar, socando uma das pedras à sua frente. Por ele, deviam continuar a jornada, abandonando o moribundo em sua própria cova, não querendo assumir sua responsabilidade pelo acontecido.

— Parece que não estão encontrando o corpo do tenente-general, senhor.

— Isso tudo é culpa sua, contra-almirante Wolf! — gritou George Nelson com lágrimas em seus olhos. — Se não fosse essa sua eterna sede por vingança, não teríamos descido por aqueles penhascos infindáveis, tampouco ninguém haveria morrido. Em suas mãos tem o sangue de sete oficiais, entre eles, meu querido amigo, Erik Morgan.

— Isso não é apenas uma mera vingança, general. Tem algo

muito estranho acontecendo aqui nessa catacumba e vamos descobrir juntos.

— Não me venha com essa, Thomas. Eu sei muito bem dos poderes que acontecem com você nessa ilha e em toda sua carreira militar. Se você acredita que sua ascensão tem a ver com um bom trabalho que está exercendo, pode ter certeza que não é bem assim. O senhor só está onde está por ser filho de Todd Wolf, um nobre homem que morreu salvando minha vida na grande guerra.

“Lembro-me como se fosse hoje. Um dos inimigos havia se infiltrado em nossa base acertando em meu ombro esquerdo um disparo de raspão. Caí de dor enquanto o sangue escorria lentamente para fora de meu corpo.

“O inimigo então levantou novamente sua arma para dar o tiro de misericórdia quando seu pai se jogou à frente, recebendo a bala em meu lugar. O projétil acertou uma artéria que o fez jorrar sangue sem parar. Um dos soldados que lá estava acertou o inimigo que tombou ao lado.

“Eu apertava contra o peito de Todd para reduzir a hemorragia, mas a pressão era enorme e o fluxo contínuo. Então seu pai agarrou um dos meus braços e puxou meu rosto em direção aos olhos dele. Já sem forças, com a boca trêmula, pronunciou as seguintes palavras: essa dívida você pagará ao meu filho”.

Thomas se remexia enfurecido enquanto ouvia aquelas palavras duras ao seu respeito.

— Assim que voltamos a salvo, não custou encontrar o filho do herói Todd Wolf, que já cursava o ensino militar na Califórnia. Você era um jovem rapaz que almejava grandes façanhas, além de querer conquistar seu espaço entre o alto escalão militar.

“Foi então que, ao concluir seus estudos e tornar-se tenente, eu

consegui com que servisse no meu grupamento, acompanhando de perto seus passos, estes que muitas vezes não eram corretos, fazendo com que me questionasse se realmente aquela dívida já não teria sido paga, mas sempre concluía que Todd merecia mais e que você ainda tomaria um rumo na vida.

“Com o passar do tempo, lhe promovi a major e vi a cada dia suas atitudes irem ao contrário às minhas. A pressão estava ficando forte, pois me questionavam o porquê de você estar crescendo na hierarquia, enquanto muitos oficiais de caráter incontestável eram subordinados seus, ou então dispensados de seus serviços.

“Foi então que resolvi lhe mandar para longe de nossa base, lhe oferecendo uma rápida ascensão em sua carreira, dando-lhe a oportunidade de chegar ao cargo mais alto da marinha americana, tornando-se almirante de quatro estrelas. Mas claro que isso nunca ocorreu, pois você foi ficando cada vez mais perverso, pensando apenas em sua promoção pra ter ainda mais poder sobre as pessoas, sempre pisando em quem estava abaixo de você.

“Depois, veio aquele episódio do assalto às cavernas da região aqui das Ilhas Marianas onde o senhor colocou em risco toda uma operação, deixando escapar o principal suspeito. Por conta disso e outras coisas, nunca permiti que chegasse ao poder que sempre almejou.”

Thomas Wolf, ao ouvir o intimidador relato do general, sentiu seu sangue ferver. Não era justo, depois de tudo o que fez pela marinha, saber que sua carreira havia estagnado por conta de um capricho de um velho idiota que se gabava e se achava superior por ter se tornado general dos Estados Unidos. Disse para si mesmo que isso não ficaria assim e sua vingança agora tinha mais uma vítima e não estaria completa se, além de pegar o cretino do Douglas Payne, não

desmoralizasse e acabasse com a raça de seu antigo mentor, o general George Nelson.

Ouviram-se então pequenos pedregulhos deslizando da montanha de rochas, revelando três pessoas atravessando a fissura que os separava do outro lado. O general abriu um sorriso ao ver que seu amigo Erik continuava vivo, mas logo desfez o gesto ao tentar abraçá-lo e perceber que sua saúde estava cada vez mais frágil.

— Vamos embora finalizar essa missão e colocar na prisão o verdadeiro responsável por tudo isso — disse o contra-almirante. — A qualquer momento, pode haver outro desmoronamento e não quero ter que velar seu corpo, general Nelson — aconselhou Thomas ao som de uma ameaça.

Erik Morgan estava com o rosto esfolado, o corpo ensanguentado, suas pernas já não respondiam aos seus pensamentos, mas ainda tinha vida naquela carcaça cadavérica. George Nelson temia alguma nova investida contra seu amigo, pois este não aguentaria mais qualquer tipo de contra-ataque, se colocando à frente do tenente-general para protegê-lo de qualquer agressão.

Caminharam em direção contrária ao deslizamento, atravessando diversos escombros no meio daquele salão escuro, colidindo por várias vezes nas pedras que estavam no caminho do batalhão. Erik já não tinha forças para continuar e o soldado Scott e o general o pegaram pelos braços, o levando o mais longe possível daquele lugar. Caminharam desse jeito por mais de duas horas até chegarem a uma câmara pouco iluminada pelos benditos insetos.

Queriam acender alguma tocha, mas não tinham algo para segurá-la. O tenente Lopez enrolou um pedaço da camiseta que rasgou em sua faca e acendeu uma chama, fazendo uma tocha improvisada, mas sabia que o fogo consumiria logo o tecido, voltando em alguns

minutos àquela escuridão.

Percorreram um trajeto mais limpo e aceleraram o passo, na medida do possível, até chegar próximo de uma poça de água proveniente de algumas estalactites ao redor. Encostaram Erik em uma rocha, de modo que pudesse descansar algum tempo, e enquanto o soldado Scott foi encher alguns cantis com a água cristalina, o capitão Williams retirou de sua mochila algumas provisões, como barras de proteínas, castanhas, embutidos e frutas secas.

O general George Nelson ficou responsável de cuidar de seu amigo Erik e lhe forneceu o alimento, levando pequenos pedaços do que parecia ser uma mortadela à sua boca e lhe ofertando água. Sacou um sachê repositor energético da mochila e colocou na boca de seu amigo, que sorveu o líquido até o final, aliviando um pouco a fadiga.

Erik sentia muita dor e precisava urgentemente de um analgésico, mas para azar do tenente-general, o kit de primeiros socorros estava sendo carregado pelo soldado Hoover, que caiu no precipício junto com sua mochila, ao enfrentarem aquela maldita criatura estranguladora e seus chicotes.

Agora precisava mais do que nunca das técnicas e treinamentos militares, que teve durante todos esses anos, sobre o controle da mente para aliviar as dores físicas. Foi em um desses atos de dores alucinantes, que um grito ecoou por toda a caverna, refletindo um barulho próximo a eles que ninguém ainda havia escutado, com exceção de Erik, que já imaginava o pesadelo que estava prestes a presenciar novamente.

A estalactite acima de suas cabeças parecia desmoronar, assustando quem estava atento ao movimento de uma terrível criatura, que se disfarçava muito bem, à espreita de seu distraído alimento. O

monstro que lembrava um manto negro, de olhos vermelhos e tentáculos compridos, desceu a uma velocidade tão alta ao solo que não deu tempo de o tenente Lopez reagir ao ataque, sendo agarrado pelo bicho que lhes parecia uma mistura de uma lula gigante e um morcego.

Do mesmo modo que ele desceu, voltou para o alto da gruta se esgueirando por algumas estalactites ali presentes. Tiros atravessaram o teto da caverna, não acertando o animal, sendo ele muito ágil, se desviando das balas que passavam próximas e se camuflando sem ser identificado. O tenente bem que tentou o máximo que pôde para se desvencilhar daquele abraço mortal, mas nada pôde fazer, suas costelas se quebraram no primeiro aperto do bicho e foi levado para longe dos outros militares.

Olharam para todos os lados e não encontraram mais rastros do enorme animal de oito tentáculos, tampouco seu ruído. “Ele escapou levando um de meus homens!”, foi o que pensou o general junto de um palavrão. Por fim entenderam o que Erik havia lhes dito todo esse tempo, essa caverna era bizarra, muito bizarra, e George Nelson não queria mais continuar ali, no entanto, não tinham para onde ir. Já haviam entrado a fundo naquele covil e agora era tarde pra desistir e voltar.

Guardaram correndo os mantimentos na mochila do capitão, re-carregaram seus fuzis de assalto, semiautomáticas e metralhadoras, caso tivessem que enfrentar novamente outro ser daqueles. Evitaram até o momento o uso de granadas, uma vez que qualquer explosão poderia ocasionar um desmoronamento, soterrando os integrantes da campanha. Novamente, o soldado Scott junto do general Nelson carregaram Erik pelos braços e cintura, de modo que pudessem caminhar com certa pressa e sair daquela fúnebre galeria, mas nem

tinham percorrido ainda dez metros quando ouviram vozes e passos vindo em suas direções.

Tentaram de todas as maneiras esconderem-se quando perceberam estar cercados por quatro malditos seres repugnantes. Três deles pareciam com um peixe ou algum tipo de criatura aquática, pois tinham rabos compridos e pele gosmenta e escorregadia, mas estavam eretos como se caminhassem sobre duas patas. O outro parecia um ogro hediondo segurando em sua mão um machado de pedra que parecia estar bem pesado.

Notaram que este era cego dos dois olhos, todavia tinha seu ouvido bem apurado, foi o que constataram com a aproximação deste ao grupo. O ser repulsivo veio correndo, agitando seu machado, passando muito perto da cabeça de Thomas, que conseguiu esquivar-se devido ao empurrão que o capitão Williams lhe deu, salvando sua pele. Novamente rajadas de tiros rompiam o silêncio daquela tumba de pedras, derrubando um dos três homens-peixes que estava iniciando uma investida contra eles. Dessa vez, não haviam sido surpreendidos, conseguindo defender-se, contra-atacando os novos monstros que apareceram. O capitão Williams e o almirante Thomas seguravam o dedo no gatilho de suas pistolas sem dó, na tentativa frustrante de derrubar o restante da anomalia.

Mais um deles havia caído sob a arma de fogo do homem, enquanto um outro se jogou como pôde para o lado, de modo que conseguiu desviar dos projéteis proferidos. Enquanto atiravam contra aqueles seres nada simpáticos, não haviam se dado conta de que o ogro cego apareceu por detrás do capitão Williams, atravessando seu machado contra as costas do oficial, desferindo diversos golpes não dando chances de se defender. Thomas, que estava próximo, travou uma batalha solo atirando à queima roupa com sua



submetralhadora AR-57 no peito do monstro, que, com o choque das balas, não resistiu, caindo à sua direita, na sequência da morte do companheiro.

Agora tinha sobrado apenas mais um dos homens-peixes, este se escondeu para não ser morto como as outras aberrações. Procuraram por toda parte, mas o ambiente pouco iluminado prejudicava as buscas do ser maligno, que acreditaram ter fugido durante a sarai-vada de balas da arma de fogo do contra-almirante. Resolveram carregar Erik para fugirem dali o mais rápido possível.

— Vamos, Erik, temos que dar o fora daqui — disse George.

— Agora você entende o que te falei, meu amigo. Estamos no meio do inferno! — proferiu o tenente-general. — Creio que morremos naquele abismo ao entrarmos na caverna e esse está sendo nossa tortura astral, com todos esses seres estranhos.

— Não digam bobagens e vamos logo, pois não quero acabar na barriga de um desses animais — bradou Thomas com uma ponta de medo.

Os homens a contragosto marcharam alguns poucos metros quando foram submetidos a um novo ataque. Dessa vez, uma faca bateu com força em uma grande rocha à frente do almirante, quase que acertando seu rosto, que imediatamente virou-se na direção do ataque sem conseguir ver quem arremessou o objeto.

Thomas apertou seus olhos para enxergar melhor na escuridão, enquanto que George e Scott cuidavam de Erik, cobrindo qualquer ataque que viesse pela frente. Esse foi o grande erro cometido pelos oficiais de elite do exército americano, não percebendo que seu inimigo já não estava na posição da origem do disparo da adaga e sim por trás dos oficiais, conseguindo esse feito, se aproveitando da habilidade de enxergar muito melhor em ambientes mais escuros do

que os seres humanos, e da destreza em se movimentar sem fazer barulhos.

Erik, que havia ficado por trás de seus escudeiros, foi o primeiro a ver o vulto de um monstro se apresentando sedento por carne humana. Aproximou-se lentamente, enquanto o tenente-general tentava de todas as maneiras gritar por ajuda, mas parecia que algum sentimento estranho dominou sua mente, desejando sua morte ali mesmo e o calando à medida que o animal chegava cada vez mais perto, pronto para dar o bote certo.

## **O enigma de Artmeck**

— O que é você? — perguntou Frank, apontando a faca em sua direção.

— Cadê seus modos, garoto? — questionou aquele ser bizarro, mexendo a abertura do baú como uma boca, enquanto que sua língua se mexia a todo instante, muitas vezes soltando gotas de saliva para todos os lados. — Meu nome é Artmeck, um ser da raça mímico, muito antigo, criado por um mago que dominava a arte dos enigmas e mistérios de todo o universo. Estou esquecido nessa caverna há muitos anos, aguardando o retorno de meu amo e, enquanto o espero, conheço guerreiros corajosos que se aventuram por essas cavernas malditas, além, é claro, das criaturas das trevas que vocês nem ousariam enfrentar.

Frank não parava de olhar para sua boca cheia de grandes dentes. Já viram de tudo naquele lugar, mas nada comparado a isso. Barbara, que estava agora ao seu lado, também não conseguia tirar os olhos daquela criatura.

— Me conte o que está acontecendo aqui, por favor. Como eu posso quebrar o encanto de meus amigos? — perguntou Frank, saindo do transe em que estiveram, enquanto olhavam para a criatura sem ao menos conseguirem desviar seus olhos.

— Isso é um feitiço de encantamento, uma das magias derivadas do elemento água. Nada mais do que um ilusionismo criado para deixar-lhes relaxados e retirar suas preocupações com o mundo exterior. Geralmente, quem domina esse elemento consegue criar um

ambiente relaxante para uma recuperação mais rápida de alguma enfermidade, tanto física quanto espiritual.

— Mas quem está por trás disso? — perguntou o garoto curioso e ao mesmo tempo receoso.

— Como eu disse, isso é uma magia elemental e só pode ser realizada por uma pessoa que a domina e, pelo que vi até agora, não é o caso de vocês, meros humanos.

— Então só pode ser coisa daquele general elemental da água que ouvimos — pensou Barbara em voz alta. — Não sabemos de mais nenhum ser capaz de dominar qualquer tipo de elemento da natureza.

— Verdade, Bah. Se for ele, então, precisaremos acordar o pessoal e juntar a equipe para estarmos com força máxima. Pelo jeito, ele deve estar bem próximo.

— Posso te fazer uma pergunta? — questionou Barbara para o velho baú errante.

— Sim, claro. Qualquer coisa para uma menina tão linda quanto você — disse aquele velho baú, passando sua língua babenta por todos os lados de sua monstruosa boca.

— Como fazemos para derrotar um ser tão poderoso quanto esse general? — perguntou Barbara sem prestar atenção àquela repulsiva cena.

— Esse general que vocês se referem é um ser mágico evocado das profundezas das águas geladas do pacífico. Ele é um guerreiro elemental da água, especialista em combate e ao menos que vocês tenham poderes mágicos e sejam peritos na arte de guerrear, que eu duvido muito, caíam fora antes de serem mortos — disse aquele ser com toda arrogância que lhe cabia.

— Mas na hipótese de termos que enfrentarmos esse monstro,

como poderíamos vencer?

— A pergunta correta é: como vencer a água? — retrucou o baú humanoide.

— Como? — questionou Frank.

— Vocês já sabem a resposta — ponderou Artmeck.

Os garotos ficaram pensativos e não conseguiam chegar em nenhuma conclusão. Enfim, cansados de pensar, mudaram de assunto.

— O que tem dentro de você? — questionou Frank curioso.

— Há alguns anos, uma pessoa guardou dentro de mim a lendária pedra transmorfa.

— Pedra transmorfa?

— Sim, é um artigo mágico, muito raro, que tem a capacidade de se transformar no desejo mais profundo daquele que a tocar. Há pouquíssimas pedras dessas na terra e, por coincidência, aqui nessa caverna existem duas, uma presa entre grandes rochas em algum lugar por aí e a outra dentro de mim, bem guardada e segura como só eu posso mantê-la.

— Podemos dar uma olhada? — perguntaram Frank e Barbara.

— Claro que não. Esqueceram que eu sou um discípulo de um grande mestre das charadas? A pessoa que me incumbiu de protegê-la por esses anos, disse que alguém só poderia abrir meu baú se conseguisse descobrir a resposta do grande enigma e somente alguém sábio conseguirá desvendar. Claro que não é o caso de você — disse Artmeck medindo Frank dos pés à cabeça.

— Você não está entendendo. Se essa pedra tem o poder de se transformar naquilo que mais estamos desejando é a grande chance de vencermos a criatura, pois o que eu mais quero agora é pôr um fim nisso tudo, portanto, me entregue a pedra, por favor — insistiu

Frank.

— Não estou aqui pra fazer caridade, garoto. Descubra o enigma e eu lhe abrirei meu baú.

— E no caso de eu errar, o que acontece?

— Lhes darei três chances para descobrir. Se não acertarem, eu trancarei meu baú por mais alguns bons anos, aguardando o prometido guerreiro que retirará isso de dentro de mim.

Frank olhou para Barbara que assentiu com a cabeça, afirmando que conseguiriam desvendar o enigma proposto por Artmeck.

— Pode mandar, velho baú!

— Você me parece muito confiante, jovem rapaz, mas você não me passa de um serzinho arrogante. Quero ver se irá continuar assim após ouvir o que tenho a dizer. Saiba que há pouco tempo um outro viajante, mais experiente que vocês, se aventurou por essas bandas e nem sequer colocou os olhos em meu tesouro. E você acredita que será capaz? — disse Artmeck, rindo sarcasticamente. — Ouçam atentamente e não se esqueçam, vocês têm apenas três chances e depois já era.

— Ok, estamos aguardando.

— Em lagos infindáveis zarparam altivos, bravos e triunfantes homens! — proferiu a antiga criatura pausadamente e com uma voz dura.

— Quê? — reagiu Frank sem saber o que dizer.

Barbara repetia a frase para si mesma diversas vezes, mas não conseguia chegar a uma solução. Tentava colocar pra funcionar seu incrível raciocínio lógico, mas não era a mesma sem Walter por perto. Os três juntos formavam o Esquadrão Fantástico e não havia enigma páreo para esse trio. Agora se encontrava ali, à beira da morte, precisando desvendar aquela charada para continuar viva, mesmo

Walter tendo partido desse mundo.

Ela começava a separar palavra por palavra, tentando algum tipo de anagrama ou algum padrão, mas nada encontrou. Buscou em seu livro de simbologia algo que pudesse ajudar, entretanto não concluía seus pensamentos. Frank, sem paciência, foi acordar seus amigos para tentarem ajudar nessa novidade que surgira. Chegou próximo de Jason e o chamou, puxou pelo braço, jogou até um pouco de água em seu rosto, porém nada aconteceu.

Lembrou-se então das palavras de Artmeck, que diziam que isso era uma mágica do elemento água e sacou a metade da pedra em seu bolso. Colocou-a em frente aos olhos de Jason, que se protegeu como se algo o cegasse, mas para Frank nada tinha acontecido. Então, Jason foi abrindo seus olhos devagar e recuperando sua visão. Viu seu amigo em sua frente em volta de pedras e uma luz fraca, bem diferente de onde estava minutos antes.

— Bem vindo, chefe! — caçoou Frank, trazendo Jason à realidade.

— Já sei, estive sob efeito de magia, certo?

— Sim, parece que alguém estava zombando com nossa cara — disse o garoto.

— Não acredito que tenha sido isso, Frank. Me sinto ótimo e com as energias recuperadas. Se alguém estiver por trás disso, não acredito que seja maligno.

— Agora que você diz, eu percebi que também não tenho mais fome e nem sono. Parece que estive em um banquete — reagiu o rapaz sorrindo para seu amigo. — Conhecemos alguém que você também precisa conhecer. Talvez conseguiremos ajuda para acabar com a maldade aqui.

— Então, vamos a ele.

— Antes, precisamos acordar os outros que ainda acreditam estarem no paraíso — disse Frank se dirigindo até Pedro que estava comendo tudo o que via pela frente, ou imaginava estar, já que era só vento que ele comia e também foram ao encontro de Luiz e Emily, que brincavam no riacho fantasioso.

Depois de tudo explicado e já acordados daquele sonho maravilhoso, foram ao encontro do grande Artmeck.

— Vejo que vocês são pessoas boas e fome eu tenho por muitos anos sem comer — dizia o baú enigmático, enquanto chegavam Emily e Luiz.

— Ainda temos um pouco de comida em minha mochila, senhor. Acho que podemos lhe dar um pouco — disse Emmy, abrindo-a, seguindo de uma cara de espanto. — Não tem mais nada aqui!

— Parece que Pedro devorou o restante de comida que tinha aí — disse Frank, se colocando a rir um pouco da situação embaraçosa em que o garoto se metia. — Mas ele estava sob efeito de magia, coitado.

— Desculpe-me, pessoal. Não sabia o que estava fazendo. Jamais comeria tudo sem ao menos dividir com vocês.

— Ainda tenho fome, muita fome. Não tem mais ninguém que queira me oferecer algo? Sinto cheiro de bolo.

— Bolo? — disse Emmy espantada. — Não tínhamos bolo em nossa mochila de mantimentos.

— Sim, estou sentindo um aroma de algo doce, feito com farinha e assado. Posso afirmar que o cheiro ainda está delicioso. Se não me derem esse pedaço de bolo, vou me trancar e não lhes darei mais a oportunidade de descobrir o enigma e pegar a pedra transmorfa.

Foi então que Barbara se lembrou de algo que até aquele momento não tinha sequer percebido. Na correria em encontrar Frank



no aeroporto para ir com ele na maluca viagem, embrulhou correndo um pedaço do delicioso bolo de frutas, feito por sua mãe Rose Bell, em um filme plástico e o colocou no bolso lateral de sua mochila, sem se lembrar de comê-lo durante sua jornada. Retirou correndo sua mochila das costas, abriu o bolso lateral e, para sua surpresa, o bolo ainda estava intacto, um pouco amassado, mas ainda prevalecia o aroma doce e aveludado com toques cítricos.

— Era isso ao que você se referia? — disse Barbara, retirando o papel filme e oferecendo ao baú semi-humano. — Pode ficar com ele!

Artmeck abriu a boca de modo que Barbara conseguiu ver um pedaço da lendária pedra em seu interior. A garota depositou o pedaço de bolo em sua enorme língua que, com um solavanco, jogou-o para dentro de sua boca. O ser mastigou, degustou e agradeceu pela simpatia da menina, que acabou acariciando-o com uma de suas mãos.

— Eu sou o grande Artmeck, e para sempre serei seu aliado, menina Barbara. Foi o melhor bolo que já comi na vida, e olha que não foram poucos, mesmo estando aqui nessa caverna distante. Muitas pessoas já passaram por mim, inclusive seu pai, Frank, mas nunca me deram algo tão saboroso.

— Papai esteve aqui?

— Sim, mas não pude conversar com ele. Ele meio que estava ocupado demais para me dar atenção.

— Como assim? — perguntou o garoto.

— Parece que travou uma briga feia com um dos escravos do grande mago Arasgain e depois disso nunca mais o vi.

— O que aconteceu com ele?

— Não sei, garoto. Ele simplesmente desapareceu.

— Você sabe o que procurava?

— Nunca me disse, mas era bastante claro que estava convicto que encontraria o que buscava.

Frank sentou-se pensativo ao lado de Barbara, encostando sua cabeça no ombro da garota.

— Meu pai esteve aqui e desapareceu. Será que procurava a outra metade da pedra azul? Mas essa metade está comigo, será que nunca encontrou a outra?

— Por ora, acho melhor focarmos no enigma, Frank, pois é somente descobrindo ele que conseguiremos vencer a criatura à frente e então encontrar seu pai.

— Verdade. Bom, “Em lagos infindáveis zarparam altivos, bravos e triunfantes homens”, um dos lagos infindáveis que eu conheço é o Lago Ness que fica nos highlands da Escócia, e de lá zarparam homens orgulhosos, bravos e triunfantes, então só podem estar falando dos Vikings.

— Eu já imaginava que você não seria capaz de descobrir, garoto. A resposta está incorreta! Você ainda possui mais duas chances e depois irei voltar aos meus aposentos.

— Os vikings eram escandinavos e viviam nas terras nórdicas, Dinamarca, Suécia, e Noruega, passando pela Alemanha, Finlândia e Islândia. Não eram da Escócia — disse Barbara.

— Não pode ser... Precisamos pensar mais então. Se meu avô estivesse aqui com a gente, seria muito mais fácil — disse Frank antes de soltar um grito de desespero ao ouvir um zumbido passar próximo de sua cabeça, se apressando a colocar-se em posição de ataque. Viu uma faca caída próxima a ele, tomando-a para si e se pondo a gritar:

— Vamos logo, pessoal. Parece que não estamos sozinhos.

Olharam ao redor e viram muitos monstros, daqueles que

enfrentaram anteriormente, à frente, próximo de onde deveria ser uma cachoeira imponente. Dava para contar um grupo de dez monstros.

— Meninos, vocês tentam desvendar essa charada enquanto nós damos cabo desses seres — ordenou Jason.

Barbara e Frank estavam com a cabeça funcionando a mil, desviando apenas a atenção para se esquivarem de um dos ataques das criaturas. Depois de algum tempo, com a mente voltada ainda para a charada que o baú ambulante havia proposto, trocaram mais algumas palavras até chegarem a uma conclusão. Voltaram até onde Artmeck estava e estabeleceram mais uma conversa com o ancião:

— Lago infundável significa que não tem fim. Então, a única coisa infundável com água em nosso planeta são os oceanos, logo altivos, bravos e triunfantes homens que zarparam dos oceanos só pode se referir a Era dos Descobrimentos, onde o mais famoso e um dos mais importantes exploradores foi o italiano Cristóvão Colombo, pela descoberta das américas.

— Essa é sua resposta? — perguntou Artmeck.

— Sim, Cristóvão Colombo — disse o garoto olhando para o chão já imaginando pelo pior.

— Ha ha ha... — riu Artmeck da cara de Frank. — Infelizmente essa não é a palavra correta. Vocês têm apenas mais uma chance. Ouviram bem? Só mais uma mísera chance.

Frank foi tomado por um desespero e, com todas as suas forças, atacou um ser asqueroso que apareceu próximos a eles com a intenção de acertar Barbara com uma faca. Precisava focar na resposta correta, mas antes tinha que ajudar seus amigos, que estavam passando por sufoco com aquela quantidade de monstros. O garoto saiu correndo em direção ao grupo, se colocando ao lado de Jason para

combatê-los.

Estavam prestes a vencer essa batalha, quando um dos seres passou por entre o grupo e foi em direção de Barbara, empunhando sua faca com o braço direito esticado.

— Crick crick, será seu fim, garota! Crick, crick.

O monstro correu prestes a dar um forte golpe com seu punhal contra Barbara, quando teve seu braço arrancado, caindo ao chão próximo de seu corpo, que estremecia por inteiro. Barbara abriu seus olhos e viu Artmeck cuspidando um pouco de sangue daquela lagartixa humana e abrindo um sorriso para ela.

— Você me salvou!

— Claro que sim. Tenho uma dívida eterna com você, minha doce menina, que me proporcionou o melhor bolo da minha vida.

— Deixa minha mãe ficar sabendo que você elogiou o bolo dela — riu a garota.

— Elogiei nada, não há adjetivos que descrevam o quanto incrível foi essa experiência. Além disso, seria um enorme prazer conhecer a pessoa com mãos de fada.

Artmeck conseguiu arrancar um leve sorriso do rosto de Barbara.

— Já que você gostou tanto de meu bolo, e diz ter uma dívida eterna comigo, não poderia apenas nos dar essa lendária pedra? Me ajudaria muito.

— Infelizmente não posso, querida ama. Minha fidelidade com quem guardou esse objeto dentro de mim é maior que minha própria existência. Não há meios de retirar daqui de dentro sem responder ao enigma. Nem que eu morra é possível arrancá-lo.

— Entendo. Então, vou pensar um pouco mais — disse a garota vendo o último ser cair ao chão perante a espada que Jason empunhara, proveniente de outra criatura que deveria ter derrubado ao

ser atingida.

— Tenho certeza que achará a resposta correta, pequena Barbara.

O silêncio voltou a reinar, mas por pouco tempo. Logo ouviu-se um alto estalo e passos de alguém que estava atravessando a cachoeira. Todos se viraram para encontrar dois seres pouco convidativos.

Um bem alto, todo coberto por uma pele azulada com detalhes brancos, como se estivesse trajando roupas militares feitas de água do mar. Seus olhos, também azuis, lembravam as águas do pacífico, mas seu semblante de pacífico não tinha nada. Com um ar imponente, andava a passos curtos, carregando uma espada que lhes parecia ser de água congelada. A outra pessoa que caminhava ao seu lado, o grupo já conhecia bem. Um rapaz de meia altura, de cabelos loiros e olhos verdes e que emanava uma maldade e insolência que transbordava de seu pequeno e magro corpo.

— Olha só quem chegou! — disse Mark com ar arrogante de superioridade.

## **As lágrimas de George Nelson**

O inimigo foi se aproximando cada vez mais do tenente-general, empunhando sua outra adaga que estava em seu cinto e saboreando o medo que emanava daquele humano. Erik tentava de todas as maneiras avisar seus companheiros que aquele ser asqueroso estava por detrás deles, mas nenhum barulho saía de suas cordas vocais. O monstro Skum se aproximou ainda mais do tenente-general, que já podia sentir o fétido hálito de carne podre.

Com um movimento rápido, o ser asqueroso levantou sua adaga para atacar o debilitado homem, quando foi surpreendido pela destreza do soldado Scott, que derrubou o animal dando uma trombada forte na altura de seu tronco, arremessando-o para bem longe do oficial moribundo, caindo próximo aos pés do general Nelson, que não se fez de rogado e sentou o dedo na arma de fogo, descarregando bala no peito da criatura até acabar suas munições.

— Enquanto eu estiver vivo e com condições para o combate, nenhum homem meu perecerá mais por entidades malignas que povoam esse lugar — bradou George Nelson, guardando sua pistola semiautomática em seu coldre.

Foi até seu amigo para ver se estava tudo bem com ele, sem perceber que o soldado Scott estava a alguns passos dos dois, ajoelhado como se procurasse algo no chão. Ao se aproximar, notou que o solo estava melado, pois suas botas faziam uma certa pressão para caminhar.

Virou-se em direção ao soldado e reparou que um líquido

pegajoso escorria do pescoço do rapaz com muita velocidade, se dando conta então que o juramento que havia feito segundos antes já não se cumpriria, pois ao salvar o tenente-general, o soldado foi atingido mortalmente pela adaga da criatura cortando-lhe a veia jugular em seu pescoço. O general correu para ajudá-lo, mas este já havia perdido bastante sangue, entrando em choque hipovolêmico, não tendo chances de continuar a jornada com seus colegas.

George levantou, andou em direção a Erik e o pegou pelo braço, levantando-o como pôde. Thomas, que só olhou a cena, deu suas costas, não se importando com o que vira, e continuou a caminhar se aprofundando cada vez mais na maldita caverna. Deslocava-se a passos largos, deixando seus companheiros para trás, achando melhor assim, pois não suportava mais ter que se reportar a um homem fraco e sentimental como seu general.

Pressentia que estava chegando ao fim daquela aventura e não perderia mais tempo algum com um moribundo que não se mantinha em seus próprios pés. Por ele, os dois poderiam morrer abraçados que facilitaria sua jornada e sua carreira. Sim, pois com os dois generais mortos, Thomas poderia regressar ao exército como sobrevivente de guerra e tentar subir na patente como general, assumindo seus lugares, já que fora a uma missão pela ONU e o único sobrevivente dessa campanha. Ainda mais se solucionasse o caso, prendendo ou matando os principais culpados de todo o ato terrorista.

— Eu não consigo mais, George. Me deixe aqui para morrer em paz e se salve! — suplicou Erik com uma voz baixa e agonizante.

— Não. Levarei você comigo onde quer que eu vá. Logo sairemos daqui e você vai melhorar, pode acreditar — disse o general tentando de qualquer maneira motivá-lo, mesmo sem acreditar em uma palavra do que dissera.

— Já não tenho mais tempo, deve-me restar poucas horas de vida.

— Então passaremos essas horas juntos. Você foi um grande amigo e cúmplice de tudo o que vivi e prometemos, quando ainda éramos jovens e iniciando nas forças armadas, que estaríamos juntos em qualquer dificuldade, sempre um protegendo o outro. Minha promessa não será quebrada e estarei ao seu lado caso você venha a fazer a passagem.

— Obrigado, meu general. Você também sempre foi um grande amigo e aliado — insistiu Erik em falar, engasgando com o sangue que agora saía por sua boca.

— Descanse e beba um pouco de água — disse, levando seu cantil à boca do oficial, mas este não tinha forças nem para conseguir engolir uma gota, deixando escorrer por todo seu corpo.

Lágrimas escorreram do rosto do general, se dando conta de que não havia mais jeito para seu amigo e logo teria que se despedir. Rezou ainda uma prece que se lembrava de pequeno e pediu que levasse a alma desse senhor em paz, ainda que Erik tenha matado muitos homens nas guerras em que esteve. No instante seguinte, o agonizante homem apertou a mão de quem o segurava com tanta força, que George achou até que a energia dele estava se recuperando, mas este na verdade era causado pela dor do último respiro e da alma se desprendendo da carcaça humana.

Thomas assistiu à cena toda de longe sem ao menos demonstrar um pinga de compaixão, ao contrário, menos um estava ali para atrapalhar seus planos e, se tivesse sorte, o outro também bateria suas botas. E se o destino não o ajudasse, o faria com suas próprias mãos. Estava disposto a acabar com o general quando achasse necessário, mas, por enquanto, ele ainda poderia ser útil, pois não sabia quanto



faltava para chegarem ao final da caverna. Teve que aguardar toda a baboseira de enterro e despedida daquele corpo já sem vida.

George recolhera diversas pedras soltas pelo caminho criando uma tumba improvisada, onde sepultaria seu amigo com as honras que um herói merecia. Após meia hora do ritual fúnebre o general se despediu de seu amigo, fazendo o sinal da cruz, levantou-se, fuzilando Thomas com os olhos como quem diz: “A culpa é sua por toda a desgraça que aconteceu com ele e os outros”.

Pegou a mochila que outrora fora carregada pelo capitão Williams que continha o restante dos mantimentos, virou-se para o caminho à frente e seguiu a passos largos como se não conseguisse ficar próximo do tirano contra-almirante Thomas Wolf.

Empolgado pela velocidade em que o “velhote” estava caminhando, Thomas acelerou também suas passadas, imaginando que em algumas horas chegariam ao final. Se não encontrasse mais nenhum obstáculo ou monstros no meio do caminho, precisaria pensar em como eliminar o empecilho que estava à sua frente, pois, com certeza, se ambos chegassem vivos até a superfície, Thomas poderia ser extremamente prejudicado em sua carreira, mas se apenas ele voltasse, tentaria alterar os fatos e sairia dali como um herói, condecorado por bravura e lealdade com o mundo, pegando rapidamente o posto de George Nelson, cargo que sempre almejou. Já imaginava as entrevistas, o que diria sobre como os oficiais morreram, inventando uma história heroica em que sairia por cima.

Caminharam por mais algum bom tempo sem aparecer nenhuma alma viva, nem morta, somente os dois que andavam sem abrirem suas bocas, ouvindo apenas o barulho de goteiras provenientes da umidade que escorria pelas estalactites ao longe.

Os pensamentos do general estavam distantes, em casa,

imaginando o que sua família estava fazendo naquele momento. Ah, como queria estar com eles, ver seu neto, seus filhos e sua esposa. Já não lembrava da última vez que a beijara e essa vontade foi lhe consumindo. Talvez não fosse beijá-la novamente, tampouco dizer que a amava assim como o restante de sua família. Faltava tão pouco para se aposentar, já fazia planos do que fazer para curtir suas merecidas férias, pescar, viajar e destruir a educação que seu neto estava recebendo dos pais, pois é isso que avós fazem, não? Enfim, viajava em seus pensamentos, enquanto seguia firme entre um passo e outro até o destino final. Não era assim que imaginava morrer, não ele, que sempre esteve rodeado de amigos. Todos gostavam de estar próximos e faziam questão de sua presença, portanto morrer ali, sem amigos e famílias por perto, ao lado de um imprestável repugnante que só pensava em seu próprio umbigo era algo que jamais imaginou.

Continuaram o curso até chegarem a um paredão de uma rocha inteiriça, lisa, como se fosse uma parede de concreto com acabamento. Andaram ao redor para verem se achavam alguma passagem, mas só encontraram um local em que havia uma espécie de planta enrolada nela mesma, como se fosse uma trepadeira de longos e grossos caules, bloqueando o único caminho que encontraram.

— O que você vai fazer? — indagou George quebrando o silêncio que havia perdurado por algumas horas.

— Não está vendo? Vou arrancar essa maldita planta que bloqueia nossa passagem.

— Se eu fosse você, pensaria duas vezes antes de tocar nesse vegetal.

Thomas não deu ouvidos para o que dissera, pois não via a hora de saírem dali. Não suportava mais tudo aquilo e por ora tinha planos melhores do que apenas procurar por Douglas. Chegou próximo

dos troncos da plantação que estranhamente crescera no subterrâneo do fim do mundo e começou o exercício de retirá-la da porta, mas quando este apertou o primeiro talo, recebeu uma combinação de rasgos como se estivesse pressionando finíssimas lâminas afiadas daquelas de barbear, urrando de dor na sequência.

— Eu avisei para não mexer no que é da natureza, não? — zombou o general. — Primeiro aqueles insetos, depois aquele brilho dourado entre as rochas e agora essa planta mágica, que com certeza é a responsável por nos proporcionar oxigênio.

— Por que você não para de ficar aí me enchendo e ajuda a cortar essa porcaria? Não percebe que é a única maneira de sairmos daqui?

— Você não acha que se está estranhamente trancada, então é porque não devemos atravessar para o outro lado? — duvidou George.

— E se na verdade está trancada para evitar que quem esteja do outro lado não venha para esse.

O general não havia pensado nessa possibilidade. Realmente, o contra-almirante tinha razão, poderia ser na verdade o inverso e a única maneira de saírem com vida daquele local seria destruindo a plantação que obstruía o acesso.

George retirou uma faca do coldre em sua cintura e começou a serrar do jeito que conseguia sem ter que apoiar a outra mão.

Thomas também não deixou por menos e, mesmo ardendo em febre por causa da dor que lhe causara o veneno da planta, começou a cortar com a outra mão o quanto pôde. Já haviam cortado um pouco menos que a metade quando ouviram alguns gritos ao longe. Pareciam vozes de mais de duas pessoas, ou monstros, pois ultimamente já não duvidavam de mais nada. Aceleraram os cortes, tentando de qualquer maneira saírem daquele local, enquanto as vozes

chegavam cada vez mais perto.

Conseguiram identificar pelo menos três criaturas, que brigavam entre si e falavam de um tal de general, que fez com que George tremesse suas pernas. Já conseguiam ver uma fissura por entre aquele emaranhado de talos e caules, aumentando ainda mais a expectativa de saírem de lá sem serem notados, mas esqueceram-se de um fato primordial, a visão dos monstros era muito mais evoluída que a dos humanos.

Aceleraram enquanto os bichos não demonstravam perigo, pelo menos foi o que pensavam, quando George Nelson soltou um enorme grito, assustando Thomas que estava ao seu lado. Uma das facas dos malditos havia sido cravada na panturrilha direita do general, jorrando sangue para todos os lados. A adaga penetrou profundamente a perna do oficial que, por pouco, não acertou uma artéria que lhe causasse uma morte rápida. Até então o general achou ter sido sorte, mas logo pediria para ter morrido naquele momento.

## **Surge um novo guerreiro**

— Eu estava certo o tempo todo. Mark estava por trás do desaparecimento dos garotos da ilha — bravejou Frank, fuzilando com os olhos o outro garoto.

Por trás dos dois podiam ver algumas das criaturas que correram com os garotos na outra galeria, assim como o restante dos rapazes algemados e presos por grossas correntes. Pedro e Luiz confirmaram que estavam todos lá, ainda que estivessem machucados e exaustos demais para sequer ajudá-los na batalha que estava para acontecer.

— Ei, seu... — Sua frase foi cortada por Barbara, que o segurou para que Frank não saísse correndo, colocando qualquer chance de vitória por água abaixo, mesmo sabendo que seria bem difícil disso acontecer.

— Espere, Frank. Precisamos pensar em como atacaremos esse pequeno exército — disse Barbara, apontando para os monstros à frente.

Mal disse a frase e mais criaturas surgiram ao redor do elemental em formação de ataque.

— Parece que esse pequeno exército que você citou não para de crescer! — riu o menino, mas com uma risada nervosa.

— Muito bem, qual deles está com a outra metade da pedra azul? — perguntou uma voz meio metálica quase robótica ao garoto loiro que se postara ao seu lado.

Mark, com a expressão séria, apontou seu dedo indicador para o filho de Douglas. Frank jurava que podia ver um sorriso sarcástico

no rosto de Mark, mas isso nunca foi comprovado por ninguém. Seus corpos começaram a tremer quando algo que lhes parecia um ataque se desenvolveu. Um fio de água que escorria daquela que um dia deve ter sido uma cachoeira grandiosa foi congelado e então arremessado com a velocidade de um tiro em direção a Frank e Barbara, parando em frente aos olhos do rapaz, sem ao menos tocá-lo, apenas com a intenção de assustá-lo e demonstrar seu poder.

Era como se alguém pudesse controlar a água e manuseá-la de acordo como bem entendesse. Frank, na hora, compreendeu que aquele ser era forte demais para enfrentá-lo e se, de alguma maneira, ele conseguisse juntar os dois pedaços da relíquia da água, se tornaria invencível. Teve então uma ideia que julgou ser brilhante, mas depois se arrependeu. Desvencilhou-se do projétil congelado que estava parado à sua frente e correu em direção a Artmeck, implorando para que o velho baú guardasse a pedra dentro de si, e que somente Frank ou quem dissesse a palavra secreta seria capaz de pegá-la de volta.

Artmeck abriu a boca lhe dando sua língua e Frank alocou a metade da pedra, que foi rapidamente engolida pelo monstro. Fechou sua boca e agradeceu por confiar nele. Frank chegou próximo e cochichou em algo que pensou ser seu ouvido, selando assim o destino de outra pedra dentro daquele velho e sábio baú.

O elemental só observou dando risadas daquela bizarra cena.

— Você acha que essa criatura pode aguentar por quanto tempo meus ataques até me entregar essa relíquia? — bradou o homem de armadura azul brilhante.

Mark riu com um sorriso amarelo, não acreditando na imbecilidade que Frank cometera. Ele havia acabado de sentenciar seu amigo a morte, mesmo sem a intenção.

Frank se juntou a Jason, Luiz e Pedro se postando em posição de ataque com suas espadas e facas, enquanto Barbara e Emmy giravam seus chicotes no ar. A turma tentava proteger Artmeck dos ataques do elemental, enquanto guerreavam bravamente contra Grimlocks e Skums que disparavam de todas as direções. Barbara e Emily acertaram alguns daqueles malditos peixes que pularam por sobre duas rochas já prestes a atacar o chefe Jason. O grandalhão deu fim nos monstros que caíram próximos a ele. Pedro recolheu as facas da dupla asquerosa e entregou uma a seu comparsa Luiz, que atirou de uma vez no peito da criatura que se aproximava, fazendo com que ela tombasse imediatamente.

Barbara se arrepiou quando reparou que o general mágico se aproximava cada vez mais a cada investida dos monstros. Era como se eles, em um gesto suicida, abrissem caminho para seu superior alcançar seu objetivo com o mínimo esforço e gasto de energia. A garota gritou, chamando a atenção dos outros, mas estes foram atacados novamente pelas bestas selvagens sem conseguirem espaço para tentar deter o elemental. Então, viu o chicote de Emily atravessar o bloqueio de monstros e atingir o ser azulado acertando sua cabeça e arrancando um tipo de capacete ou elmo mágico, revelando um cabelo prateado com tons azuis. O ser virou-se, encarando o responsável por tamanha afronta e deparou-se com uma menina de baixa estatura, mas enorme coragem.

— Garota insolente! Quem você pensa que é para atacar o grande Aquanator, o lendário e invencível imperador do elemento água? Ninguém é páreo contra meus poderes.

O ser levantou sua espada para o alto e dela saíram filamentos azuis que se entrelaçavam entre eles, formando uma esfera do tamanho de uma bola de basquete. Com um comando, a esfera disparou

contra a menina, derrubando umas três criaturas, que, por sorte, se jogaram em frente a Emmy para atacá-la, saindo ilesa, tanto da magia quanto dos monstregos escorregadios. Sem se importar, Aquanator continuou seu caminho, chegando próximo ao velho baú. Frank gritou, mas dois Peixomens se colocaram em frente ao garoto, tentando atingi-lo com suas facas, forçando-o a se defender e desviar os olhos do cavaleiro azulado.

Artmeck sentiu quando recebeu o primeiro golpe contra sua carapaça sólida. Frank não imaginava, mas esses seres místicos eram grandes guerreiros quando se sentiam ameaçados. A batalha não foi tão fácil quanto Aquanator esperava, recebendo algumas vezes tentativas de mordidas e cabeçadas. Cansado da brincadeira, o guerreiro da água levantou sua sagrada espada acertando com toda força o topo do baú, mas estranhamente alguma coisa bloqueou seu ataque. Na verdade, a espada parecia ter ficado presa em um líquido viscoso expelido pela criatura, algo que se parecia com um forte adesivo. O guerreiro puxou, repuxou, mas por mais que tentasse, não conseguia remover sua poderosa arma.

— Criatura antiga, você pode prender minha espada até onde sua força possa aguentar, não me importo. Ainda tenho dois grandes punhos que sabem bater tão forte quanto as águas que colidem contra as rochas em tormentas do oceano. Imagine a força que a água de uma enorme cachoeira pode chegar quando atinge o solo. Pois bem, não chega nem perto do que tenho a lhe oferecer, pobre criatura.

Aquanator não estava blefando, seus socos eram tão fortes e ágeis que nem mesmo a grande resistência de Artmeck seria capaz de suportar. Em poucos segundos, o elemental desferiu uma enorme quantidade de golpes tão fortes, que quem olhasse para Artmeck, veria um velho baú como que encontrado em meio de destroços de



algum navio pirata, que fora saqueado diversas vezes por trogloditas sem nenhum cuidado, ou que outrora devia ter ficado exposto sob intempéries por muitos e muitos anos, cuja madeira, gasta com o tempo, estava podre e comprometida a qualquer toque mais pesado. Mas não, ele ficou tão destruído com apenas simples socos desferidos pelo ser que se intitulava o imperador elemental da água.

— Onde está toda aquela braveza que por algum tempo tentou me intimidar? — zombou o cavaleiro, arrancando com um forte puxão sua espada que se soltava da desfeita gosma que teimava prendê-la. — Como eu disse, você nem ninguém é páreo para meu poder, ainda mais agora com essa belezura aqui — mostrou o outro pedaço da pedra elemental que Frank havia escondido dentro de Artmeck, que já não tinha forças para atrasar mais os planos malignos.

O baú, esgotado, caiu ao chão, apagando todos os seus seis horripilantes olhos, vencido pela batalha que nem chegara a iniciar.

Aquanator retirou o outro pedaço do artefato de seu bolso e as duas partes começaram a brilhar intensamente, piscando sem parar. Subiram por sobre sua cabeça, suspensas no ar e começaram a girar rapidamente, de modo que os dois fragmentos iriam se aproximando como que por encanto, até que um barulho foi ouvido, chamando a atenção de todos que estavam na caverna, seguidos de um clarão que só não desagradou os Grimlocks por esses serem cegos. Então, por entre a claridade, apareceu aquele ser azulado, segurando em sua mão direita sua lendária espada e em sua mão esquerda a mitológica pedra do elemento água, dessa vez inteira.

Um grito ouviu-se ao redor daquele amontoado de criaturas no meio do salão. Frank não conseguia suportar seu fracasso, resmungando, enquanto acertava alguns monstros com facilidade.

— Como pude ser tão idiota em pensar que Artmeck teria forças

para defender a pedra contra um ser tão terrível? Coitado do velho baú. A culpa é toda minha!

— Não se culpe. Não tínhamos como protegê-la. Ele é muito forte! — disse Barbara, que chegava ao seu lado. — Precisamos nos juntar para pensarmos em uma estratégia para derrotá-lo ou então fugirmos desse pesadelo.

— Fugir? — questionou Frank. — Não tem como, Bah. Agora que esse ser está em posse da pedra azul não demorará para Bhaltair Arasgain conseguir o que almeja e a Terra estará em extremo perigo. Acabou tudo!

— Ainda quero me divertir antes de entregar essa pedra para meu mestre! — gritou Aquanator de longe, prestando atenção ao que o garoto conversava com sua amiga.

— Como ele nos ouviu, no meio dessa batalha comendo solta? — perguntou assustada Barbara, enquanto via Luiz e Pedro saltarem por cima de uma criatura e Jason acertar dois com seus enormes braços.

— Pra você ver o quanto esse ser é forte. Estamos fritos! — ponderou Frank sem o menor ressentimento por ter perdido as esperanças.

Aquanator colocou o amuleto sagrado ao redor de seu pescoço, levantando uma de suas mãos para o alto e rapidamente uma esfera maciça azul surgiu sobre sua palma aberta. Parecia que seus poderes tinham aumentado agressivamente, sendo ainda mais apavorante presenciar essa força de perto.

Frank e Barbara, se antes não tinham certeza, naquele momento tinham convicção que chegara a hora de partirem para outro mundo. Ambos deram suas mãos, apertando forte uma contra a outra, como que jurando se encontrarem em alguma outra vida, se é que isso

existia. O guerreiro azulado, vendo aquela cena, começou a gargalhar com uma risada sinistra e ao mesmo tempo diabólica. Maldade exalava de sua áurea, se é que tinha alguma. Sem mais aguardar, arremessou a esfera maciça com pouca força, mas ainda assim com uma velocidade quase que imperceptível aos olhos humanos.

— Ainda estou vivo! — Frank sentiu algo atingi-lo com muita força, mas o impacto não fora exatamente o que esperava. — Não é possível, tinha certeza que não sairíamos dessa. Barbara, está tudo bem? — perguntou o garoto, ainda com os olhos fechados por conta da claridade do ataque aquático.

— Si... si... sim... — disse uma menina incrédula com o que acontecera. — Fran... Frank, abra seus olhos!

O garoto atendeu à sugestão de sua amiga com um pouco de dificuldade, abrindo seus olhos aos poucos, até conseguir enxergar o semblante de uma pessoa postada à sua frente. Parecia que ela era a responsável por bloquear o ataque do elemental, permitindo-os respirar um pouco mais do oxigênio daquele maldito lugar. O menino prestou mais atenção e reparou que a tal pessoa impediu o ataque com suas duas mãos, que estavam esticadas em um ângulo de noventa graus em relação ao seu corpo. A sorte deles parecia ter mudado, aparecendo esse misterioso salvador, que ao que parecia era tão forte quanto o imperador.

— Está tudo bem com vocês? — perguntou o desconhecido, olhando para trás para encarar os meninos e sorrindo para ambos com grande ternura em seus olhos.

— Não pode ser! — gritou Frank Payne com todo o ar preso em seu pulmão e lágrimas escorrendo de seus olhos. — Vovô, você está vivo!

O velho homem sorriu para o garoto, que pulou sobre seu colo,

abraçando-o. Barbara, que ainda estava incrédula, abriu um enorme sorriso, esticando seus braços em direção ao velho amigo.

— Como assim? Ouvimos seus gritos do outro lado da galeria e então não ouvimos mais nada — disse Frank.

— E como o senhor está forte desse jeito? — perguntou a menina.

— Depois eu explico melhor, primeiro precisamos nos juntar para acabar com esse exército e pôr um fim nesse ser elemental — disse o velho e bravo guerreiro.

Levantou sua mão direita e fios de água que escorriam da cachoeira voaram em sua direção, se acumulando ao redor de seu braço, formando uma espada feita de água, muito parecida com o que o general usava, só que um pouco menor e mais leve.

— Sim, eu também pelo jeito domino o elemento água. Sou considerado pela cultura antiga o guardião da lendária pedra elemental da água e aqui, nessa caverna, está o templo onde essa relíquia surgiu.

— Que demais! — gritaram os garotos, com a esperança renovada.

Walter foi abrindo caminho, acertando com extrema facilidade os monstros que cercavam Luiz, Pedro, Emmy e Jason, chegando até eles e sendo recebido de braços abertos.

— Então o senhor ressurgiu dos mortos? — brincou Jason, abraçando-o com satisfação em revê-lo.

— Pois é, tem coisas que são impossíveis de compreendermos! — disse Walter virando-se para acertar o Peixomem que surgira à sua frente.

— Estou vendo, assim como essa espada em sua mão.

— Exatamente — brincou Walter rindo da cara de Jason. — Isso foi o bônus por ter encarado minha morte de frente naquela galeria.

— Seja bem vindo de volta, Betbo, guardião da pedra elementar da água — saudou-o Jason.

— Então, você já sabia?

— Antes de sairmos de Guam, o velho Cadassi me disse o que havia acontecido naquela fatídica tarde e alertou-me que você tinha uma enorme força oculta que ainda não havia despertado. Pediu que ficasse de olho em você, pois seria eu a pessoa que te guiaria a seu destino. Mas nada pude fazer para ajudá-lo naquela ocasião. Me desculpe!

— Imagina, meu amigo. Desde que partimos de Guam, você nos guiou em várias situações e isso ajudou a me encontrar e aceitar realmente quem eu sou.

Jason assentiu com um aceno de cabeça e um leve sorriso.

— Bom, não temos tempo a perder, chefe. Precisamos bolar um plano para acabarmos com isso, livrar os garotos sequestrados e pôr um fim nessa ameaça do mago maluco que quer destruir o mundo.

## **O guardião do elemento água**

— Como está a situação? — perguntou Walter.

— Criaturas não param de surgir como feitiçaria. Já derrotamos mais de quinze e o número cresce cada vez mais — respondeu Jason.

— E de onde as criaturas estão surgindo?

— Pelo que percebi, eles despontam por detrás daquelas duas rochas — disse Luiz, se juntando ao grupo e mostrando duas enormes pedras a uns cinquenta metros de distância deles.

— Acho que deve existir algum portal mágico ali. Precisaremos chegar até lá para desligá-lo, ou algo parecido — explicou Walter.

— Mas como faremos isso? — perguntou Barbara sem saber o que fazer.

— Não sei, pequena, mas precisamos tentar algo.

— O difícil será chegarmos até lá — disse Frank, apontando para um monte de criaturas que caminhava na direção deles.

— Vamos juntar nossas forças e avançar a cada investida contra essas terríveis criaturas.

O grupo embrenhou-se na guerra que se instaurou diante de seus olhos, golpeando quem se atrevia a atacá-los, enquanto caminhavam em direção às duas rochas. Enquanto os chicotes vindo dos firmes pulsos de Barbara e Emmy estralavam à longa distância, Pedro, Jason, Luiz e Frank golpeavam sem dó com suas facas de lâminas bem afiadas. Por sua vez, Walter se lançava com sua espada enfeitiçada de água congelada da cachoeira, que se mostrava ter a dureza de uma rocha, mas a espessura de um espelho d'água.

Enquanto o ataque massivo se fortalecia, Aquanator se entretia, vendo aquele bando de estúpidos tentarem progredir contra seu exército na tentativa de destruir o portal, que, de acordo com o que Walter imaginava, fora criado por Bhaltair Arasgain. Aquele instrumento mágico só podia ter sido conjurado com a intenção de permitir que as criaturas pudessem entrar e sair daquela caverna assim que precisarem. Nesse caso, entravam dezenas desses seres malignos com apenas uma finalidade, acabar com aqueles que tentavam impedir os planos do temível mago de juntar as cinco pedras.

A lendária pedra da água ampliou ainda mais as habilidades do guerreiro elemental, permitindo que este se divertisse um pouco mais antes de dar fim àqueles esperançosos humanos que ainda não tinham se dado conta do tamanho de seu poder.

Walter, comandando seus parceiros e aliados, avançava centímetro por centímetro enquanto seres malignos caíam ao chão. Frank, que ainda não se conformava com o ressurgimento de seu avô, aproximou-se, enquanto golpeava quem aparecia à sua frente, para lhe fazer algumas perguntas:

— Vovô, me conte exatamente o que aconteceu depois que nos separamos, por favor. Como você faz esses negócios com a água?

— Meu neto, pra falar bem a verdade até agora eu não me dei conta. Foi tudo muito rápido — disse Walter, enquanto penetrava sua espada aquosa em um Skum selvagem.

— Por que Jason te chamou de Betbo? Como assim, guardião do elemento água?

— Então, Frank. Eu nunca quis tocar no assunto de minha infância nas Ilhas Marianas, porque nem eu ao certo sabia direito sobre o meu passado, ou então nunca quis aceitar quem eu realmente era. Ainda está muito fresco para mim, mas, pelo que entendi, eu

sou filho do mar!

— Filho do mar?

— Meio confuso, né?

— Confuso? É loucura!

— Pois é, Frank. No início, também achei, mas o mestre Cadassi me mostrou algo que eu não conseguia enxergar, e desde então venho me perguntando quem eu sou realmente. Até estar de frente com o perigo eminente.

— Que foi quando nos separamos.

— Isso! Quando nos separamos e eu estive rodeado de mais de vinte criaturas dessas, foi aí que definitivamente me conectei ao meu verdadeiro “eu”, com minhas vidas passadas e minha alma.

Fizeram uma pausa para se protegerem de três Peixomens, que foram desarmados no momento do ataque pelo chicote estralado de Barbara, que caminhava próximo a eles.

— Vocês precisam se proteger melhor — brincou a garota.

— Obrigado, querida! — agradeceu Walter com aquele sorriso reconfortante que estavam acostumados a ver, enquanto atravessava sua espada no ser caído à sua frente.

— Então! — continuou o avô. — Quando me vi sozinho, encurralado por essas criaturas, sem arma alguma para me defender, achei que seria meu fim. Foi quando correram em minha direção, brigando entre eles para ver quem iria me devorar primeiro, que senti um turbilhão dentro de mim explodir como uma tormenta em pleno oceano e um estrondoso grito emanar com força de dentro de meu peito.

“Em minha mente, pude ver com clareza a imagem de um gigante tubarão, como um Megalodon, se dissipando à minha frente e então percebi que os inimigos estavam ao chão, desacordados como que afogados por uma quantidade de água que surgira. Mas de onde viera



essa água? Foi o que me perguntei por algum tempo, enquanto caminhava por entre corpos de soldados meio-peixes. Então enxerguei um pequeno lago ao leste de onde estava, com uma quantidade bem rala de água e entendi que ali era a fonte daquele ataque aquático.

“Nesse tempo, enquanto tentava procurar como sair daquela galeria e me juntar a vocês, comecei a refletir sobre as palavras de Cadassi. Ele me disse que eu tinha uma força oculta extraordinária, que havia escondido todos esses anos por medo de meu passado. Comecei a fazer uma regressão por conta própria para relembrar de coisas há muito esquecidas. Me disse que eu havia surgido na praia, durante uma tempestade, ainda bebê, sem pai nem mãe, embrulhado em algum tipo de fralda feita de algas marinhas. Desde então, me adotou para ensinar-me sobre meus propósitos.”

— Mas se Cadassi te adotou, como você foi parar com meu bisavô?

— Pois bem, essa é uma história bem chata que também descobri há pouco tempo. Parece que George Payne, meu pai, me sequestrou da vila de Inarajan dos cuidados do mestre Cadassi, para ser seu filho e de sua esposa, já que ela havia perdido um bebê que carregara em seu ventre há alguns meses, assim que chegaram às Ilhas Marianas. Foi assim que me tornei Walter Payne.

— Que maldito pilantra! — gritou Frank. — Então o sobrenome Payne não me pertence. Quem realmente sou eu, vovô?

— Uma coisa que aprendi com isso tudo, meu neto, é que somos quem realmente estamos dispostos a ser. Eu posso ter sido forçado a viver com os Payne e, por mais que tenha deixado meu verdadeiro propósito de lado, não me arrependo por nada do que vivi até agora. Pude me casar com uma pessoa que amei até seus últimos dias, tivemos seu pai Douglas que foi uma das maiores alegrias de minha

vida, até claro, o dia do seu nascimento, Frank.

“Portanto, se nada disso tivesse acontecido, não estaríamos aqui, vivendo essa aventura juntos — disse Walter, falando sério, porém rindo dessa última parte. — Assim como eu, você precisa encontrar o seu propósito, filho. Descobrir quem realmente é você! Veja! — continuou Walter, mostrando um pingente com um cristal azul preso no colar em seu pescoço. — Este amuleto eu tenho desde bebê.

“Mestre Cadassi disse que eu cheguei na vila de Inarajan com um poder oculto e que com o tempo iria aprender a controlá-lo. Essa joia me acompanhou a vida toda, e esteve guardada no meu cofre por todos esses anos lá em nossa casa. Não sabia o que era e nem pra que servia, mas, no fundo, nunca consegui jogar fora. Era parte de mim e todas as vezes que pensei descartá-la, voltei atrás ou me perdi em pensamentos distantes.”

Frank pensativo, desferiu um golpe em uma das criaturas que insistiam em atacá-los. Estavam quase alcançando o outro lado da galeria, próximos às duas rochas que escondiam o portal secreto.

— Mas o que faz esse talismã?

— Esse é um artefato muito raro. Me foi entregue assim que nasci pelo último guardião do elemento água, meu verdadeiro pai. Assim que assumi quem eu era, o amuleto me mostrou a verdade. Meu pai era um antigo chamorro que protegia a caverna de forças malignas e protegeu a lendária pedra que você carregava por muitos anos. Esse amuleto de alguma forma está ligado a essa pedra, pois foram criados da mesma energia, é como se um completasse o outro. Por isso que possuo algumas habilidades em controlar a água.

— Entendi. Então você precisa estar com esse pingente para dominar essas habilidades, certo?

— Mais ou menos isso. Ainda não consigo compreender o

tamanho desse poder. Era pra ter recebido treinamento desde pequeno, mas o desejo de George Payne em ter um herdeiro falou mais alto e perdi a oportunidade. Agora, me restou aprender na marra como tudo isso funciona e qual o meu objetivo como guardião de algo tão importante.

— Pensa bem, vovô. No fundo, você sempre foi um tipo de guardião. Cuidou de meu pai quando a vovó morreu, assim como cuidou de mim quando minha mãe e meu pai se foram. De certa maneira, você nunca deixou de ser um guardião. Acho que nunca esqueceu de sua grande responsabilidade.

Walter riu da comparação feita pelo garoto. Empunhou sua espada congelada em um movimento de ataque e acertou outra criatura que apareceu à sua frente. Faltavam poucos metros até alcançarem as duas rochas. O grupo já encontrava indícios de cansaço quando Walter se colocou a ordenar que o pouco de água que caía da cachoeira viesse ao encontro deles para refrescá-los um pouco.

— Enquanto a água sagrada da cachoeira umidifica seus corpos, pensem em coisas boas, em momentos felizes e suas energias se recobrarão — gritou Walter para os demais.

Então uma chuva fina com cara de garoa se pôs a cair sobre o grupo, refrescando-os naquele momento tenso assim como deixando-os menos cansados, como se acabassem de comer um delicioso café da manhã após uma longa noite de sono. “Essa sim é uma habilidade de respeito”, pensou Frank. Com esse truque regenerativo, eles poderiam muito bem lutar pra valer, sabendo que nunca ficariam cansados. Isso motivou ainda mais o garoto, que avançou com toda sua energia renovada para abrir caminho e se aproximar da entrada.

— Ei, moleque, preciso que você faça o combinado — disse

Aquanator com aquela voz metálica horripilante.

Mark assentiu com a cabeça e saiu de perto do guerreiro sem que percebessem. Passou por algumas rochas até desaparecer no meio das criaturas.

— Olhe, Frank! Realmente tem algo que se parece com um portal — apontou Barbara, em direção à entrada. — Dá pra ver apenas um pedaço dessa posição em que estou, mas me parece com aquele que atravessamos para chegar aqui.

— Sim, tem razão, Bah. Precisamos pensar em como desligá-lo para que esses malditos não se multipliquem cada vez mais.

— Parece que o exército dessas criaturas está crescendo muito mais, precisamos agir logo — disse Walter.

— Vocês três avancem o mais rápido possível, enquanto Luiz, Pedro, Emily e eu daremos cobertura, atraindo o máximo desses repugnantes que pudermos — propôs Jason.

O chefe chamorro, com seu arsenal de facas, desferia golpes com uma agilidade invejável, agora que tinha recuperado a energia gasta durante a batalha. Emmy, por sua vez, girava seu chicote descontroladamente, atingindo um grande número de Skums e Grimlocks, que avançavam para cima deles, querendo estragar os planos da equipe. Desorientados, eram iscas fáceis para Luiz e Pedro, que empunhavam pesadas facas que quase lhes pareciam espadas, que dependendo do golpe, tinham que segurá-las com as duas mãos.

E assim abriam espaço para que os três pudessem caminhar em direção ao portal mágico. Walter se colocou à frente dos garotos para protegê-los até que atravessassem para a outra galeria, que, assim como a anterior, estava totalmente iluminada. Um grande portal de pedras prateadas surgiu perante Frank e Barbara. Walter entrou pela abertura e se deparou com um ambiente saturado por magia

negra. O experiente homem naquele momento duvidava se deveriam realmente estar ali. Parecia que tudo isso havia sido um jogo orquestrado pelo guerreiro aquático para cercá-los. “Mas por qual motivo, já que está com a pedra elemental em suas mãos?”, se perguntava Walter.

— Venha, vovô! Nos ajude a desligar essa coisa.

— Frank, é melhor sairmos daqui o quanto antes. Vamos para perto de nossos amigos. Pensaremos em outro jeito de acabarmos com eles.

— Mas chegamos até aqui. Vamos tentar ao menos alguma coisa.

— Não dá tempo, querido. Precisamos sair daqui agora.

— Do que você está falando? — perguntou Barbara, confusa.

— É que depois que voltei a ser o guardião da pedra elemental, me parece que desenvolvi algum tipo de sensibilidade para magia, e a que tem aqui não me parece ser nada boa. É um tipo de magia maligna, cheia de rancor e ódio. Acho que fomos enganados para virmos até aqui despreparados e cair nessa armadilha como peixes.

— Mas se não destruirmos o portal, nunca iremos vencer essa guerra.

— Vamos rápido com isso, então — gritou Walter

Por entre as criaturas, novamente surgiu Mark, se aproximando de Aquanator sem ser notado pelos outros que continuavam a digladiar com os monstros.

— Fez o que combinamos?

— Sim, meu senhor. Exatamente como você previu, ele está usando em seu pescoço. Mas me certifiquei para que eles tenham um final digno por sua petulância e insolência.

— Muito bem, garoto. Logo, nos livraremos desses três parasitas e terei aquele amuleto que procuro há muito tempo!

## **A ambição fala mais alto**

O general urrava de dor enquanto retirava a adaga de sua panturrilha. Thomas empunhou sua submetralhadora, que já estava carregada com as balas, e sentou o dedo no gatilho acertando, pelo que pôde ver, pelo menos um cinco daqueles monstros asquerosos. George se levantou com a perna sangrando, virou-se e disparou também com sua arma de fogo para todos os lados, literalmente no escuro, mas não acertou nenhuma criatura.

As balas chicoteavam nas pedras da galeria zunindo forte aos ouvidos dos dois homens que tentavam de todas as maneiras salvar suas vidas. Thomas Wolf, ouvindo mais algumas vozes bem próximas, apontou para onde acreditava estarem e novamente atirou contra o grupo de seres das trevas, ouvindo mais urros e gritos antes do silêncio que seguiu. O contra-almirante, que tinha gasto todo seu cartucho naquela disparada desenfreada, mas aliviado por ter acabado com o bando, levantou sua vestimenta para procurar mais um pente de balas para recarregar a arma de fogo, quando recebeu uma trombada de um deles que havia sobrevivido à intensa ofensiva, correndo para um ataque corpo a corpo, acertando no ar a facada que daria na altura do peito do almirante.

Os dois iniciaram uma luta, entre socos no rosto, chutes na barriga e no quadril, arrancando sangue de cada um dos adversários. Parecia uma briga de rua e não uma luta pela sobrevivência. O general Nelson, que havia descarregado sua submetralhadora, não teve tempo de recarregá-la, retirando do coldre de suas costas uma

pistola calibre 38, apontando-a na direção do contra-almirante na tentativa de acertar o monstro que se atracara com ele.

Respirou fundo e fez o ritual como sempre fazia antes de atirar com qualquer revólver de disparo único, imaginou o alvo ser atingido antes mesmo do projétil sair da pistola e então o fez. Apertou o gatilho e ouviu o estampido do tiro, rezando para que o alvo tivesse sido acertado. Thomas virou-se e encarou George, como que agradecendo com um gesto imperceptível com a cabeça o ato heroico do oficial, que acabara de salvar sua vida.

O contra-almirante se levantou, dando um chute bem forte na barriga do monstro, para garantir que estivesse morto, e teve mais do que certeza, pois sequer abriu sua boca. Virou-se e foi recolher sua arma que estava jogada ao chão após ter recebido o encontrão da criatura. Percebeu que não havia mais munições para a metralhadora, tampouco em sua pistola, se sentindo vulnerável e impotente. Pensou em perguntar se George Nelson tinha ainda alguma bala para lhe dar, mas achou mais prudente não deixá-lo saber que estava desarmado, caso ele tentasse algo contra ele. Enquanto isso, ainda com a perna escorrendo sangue, mas com um fluxo bem menor, o general voltou a cortar o restante das plantas que envolviam a única passagem para continuarem a jornada.

Ainda faltavam alguns bons cortes a serem feitos para liberar o acesso, enquanto Thomas, ainda recolhendo as coisas jogadas no chão, começou a refletir sobre sua perversa atitude, querendo acabar a todo custo com o honrado general que, quando teve a oportunidade de vê-lo morto naquela luta, em que o monstro estava quase vencendo, o salvou sem pensar duas vezes. Não sabia o que realmente fazer, seus valores diziam uma coisa, enquanto seus desejos outra.

Essa era a grande oportunidade de se tornar um dos homens

mais poderosos do mundo e ele não podia perdê-la, enquanto que matar um herói, a quem lhe devia sua vida, era o maior golpe pelas costas que alguém poderia dar. E em falar em ataque pelas costas, o atual contra-almirante da marinha, futuro general de quatro estrelas do exército olhou para George, que continuava com sua atividade em cortar o mais rápido possível o restante dos matos venenosos para saírem dali. Enfim, depois de pensar um pouco chegou à solução do impasse que se deparara. Saiu correndo em direção ao general e, ao chegar próximo, o empurrou com todas as suas forças contra a parede de plantas espinhosas, batendo seu rosto, mãos e outros membros em contato com a planta mortal. Nunca havia visto alguém urrar de tanta dor, se atirando ao chão para se desgrudar dos talos cheios de venenos.

George Nelson começou a ficar vermelho e inchar nos locais que encostou nos espinhos, quase que deformando-o por inteiro. Não conseguia abrir sua boca para proferir palavra alguma, tamanho o sofrimento que a dor o causara.

Thomas, por fim, encontrou a solução de seus problemas, não iria matar o oficial com suas mãos, portanto, sua “consciência” ficaria tranquila em assassinar o homem que o salvou da morte certa, deixando-o ali para sofrer a própria dor. Decerto, ele morreria em poucas horas devido à enorme quantidade de veneno que seu corpo absorvera, fosse por alguma dificuldade respiratória ou até mesmo parada cardíaca.

— Se eu fosse você, teria pensado duas vezes antes de zombar com a minha cara, general moribundo — disse Thomas antes de cuspir no rosto de seu ex-superior. — Aqui se faz, aqui se paga!

Virou-se pegando a faca que o general havia soltado no chão e voltou a cortar o restante, abrindo completamente o portão após uns



dez minutos de trabalho, ainda com sua mão em carne viva por conta do veneno que penetrara quando tocou a planta pela primeira vez. Atravessou, deixando George abandonado naquele salão horripilante.

Do outro lado era muito diferente, as pedras que rodeavam as paredes pareciam ser alocadas perfeitamente em sincronia. Não havia estalactites, estalagmites ou qualquer tipo de precipitação rochosa, um largo corredor se mostrava à frente, como se fosse a entrada do hall principal de um castelo, e o mais importante de tudo, havia um tipo de lâmpada invisível iluminando muito bem o ambiente, algo que não presenciava já há um bom tempo.

Lembrou que não havia mais munições em seus revólveres e resolveu voltar à outra galeria para roubar as munições do general, que ainda se encontrava no mesmo local, se perguntando se já havia morrido. Mas, para o azar do próprio Nelson, ele ainda não havia passado para o outro lado, mudo por conta dos efeitos do veneno, apenas o seguiu com os olhos.

O contra-almirante pegou do chão a arma que George usara para matar o monstro e viu que tinha apenas mais uma bala no pente. Era melhor do que nada, pelo menos teria ainda uma oportunidade de se manter vivo, então conferiu o restante das facas e alguns alimentos que sobraram e partiu novamente para o corredor, não sem antes se dirigir a George:

— Boa sorte e longa vida ao general — zombou Thomas, que entrou novamente deixando o oficial morrer com o tempo.

Quando George não enxergou mais seu rival, tentou com todas as forças que lhe sobraram virar-se para alcançar o bolso interno de sua farda. Com um movimento cansado, conseguiu colocar dois dedos dentro do bolso e retirou um papel grosso dobrado em quatro e

uma caneta azul, que por sorte ainda estava escrevendo. Abriu a foto com grande dificuldade, beijando o rosto de seu neto com o maior carinho do mundo, e tratou de escrever, com um esforço para que sua letra não ficasse ilegível, na parte de trás em branco:

— Meu neto querido, infelizmente não estarei presente em seu primeiro aniversário, tampouco nos outros que seguirão. Minha maior tristeza é não poder ver o seu crescimento e o homem que se tornará, mas se houver de fato uma vida após a morte, decerto, eu olharei por você todos os dias e lhe guiarei para o caminho do bem. Queria poder lhe passar alguns valores que aprendi com a vida, ensinar sobre artes, história, como degustar uma boa cerveja e, principalmente, algo que aprendi somente depois de velho com o seu nascimento, que a família deve ficar sempre em primeiro lugar, pois do que levamos dessa vida nada é maior do que o amor das pessoas que estão ao nosso lado. Te amo do fundo do meu coração, assim como seu pai, seu tio e sua avó. Seja feliz! Dê seu avô babão, - George Nelson.

“PS: O contra-almirante de Guam foi o grande responsável por minha morte, do general Erik Morgan e dos demais oficiais.”.

O general então largou a caneta e a foto de seu neto ao lado de seu corpo, que já não tinha mais forças nem para encher seus pulmões de oxigênio, dormindo seu sono mais do que merecido.

E assim foi a morte de George Nelson, um grande homem que lutou bravamente com todas as forças para tornar o mundo um lugar melhor. Pelo menos foi o que disseram em seu enterro de caixão fechado, semanas depois após não encontrarem nenhum corpo.

Thomas acelerava os passos para chegar ao fim daquele comprido corredor. Tinha certeza que era a reta final daquele local macabro, e dependendo de onde saísse, jamais contaria para alguém,

dificultando assim as buscas pelo corpo do general e seus homens. Quem quisesse se aventurar para fazer as buscas, teria que passar por tudo o que passou e, se tivessem sorte, descobririam o cadáver já apodrecido, sem jamais saber o que realmente ocorreu.

Cada minuto que se passava acelerava seus batimentos cardíacos, sua pressão arterial devia estar altíssima por conta da excitação que sentia, imaginando que logo se tornaria, com honras, o maior general da história e que, em vez de receber ordens, todos deveriam se curvar aos seus pés, inclusive os outros membros da ONU.

Um estrondo muito alto ouviu, sem saber de onde vinha, se jogando ao chão, tamanho foi o susto que tomou seu corpo. Era como se um meteoro tivesse caído próximo a ele, ou um raio, ou até mesmo o barulho de uma fusão nuclear. Não ouviu desde então mais nenhum ruído ou um estampido. Perdeu-se em pensamentos e não reparou que já devia ter caminhado por umas duas horas, algumas vezes correndo sem sequer respirar direito, outras a passos lentos para recuperar o fôlego.

Nesse tempo, pensou em sua promoção, no quealaria e, principalmente, como faria para voltar a Guam, já que seu celular estava quebrado. Então lembrou-se que guardara em sua mochila o celular de Mark, que estava no submarino de seu arquirrival. Quando já não tinha mais no que pensar e a paisagem não ajudava no processo de criatividade, já que era tudo a mesma coisa, se deparou com o fim do corredor interminável, deixando-o confuso e atordoado.

O caminho acabara em uma parede sólida, fechando completamente a saída, se é que houvesse alguma. Não entendia o que estava acontecendo e o porquê daquelas plantas protegerem o local se nada ali havia. E de onde eram aquelas luzes que iluminavam todo o percurso, já que não havia nada preso às paredes e ao teto? Parecia que

um brilho surgira no ar flutuando acima de sua cabeça. A excitação que sentira se tornou ódio e raiva, tateando e chutando todos os cantos das paredes, a fim de achar algum dispositivo que a fizesse se abrir, como nos filmes de aventura que seu filho assistia quando pequeno, mas nada encontrou, apenas uma dor insuportável que causara a si próprio com todos os chutes e socos que dera.

Exausto, por ter caminhado tanto tempo sem ao menos parar para descansar sentou-se no chão, com suas costas contra a parede que selava a passagem para o outro lado e pegou seu cantil para matar a sede que resolveu enfim aparecer, juntamente de um sono, forçando seu corpo a escorregar e se esticar naquele chão estranhamente limpo, sem um resquício de poeira. Não havendo mais nada a fazer, o futuro general das forças armadas americanas adormeceu.

## **Devorador de mentes**

— Descobriram algo? — perguntou Luiz esticando sua cabeça por entre as duas rochas, enquanto acertava um daqueles seres desprezíveis.

— Nada ainda. Tem alguma ideia? — questionou Barbara.

— Retira ela da tomada, ué!

— Bem que eu queria que fosse simples assim. Não tem nenhuma fonte de energia aqui — disse Barbara até se dar conta de que a simples brincadeira do garoto fazia um pouco de sentido. — Fonte de energia! Claro, você é um gênio, Luiz. Precisamos encontrar qual a fonte da magia. Quem está por trás, alimentando esse portal.

— Pode crer, Bah. Faz todo sentido. Algo deve estar alimentando esse dispositivo mágico. Encontrando a fonte, conseguiremos desligá-lo.

Walter, Frank e Barbara procuraram em todos os cantos daquela galeria, enquanto Luiz voltava para ajudar os outros nas lutas. Uma vez ou outra foram obrigados a parar com as buscas para enfrentar algumas criaturas que atravessavam o buraco de pedras.

— Garotos, estou sentindo uma energia maligna cada vez mais forte. Precisamos acelerar para sair daqui o quanto antes.

— De onde está vindo essa força, vovô?

— Não consigo identificar, parece que se move muito depressa por todos os lados.

— Isso não me parece nada bom, Frank. Vamos ouvir os conselhos de seu avô e dar o fora daqui — disse Barbara preocupada.

— Mas se não desligarmos o portal, nós não venceremos a batalha.

— Se não sairmos daqui logo não haverá mais nós para lutar qualquer batalha.

Frank ouviu as palavras da amiga que lhe atingiram como facas pontudas e afiadas. Ela estava certa. Walter já havia provado que suas premonições não falhavam e não seria dessa vez que aconteceria o contrário. O garoto, mesmo a contragosto, virou-se para seu avô, que estava bem próximo ao portal mágico, para avisá-lo que voltariam até o outro salão para junto de seus amigos e, então, quando todos tivessem derrotado seus inimigos, avançariam para desligar o portal de uma vez por todas.

Walter concordou e se apressou a sair daquele ambiente quando tentou dar um passo, mas sua perna não obedeceu. Olhou para trás desesperado, mas não viu nada que fosse suspeito. A amarga sensação de que algo muito cruel estava próximo a eles os deixou em pânico e começou a gritar para que os garotos fugissem o quanto antes.

— Saiam daqui, agora mesmo. Isso é uma ordem!

Frank e Barbara, confusos, não sabiam o que fazer, pois não entendiam por que Walter não iria com eles.

— Fugam daqui, seus tolos. Algo me prendeu e não está com a mínima vontade de me soltar, mas vocês ainda têm chances de sobreviver.

— Já te perdi uma vez e não vai ser agora que te perderei de novo — gritou Frank, empunhando uma das facas em uma posição de ataque, sem saber ao certo o que atacar.

Foi assim, de repente, que um semblante apareceu por detrás de Walter, agarrando seu pescoço e o levantando do chão. O avô de Frank não conseguia se mexer, embora tentasse utilizar sua espada

encantada, o que estava o atacando era muito forte. O garoto saiu correndo em direção ao seu avô sem pensar duas vezes. Enquanto corria, tentava identificar quem estava por trás de Walter, mas não conseguia enxergar seu rosto, apenas pedaços de seu corpo. Parecia um homem próximo ao tamanho de seu avô e com um físico bem magro. Utilizava uma vestimenta escura, comprida e toda emborrichada, não dando para ver seus pés, pois estavam totalmente cobertos.

Walter, quase sem fôlego, já não pronunciava mais nenhuma palavra. Preocupado, Frank saltou para frente de seu avô, enquanto este se debatia para sair das garras daquele ser misterioso, mas não conseguia se desvencilhar até ceder e cair sem oxigênio. Então, foi atirado ao chão quase sem vida, sendo amparado pelo garoto.

Uma gargalhada maléfica se ouviu à frente e um ser ainda mais horripilante surgiu, encarando os amigos que tentavam acordar Walter. Era uma criatura humanoide com uma pele azul-lilás e, onde deveria estar o crânio humano, estava uma cabeça de polvo com quatro tentáculos que desciam por seu queixo como uma barba até a altura de sua barriga.

Barbara, ao ver o terrível monstro, deu um alto grito que foi possível ouvir na outra sala, onde estavam seus amigos lutando bravamente. Aquanator, satisfeito por escutar o berro desesperado da garota, sorriu, esperando pela morte certa do trio. Era uma questão de tempo até apanhar aquele lendário talismã.

— O que tem de tão especial na joia que o velhote carrega? — perguntou Mark.

— Aquele medalhão contém o sangue azul do primeiro guardião elementar. Existem outros três como este, porém de outras cores; vermelho com o sangue real do guardião do fogo; marrom, que

contém o sangue do guardião do elemento terra; e branco, com o do primeiro guardião do ar, assim como também existem mais outros três cavaleiros elementais como eu.

“Fomos criados para proteger, junto dos guardiões, as poderosas pedras para não caírem em mãos erradas. Vivemos anos em plena harmonia, alguns reis tiranos mandavam seus soldados capturarem as pedras por pura ambição, mas nunca foram grandes ameaças para nossos poderes.

“Até que um dia, um grande mago druida, que sempre esteve ao lado da ordem e da paz, se revoltou contra todos. Seu coração foi tomado pelo ódio e trevas, espalhando escuridão e atrocidades por onde passava. O perverso mago, possuidor dos conhecimentos arcanos antigos e magias negras, invocou encantamentos poderosos, capazes de neutralizar nossos poderes elementais e assim nos escravizar enquanto este não for derrotado.

“Por mais que tenhamos tentado, não conseguimos agir por conta própria, nos obrigando a realizar seus desejos mais cruéis e nos controlando para usarmos nosso poder para rastreamos as quatro pedras lendárias. O talismã é a única maneira de conseguir me livrar da escuridão, que envolve minha alma”.

— E pra conseguir o que almeja irá matar os três miseráveis!

— Ousa me julgar, garoto? Quer que eu te coloque na lista também? — vociferou o guerreiro com sua voz metálica parecendo um robô.

— Mil perdões, grande mestre. Não foi minha intenção provocá-lo.

— Somente o guardião elementar pode usar o poderoso amuleto e aquele senhor não deveria estar com ele. Mal sabe usá-lo, quanto mais se intitular guardião do elemento água. Vão ser três a menos



para disseminar maldade no meu querido planeta.

Mark pensou em dizer algo, mas foi interrompido por mais um grito vindo da outra sala. Jason e os outros se esforçaram para chegar o mais rápido possível para salvarem seus amigos, mas foram interceptados por mais algumas criaturas que não estavam pegando leve. Podiam contar mais umas dez que vinham na direção deles. Emily agitava seu chicote ferozmente ao mesmo tempo que os outros brandiam suas adagas a todo vapor. Não imaginavam o que estava acontecendo e torciam para encontrá-los ainda com vida.

Na outra galeria, a coisa não ia nada bem. Walter, ainda desacordado, estava jogado ao chão enquanto aquela criatura se aproximava cada vez mais perto de Barbara, que assustada, não conseguia se mexer, apenas gritando de pavor. Frank viu quando o ser perverso agarrou a garota com seus magros braços, mas que continham uma força surpreendente, pronto para atacá-la, e correu em direção a Barbara, mas essa já estava sem energia para reagir, se entregando completamente ao ser maligno.

— Ninguém mexe com a minha garota! — explodiu Frank em fúria.

O rapaz com uma agilidade sobre-humana, digna de filme de ação, deu uma voadora que acertou o ombro da criatura mágica, largando instantaneamente Barbara, que caiu ao chão com tudo. Frank conseguiu evitar que batesse a cabeça no piso da caverna e ajeitou-a em um canto próximo ao seu avô. Sem poder fugir, se colocou em posição de defesa, tentando estudar o inimigo, que já se encontrava ereto, como se o golpe desferido pelo garoto não lhe causasse nenhuma dor.

— O que você fez com eles? — gritou Frank.

— Estão mortos, assim como você logo estará!

— Não! — bradou o rapaz assustado por não ter conseguido enxergar o golpe que matou seus amigos.

A criatura semiaquática levantou suas mãos em posição de ataque, dobrando seu dedo indicador chamando-o para a briga. Com seu sangue fervendo e os nervos à flor da pele, Frank Payne não pensou duas vezes. Desferiu um soco que acertou o ar, tendo seu adversário esquivado no exato momento do golpe.

Então, o garoto tentou mais uma investida com os braços, seguido de dois chutes, novamente sem sucesso. O monstro parecia querer se divertir com aquele momento, ostentando seu poder para criar um ambiente de tensão e medo, algo que lhe agradava profundamente. Era como se o pânico que fluía das pessoas recarregasse suas energias.

Após longas demonstrações de superioridade, o monstro começou a ficar entediado, pois por mais que tentasse, não promovia esses sentimentos no rapaz à sua frente, ao contrário, o que ele via no menino estava mais para sentimentos nobres, como coragem, bravura e determinação. Esse garoto era diferente dos demais, tinha um brilho natural que emanava de sua alma e de seu coração. Era hora de atacar ou então os planos de seu mestre não se concluiriam.

Em um movimento rápido, a criatura desviou de um forte ataque lançado por Frank e agarrou-o com seus dois braços, olhando diretamente em seus olhos que brilhavam de ódio. Então, em fração de segundos, um dos tentáculos que compunham seu rosto encostou na bochecha do menino, assim como um segundo tentáculo grudando na outra face. O garoto começou a se debater rapidamente, sentindo como se um raio o tivesse atingido fortemente. Em seguida, outros dois tentáculos que sobravam acertaram a testa de Frank, que fez seus sentidos se dissiparem instantaneamente, cegando-o

por completo, sem conseguir enxergar nada à sua frente, sentir cheiro ou ouvir qualquer ruído que fosse, apenas uma dor começando a propagar por seu corpo, iniciando com um forte formigamento em seus pés, subindo para seus braços até chegar em seu peito.

A razão estava começando a deixá-lo, a tristeza tomou conta de sua alma e seu coração já não tinha mais esperanças de continuar vivo. Enfim, sua hora havia chegado ao fim. Logo encontraria com seus pais, seu avô e sua amiga, que não teve coragem suficiente para assumir como namorada. Uma dor no peito começou a se intensificar até não suportar mais e um grito ecoar daquele pequeno homem, tão forte que dizem que algumas pedras haviam se mexido naquela estranha caverna, onde quase houve um desmoronamento de grandes proporções.

Mais uma aventura foi forçadamente interrompida pelas malignas intenções do temível mago Arasgain. Mais um corpo tinha caído ao chão daquela caverna misteriosa.

## **Um novo recomeço!**

O tempo era relativo e inconstante. Não se sabia ao certo se haviam passado minutos, horas ou dias desde que Frank caíra ao chão. Os acontecimentos eram confusos e desordenados na jovem mente do rapaz. Foi essa a sensação que o garoto sentiu ao acordar no hospital geral de sua cidade, após alguns dias em coma. A primeira pessoa que reconheceu foi Barbara, que havia dormido ao seu lado em uma cadeira bem desconfortável durante todos os dias em que o garoto esteve hospitalizado.

Foi uma alegria imensa ao acordar ver seu grande amigo desperto daquele sono profundo, induzido pelos médicos para extraírem o veneno que havia penetrado por sua corrente sanguínea. Se a intervenção dos médicos e a resposta ao medicamento não fosse tão rápida, a história poderia ser completamente diferente, mas não com Frank Payne, eram o que contavam os médicos que o operaram.

— Como você está se sentindo, Frank?

— Parece que um trator passou por cima de mim — respondeu o jovem rapaz automaticamente. — Peraí, onde estamos?

— No hospital Geral.

— Não me diga que estamos em...

— Franklin Payne! Que bom te ver acordado — disse um médico, entrando no quarto em que estava repousando.

— Er... oi?

— Parece que sua amiga aqui não descansou enquanto você estava tirando uma sonequinha de três dias — falou o médico, dando

tapinhas no ombro de Barbara.

— Três dias?

— Sim — respondeu o médico. — Extrair o veneno de sua corrente sanguínea não foi uma tarefa simples, mas seu corpo, estranhamente, respondeu rapidamente ao medicamento.

— Veneno? Daquele polvo-humano? Mas não era veneno, foram tentáculos. Peraí! Do que você está falando? — perguntou o garoto atordoado.

— Os pescadores que te trouxeram aqui nos falaram que você esteve com eles, ajudando-os a puxar a rede há três dias. Então você, curioso que é, começou a analisar os peixes retirados do mar até que, por mera ingenuidade, encostou sua mão em um peixe extremamente venenoso, conhecido por muitos por peixe-aranha, e seu veneno penetrou em seu corpo pela corrente sanguínea. Bem, pelo menos é isso o que me disseram — respondeu Barbara com propriedade.

— Peixe-aranha? Mas a pescaria já faz muito tempo. E a caverna? O vovô, Jason, Emmy e os outros?

— Quem?

— Você sabe muito bem do que estou falando. Estávamos lá e eu tentei te salvar. Depois não sei mais o que aconteceu — replicou o garoto.

— Desculpe, Frank. Mas não sei do que você está falando — retrucou Barbara, dando um tapa de leve na cabeça do garoto. — Você devia estar sonhando.

— Daremos tempo a ele, Barbara. Franklin precisa se recuperar. Isso pode ser reflexo dos medicamentos e das três noites de sono. Nosso cérebro é uma ferramenta muito poderosa e, quando estamos nessa situação, fantasiamos para que nosso corpo se recupere de

algum tipo de trauma. Pode ser que, mais para frente, seu amigo precise de algumas consultas com um psiquiatra — disse o médico, saindo pela porta do quarto.

— Eu não estou louco. Você estava lá também, Barbara. Não se lembra?

A garota, vendo seu amigo naquele estado, mudou drasticamente seu humor, deixando escapar algumas lágrimas de seus olhos, virando-se rapidamente para que Frank não percebesse, mas não deu tempo, o garoto já conhecia há muito tempo sua amiga para saber quando algo estava mal.

— Nunca houve nenhuma caverna, não é, Bah? — perguntou Frank incrédulo.

— Não! — respondeu Barbara com a voz engasgada. — Sempre estivemos aqui, desde que a ambulância te trouxe.

Um longo tempo se passou sem que alguém falasse algo. Frank tentava compreender o que se passava em sua cabeça e Barbara queria deixar seu amigo o mais confortável possível para reorganizar suas ideias, sendo surpreendida por Walter, que entrou correndo no quarto, perdendo o fôlego.

— Frank! Graças a Deus você está vivo. Já consegue falar?

— Oi, vovô. Você não sabe o quanto estou feliz em vê-lo vivo.

— Vivo? Mas quem quase morreu foi você, garoto. Eu quem deveria dizer isso.

— É, parece que eu espetei meu dedo em um peixe-aranha.

— O dedo nada, você agarrou o peixe com sua mão e pressionou os espinhos venenosos dele. Parece que uma enorme quantidade do veneno entrou em sua corrente sanguínea e você caiu duro. Foi um milagre você estar vivo! Não tem ideia do quanto eu rezei para não perdê-lo também. Não suportaria mais nenhuma perda, já basta sua

avô, sua mãe e seu pai.

O coração de Frank bateu mais acelerado com as palavras de seu avô, principalmente quando citou a morte de seu pai. Queria dizer a Walter sobre o “sonho” que teve, mas não quis dar falsas esperanças, até porque mesmo em seu sonho maluco, ele não conseguiu resgatar seu pai desaparecido, os colocando também em perigo extremo.

— Quando vou poder voltar pra casa?

— Logo o médico deve voltar pra verificar se está tudo bem com você e então lhe dará alta. Acredito que ainda hoje comeremos aquele macarrão com camarão que você tanto gosta — disse seu avô.

— E também o famoso bolo de frutas dos Bell que minha mãe fez hoje pela manhã.

— Esse bolo é muito valioso. O velho Artmeck que o diga.

— Quem? — perguntou a garota.

Frank sacudiu a cabeça para que ela esquecesse do assunto, enquanto se perdia em sorrisos.

Naquela mesma noite, o médico lhe passou alta e foram para casa comer o merecido jantar, enquanto o garoto bebia seu refrigerante preferido.

Frank acordou cedo em uma manhã quente e ensolarada, como era de costume naquela época do ano. O garoto achou estranho, pois nem eram 09h00 da manhã e o termômetro de sua casa já atingia os trinta e três graus. A temperatura não parava de subir, chegando aos trinta e oito graus antes do meio-dia. Resolveu sair de casa para ver a praia e se refrescar em suas águas geladas e cristalinas. Marcou com Barbara de se encontrarem no mesmo lugar de sempre, na pedra do Devaneio, de onde costumavam saltar e mergulhar naquele lindo mar, além de passarem horas conversando e refletindo sobre a

vida.

O jovem foi o primeiro a chegar e seus olhos se encheram de lágrimas ao ver a beleza do lugar. Não se conformava com o sonho que teve, ainda no dia anterior estava em uma caverna mágica no fundo do oceano combatendo inimigos fantásticos, meio homem meio peixe, além de outras criaturas horrendas e naquele dia estava lá, sofrendo de possíveis alucinações, não sabendo o que era real e o que fora apenas um sonho.

Viu Barbara se aproximando e tentou esquecer sobre as aventuras na caverna. A garota parecia ainda mais linda do que se lembrava, com seus cabelos esvoaçantes pelo vento que vinha do mar. Seu coração pulsou novamente como no dia em que tocaram suas mãos e dormiram juntos naquele hotel em Guam, “Mas, espera, isso foi apenas um sonho e nunca aconteceu”, lembrou-se Frank, deixando-o entristecido.

— Bom dia, Franklinzinho! — brincou a menina com um sorriso no rosto que deixou o garoto enrubescido.

— Olá, Bah. Bom dia.

— Como você se sentiu essa noite?

— Muito bem, e um pouco confuso pra falar a verdade.

— Você ficou inconsciente alguns dias, é normal estar um pouco confuso. Mas me conte mais desse sonho maluco que você teve.

— Nossa, Bah. Foram tantas coisas que nem sei por onde começar. Pra falar a verdade, tem uma coisa que queria lhe contar — disse Frank, se enchendo de coragem. — Nesse sonho eu, aliás, nós, começamos a namorar.

— Como? Ha ha ha ha. Sério isso? Eu e você namorando?

— Sim — confirmou Frank, ficando com as bochechas quentes.

— Ha ha ha, que sonho mais doido mesmo! Nunca iríamos



namorar. Você é como um irmão pra mim. Não é?

— Claro que sim. Grandes amigos como irmãos e isso nunca me passou pela cabeça — concordou o garoto, angustiado com a reação inesperada de Barbara.

— Além do mais, você sabe que estou apaixonada pelo nosso novo vizinho.

— Pois é, como eu iria me esquecer? — disse Frank desapontado.

De fato, o rapaz não se lembrava do vizinho, pois só vira algumas vezes. Sabia que tinha a idade próxima a deles, mas não sabia seu nome, de onde se mudara e o que fazia quando não estava estudando, aliás, nem sabia se ele estudava.

— Barbara, acho melhor eu ir. Não estou me sentindo muito bem com esse calor. Ainda não me recuperei por completo, então prefiro descansar um pouco.

— Mas eu acabei de chegar!

— Sim, eu sei. Achei que seria legal entrar no mar e passarmos um tempo juntos, mas podemos tentar marcar amanhã. O que você acha?

— Por mim, ok. Está muito quente mesmo. Acho que vou ficar um pouco mais aqui então, dar uns mergulhos.

— Sem problemas. Nos falamos depois e cuidado com o mar, ele pode ser traiçoeiro as vezes.

Frank virou-se, sem olhar para trás. Seus olhos encheram-se de lágrimas, lembrando dos momentos felizes com a garota em seu sonho. Caminhou até chegar à areia da praia e se dirigiu até sua casa, que ficava bem próxima. Decerto, não mentira para Barbara, estava se sentindo um pouco mal, atordoado, para falar bem a verdade. Esse calor estava o cozinhando por dentro. Avistou o termômetro da rua e se deu conta de que já passara dos 42°C. Até onde

essa temperatura iria chegar?

Chegou em casa e, ao abrir a porta, um bafo impiedoso nocauteou-o, quase jogando o garoto para trás. Parecia que Frank havia aberto a porta do inferno, tamanho o mormaço que vinha daquele lugar. Avistou seu avô Walter sentado em uma poltrona de costas para a porta, sem camiseta e com os pés dentro de uma bacia com água, que uma vez esteve gelada, mas que agora deveria parecer um chá.

— Oi, vovô. Tá conseguindo se refrescar aí nessa onda de calor?

Walter não respondeu. O menino, indiferente, foi até o controle do ar condicionado, verificar se estava configurado na temperatura mais baixa e na função de esfriamento, quando percebeu que o aparelho tinha quebrado.

— Ê, vovô, parece que o ar condicionado pifou de vez — disse Frank sem receber nenhuma resposta de Walter.

Voltou-se para seu avô e caminhou em sua direção. Foi então que percebeu que deveria ter pego no sono enquanto lia suas correspondências, pois segurava uma carta em sua mão, enquanto havia deixado as outras caírem ao chão próximas a poltrona.

— Vovô... Como o senhor consegue dormir em uma tarde tão quente como essa? — questionou Frank, se abaixando para recolher as correspondências do chão, quando, sem querer, esbarrou no braço de Walter, que tombou para frente, caindo por cima do garoto. O menino sentiu seu coração bater em um ritmo acelerado, enquanto os braços gelados de Walter se entrelaçavam em seu pescoço. Em um movimento rápido, Frank realocou seu avô de volta na poltrona enquanto examinava o idoso.

— Não, vovô... Não faça isso comigo, por favor! Já te perdi duas vezes e até agora não superei tamanha dor e, então, assim que eu

acordo do pesadelo em que estive, o perco novamente. Acorde! Por favor, acorde! — gritou Frank.

Mas Walter Payne não esboçava nenhuma reação. Seu corpo estava rígido e gelado, principalmente para aquele maldito dia infernal. Os olhos do idoso continuavam fixos como se tivesse morrido enquanto lia algo. Foi então que Frank se deu conta que seu avô ainda segurava uma folha de papel entre seus dedos retorcidos. Parecia um laudo pericial de algum órgão federal, com o símbolo da Secretaria de Estado de Segurança Pública. O rapaz, ainda aos prantos, retirou com o maior cuidado o documento das mãos de seu avô, deixando seu braço falecido descansar por sobre suas pernas geladas.

Ao percorrer algumas linhas em uma leitura rápida, caiu ao chão perplexo, abatido e totalmente desacreditado da vida. Uma tontura se apoderou de seu corpo, tentou respirar fundo, mas não tinha energia suficiente para responder aos seus sentidos. Tudo começou a girar, perdeu completamente o olfato, não sentindo mais o cheiro de nada, nem o som do mar, tampouco o calor que tanto o importunou. A visão começou a falhar e sem tentar se segurar, caiu desmaiado ao chão.

## **A clínica psiquiátrica**

Frank ficou por algum tempo na mesma posição. Acordou daquele desmaio repentino sem energia para conseguir se levantar. Voltou a chorar e se culpar por tudo o que aconteceu. O oxigênio lhe faltava e sua visão aos poucos foi se recuperando, até conseguir enxergar um telefone sobre uma mesa de apoio, próxima a entrada da sala. Arrastou-se até o móvel, tentando, com muita força, se manter em pé.

Retirou o aparelho do gancho e, sem saber o que fazer, ligou para a polícia aos prantos, explicando que seu avô havia falecido sentado em sua poltrona preferida, e que estava gelado e com os membros rígidos, que não sabia para quem ligar e como proceder. O policial acionou uma viatura e disse que em poucos instantes estariam em sua residência. Pediu que se acalmasse, pois tudo iria se resolver.

— Me acalmar? Desculpe, oficial, mas o senhor entendeu o que eu acabei de falar? Meu avô, a pessoa que era tudo pra mim, acabou de falecer e você me pede para me acalmar? Que tudo irá se resolver! Quem você pensa que é pra me dar esses conselhos inúteis? — gritou o menino ao telefone.

— Calma, rapaz. O senhor está muito alterado. Logo chegaremos em sua residência.

— Que seja, agora não há mais nada a se fazer mesmo... — respondeu o menino, desligando o telefone em uma batida muito forte.

Frank virou-se novamente para onde Walter estava, com o braço na mesma posição que havia deixado, e seus olhos novamente se

encheram de lágrimas. Criou coragem, pegou a carta responsável pela morte de seu querido avô e se colocou a ler em voz alta, para tentar acreditar que seria uma mentira de mal gosto, mas não achou evidências de fraude:

*Estimado senhor Walter Payne,*

*É com muita tristeza que lhe escrevemos com o laudo pericial dos ossos, que concluímos, com 100% de certeza, terem pertencido ao seu filho Douglas Payne, devido à compatibilidade de DNA com o sangue fornecido pelo senhor, além de vestígios de cabelo do chapéu que nos enviou de seu filho desaparecido. Assim que fizermos a liberação da exumação, iremos agendar para o senhor retirar os restos mortais de seu ente querido para realizar a cerimônia com a dignidade que seu filho merecia, podendo, assim, enterrá-lo junto de sua esposa.*

*Novamente, pedimos desculpas pelo conteúdo desse documento e que o nosso Senhor tenha piedade e conceda muita luz ao Douglas no caminho ao Paraíso.*

Novamente, o coração do garoto disparou imediatamente após ler a correspondência endereçada ao seu avô. Em um ato de fúria, triturou o documento em mil pedaços, o jogando no cesto do lixo da cozinha, que fedia com restos de comida podre. Ouviu uma sirene ao lado de fora de sua casa e uma batida seca na porta de entrada. O garoto enxugou suas lágrimas que ainda insistiam em cair, e tentou melhorar sua cara de raiva. Abriu a porta, permitindo a entrada de dois oficiais.

— Boa tarde, garoto. Meu nome é sargento Marques e esse é o soldado Torres. Foi o senhor que relatou o falecimento de seu avô ao telefone agora há pouco, correto?

— Sim, senhor.

— Como o senhor se chama?

— Franklin Payne.

— E o nome do falecido?

— Walter Payne, senhor.

— Onde encontra-se o corpo?

— Naquela poltrona ali. Ele morreu enquanto lia suas correspondências.

— Seu avô tinha algum problema de saúde que você soubesse?

— Não, senhor. Nunca vi meu avô doente, por incrível que pareça, ele tinha uma saúde de ferro.

— Precisamos verificar o corpo, se é que nos permite.

— Claro que sim, fiquem à vontade.

— Uma ambulância está chegando com peritos para examiná-lo.

— Examiná-lo? O senhor acha que ele ainda tem chances de sobreviver? — perguntou Frank com uma ponta de euforia.

— Desculpe rapaz, mas pelo que estou vendo, acredito firmemente que ele teve uma parada cardíaca. Mas vamos precisar aguardar os especialistas. Enquanto isso, gostaria de fazer mais algumas perguntas.

— Perguntas? Sim, claro. — disse Frank, meio sem entender.

— Seu avô cuidava sozinho de você ou tinha mais alguém além de vocês dois?

— Não, senhor. Somente nós dois. Meu pai está, aliás, estava desaparecido, mas soubemos que ele morreu já faz cinco anos e então só sobraram nós dois. Um cuidando do outro.

— E sua mãe, vive onde?

— Minha mãe faleceu há algum tempo, antes do desaparecimento de meu pai.

— Meus pêsames — disse o sargento Marques.

— Sem problemas. Já estou começando a ficar acostumado com tantas mortes ao meu redor.

— E você age tão naturalmente assim, por quê?

— É que a vida resolveu, de uma hora para outra, me pregar peças. Até ontem estava em uma aventura através de uma caverna no fundo do oceano, cheia de monstros, tentando resgatar meu pai e ao mesmo tempo sobreviver às investidas das criaturas e de um mago impiedoso, e agora estou aqui, enfrentando as mortes de meus pais, meu avô e, pra ferrar com tudo, minha namorada está saindo com outro cara.

— Entendo. Você pode nos dar um minuto, por favor?

— Claro, senhor policial.

O sargento Marques e o soldado Torres caminharam um pouco de modo que o que tinham pra falar não fosse ouvido pelo garoto.

— Soldado, parece que temos um problema sério aqui.

— Sim, senhor. O menino é perturbado, senhor.

— Tudo me indica que ele tenha alguns problemas psicológicos. Precisamos confirmar se houve algum problema entre ele e seu avô Walter, e se tem alguma relação com a morte do idoso. Além disso, precisamos ficar de olho nele, pois, pelo que percebi, ele tem um perfil suicida ou mesmo a relação passional entre ele a garota que diz ser sua namorada pode acabar em um crime. Você viu quando ele mencionou que ela estava “saindo com outro cara”?

— Sim, me pareceu muito suspeito.

— Bom, aguardaremos a perícia e então verificamos a necessidade de tomar o depoimento do rapaz.

Os oficiais voltaram para próximo de Frank com o cuidado para que não percebesse suas intenções. Ouviram o bater na porta e por

lá entraram dois médicos paramentados com uma maca e alguns instrumentos hospitalares.

Os peritos avaliaram a situação do idoso e concluíram que Walter sofreu de mal súbito, seguido de uma parada cardíaca.

— O que pode ter causado a morte do pobre homem? — questionou o sargento.

— Foi causado por uma arritmia cardíaca. Excesso de estresse, discussões acaloradas e tristezas profundas podem ter contribuído para acelerar as frequências cardíacas do sujeito, que, pelo que me parece, sofria do coração. Encontramos vários remédios em seu quarto e muitos exames cardíacos.

— Certo, doutor. Muito obrigado pelo diagnóstico — agradeceu o oficial.

— Às ordens, Sargento — respondeu o perito médico, entregando o atestado de óbito para o policial.

Marques, ao se aproximar de Frank, que estava na cozinha se refrescando daquele calor insuportável com um copo de água gelada, explicou ao rapaz a conclusão do médico legista.

— Agora precisamos que nos acompanhe para realizarmos todos os procedimentos de velório e enterro de seu avô.

— Claro, senhor. Muito obrigado por todo o suporte. Serei eternamente grato.

O enterro foi agendado para o dia seguinte, onde muitos amigos de seu avô foram prestar a última homenagem ao grande homem que ele foi. Algumas poucas pessoas foram até o garoto prestar suas condolências, mas, na grande parte do tempo, o rapaz ficou sozinho, enquanto seu avô era o protagonista daquele fúnebre ritual de passagem.

O enterro estava chegando ao fim, sobrando apenas Frank e os



policiais que o ajudaram e faziam a escolta dele, pois ainda não tinham terminado o inquérito. O garoto virou-se para trás, buscando os olhares de compaixão e o ombro caridoso de sua amiga Barbara, que ainda não havia deixado o local, mas esta viera acompanhada de uma outra pessoa, que trajava um paletó escuro, com uma camisa branca e uma gravata preta. Percebeu que se tratava de seu novo vizinho e sua efêmera paquera, pelo menos era o que esperava. Chegou perto de Barbara para trocar algumas palavras, quando se deu conta dos cabelos loiros de seu rival. Seu sangue esquentou no exato momento em que encarou seus olhos verdes e seu nariz arrebitado.

— Frank, não é? Meus sentimentos por toda a sua perda — disse o menino, estendendo sua mão em um gesto de compaixão.

— Meus sentimentos? Como você se atreve a vir até aqui, com a minha garota e ainda tirar um sarro da minha cara desse jeito? — repudiou Frank, disparando um soco que acertou o rapaz à sua frente, fazendo seu nariz sangrar imediatamente. — Você sabe muito bem que a culpa disso tudo é sua, Mark Wolf, filhinho do contra-almirante que tudo pode.

— Do que você está falando? Meu nome é Isaac, e sou filho do relojoeiro, todos sabem disso — respondeu o garoto, tentando conter o sangramento com seu lenço branco e sendo amparado por Barbara.

Os policiais, vendo a cena, correram para apartar a briga que se estabelecia e afastaram Frank dos outros para não causar mais problemas físicos a eles. Já tinham visto o bastante e essa era a prova de que precisavam para encaminhar o garoto à delegacia, onde mais tarde depuseram os fatos de que presenciaram para o juiz, que sentenciou o garoto a um tratamento em uma clínica psiquiátrica.

— Mas eu sou inocente! — gritava o garoto.

— Você disse em depoimento que seu avô tinha uma saúde de

ferro, porém nossos legistas encontraram remédios para tratamento do coração, além de dezenas de exames cardíacos. Também fantasiou vidas passadas e amores que nunca existiram colocando a vida de Barbara Bell e Isaac Austim em perigo eminente. Devido aos fatos, você foi diagnosticado como esquizofrenia, por laudo do nosso médico, e sentenciado à internação em hospital psiquiátrico o quanto antes.

Frank poderia jurar que viu um sorriso de deboche do menino enquanto diziam sua sentença, deixando o garoto ainda mais agitado e perturbado, pois sabia que se sua vida tinha virado de ponta cabeça. Era sim culpa de Mark, que, de alguma forma, persuadiu a todos. Ou não? Frank não sabia mais o que era realidade ou devaneio de sua pobre mente prejudicada por tantas porradas que a vida lhe dera em tão pouco tempo.

O garoto foi transferido imediatamente para a clínica de repouso e tratamento psiquiátrico da cidade vizinha, já que onde morava não possuía algo do tipo. Seus pertences foram trancados em um armário guarda-volumes com cadeado, para que o rapaz não tivesse acesso enquanto estivesse sob tratamento médico. Recebeu uma roupa que mais parecia um uniforme, de cores brancas e sem nenhum zíper, cordões ou algo com que pudesse se ferir ou se enforcar enquanto estivesse lá.

Tentativa de suicídio era algo muito comum naquele “pacífico” lugar. Pediram para que vestisse um uniforme e lhes entregasse suas roupas para colocar junto de seus pertences no armário. A diretora da clínica que o recepcionou ordenou para que um dos internos se aproximasse e encarregou-o de apresentar as estruturas de seu novo lar ao garoto, até que estivesse curado de suas fortes emoções, que foram julgadas perigosas para a sociedade.

— Esse é seu mais novo amigo, seu nome é Richard. Ele o guiará através de sua maravilhosa estadia aqui conosco. Seja bem-vindo, senhor Franklin Payne — disse a diretora da clínica em um tom sarcástico. — Richard, o quarto dele será o número onze.

— Número onze, dona? Mas esse não é o quarto do El Toro?

— Sim, esse mesmo. Espero que eles se tornem grandes amigos, se ele sobreviver é claro — disse batendo a porta com força.

— Bo-bom, meu nome como você já sabe, é Richard. E, co-come ela já lhe disse, seja bem-vi-vindo! — disse o rapaz com uma gagueira típica de quem está nervoso.

— Muito obrigado — disse Frank sem jeito. — Ela é sempre mal-humorada assim?

— Só quando abre os olhos de manhã — disse o interno, tentando arrancar alguma gargalhada do rosto preocupado do menino, mas sem sucesso.

— E quem é esse tal de El Toro com quem vou dividir meu quarto?

— Se-se eu fosse você, tentava não ba-bater de frente com ele. É um dos mais antigos internos aqui, assim co-come eu.

— Você está nessa clínica desde quando?

— Hum, o tempo passa meio rápido aqui, já que não temos um calendário para acompanhar as datas, mas, pelos meus cálculos, são longos dezoito anos — disse o homem mais calmo.

— Dezoito? Como assim? Está internado há mais tempo do que eu tenho de vida.

— Pra você ver como são as coisas aqui dentro — respondeu o homem de meia idade, que aparentava ter por volta dos seus cinquenta anos, mas que Frank viera a descobrir que tinha quase trinta e cinco. — Quando cheguei aqui, ainda era jovem, assim como você,

e cheio de expectativas com meu tratamento, até que com o tempo deixei de pensar em sair daqui e aprendi a viver com os demais.

— Por que você está em tratamento? O que aconteceu para te internarem aqui?

— Já faz tanto tempo que não me lembro ao certo, mas tinha algo a ver com uma herança de família. Ah, sim, me lembro que um tio muito antigo havia morrido e eu e meu irmão éramos os únicos herdeiros. Ele havia nos deixado uma grande quantidade de dinheiro, além de uma linda mansão e alguns investimentos. Mas não cheguei a ver nem a cor dessa grana, já que meu irmão apareceu com um laudo assinado por um dos médicos de nossa família alegando que eu tinha problemas psicológicos e não era capaz de administrar sozinho essa herança, entrando com um pedido de internação, concedido pelo juiz que me sentenciou na época a um tratamento psiquiátrico. Desde então estou aqui, vendo pessoas entrarem malucas e saírem daqui insanas ou em um caixão.

— Que história triste!

— Nem me fale. Em relação à sua pergunta sobre o El Toro, ele é um dos internos em recuperação desde que entrou aqui. Sua agressividade excessiva o faz com que saia poucas vezes para ver a luz do Sol, estando na maior parte do tempo dentro do quarto, amarrado em sua cama com grossos cintos de couro ou então em sua camisa de força preferida.

— E é com esse maluco que a diretora quer que eu divida a cela?

— O quarto, você quer dizer? Se bem que parece mais uma cela mesmo — riu Richard com uma risada que deixaria qualquer pessoa sã com medo de se aproximar.

Frank olhou angustiado para seu novo companheiro, que parecia amigável e inofensivo à primeira vista, mas perturbado demais para

uma pessoa normal, pelo tanto que devia ter sofrido durante esses longos anos. Precisava pensar em algo para fugir daquele lugar, já que não tinha a quem recorrer e a última pessoa que imaginava virar às costas para ele estava namorando seu principal inimigo.

— Preciso parar de pensar nessas coisas. Se continuar misturando fantasia com realidade, jamais irão me mandar de volta para casa — pensou alto.

— Não se preocupe, meu amigo. Aqui foram poucas as pessoas que conseguiram retornar, principalmente aquelas que não tem familiares — respondeu Richard, rindo novamente com suas gargalhadas amedrontadoras.

Algumas horas se passaram, o desajustado guia do garoto o levou para conhecer todos os cantos daquele lugar e apresentá-lo para quase todos os pacientes e funcionários.

— Está ouvindo essa campainha? É hora do jantar, e eu gosto muito de jantar! Você e eu precisamos correr, senão não iremos pegar a melhor parte do frango.

— Hum, vamos que estou precisando comer uma bela coxa de frango.

— Eca! — disse Richard, quase passando mal só de pensar. — A melhor parte do frango são os pés e a cabeça. Nunca te ensinaram isso?

— Me desculpe, meu amigo. Façamos assim, eu fico com as partes ruins e te dou as partes que você mais gosta da ave.

— Combinadíssimo! — riu Richard, agradecendo a generosidade de seu novo colega.

Chegaram o mais rápido que puderam, se postando à fila que havia acabado de se iniciar. Richard pegou dois pratos entregando um para Frank e lhe cedeu o lugar à frente, para que este se servisse

primeiro.

— O que é isso, senhora?

— Ensopado de frango, não está vendo, moleque?

— Sim, mas onde está o frango?

— Ficou com nojo dessa gororoba e saiu correndo — gargalhou a mulher, que servia os pobres pacientes interditados. — Agora não me amole e agradeça por ter esse maravilhoso jantar para comer. Tem dias que o frango cospe no prato antes de sair correndo, se é que você me entende!

Frank saiu bufando com seu prato na mão enquanto enchia um copo de plástico de água quente, que parecia chá e não refresco de laranja.

— Como ela te falou, agradeça por ter o que comer, meu rapaz. Às vezes passam dias sem que a campainha toque anunciando o jantar. É triste, mas é a realidade aqui.

O menino quis entender Richard e a importância daquilo tudo para eles, mas não conseguiu nem tocar em sua comida, entregando para seu novo colega que raspou até a última gota daquele creme verde amarelado. Era tudo muito recente e sua vida acabara de ser arrancada abruptamente. Ainda não tinha parado para pensar onde estava se metendo quando chegou ao tenebroso quarto onze. A porta estava fechada como de costume e seu principal hóspede encontrava-se deitado com suas amarras marrons, atravessando seu corpo na transversal.

O menino tentou não acordar o temível El Toro, andando nas pontas de seus pés, sentando-se levemente sobre sua cama, onde havia apenas um travesseiro por cima de um colchão sujo e descosturado. Aliás, Frank sentiu um forte cheiro de urina vindo das espumas e se perguntou quando foi a última vez que colocaram aquele

colchão para tomar um Sol ou desinfetaram com algum produto químico, chegando à rápida conclusão de que nada daquele ambiente sentira ao menos uma vez o calor do Sol. Lembrou das palavras de Richard, dizendo que El Toro quase nunca saía de seu quarto, impregnado pelo cheiro acre de suor e excrementos fisiológicos.

Tentou pegar no sono como pôde, mas não conseguia, imaginava que a qualquer momento seu companheiro de quarto o pegaria desprevenido e tentaria alguma maldade. Foi uma das noites mais compridas de sua vida.

O dia amanheceu e Frank, que não pregara os olhos nenhuma vez, estava com uma dor de cabeça insustentável. Olhou para o lado e percebeu El Toro na mesma posição em que esteve toda a noite. Parecia que não estava respirando, mas não quis pagar para conferir. Calçou seu chinelo e saiu o quanto antes da habitação.

Encontrou Richard conversando com algumas pessoas que, assim como ele, deveriam estar internadas há um bom tempo. Eram pessoas de mais idade, ou aparentavam ter.

— Ei, garoto! — gritou o antigo paciente. — Venha se juntar a nós. Estamos jogando baralho.

— Mas cadê as cartas?

— Não tem nenhuma carta.

— Mas como estão jogando baralho sem cartas? — questionou o amigo.

— Ué, cada um imagina o que tem nas mãos e fazem pares. Ganha quem tiver a maior quantidade de pares. De onde você vem não jogam baralho?

— Sim, mas com cartas. Ah, deixa pra lá! Continuem jogando.

— E me diga, conseguiu dormir com o El Toro bufando em sua orelha?

— Pois nem me fale. Não consegui fechar os dois olhos ao mesmo tempo. Fechava primeiro um, depois o outro e minha noite foi dessa maneira.

— Fica tranquilo, rapaz. Ele toma medicação pesada e nunca acorda de madrugada.

— Agora que você me fala isso? Por que não me alertou ontem? Fiquei como um louco sem dormir por medo.

— Ora, você não me perguntou nada, como eu iria saber? — respondeu Richard, rindo orgulhoso da combinação de baralhos que havia feito.

O dia passou lentamente para o rapaz. Infelizmente, logo em seu segundo dia, pôde comprovar a teoria de Richard que disse haver dias em que a campainha não tocava, indo para a cama sem seu jantar se sentindo fraco e com muita fome. Ao menos, sabia que seu companheiro de quarto não iria lhe incomodar e aproveitaria a noite para colocar em dia seus pensamentos e o sono merecido.

Deitou-se com cuidado, para não fazer muito barulho, e com a cabeça sobre seu travesseiro, fechou seus olhos. O cheiro de urina ainda continuava muito forte, mas resolveu que teria que acostumar-se. Imaginou um dia saindo daquele lugar cheio de doidos e voltar ao seu lar, ver o mar, sua casa e lembrou-se de seu avô. Sim, Walter já não estava mais lá. A vida não seria a mesma coisa sem seu companheiro, seu avô querido e caridoso. Aliás, também não tinha mais ao seu lado sua grande amiga Barbara. Desde que lhe contou seu sonho, parecia ter despertado na garota um sentimento de repulsa, ainda mais depois de ter acertado um soco em seu namoradinho.

O garoto já sentia seu corpo começar a relaxar como quando se está entrando no primeiro sonho quando seus pelos da nuca se arrepiaram. Uma lufada de vento percorreu entre seu pescoço e sua



bochecha direita, quando então ouviu uma voz baixa e grave ao pé de seu ouvido:

— Como ousa entrar em meu quarto e ainda por cima dormir em minha cama?

Frank abriu seus olhos, espantado, e viu um rosto completamente enfurecido a poucos centímetros de distância. Jogou-se para o outro lado, tentando fugir do alcance de El Toro.

— O-olá. Meu nome é Frank e parece que sou seu novo colega de quarto. — respondeu o garoto sem firmeza em suas palavras.

— Colega de quarto? Eu não tenho companhia. Sabe o que fiz com o último colega de quarto?

Frank tentou não ouvir o que aquele homem tinha para falar, mas a curiosidade se fez maior, se arrependendo na sequência.

— Quebrei todos os ossos dele, pois se recusou a me limpar após usar o banheiro. Desde então, não tive outros companheiros, mas já que você está todo solícito em sermos amigos, faço questão de lhes dar as boas-vindas.

— Er, obrigado? — respondeu o garoto sem saber o que dizer.

— Pois bem, está vendo aquele banheiro ali? — apontou El Toro para um espaço minúsculo ao lado direito de sua cama. — Pois bem, há dias que ninguém o limpa, então vá agora desobstruir aquele vaso porque vou usá-lo novamente em alguns minutos. Quero que tudo esteja limpo! — gritou o asqueroso homem, atirando um pano velho e imundo em seu rosto.

— Agora?

— E você está pensando o quê? Que está passando férias nos Alpes Suíços? Que vai usufruir dessa maravilhosa estadia de graça? E quero que esteja limpo agora, porque já estou sentindo um rebuliço aqui dentro depois dessa gororoba que comi da sobra de ontem.

Frank não tinha reparado que o prato de comida de El Toro, que estava cheio quando saiu pela manhã, se encontrava vazio. Desceu de sua cama, foi até o banheiro improvisado e viu a situação daquele vaso sanitário, se era que podia chamá-lo assim. Era um buraco no chão, onde se encontrava uma cadeira sem o assento, sendo sustentada por cordas de aço penduradas no teto. O chão estava totalmente imundo, já que todos os excrementos se espalhavam. Frank teve vontade de vomitar com a cena, passando mal no mesmo instante.

El Toro, encarando Frank com aquela cara de assassino torturador de crianças, se aproximou do rapaz, perguntando se já estava limpo porque precisava usar com urgência, mas viu o garoto se segurando para não passar mal. O brutamontes o empurrou com tudo para o lado, arriou suas calças e mandou ver. Frank ficou horrorizado com a cena e com o fedor que vinha daquele ser humano nojento e asqueroso. Tentou, mas não evitou aquele embrulho no estômago, lavando assim a cama onde dormia o homem que se tornaria seu carrasco.

El Toro se levantou em um pulo, gritando com o rapaz, que a essa hora se sentia ainda pior. Com seu punho direito fechado, acertou a rosto de Frank que rodopiou e caiu naquele chão imundo. Por sorte não tinha caído sobre as fezes de El Toro e tentou, com as forças que ainda lhe restavam, se arrastar para o mais longe possível do assassino demoníaco.

— Não adianta se esconder, garoto. Agora você vai sentir a minha ira e entrar para as estatísticas.

— Me deixe em paz! — gritou Frank, tentando chutar de qualquer jeito para se livrar dos braços fortes do interno.

— Não tem como escapar, menino. Vai ser melhor assim. Logo estará sem oxigênio pra respirar e então se livrará dessa vida sem

sentido. Quem mandou se meter com o temível El Toro?

Antes que Frank tentasse outra investida contra aquele monstruoso homem, recebeu um forte soco contra sua cabeça, tombando quase que imediatamente. El Toro, sem se dar por satisfeito, agarrou o pescoço do garoto, enforcando-o para que este não respirasse mais, acelerando sua morte.

Frank já não tinha mais seus sentidos, não conseguia ouvir, ver nem sentir mais nada. Parecia ter entrado em um estado de transe mental. Sua mente se encontrava em um vácuo, onde só se viam paredes brancas. Lembrou-se que vivera algo parecido poucos dias antes, na verdade, naquele pesadelo em que esteve preso durante o coma. Será que ainda estava no hospital e este era somente mais um pesadelo? Mas parecia tão real.

Então, quando tudo parecia perdido, Frank ouviu uma voz cantando uma música bem baixinha, como se alguém a estivesse sussurrando em seu ouvido. O volume aos poucos foi aumentando até a ponto de Frank reconhecer a melodia. Na verdade, ele tinha certeza que já a escutara algumas vezes, mas não se lembrava de onde. Em sua cabeça, aquilo não fazia sentido algum.

Não era uma música conhecida, nem um grande sucesso tocado nas rádios. Mas ainda assim lhe parecia familiar. Sim, familiar, mas não conseguia se lembrar, nem identificar de onde ou de quem era a voz. A música foi ficando cada vez mais próxima, e, junto dela, Frank reconheceu também um cheiro, agradável e ao mesmo tempo inebriante. Também lhe era muito familiar, mas não sabia de onde conhecia essa fragrância, se é que poderia chamá-la assim. E aquela voz? Tão doce e reconfortante. Seus medos pareciam ter fugido de sua cabeça, e nem a presença de El Toro, que continuava o enforcando, Frank sentia, estando apenas mergulhado e imerso em seus

pensamentos. Então a misteriosa voz se pôs a chamá-lo:

— Frank, preciso que você preste atenção no que tenho para lhe dizer — falou a voz misteriosa calmamente. — “Amadores cairão rapidamente, enquanto determinados inquietos treinarão exaustivamente”

— Quem é você? O que quer de mim?

— Você não nasceu para ser amador! Eles precisam de você! Eu preciso de você. Levante e seja quem realmente nasceu para ser, o herói que esse planeta tanto precisa.

— “Amadores cairão rapidamente, enquanto determinados inquietos treinarão exaustivamente”. Onde foi que eu vi isso mesmo? — repetiu para si mesmo, tentando sincronizar a frase com seus pensamentos.

Os batimentos cardíacos de Frank foram aumentando à medida que ele repetia a frase.

— Essa voz! Esse cheiro. Essa frase!

— “Amadores Cairão Rapidamente. Enquanto Determinados Inquietos Treinarão Exaustivamente” — repetiu novamente Frank em sua cabeça, tentando reorganizar as palavras e as letras iniciais. — A.C.R.E.D.I.T.E !

Então, seu coração levou um sobressalto, não podia imaginar que fosse essa pessoa de verdade.

— Na-não pode ser! É você mesmo, mamãe?!

## **A lendária espada Gram**

— Mamãe! Mamãe!

— Calma, Frank. Está tudo bem! Abra seus olhos — respondeu uma voz bem conhecida.

Frank, com uma enxaqueca fora do normal, forçou o máximo para abrir seus olhos e ver a expressão de desespero de Barbara tentando acudi-lo, enquanto ouvia sons de uma guerra ainda não terminada. Entre gritos e o tilintar das espadas, o garoto tentou se levantar e entender onde realmente estava, quando se deu conta de que Jason e Walter travavam uma luta mortal com aquele ser asqueroso em forma de polvo humanoide.

— Bah, o que aconteceu? Estamos de volta na caverna?

— Nunca saímos dessa maldita caverna, Frank. Ao que parece, essa criatura é um devorador de mentes e quando você tentou me defender, ele o atacou, grudando em seu rosto aqueles quatro tentáculos monstruosos que estão presos em sua cabeça. Mexeu muito com minha mente e a de seu avô, mas nada comparado ao que fez contigo. Você esteve imerso em um pesadelo por alguns bons minutos e Deus sabe mais o que aconteceria conosco se Jason e nossos amigos não tivessem aparecido a tempo. Fui a primeira a acordar e tentei de todas as maneiras te trazer de volta, mas você não reagia, então fui ver como estava Walter. Logo seu avô conseguiu sair do transe e se juntou a Jason para dar fim à criatura.

— Que notícia maravilhosa! — gritou Frank, levantando em um pulo, esquecendo completamente a dor de cabeça.

— Como assim, maravilhosa? Você não ouviu o que te falei?

— Bah, você não tem ideia como foi viver em uma outra realidade. Estou mais feliz do que nunca de ter voltado e estar com vocês nessa aventura. Vamos conseguir, juntos! — disse Frank tacando um beijo na boca da garota e correndo em direção aos outros, deixando-a confusa com essa alegria inesperada.

Barbara correu também junto de seus amigos, lançando seu chicote contra as criaturas que se aproximavam.

— Vamos voltar para a outra sala — ordenou Jason, resgatando seus amigos. — Isso foi apenas uma distração para que fossem encurralados e mortos por essa criatura maligna. Esse portal é falso. As criaturas estão vindo de outro lugar! Ah, e é bom te ver de volta, garoto. Que bom que ainda está vivo!

O grupo concordou e tentaram recuar em passos lentos, travando uma batalha com quem se aproximasse. Ao atravessarem as duas rochas que limitavam o acesso para o outro lado, viram uma galeria forrada de criaturas asquerosas esperando a presença dos guerreiros para uma luta mortal. Aquanator, já cansado de esperar pela boa vontade de seu exército em dar um fim neles, quis se juntar às bestas, mas foi contido por Mark.

— Meu senhor, para que gastará suas energias com esses vermes? Deixe que os malditos seres os cansem e esgotem suas energias, assim, quando for entrar nessa batalha, não terá se desgastado à toa. Além do mais, me diverte ver esses humanos morrerem aos poucos.

— Realmente em seu coração só tem maldade. Fiz bem em recrutá-lo. Tem razão, jovem aprendiz. Vamos assistir um pouco mais e nos divertir vendo esses fracotes terem um pouco de trabalho.

Havia mais de oitenta criaturas naquele lugar aterrorizante. A

caverna se tornaria suas catacumbas se não fizessem algo logo, mas cada vez mais o exército de criaturas da escuridão aumentava. Pareciam brotar da terra, doidos para cravarem seus dentes em pele humana. Quatro deles pegaram Emily pelos braços, arrastando a garota para longe, quando ouviram próximos a eles um grito vindo de um jovem pulmão:

— Larguem a Emmy, seus covardes! — bradou Luiz, vindo atrás dos quatro com uma espada em suas mãos. Duelou contra os monstros horripilantes para salvar a garota do jeito que pôde.

Suas habilidades de cavernismo foram úteis nessa batalha mortal, conseguindo com proeza se esquivar dos golpes desferidos por espadas e facas perfeitamente afiadas e algumas certamente envenenadas. Contra atacava os monstregos nojentos, quando sentiu um líquido quente e espesso escorrer de sua coxa direita. A lâmina de uma das criaturas atingiu Luiz, que sentiu na hora a dor do ataque e caiu no chão se contorcendo.

O Peixomem que o acertou levantou novamente a espada para acabar com o sofrimento do garoto e lançar o golpe final, quando foi impedido pelo barulho que a lâmina de Jason fez ao se chocar com a espada do monstro, seguindo de um golpe contra a cabeça, derrubando a criatura ao chão sem vida. Emmy se soltou dos braços dos outros e se jogou para acudir Luiz, apertando seu ferimento para controlar o fluxo de sangue que saía do local onde a arma maligna o havia perfurado.

Jason mandou que a garota encostasse na parede atrás deles e cuidasse do menino, enquanto enfrentava os outros. Mais criaturas apareceram ao redor de Jason, encurralando o chefe contra a parede calcária. Walter tentou ajudá-lo, mas estava batalhando com muitos outros seres sem conseguir sair do lugar, enquanto Frank, Barbara

e Pedro tentavam sobreviver apenas com as espadas que empunhavam.

Cada vez mais Skums cercavam o chefe de Guam até este não resistir e cair ao chão. Uma montanha de homens-peixes subiu sobre seu corpo, evitando sua fuga, esperando que o guerreiro morresse asfixiado sem ar para respirar. Jason se debatia, tentava sair de todas as maneiras, mas a quantidade de corpos acima de sua cabeça era enorme e, por mais que tentasse, não tinha força suficiente para retirá-los.

O homem foi ficando cada vez mais sem ar, sem energia e com o corpo esgotado de cansaço. Alguns minutos se passaram sem nenhum sinal de vida do chefe Chamorro e seus amigos tentavam de todas as maneiras se aproximar daquela cova em que se encontrava, mas eram a todo momento ameaçados por seres repugnantes tentando os atacar.

O fim de Jason estava anunciado. Emily largou Luiz para tentar salvar seu pai, sendo agarrada pelo garoto franzino.

— Onde você vai, Emmy? Está louca?

— Meu pai irá morrer. Tenho que ajudá-lo.

— Você viu quantas criaturas tem em cima dele? Infelizmente, não temos o que fazer. Se for lá, certamente irá morrer.

— Se ficar aqui vamos morrer de qualquer jeito, Lú. Ao menos, vou tentar salvá-lo. Ele faria o mesmo por todos nós.

— Tem razão, Emmy. Então, eu vou com você — disse o menino que quase não se continha em pé.

Porém, enquanto se levantava com a ajuda de Emily, que já agitava seu chicote freneticamente, uma luz foi vista no núcleo daquela avalanche de aberrações e, com uma grande explosão, dezenas de Peixomens voaram para longe de Jason. As pessoas ao redor, assim



como o elemental e Mark, não acreditaram no que haviam presenciado. Quem prestava atenção, conseguia reparar que Jason não estava mais sozinho, pois um contorno brilhante ao redor de seu corpo surgira como se um espírito estivesse por trás dele, lhe compartilhando sua energia divina.

O semblante dessa áurea iluminada parecia mais alto e mais forte que o próprio guerreiro, e com uma imponência que não se vê por aí. O homem que até poucos segundos antes estava totalmente debilitado, se levantou e começou a desferir socos atirando para longe seus adversários. Foi então que se deu conta que o chefe ancestral viera de longe para ajudar seu descendente direto, guerreiro e chefe da tribo que tanto lhe dava orgulho. Jason havia incorporado o espírito do grande Gadao.

O chefe se voltou para Emily, para ver se Luiz estava melhor, e reparou que sua filha tinha feito um torniquete com a camisa do garoto para evitar o sangramento contínuo. Ela percebeu o brilho que seu pai emanava, iluminando ainda mais boa parte da caverna e sorriu convicta de que ele era digno de tamanha proeza.

A batalha que se estendeu foi épica, de um lado guerreiros lutando por uma causa justa e, do outro, seres malignos que tentavam de todas as maneiras matar seus inimigos e roubar o talismã preso no pescoço de Walter exigido por Aquanator, além de, claro, devorar a carne deles. Mesmo com a ajuda espiritual, a luta não foi fácil, pois a cada segundo surgiam mais e mais criaturas que pareciam se multiplicar através de magia, fazendo-os recuar a cada onda de seres que se aproximavam.

Os sete integrantes do grupo pareciam não ter mais chances. Estavam encurralados. Atrás, uma parede de rocha e, à frente, dezenas de seres asquerosos querendo arrancar suas peles. Nem mesmo a

soberania do grande Gadao e a força oculta de Walter poderiam dar conta da quantidade de criaturas que infestavam aquela caverna.

Enquanto Jason golpeava uns seis inimigos de uma vez com um golpe feroz, Walter, com sua espada d'água, derrubavam mais uns três ou quatro. Os outros faziam o que podiam para ajudá-los nessa empreitada mortal, ora brandindo suas facas e espadas, ora acertando seus inimigos com chicotes ardidos que estalavam e marcavam a pele de quem era acertado. Ao mesmo tempo que o guerreiro elemental se divertia vendo aqueles humanos literalmente se matando para aniquilar seus soldados, ele se aproximava do objetivo que se auto-estabeleceu assim que Walter apareceu para salvá-los, conseguir aquele amuleto que firmaria de vez sua liberdade, mesmo que para isso tivesse que matar seres humanos, que tanto protegeu ao longo da sua vida.

Quanto mais criaturas derrotavam, mais surgiam de algum lugar até então invisível para eles. Era como se multiplicassem quando bem entendessem. Aos poucos, os bravos guerreiros foram cansando e ficando cada vez mais lentos enquanto batalhavam arduamente. Parecia não ter mais jeito, por mais que se esforçassem, a derrota estava anunciada. Após tentarem todas as estratégias possíveis e sem mais planos para executarem, estavam prestes a correr para cima dos seres em seus últimos e suicidas ataques. Porém, como sempre naquela caverna misteriosa algo inesperado estava prestes a acontecer. O chão começou a tremer fortemente, derrubando destroços de pedregulhos e uma poeira começou a subir do chão, quando, subitamente, uma cratera se abriu, engolindo a grande maioria do exército maligno que estava mais à frente deles.

Aproveitando essa sorte, os sete se jogaram na direção das criaturas atordoadas que não haviam caído no grande buraco e, sem

pestanejar, liquidaram a todos, brandindo suas espadas e facas com toda a força que tinham. Os que caíram no buraco também não se deram bem, pois algo estava atacando um a um. Podia-se ouvir gritos de Skums e outras criaturas vindo da fenda aberta de uns cinco metros de largura. Nenhum sobreviveu ao ataque para contar história, sendo que alguns eram arremessados a uns sete metros de altura.

Frank olhou para dentro da fenda, sorriu e se lembrou de uma frase proferida por um grande sábio que conhecera há pouco tempo, que dizia: “a esperança é a maior força que existe! Enquanto houver alguém que acredita, grandes façanhas podem ser alcançadas”.

O garoto acenou para o velho Bolduf, que cuspia o último monstro do qual tirava a vida. A criatura de rocha retribuiu o aceno do garoto com a cabeçona e então caiu no chão enlameado entre detritos de rochas e sangue. Frank se jogou de qualquer maneira para dentro do buraco para acudir o amigo e mestre, mas este pediu que ficasse longe, pois seu corpo estava todo machucado e a gosma que saía de sua pele rochosa era extremamente corrosiva.

— Grande Delver, obrigado por nos ajudar. Quando achamos que seria o nosso fim, o senhor surgiu inesperadamente.

— Pequeno mestre, como lhe disse na primeira oportunidade em que nos conhecemos, a força está dentro de seu coração. Fiz o que tinha que ser feito, pois acredito em seu potencial e sei que grandes conquistas ainda estão por vir. Posso não prever o futuro, mas tenho certeza que o nome Frank Payne será dito com orgulho nos quatro cantos do mundo, tanto o real quanto o fantástico — proferiu o escavador ancião.

— Como podemos ajudá-lo, senhor? — perguntou Frank com lágrimas nos olhos.

— Já vivi muitos anos, meu rapaz. Foi uma honra poder conhecê-

los e ajudá-los nessa justa jornada a favor do bem maior. Por você, jovem mestre, eu morreria centenas de vidas. Caminho ao encontro da luz que tanto esperei. Fiquem tranquilos, pois essas criaturas não mais se multiplicarão, pois uma vez que não haja mais corpos com vida, eles não serão mais clonados com magia negra — disse Bolduf, fechando seus grandes olhos e descansando dessa vez por toda a eternidade.

Frank levantou-se com uma fúria em seus olhos, pegou alguns corpos de Peixomens espalhados ao redor e empilhou-os de modo a usá-los para sair da cratera. Juntou-se aos seus amigos para darem fim à maldade instaurada naquele lugar e salvar os garotos sequestrados das mãos daquele ser impiedoso.

— Maldita criatura bondosa que se julga superior a mim — disse Aquanator, se levantado do trono de água congelada em que esteve todo esse tempo, aguardando a batalha terminar. — Se não tivesse tentado ajudá-los, ainda estaria vivendo essa vidinha indigna que tanto gostava, se alimentando de pedras e conhecendo vermes como vocês. O estúpido Delver sempre se metendo onde não é chamado, assim como Artmeck. Terei eu mesmo que acabar com vocês, mesmo desprezíveis e indignos de tal esforço. E, então, matarei os outros patifes que estão acorrentados ali — acrescentou o guerreiro elemental, apontando com sua cabeça para onde estavam presos os garotos sequestrados.

Aquanator se aproximou com uma velocidade fora do comum, ainda mais para um ser pesado como ele. Era como se flutuasse sobre um mar de ondas gigantescas. Frank, Barbara e os outros se colocaram em posição de ataque para qualquer investida do ser elemental, mas este, com apenas um estralar de dedos, desarmou a todos com alguns jatos de água que surgiram de sua espada.

Diferentemente de Walter que só controlava e manipulava o elemento, Aquanator conseguia produzir água quando bem entendesse, pois seu corpo era constituído praticamente apenas do líquido divino, dificultando assim a vida de seus adversários.

Esgotados, Jason, Walter e Pedro correram em direção ao cavaleiro que os golpeou facilmente, jogando-os para longe. Jason, não se dando por vencido, se levantou novamente e junto de Luiz, Emily, Barbara e Frank correram em direção à criatura suprema, tentando uma nova investida, porém mais uma vez sem sucesso, pois o guerreiro desviou de seus golpes e desferiu uma sequência de socos e pontapés em que não se pôde acompanhar sua agilidade, apenas sendo possível ver seus cinco oponentes caírem ao chão com ferimentos em seus rostos, peitos e costas. Nem mesmo Mark, que se escondera para não ser atingido, conseguiu observar seus movimentos.

— Jason — chamou Walter, tentando se aproximar do grandalhão. — Precisamos unir nossas forças e atacá-lo todos juntos de uma vez. Só assim para conseguirmos acertá-lo. É nossa única esperança de derrotá-lo.

O grande líder Chamorro concordou com a sugestão do guardião da pedra elementar e bolaram uma estratégia rapidamente. Interessado, Aquanator aguardou enquanto falavam para se divertir mais um pouco antes de aniquilá-los. Mesmo imaginando que logo atacariam, não percebeu quando Pedro e Luiz, que haviam se afastado do grupo alguns segundos antes, pularam por sobre as costas do inimigo com um dos chicotes que as garotas usavam nas batalhas, tentando impedir seus movimentos, prendendo seus braços e seu pescoço.

Então rapidamente os demais correram em direção ao monstro

empunhando suas armas, que até então haviam se mostrado letais na batalha contra os outros seres asquerosos, a fim de golpeá-lo com o máximo de forças que tinham. O que se ouviu foi um estrondo altíssimo e uma poeira que subiu daquele chão de pedregulhos soltos por conta do desmoronamento anterior.

Assim que a poeira baixou, os bravos guerreiros perceberam que haviam acertado uma rocha que estava por trás de Aquanator, exatamente por onde os dois garotos haviam subido para pularem em suas costas. Realmente aquele ser tinha uma força e uma agilidade fora do comum, pois, em uma fração de segundos, conseguiu se soltar das amarras dos meninos e se esquivar dos ataques dos outros, que mesmo todos juntos não foram superiores ao do cavaleiro elemental, que surgira em seguida golpeando um a um com seu soco magistral, arremessando-os para locais distantes.

O grupo não tinha mais opções, mesmo com a presença espiritual do grande Gadao e a força oculta do guardião Walter, não chegaram nem a acertar o grande guerreiro elemental, que, vendo o desespero daqueles insignificantes, se colocou a rir e a falar:

— Vocês são desprezíveis. Não conseguiram sequer me golpear, e ainda acreditavam que iriam me aniquilar. Esperava mais de vocês, principalmente desse velhote aí que se intitula o guardião do elemento água. Saiba que você não chega nem aos pés dos outros guardiões com quem tive orgulho em proteger. Você não passa de um mero humano desprezível — disse, se aproximando cada vez mais de Walter.

Frank desesperado em ver seu avô morrer mais uma vez, correu sem pensar nas consequências, apenas por uma explosão de sentimentos, para cima do guerreiro tentando acertá-lo, mas este previu o ataque, se esquivando e acertando um chute na boca do estômago

do garoto, arremessando-o para o outro lado do salão, fazendo com que ele perdesse o ar por alguns dolorosos segundos.

Quase todos estavam derrotados, com seus corpos moídos por causa do feroz ataque daquele ser extraordinariamente forte. Frank perdera os sentidos assim que caíra ao chão, tamanho o golpe que recebeu em seu abdômen. Seus amigos queriam correr para ajudá-lo, mas não conseguiam sequer levantar-se de onde estavam. Mais uma vez a caverna misteriosa tentava de alguma forma mexer com a mente perturbada de Frank, ou ele entendeu dessa forma, pois, ainda desacordado, começou a sentir novamente um perfume inebriante e reconfortante como sentira no pesadelo em que estivera imerso pouco tempo antes de acordar, enquanto o devorador de mentes se alimentava de seus medos.

Uma voz conhecida e que há muito tempo não ouvia se fez presente próximo ao seu ouvido, chamando-o e pedindo para que acordasse. Com muito esforço, Frank abriu seus olhos e percebeu que ao seu lado estava aquele velho baú do qual já havia esquecido a existência, totalmente esfaqueado pelas pancadas do guerreiro, recordando-se imediatamente da charada proposta por ele, estampando a fatídica e enigmática frase em sua cabeça.

Quase sem forças, seu batimento cardíaco voltou a acelerar, seu corpo começou a responder às vontades de seu cérebro e o garoto, juntando suas últimas energias, se levantou com o maior esforço e foi se arrastando em direção a Artmeck, gritando seu nome e repetindo o enigma em voz alta:

— Em lagos infindáveis zarparam altivos, bravos e triunfantes homens! Já sei a resposta, meu amável e fiel mímico, que mesmo diante de toda essa situação conseguiu guardar o mais importante e notável segredo de todos — disse Frank com lágrimas em seus olhos.

— A resposta para o grande enigma é ELIZABETH.

— Por todos os anos em que guardo segredos de meus mestres, esse foi de longe o enigma que mais torci para que fosse descoberto, meu caro Frank Payne. Sua mãe me pediu encarecidamente que esperasse por seu filho, pois seria o único que desvendaria a charada e utilizaria o tesouro aqui escondido a favor do bem maior. Use-a sabiamente! — insistiu Artmeck, abrindo seu cofre e entregando a lendária pedra transmorfa ao rapaz.

Frank Payne enfiou sua mão dentro do baú e retirou de lá uma formosa e comprida espada, cujo cabo e toda a empunhadura era trabalhada em ouro com símbolos desconhecidos pelo jovem rapaz.

— Essa que carrega em suas mãos é a poderosa Gram, a arma que o herói Siegfried usou para matar o dragão Fafnir, segundo a mitologia nórdica. Dizem que originalmente fora criada para seu pai, Sigmund, porém após desobedecer a uma ordem de Odin, o deus a destruiu em dois pedaços. Anos mais tarde, foi reforjada e entregue a Siegfried para enfrentar o temível Dragão, pondo fim a uma Era de terror e destruição. A lendária Gram já teve muitos nomes ao longo do tempo, mas uma coisa é certa, essa espada que carrega é tão ou mais poderosa que a famosa Excalibur.

— Excalibur? A espada do Rei Arthur? Mas não é uma lenda?

— Tudo o que não se pode explicar acaba virando uma lenda, meu jovem rapaz. Um dia ainda contarão a incrível história de Frank Payne e suas aventuras — proferiu Artmeck. — A Gram assim como Excalibur são consideradas as senhoras das espadas, cada uma em seu tempo, porém essa havia se perdido após a morte de Siegfried, enquanto Excalibur fez fama nas mãos de Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda.

“Está vendo essas inscrições? São símbolos nórdicos criados pelo



povo escandinavo durante a Era Viking. Essas inscrições, assim como as triskles celtas, representam o equilíbrio do universo dentro de nós, ou seja, o equilíbrio espiritual. Estão associadas também ao cosmos, à manipulação dos elementos da natureza e aos encantamentos de transmutação. Entre outras palavras, é capaz de acumular energia da natureza e dos seres vivos para se manter cada vez mais poderosa.

“Mas lembre-se, esta é apenas a pedra transformada na espada Gram. Ela possui os mesmos poderes, mas só servirá para o propósito desejado. Após isso, deixará de possuir suas propriedades mágicas, voltando a ser um pedaço de rocha comum. A espada original se encontra em algum lugar do norte deste planeta, onde Odin um dia a escondeu daqueles que almejavam seu infinito poder.”

Frank fez uma cara de espanto e, fitando a lendária espada, começou a movimentá-la, cortando o ar com extrema facilidade.

— Somente você, meu caro Frank, é digno de tamanha proeza. Siga seu nobre coração e a espada lhe transformará no maior guerreiro de todos os tempos. Não deixe que os outros ditem o seu destino, você nasceu para trilhar longas aventuras e tenha certeza que não somente irá salvar a raça humana, mas todos os que vivem em nosso amado planeta. Jamais perca a fé em você mesmo! — disse o velho e cansado Baú, fechando para sempre aquela enorme boca cheia de dentes que, por uma felicidade do destino, pôde experimentar e se deliciar com o maravilhoso bolo de frutas da família Bell, além de ter tido o privilégio de orientar aquele que um dia se tornaria a maior lenda que o universo já conheceria.

## **Ataque sem piedade**

Frank sentia-se revigorado novamente. A espada, mais fina que uma folha de papel, e toda trabalhada em prata e cobre não pesava mais do que um punhado de isopor e se equilibrava perfeitamente em suas mãos, como se fosse forjada especialmente para ele. O menino levantou-a à frente de seu rosto e então contemplou o monstro aquático que havia atacado ferozmente a ele e seus amigos um pouco mais a frente, a alguns metros de distância.

Aquanator, olhando para Frank que se aproximava lentamente, não reparou na arma que o garoto estava empunhando, apenas se dando conta assim que estavam bem próximos, voltando alguns passos para trás imediatamente após o susto que levou.

— Essa espada, como a conseguiu, seu miserável insignificante?

— Por quê? Está me parecendo que isso o assustou, estou certo?

— Quem você pensa que é para querer manejar um dos artefatos mais raros da humanidade com essas mãos imundas? Seu garoto insolente, você não tem o direito de empunhar Gram.

— Então parece que você conhece muito bem o poder que essa arma pode ter.

— Claro que sim, mas os guerreiros que um dia a usaram precisaram de muito treino para conseguir controlar pelo menos a metade de seu grande poder. Você acha que um moleque, sem um pinga de dignidade e conhecimento, é capaz de fazê-la te obedecer? — perguntou Aquanator, gargalhando ferozmente com o único objetivo de desestabilizar Frank, que de fato começou a acreditar menos em sua

capacidade, assim, quando com sua mente ordenou que Gram atacasse o guerreiro elemental com todas as forças que poderia ter nada aconteceu, tornando-se pesada como rocha e atirando suas mãos imediatamente para o chão.

— Parece que eu estava certo, hein? Não sei como consegui achá-la, pois as histórias contadas dizem que se perdeu há muitos e muitos anos, não sendo jamais encontrada por ninguém. E olhe que tivemos ao longo do tempo muitas cruzadas para encontrá-la, assim como o Santo Graal que os católicos tanto almejavam. Bom, não importa, eu agradeço por tê-la encontrado e tomarei de você assim como o amuleto do guardião da água que aquele velho carrega em seu pescoço, nem que para isso eu tenha que o degolar.

O sangue de Frank subiu imediatamente ao ouvir a ameaça daquele sujeito, mas a espada parecia não querer obedecê-lo. Não sentia mais o equilíbrio necessário para fazê-la cortar o ar com um mero movimento, tendo que empreender um esforço sobre-humano para sequer mexê-la alguns centímetros.

— Tive uma excelente ideia — completou o guerreiro. — Irei eliminar seus amigos lentamente enquanto você assiste o massacre apenas por minha diversão e, então, quando todos estiverem mortos, será a sua vez. Vamos ver se até lá você aprenderá a controlar essa poderosa arma para termos um pouco mais de emoção por aqui.

— Ora, seu maldito! Não se atreva a encostar um dedo em meus amigos! — gritou Frank, tentando de todas as maneiras levantar a lendária espada, mas esta parecia pesar toneladas.

Aquanator foi se aproximando de Pedro, que estava a poucos metros de onde Frank tentava levantar aquele pedaço de metal que deveria servir para ajudá-lo a vencer a batalha. O garoto tentou se levantar para fugir do guerreiro da água, mas este era rápido demais,

atingindo um soco contra seu estômago, levando-o novamente ao chão, dessa vez, sem consciência.

— Pedro! — gritou Luiz se aproximando de seu amigo para ajudá-lo, sem perceber que Aquanator, em uma manobra rápida, aparecera por trás do rapaz, acertando um golpe certeiro, derrubando-o junto do garoto desacordado.

— Esses foram muito fáceis, vamos ver se os outros vão criar um pouco mais de resistência para eu poder me divertir um pouco.

— Pare, seu canalha! Deixem-nos em paz! — gritou Frank com raiva em sua voz.

O garoto respingava suor de tanta força que fazia para levantar a espada, sem conseguir tirá-la do lugar. Não entendia como há poucos minutos ele se sentia confiante com Gram em sua mão direita, girando-a com tamanha facilidade e naquele momento, não encontrava energia para salvar seus amigos, que aos poucos eram derrotados por aquele vilão, de força e velocidade descomunal.

— Era só o que me faltava mesmo. Depois de passar por todos esses problemas, a divina espada que me ajudaria a derrotar qualquer maldade desse planeta me deixa na mão. Como vou conseguir derrotá-lo desse jeito? — se perguntou Frank incrédulo com o peso que a espada passou a ter.

Enquanto o garoto se lamentava, aquele ser maligno se aproximava de seus amigos, golpeando um a um até que não sobrasse mais ninguém consciente. Era a vez de Emily, que estivera próxima a Luiz quando este correu para socorrer seu amigo. Destemida, se levantou, aguardando receber o ataque fatal de Aquanator, que, com um sorriso malévolo, se aproximava a passos lentos.

— Seu amigo ali não está querendo salvá-la. Se suas esperanças para continuar viva estavam depositadas naquele infeliz, tenho pena

de você, pobre garota, mas, como falei, ninguém sairá vivo daqui — disse o general, levantando seu braço lentamente para curtir cada segundo daquele lamentável choro vindo da menina indefesa.

Sem mais delongas, disparou um soco em direção ao peito da garota, que não sentiu nenhum golpe daquela criatura, apenas um forte encontrão de alguém que parecia tê-la defendido daquele murro fatal, sendo atirada a alguns metros de distância em segurança. Porém, devido à fraqueza em que se encontrara e à força com que caiu no chão cheio de pedregulhos, Emily perdeu a consciência imediatamente.

— Nunca imaginei que você fosse tão estúpido em se colocar na frente do meu golpe de misericórdia, mas vejo que estive errado, pequeno indígena — caçou Aquanator vendo Jason tentando se levantar após receber o soco no lugar de sua filha, evitando que ela recebesse uma carga tão forte e perigosa quanto o golpe desferido pelo monstro.

O grande Jason que há pouco tempo emanava confiança e uma força colossal, naquele momento não passava de um homem comum ou, para Aquanator, um mísero verme. Na verdade, aquele miserável maligno tivera tempo suficiente para acertar Emmy quando bem entendesse, mas resolveu aguardar Jason, que correu imaginando surpreender o guerreiro quando este estivesse com sua guarda aberta enquanto se preparava para o soco. Mas, como Artmeck uma vez os alertou, era para terem cuidado com aquela criatura, pois era um especialista na arte da guerra e em combates corpo a corpo.

Pois bem, Aquanator esperou o exato momento em que Jason lhe desferia um soco para se esquivar em fração de segundo e acertar um golpe contra o chefe de Guam assim que este se colocasse à frente de Emily, acertando os dois com apenas um simples soco.

Além de extremamente forte, esse ser elemental era uma criatura terrível e inescrupulosa. Brincava com os humanos apenas por própria diversão.

— Levante, homem. Ainda não acabei com você e sei que ainda lhe resta alguma energia aí. Vamos, levante. Quero brincar um pouco mais.

Jason se arrastava para longe de Aquanator, tentando recuperar um pouco do fôlego, se encostando em uma grande rocha. Estava encurralado e já não tinha mais esperanças de continuar vivo.

— Já que não quer mais brincar, preciso então te eliminar logo, ou nosso amigo ali não vai ter motivos suficientes para conseguir levantar aquela espadinha de brinquedo.

Com um soco então Jason caiu ao chão desmaiado, seu enorme e pesado corpo bateu com muita força no solo daquele lugar, podendo Frank ouvir o barulho a bons metros de distância.

— Mais um que acreditou conseguir me vencer com esse poder infame. Se esse era o homem mais forte da ilha em que é líder, então eu poderia me tornar rei, ou melhor, imperador. O que você acha, garoto? — zombou mais uma vez com a cara de Frank. — Agora só restaram seus amiguinhos mais próximos. O velhote que deve ser seu avô, certo? E a garotinha que povoa seus mais íntimos sonhos. Você acha que eu não sei?

“Aquele ser que te aterrorizou e ainda aterroriza era um devorador de mentes. Fui eu quem o criou somente para me divertir um pouco mais. Você é patético, igual a esses aqui — disse Aquanator, levantando Walter e Barbara pelo colarinho sem forças para reagirem.

“Acho que os matarei ao mesmo tempo, com apenas um golpe, assim não terão nenhuma dor. Olha como estou bonzinho hoje, que

tal?”

Mas antes que Aquanator pudesse se virar para encarar Frank, este o golpeou com um chute no ar, derrubando o ser elemental assim como seus amigos ao chão. Aquanator não acreditou no que viu, ou melhor, não viu, pois o ataque foi desferido com uma velocidade que nem mesmo ele teve tempo de enxergar.

— Não mexa com meus amigos! — gritou Frank com a espada empunhada em sua mão direita.

Barbara, caída ao chão, abriu seus olhos lentamente com grande dificuldade e presenciou uma cena extraordinária e um tanto quanto fabulosa, todo o corpo de Frank estava envolto por uma energia brilhante e amarelada. Pequenas faíscas além de raios e estalos fluíam da espada que o rapaz sustentava no ar. Conseguiu, com seu rosto todo machucado, lançar um pequeno sorriso para Frank, deixando que suas esperanças em saírem dali com vida falassem mais alto e, então, não suportando mais a dor em seu corpo, desmaiou.

— Olha, olha, parece que alguém resolveu animar as coisas por aqui. Vejo que conseguiu levantar a Gram, mas quero só ver por quanto tempo você vai suportar todo seu peso. O fardo é muito grande para um moleque fracote e medroso como você. Largue essa espada logo e se entregue a mim, assim posso acabar logo com todos vocês. Já me cansei dessa chatice.

Mas, dessa vez, Frank não se deixou abalar com a lábia venenosa de Aquanator, girando a espada no ar, mostrando para seu inimigo o quanto que ela estava equilibrada em suas mãos e o quanto se tornara leve novamente.

— Não caio mais em seus truques. Sou o único capaz de acabar com você e é justamente o que vou fazer. Meus amigos eram pessoas boas, fiéis a nosso propósito e acima de tudo, eram extremamente

corajosos. Não perdoarei por tudo o que fez e acabarei com seus planos malignos, pode ter certeza, ou não me chamo Frank Payne. — gritou o garoto, correndo em disparada contra Aquanator para golpeá-lo com Gram.

O guerreiro, com um rápido movimento, bloqueou o golpe e tentou revidar, mas Frank já não se encontrara à sua frente.

— Estou aqui — disse o garoto, dessa vez às costas do elemental.

Aquanator, incrédulo, virou-se lentamente tentando decifrar como Frank o atacaria, mas este não fez nada, apenas esperou que o cavaleiro virasse seu corpo para enfrentá-lo de igual para igual.

— Não sou como você, que ataca os outros pelas costas.

— Você irá se arrepender por essa baboseira de honra e nobreza — praguejou Aquanator, levantando seu braço direito, criando uma espada com uma lâmina de água super afiada. — Sem mais brincadeiras, venha receber sua punição, seu parasita.

A batalha que se seguiu foi extraordinária para quem tivesse a honra de assistir aqueles dois seres incríveis duelando com suas espadas mágicas, mas ninguém naquele lugar tinha condições físicas para testemunhar a inesquecível façanha, a não ser Mark, que observava todos os movimentos daquele conflito escondido por detrás de uma rocha com medo de ser atingido.

O brandir das espadas causava pequenos desmoronamentos na caverna, por conta das energias que emanavam daquelas grandiosas armas. A luta estava muito nivelada, ambos tinham grandes poderes e pareciam não se cansar. Mas Aquanator não estava lá para jogar limpo, mesmo se tratando do elemental da água.

O supremo general elemental desferiu um golpe com sua espada, sendo bloqueado imediatamente pelo garoto, porém, ao mesmo tempo em que viu a guarda de Frank abaixada, Aquanator jogou um



jato do líquido diretamente nos olhos do rapaz, deixando-o atordoado por alguns instantes, mas tempo suficiente para que o guerreiro pudesse golpeá-lo com sua espada, ferindo a perna de Frank, derrubando-o ao chão. O tombo foi tão forte, que Gram havia se soltado de sua mão, caindo a pouca distância do rapaz, que urrava de dor.

— Sabe garoto, eu, de verdade, esperava uma luta mais fácil. Nunca imaginei que um menino mirrado, magricela como você tivesse uma força tão grande e pudesse manejar a Gram com tamanha destreza — disse Aquanator chegando bem próximo do menino caído. — Parece que me enganei em deixá-lo com raiva e esperar que você conseguisse levantar a espada. Você soube conduzi-la como ninguém jamais conseguiu. Agora é tarde para aprender, mas, apenas uma sugestão, nunca baixe sua guarda em nenhuma batalha, nem por alguns milésimos de segundo. Bom, agora que já sabe poderá levar esse conselho para seu túmulo, debaixo dessa catacumba de pedras.

Aquanator levantou sua espada com as duas mãos para o alto para desferir o golpe de misericórdia, mas, com um movimento ágil, Frank pegou Gram no chão e deslizou seu corpo por debaixo das pernas do inimigo.

— Obrigado pelo conselho! — zombou o menino, que fingiu estar machucado com o golpe do monstro, quando este o pegou somente de raspão. Levantando-se em um pulo, cravou sua espada com toda sua força às costas de Aquanator.

— Maldito seja você, Frank Payne! Achei que tivesse ouvido que não atacava ninguém pelas costas!

— Foi antes de você trapacear — disse Frank, apertando com mais força a espada contra seu inimigo.

O general elemental gritava de dor, enquanto nuvens negras se

esvaíam de seu corpo como se almas obscuras o abandonassem. Tentava de todas as maneiras arrancar a espada de suas costas, mas Gram parecia ter vida própria e liberava espécies de descargas eletromagnéticas em Aquanator. A coloração do ser elemental foi ficando mais clara, parecendo com as águas do oceano de Guam. Toda aquela nuvem negra estava se dissipando de seu corpo e sua feição, por incrível que pareça, foi ficando mais amigável.

Frank, que já se recuperara do ataque, se levantou e retirou a espada das costas de Aquanator, onde, no lugar de sangue, havia uma espécie de vazamento de água, como se uma torneira estivesse semiaberta, porém um líquido espesso e azul.

— Obrigado, Frank Payne.

— Como assim, obrigado? O que eram aquelas coisas pretas que saíram de você.

— Bom, você já sabe, mas deixe me apresentar novamente do jeito que deveria ter feito antes, meu nome é Aquanator e sou o cavaleiro elemental da água. Por muitos anos vivi em nosso mundo e aqui sempre foi o templo sagrado onde, junto do guardião elemental, defendíamos a lendária pedra da água. Foi assim por muito tempo até a chegada do mago Bhaltair Arasgain às terras sagradas. Eu e meus irmãos elementais sentimos as suas reais intenções e pedimos que os guardiões levassem as pedras lendárias com eles para que escondessem em locais seguros. Porém, como Walter ainda não tinha abdicado seu lugar como guardião a pedra esteve aos cuidados de outra pessoa. Mas muita coisa mudou de lá para cá, e os cavaleiros acabaram sendo controlados pelo maligno Arasgain.

Frank, ainda ofegante virou-se e reparou que seus amigos estavam todos ao chão, sem se moverem e algumas lágrimas começaram a escorrer de seu rosto.

— Seus amigos não estão mortos — disse Aquanator, notando que o menino havia ficado triste com os corpos atirados ao chão. — Apenas deixei-os inconscientes para que você conseguisse despertar sua força oculta e se livrasse de seus medos. Logo irão acordar, com uma leve dor de cabeça, mas ainda vivos.

— Deve ter sido muito difícil para você estar sendo controlado por magia negra e ainda assim ter coragem e força suficiente para enfrentá-los, tentando causar o mínimo dano a meus amigos.

— Como eu te disse, não somos seres ruins, ao contrário, sempre trabalhamos juntamente com os guardiões elementares para defender a paz sobre todos os reinos, então, tentei ao máximo me auto-controlar, mesmo com toda a dificuldade.

— Só tenho a agradecer. Quanto aos outros seres elementais, estão sendo controlados da mesma maneira que você?

— Meus irmãos não são tão compreensivos e gentis como eu, Frank Payne. Suas forças e seus poderes transcendem o imaginário, portanto, a única sugestão que lhe dou é que lute com sua alma e com seu corajoso coração. Você me libertou das garras do tenebroso grande mago e serei eternamente grato. Mais uma vez me desculpe por todo o mal que causei enquanto estive sob o feitiço de Bhaltair Arasgain. Acredite sempre em você!

— Espere, ainda tenho muitas perguntas a serem feitas. Onde está meu pai? Como fazemos para sair daqui?

Mas as perguntas foram em vão, pois o corpo de Aquanator se desfez em água encharcando os pés deles, enquanto cresciam pequenas folhagens no chão daquela caverna, surgindo novamente o mesmo cenário que vira quando estava sob o efeito de magia, com uma cachoeira imponente ao fundo e árvores com frutos ao redor. Gram também se dissipou em energia assim que seu propósito foi

concluído, retornando novamente de onde viera, em algum lugar além do horizonte celestial, conforme tinha alertado Artmeck.

Naquele lindo gramado, a lendária pedra da água que o general tinha pendurada sobre seu pescoço pairava tranquilamente por cima de uma rocha.

Frank acordou um a um dos seus amigos de seus sonos forçados, explicando a todos o que acontecera e como havia derrotado o até então temível Aquanator. Resolveram seguir o rastro daquele manto verde até encontrarem os garotos sequestrados, que estavam presos por correntes fixadas nas paredes das rochas. Walter e Jason conseguiram quebrar as grossas correntes com algumas picaretas que encontraram próximas, libertando os meninos, como haviam prometido para Luiz quando se conheceram.

As folhas continuavam a correr o chão, levando-os alguns metros mais para frente, atravessando um arco de pedras, onde agora era possível enxergar uma paisagem que Luiz e seus amigos conheciam muito bem, a caverna Marbo.

## **Voltando para a casa**

Enfim o caminho para casa era realidade, sairiam daquela caverna assim que atravessassem o portal de pedras à frente. Os ânimos entre todos eram repletos de agitação e alegria, mesmo aqueles que ainda estavam se recuperando da batalha com o ser elemental. Saber que estavam todo esse tempo em Guam os deixou mais calmos, não precisando enfrentar uma longa viagem para retornar às suas casas. Emily fazia planos e enumerava as primeiras coisas que faria assim que chegasse, entre elas tomar um longo banho e dançar. Já Walter queria voltar naquele restaurante em que jantaram no dia que chegaram, para degustar todas aquelas deliciosas iguarias tradicionais de sua protegida ilha.

Os primeiros a atravessarem foram os meninos sequestrados, que já estavam dias demais presos e não aguentavam mais ficar um minuto sequer naquele lugar. Pularam na lagoa de águas calmas e cristalinas para se lavarem e recuperarem suas energias, sem acreditar em tudo o que havia acontecido com eles. Em seguida, apareceram por entre aquelas rochas escuras Pedro e Luiz que, sem pensar duas vezes, se jogaram na lagoa para se juntarem aos seus amigos exploradores. Histórias não iriam faltar para contar aos turistas que viriam conhecer a ilha mágica de Guam, como decidiram batizá-la a partir de então, e claro que a Caverna Marbo seria a atração principal.

Emily e Jason olharam para seus três amigos que lhes esticaram os braços para cumprimentá-los com um grande e demorado abraço.

— Vocês precisam atravessar o portal — disse Jason, indicando a passagem entre as rochas empilhadas.

— Não antes de você e Emily — retornou Walter, estendendo a mão em um gesto cortês.

— Ok, nos vemos do outro lado. Não demorem a atravessar, pois sairemos juntos dessa caverna — rebateu Jason, segurando a mão de sua corajosa filha e seguindo ambos na direção da tão sonhada recompensa.

— Agora só resta nós três — falou Frank, com um semblante leve no rosto.

— É, parece que chegamos ao fim dessa primeira etapa — respondeu Walter.

— Primeira etapa?

— Sim, ainda temos que descobrir onde Douglas está, não? Além de derrotar os outros soldados elementais e seu temido mestre.

Os olhos de Frank brilharam. Segurou a lendária pedra sobre seu pescoço, que antes estivera em posse da criatura mágica, e se perguntou onde seu pai estaria. Como fariam para descobrir o próximo paradeiro? Pediu para que a pedra lhe desse algum sinal ou simplesmente mostrasse o caminho, quando o zunindo de uma faca acertando a rocha que formava o portal passou próximo a sua orelha, caindo no chão aos seus pés.

Frank, Barbara e Walter se afastaram do portal andando para trás, tentando entender o que se passava e de onde viera o ataque, acreditando tratar-se de outra criatura, porém, uma voz humana desconhecida por eles se fez presente, ecoando naquele salão até a luz do local iluminar algo que lhes parecia um homem.

— Enfim, encontrei vocês. Presumo que seja o filho daquele ladrão repugnante — disse o homem, apontando algo que não

conseguiram identificar para Frank.

— Desculpe, senhor, mas acho que você está enganado — retrucou Frank.

Porém, o dono da voz não parecia estar convicto de que havia sido um mero engano, se aproximando ainda mais do trio, sendo iluminado por completo, fazendo com que o grupo pudesse enxergar de fato quem era aquele que atirara antes de fazer as perguntas, com um revólver apontado para o trio.

— Você? Como chegou até aqui? Aliás, quem é você? — perguntou Frank abalado.

— Mais respeito, seu moleque insolente. Sei muito bem que você é filho daquele desprezível que fugiu das minhas mãos há alguns anos.

— Contra-almirante Wolf?

— Conhece esse sujeito? — questionou Walter ao neto.

— Esse aí é o pai daquele canalha do Mark — respondeu Barbara. — O que acusou seu filho de ter roubado objetos raros da ilha. Aquele que nos perseguiu e quase nos matou enquanto navegávamos na fossa das Marianas.

— Em falar em Mark, onde está meu filho?

— Não sabemos dele. Veio conosco sem ser convidado e assim que chegamos, saiu correndo e desde então só o vimos uma vez, a pouco tempo enquanto lutávamos para sobreviver a tudo isso.

— Digam logo, onde está aquele verme do seu pai? Tenho algumas contas a acertar com ele — retrucou Thomas Wolf, sem sequer ouvir a explicação sobre seu filho. Na real, ele só se interessava em sua vingança pessoal. Acabar com aquele que um dia o fez se sentir rebaixado e humilhado.

— Não sabemos! — respondeu Frank aos gritos, sem conseguir

se controlar.

— Sabe com quem você está gritando, moleque?

— Com o contra-almirante da marinha, senhor?

— Digamos que essa era a minha antiga patente. Agora você está falando com o grande general do exército americano e pode escrever o que vou lhes dizer, irei farejar esse ladrão onde é que esteja para matá-lo com minhas próprias mãos e completar minha vingança, mesmo que para isso tenha que acabar com vocês, o que terei o maior prazer — disse Thomas, caminhando em direção ao trio.

— Como chegou até aqui? — perguntou Frank, tentando ganhar tempo para conseguir pensar em alguma estratégia.

— Essa é uma longa história. Viemos pelo mesmo local que vocês, acredito eu. Da Senhanon Cave, onde encontramos o submarino de seu pai.

Barbara e Frank se olharam incrédulos, não acreditando que a passagem para aquela caverna misteriosa estava logo onde encontraram o submarino pela primeira vez, sem precisarem se dirigirem até a fossa das Marianas, e correrem o risco daquela fuga marítima.

— Viemos? Então você não está sozinho? — continuou Frank a questionar o vilão tentando ganhar tempo.

— Não estava até alguns morrerem e eu matar os outros nessa maldita caverna, incluindo o ex-contra-almirante do exército americano. Estive preso em um corredor de pedras ali atrás de uma parede até ela se abrir como mágica há poucos minutos, e então tive a sorte de encontrar vocês aqui parados. Mas até que não foi de tudo ruim, pois graças a esse lugar aprendi a me importar ainda menos por pessoas como vocês e por conta disso chegarei onde sempre almejei, a ser o maior general que o exército já teve. Não pouparei esforços para ver bandidos como seu pai atrás das grades ou simplesmente



mortos. O terrorismo não terá vez comigo aqui no poder.

— Vocês vieram em quantos? Como os outros morreram? — Barbara que percebera a estratégia de Frank, tentou fazer com que Thomas continuasse com a história, sem que ele percebesse que Walter tentava conjurar a espada de água com seu medalhão mágico.

Ao ver aquela luz azul em forma de espada, o ex-contral-almirante sacou a arma que outrora fora de George Nelson apontando o revólver contra o velho, que puxou os jovens para trás, na intenção de defendê-los.

— Que diabos de bruxaria é isso que você está segurando em suas mãos, velhote?

Walter, com destreza absurda, girou sua espada em sua mão para demonstrar suas habilidades de guerra, herdadas pelo sangue dos guardiões que corria em suas veias. Thomas, que não queria gastar a última bala que estava engatilhada em sua pistola, resolveu não disparar, aguardando o momento certo para causar o maior dano possível nos inimigos.

— Não precisa ser desse jeito, caro general — falou Walter, empunhando seu sabre aquático.

— Cale a boca, velhote. Você deve ser o líder dessa gangue e faço questão de acabar com todos com minhas próprias mãos. Como disse antes, o terrorismo será extinto à força, arrancado desde a raiz.

Frank, sem mais a Gram em seu poder, tentou arranjar alguma arma para se proteger, mas não tinha nada a seu alcance, quando lembrou da faca que Thomas havia atirado e que caíra próxima à passagem para o mundo real, a poucos metros de onde estava. Barbara pegou seu chicote e se preparou, caso precisasse utilizá-lo, enquanto Walter não deixava de encará-lo com sua espada à frente de seu corpo.

Thomas, que ainda tinha mais uma faca em sua cintura, pegou-a, colocando novamente sua pistola por entre suas calças em suas costas.

— Minha faca é mais do que suficiente para acabar com vocês, seus miseráveis — disse ele, avançando cada vez mais próximo dos três.

Barbara, que já rodava o chicote no ar, tentou atingir o oficial, que se esquivou para o lado, desviando da forte chibatada, atingindo o chão próximo de seus pés. O então general pisou no chicote e, com uma rápida abaixada, pegou-o com sua mão esquerda puxando para si. Frank ajudou Barbara a tentar recuperar sua arma, mas o general, mais forte do que os dois juntos, com sua mão direita, dividiu-a em dois, cortando com a faca, inutilizando aquele chicote que momentos antes havia combatido diversos monstros asquerosos.

Thomas, se aproveitando da distração deles, desferiu um golpe contra os meninos, sendo barrado dessa vez pela espada de Walter, que, puxando novamente os dois para detrás dele, bloqueou seu ataque, acertando um chute em seu abdômen e afastando-o para longe.

— Atravesse aquele portal e saia daqui — aconselhou o guardião Walter. — Não é bem-vindo a esse local sagrado e tampouco irá encostar esses dedos sujos nesses jovens. Se tentar algo, prometo que não pouparei esforços para liquidá-lo.

— Hahaha. Você, liquidar-me? Se enxerga, vovô. Você não passa de um idoso com uma espadinha de brinquedo se achando o maior dos guerreiros. Eu treinei minha vida inteira entre os mais fortes e carrascos militares que poderia conhecer. Estive em guerras contra diversos selvagens e os piores e mais perigosos terroristas do planeta e nunca fui derrotado. Você acha que é capaz de me vencer? Conte-me outra piada para eu rir um pouco mais, porque essa aí já perdeu

a graça — debochou Thomas Wolf, enquanto tentava entender o que Walter segurava em suas mãos e como atacá-los sem que aquela coisa o acertasse.

— Não deixe que ele te influencie como Aquanator fez comigo, vovô. Não caia nessa armadilha, ele está sozinho e, pelo jeito, não há mais munições em sua arma, ou já teria atirado em nós quando nos abordou.

— Muito esperto, garoto. Realmente não tenho muitas munições como você previu, mas a única bala que está nesse pente é mais do que suficiente para acabar com a raça de um de vocês. Só tenho que eleger quem será o grande merecedor do meu disparo — caçou Thomas. — E vou dizer que não está fácil de escolher entre você e esse velho — completou o autopromovido general, enquanto engatilhava seu revólver apontado para eles.

Barbara, que já não tinha seu chicote, perdera a oportunidade de desarmá-lo quando estivesse distraído, porém, uma coisa que perceberam é que ele jamais baixava sua guarda. A todo momento tinha seus olhos fixos no alvo, mesmo quando falava ou caminhava. Já o trio havia muito ainda o que aprender. Nunca tiveram treinamento algum, muito menos dominavam a arte da guerra. Tudo ainda era muito confuso, uma vez que essa história de salvador do mundo havia caído em seus colos de uma hora para outra.

Thomas estava pensativo, tinha apenas uma bala e não podia se dar ao luxo de atirar em vão, pois Walter tentaria de qualquer maneira atacá-lo com aquela espada azul bem estranha. “Ele é velho e sem massa muscular, e também não tem cérebro, já que ameaçou o general do exército”, pensou o oficial, mas não queria pagar para ver. Enquanto o velho estava armado os outros dois não tinham nada para ameaçá-lo, então já estava decidido, Walter iria ser contemplado

com uma bala no meio do peito.

O general apontou o revólver para Walter, já com o dedo pressionando o gatilho, quando recebeu uma pedrada vinda de outra direção. A bala passou entre Walter e Frank, acertando uma rocha que estava por trás deles, ricocheteando para o teto da caverna. Sem entender de onde viera a pedra, Thomas, por poucos segundos, desviou a atenção do trio, buscando por alguma alma que estivesse naquele lugar junto deles, mas não conseguiu encontrar ninguém. Essa foi a deixa para que Frank corresse até próximo ao portal onde havia caído a primeira faca atirada por Thomas.

O oficial, que agora tinha voltado seu olhar treinado para os três, percebeu que o menino não estava mais lá, virando-se na direção para onde Frank havia corrido, retirando de sua cintura a adaga toda trabalhada em prata que outrora havia servido em diversas viagens do falecido general George Nelson e, sem ao menos mirar, atirou para acertar o garoto pelas costas, mas este, ligeiro, abaixou deslizando em direção à faca que estava no chão. Com um rápido movimento, o garoto atirou onde acreditava estar seu inimigo, acertando de raspão a perna de Thomas.

O general, que não teve um ferimento tão grave, soltou um grito de ódio, vendo que estava agora totalmente desarmado, com a perna ferida e visivelmente em desvantagem.

— Vocês irão me pagar por tudo o que causaram em minha vida e na de minha família. Isso não vai ficar assim...

Mas antes de Thomas terminar sua frase, o teto acima de sua cabeça, onde a bala havia ricocheteado, começou a se desfazer, iniciando um desmoronamento de baixa intensidade, mas suficiente para encobri-lo de poeiras e pedras que deslizaram. O general conseguiu se agachar e se encostar em uma rocha, que o protegeu do

impacto direto, mas não do soterramento, sendo atingido por poucas pedras perdendo os sentidos e desmaiando.

Os três até tentaram retirar algumas pedras que o encobriam, mas o perigo de um novo deslizamento era iminente. Gritaram, chamando-o, mas Thomas não respondia e estimaram o pior, que o contra-almirante passara dessa para a outra vida.

Muita poeira continuava caindo do teto perto de onde estavam e o portal se encontrava intacto há pelo menos uns dez metros deles. Resolveram apertar o passo, se colocando em frente àquela porta rústica e atravessaram sem nem olhar para trás, antes que houvesse mais desmoronamentos.

O caminho era escuro, mas já não havia aquela sensação de perigo, parecia haver uma paz daquele outro lado da caverna. Andaram mais alguns metros e encontraram alguns amigos se refrescando na lagoa da caverna Marbo, enquanto outros de pé conversavam e riam, agora sem mais aquele peso e medo que percorriam seus corpos e suas mentes. Jason, que falava com Luiz e Emmy, olhou para o lado escuro da caverna e abriu um sorriso quando viu três pares de pés alcançando a claridade, mas logo a expressão em seu rosto mudou, correndo em direção deles. Estavam sujos por poeira de pedras e com um semblante extremamente cansado.

— O que aconteceu com vocês? Por que demoraram tanto para atravessar para esse lado? — perguntou Jason, preocupado com seus amigos.

— Digamos que o tirano almirante não mais incomodará vocês em Guam — respondeu Frank.

— Como assim?

Barbara, que tinha mais fôlego, explicou nos mínimos detalhes o que vivenciaram após Jason e Emily atravessarem o portal mágico,

desde a conversa de Thomas, dizendo que havia matado os oficiais para se tornar general, até o deslizamento de pedras ocasionado por ele mesmo que enterrou o contra-almirante Thomas Wolf para sempre naquela caverna.

Já que estavam todos ali reunidos, resolveram sair e respirar um pouco de ar puro, limpando seus pulmões e contemplando a luz divina do sol, que irradiava beleza naquele cenário incrivelmente maravilhoso.

A caminhada era grande e cheia de obstáculos até chegarem à rodovia que margeava a costa, mas nada que eles não fariam facilmente após o longo estágio dentro daquela caverna misteriosa. Logo estariam em suas casas, revendo suas famílias e recuperando a vida que lhes foi tirada. Jason convidou os três para que passassem essa noite com eles na vila Inarajan em Gef Pa'go, pois precisavam conversar com o mestre Cadassi sobre tudo o que viveram lá dentro, dizendo que o ancião saberia as respostas de todas suas perguntas, além, claro, de dizer que fariam um banquete tradicional para comemorarmos essa primeira vitória, o que foi aceito quase que imediatamente pelo grupo, nem precisando conversar entre eles. Seria muito bom passar um tempo com Jason e Emmy sem ter que temer qualquer ataque ou então estar de sentinela.

Emily se despediu de Luiz com um beijo em seu rosto, dizendo esperar por ele em seu vilarejo para estudarem para as provas juntos, pois entrariam com certeza na faculdade de biologia que tanto queriam, e o garoto se sentiu abençoado com o beijo doce da bela menina, perguntando se poderia ir já no dia seguinte, arrancando risadas de todos, inclusive de Jason, que o pegou pelo pescoço e começou a raspar seu punho fechado no cabelo do menino em um gesto de brincadeira. Depois, abraçou-o e disse que era muito bem-

vindo sempre que quisesse.

Chegaram no vilarejo já ao escurecer, sendo recebidos pelos anciões e por Cadassi, que sorriu ao ver Jason muito mais forte do que quando havia saído para essa missão, além de seu eterno pupilo, o grande Betbo, guardião da sagrada pedra elementar. Após um longo banho merecido, desceram as escadas até o saguão principal e se fartaram com as mais deliciosas iguarias que só aquela ilha mágica tinha a oferecer.

## **A verdade é revelada**

Durante o jantar, falaram sobre tudo que havia acontecido na misteriosa viagem, desde o encontro com o submarino em Rota, a perseguição em altas profundidades na Fossa das Marianas e os confrontos com os seres fantásticos, além claro, dos últimos acontecimentos desde que Frank recuperara sua consciência após ter a alma quase consumida pelo Devorador de Mentes.

— Muito interessante — comentava Cadassi após cada conto narrado por Frank e Barbara, que não se continham e se empolgavam a cada frase dita. — Sobre a lendária pedra, você tinha me mostrado aqui antes de viajarem que havia um recado de seu pai para você, mas como estava quebrada, sem a parte de cima, ela se encontrava incompleta.

— É verdade! — gritou Frank retirando rapidamente o artefato que estava preso em seu pescoço por debaixo de sua camiseta, para verificar se tinha mais algo escrito. Havia esquecido da mensagem e, depois de tantos acontecimentos, sequer tivera tempo de reparar melhor. — Há mais algumas palavras escritas aqui, o senhor poderia nos traduzir, por favor? — pediu o garoto, estendendo sua mão para que o mestre ancião pudesse ler para eles.

— Com todo prazer, meu jovem — disse Cadassi admirando a pedra que há alguns anos não via. — Aqui diz o seguinte:

***Douglas, meu amor.***

***Eu não paro de pensar em vocês dois.***



***Procure na Fossa das Marianas.***

***Nunca deixem de acreditar!***

***Sinto a falta de todos.***

***Amo vocês!***

— Espera um pouco — pediu Frank incrédulo, olhando para seu avô com lágrimas em seus olhos. — Essa mensagem nunca fora para mim, e sim para meu pai.

— Parece que sim, jovem rapaz — respondeu mestre Cadassi. — Decerto, seu pai esteve com a pedra em suas mãos antes de desaparecer e, de algum modo, o artefato se quebrou, ficando um pedaço perdido na caverna, enquanto a outra metade navegou pela vastidão do oceano, sendo encontrada pela única pessoa que poderia salvá-los, você. Mais uma vez, o destino se encarregou de refazer o equilíbrio entre o bem e o mal.

— Isso quer dizer que...

— Quer dizer que a Beth de algum modo está viva! — gritou Walter, pulando da cadeira. — E que Douglas veio até aqui para salvá-la.

— Mas como assim? Minha mãe, viva? E por que ela veio até aqui? Onde eles estão? — As perguntas brotavam em sua cabeça.

— Há algo que preciso falar para vocês — interrompeu Cadassi, percorrendo seu olhar entre Frank e Walter. — Há uns dezoito ou vinte anos, quando Walter já devia ter, se não me falha a memória, seus quarenta e tantos anos, uma moça veio a nosso vilarejo conversar com o ancião de Gef Pa'go, que no caso já era eu mesmo. Ela se apresentou como Elizabeth O'Sullivan...

— O nome de solteira de minha mãe! — falou Frank em voz alta.

— Sim — concordou o mestre. — Sua mãe estava procurando o guardião da lendária pedra do elemento água.

— Não entendo. Isso foi antes mesmo de eu nascer. Como minha mãe naquela época poderia saber que existia algum guardião?

— Pois então, a Elizabeth que vocês conheceram não era a mesma que veio me procurar naquele dia ensolarado. Lembro-me como se fosse hoje. Ela chegou em uma embarcação juntamente com outras duas pessoas, sendo um homem alto e forte que vestia um terno preto que parecia ser seu guarda-costas e um outro de avental branco e um jeito meio informal de falar e se portar, julgando que devia ser algum tipo de cientista maluco, descobrindo mais tarde se tratar do nobre guardião do elemento ar.

“Ela, após muita conversa, disse pertencer a uma sociedade secreta de proteção às pedras elementares existente há alguns anos e que, por conta de rumores de que um poderoso e imortal mago celta estaria tentando de todas as maneiras por fim em sua maldição, resolveram agir e proteger as quatro lendárias pedras antes que o druida descobrisse a antiga profecia e tentasse juntá-las para encontrar o inimaginável quinto elemento, com força o suficiente para acabar com todo o universo que conhecemos, incluindo sua própria vida infinita”.

— Bhaltair Arasgain — falou Frank com uma mistura de sentimentos que envolvia seu corpo.

— Entendendo o que se passava e o risco que a Terra corria, lhe informei sobre um bebê que havia sido deixado aos meus cuidados há muitos anos na ilha e que crescera com outros pais, uma vez que George Payne o sequestrou e o levou para longe para ser seu filho adotivo. Não demorou muito para a esperta jovem rastrear o paradeiro da família Payne e ir ao encontro de Walter, que até então para

ela era conhecido como o guardião esquecido.

— Lembro-me quando a jovem Beth bateu em nossa porta me oferecendo um kit de enciclopédias e quando lhe agradei mas disse que não queria, ela insistiu, com toda a educação que só ela tinha, para que eu conhecesse um pouco mais de seu produto antes de dispensá-la. A convidei para entrar e sentar-se, enquanto pedia para sua avó nos fazer um chá — lembrou Walter, suspirando com as maravilhosas lembranças que tomaram sua cabeça.

— Sim, a intenção dela era conversar com você para que de certa forma a ajudasse em sua missão, mas...

— Mas ela não contava em conhecer Douglas, nosso filho — completou Walter.

— Exatamente! — concordou Cadassi.

— Lembro-me que Douglas, que não era muito ligado em livros, não quis sair de perto, perguntando tudo sobre o produto que a moça estava vendendo. Tive o privilégio de presenciar o surgimento de um amor verdadeiro, desde o primeiro olhar, a troca de sorrisos e carícias, até o casamento e, enfim, o nascimento de Frank, um dos momentos mais felizes de minha vida.

Frank olhou para seu avô com um sorriso no rosto.

— E minha mãe nunca mencionou nada para o senhor, vovô?

— Nada. Sempre disse que era órfã e foi criada em um orfanato na Irlanda até crescer e se mudar para nossa cidade, onde teve que trabalhar para pagar seus estudos. Acreditei, até hoje, que seu ganha pão antes de nos conhecermos era com as vendas das enciclopédias, não com espionagem.

— Na verdade, o que fazia não era espionagem, caro aprendiz — corrigiu Cadassi. — Ela era a única descendente viva de uma antiga família de grão-mestres que guardavam o segredo das lendárias

pedras, juntamente com os outros quatro guardiões, para que não caísse aos ouvidos de pessoas de más intenções. Seus pais foram mortos em um confronto direto com alguns clãs que buscavam poder e fortuna. Os guardiões dos elementos Fogo, Terra e Ar se reuniram a ela para juntos formarem a Sociedade de Proteção às Pedras Elementares (SOPPE), que tinha como missão administrar e proteger os artefatos e os templos sagrados dos quatro elementos. Para isso, precisava encontrar o quarto guardião, que deveria proteger a pedra do elemento água, que esteve guardada comigo desde que você desapareceu, levando apenas consigo seu amuleto.

— Enfim, quando eles se casaram, Elizabeth pensou em dizer toda a verdade, com o que trabalhava e porquê apareceu na porta deles quando se conheceram, mas lhe pedi para ter cuidado, pois se ela simplesmente dissesse toda a história, poderiam não acreditar e perder a oportunidade para sempre.

— E te digo que eu nunca acreditaria nessa história se tivesse me falado quando nos conhecemos — acrescentou Walter.

— Exatamente. Por isso ela não comentou nada no começo, tentando sempre introduzir a história aos poucos para você, Douglas e, depois do nascimento de Frank, lhe narrava contos cheios de fábulas, mitos, lendas e aventuras para fazê-lo dormir. Estou certo? — perguntou, olhando para Frank, que concordou balançando a cabeça.

— Lembro-me agora de muitas vezes ela aparecer na cabeceira de minha cama e contar várias histórias interessantes.

— Sim, ela conhecia muitas lendas e era uma ótima contadora de histórias — concordou Cadassi. — Por um longo período, não se ouviu falar novamente no druida e então ela pôde aproveitar um pouco sua vida, a maternidade e nova família que havia construído

e que tanto amava. Porém, quando Frank tinha por volta de seus dez anos, Elizabeth recebeu um comunicado dos outros três guardiões dizendo para que retornasse com urgência à sede da SOPPE na Inglaterra, pois coisas estranhas estavam acontecendo e precisavam de sua ajuda para deixar as coisas em ordem novamente.

— Foi quando recebemos a notícia que minha mãe havia falecido. Todos ficaram arrasados com sua morte precoce. E onde ela está agora?

— Pois então, antes de ir para a Inglaterra ela veio até mim, pedindo que lhe entregasse a lendária pedra da água, pois acreditava estar correndo um grande perigo ali na aldeia e que somente a presença deste artefato acordaria de vez seu sogro para o seu grande propósito, ao qual foi destinado desde que nasceu, e depois disso nunca mais nos encontramos. Explicou que enviaria para Douglas quando fosse o momento certo e que escreveria uma mensagem indicando onde deviam procurar.

Cadassi olhou para Frank percebendo que o garoto não se continha de alegria e ao mesmo tempo esperança de encontrá-los com vida. Resolveu continuar seu relato para explicar tudo o que sabia sobre seus pais.

— Douglas, por mais que tivesse reconhecido o corpo de sua falecida esposa nunca acreditou que sua Beth havia realmente morrido, voltando algumas outras vezes até encontrar indícios de que seria uma outra pessoa naquele necrotério e não sua amada esposa. Iniciou uma investigação por conta própria seis meses depois que recebeu a notícia de seu falecimento. Abandonou o trabalho de executivo em uma grande empresa farmacêutica para procurar o paradeiro de Elizabeth. Contratou uma das maiores agências de investigação do mundo e, por dois anos, foi coletando informações e

viajando sempre que haviam suspeitas de terem encontrado alguém parecido ou rumores de uma mulher vista com as mesmas características que ela.

— Por isso seu pai sempre nos trazia lembranças de suas viagens — lembrou Barbara com cara de surpresa pela revelação.

— Então, cinco anos atrás, Douglas chegou em nossa vila. Me contou toda a história que lhes falei além de como recebera a lendária pedra enviada por Elizabeth através de um de seus detetives que havia contratado. Esperava que Walter viesse com ele nessa jornada, mas infelizmente não foi o que aconteceu.

— Mas o que aconteceu com meu pai?

— Então, quando Douglas chegou estava meio perdido. Tinham poucas informações e as que tinham estavam desconstruídas. Falei o mesmo que disse para vocês — explicou Cadassi — que devesse ir até a caverna Liyang Chugai na ilha de Rota. Douglas fez todo o percurso que vocês fizeram, encontrando o mesmo submarino que vocês trouxeram para cá.

— Sim, imaginamos isso ao ver suas anotações ainda no submarino.

— Pois é, ele utilizou o submarino para procurar diversas pistas por todas as regiões das Ilhas Marianas, o que despertou uma certa desconfiança no então major Thomas Wolf, que queria de todas as maneiras encontrar qualquer meio para crescer em sua carreira militar. Douglas conseguiu fugir do radar deles, pois estes não tinham um submarino de longo alcance como este de Douglas e então inventou uma desculpa para não perder sua imagem de soberano.

— Típico da família Wolf. — brincou Barbara.

— Agora me lembro vagamente de ter visto a sigla SOPPE no submarino.

— Sim, este foi criado secretamente para as missões secretas da SOPPE — explicou Cadassi. — Sem descansar um minuto Douglas então com o submarino e com posse da pedra elementar atingiu o ponto mais profundo do oceano e a lendária pedra fez seu papel, abrindo o portal que vocês conhecem bem, levando-o para as entra-nhas da caverna misteriosa. Douglas fez todo o trajeto sagrado, encontrou o templo da água e conheceu o lendário cavaleiro Aquanator, onde apresentou a seu pai os verdadeiros poderes da pedra elementar que Douglas ostentava em seu pescoço.

— Então meu pai havia encontrado Aquanator antes dele estar sendo controlado por Arasgain?

Cadassi olhou para Frank em modo de confirmação mas o garoto já havia entendido onde o mestre queria chegar.

— Quando seu pai voltou para Inarajan eu o abriguei em outro vilarejo, sem que ninguém soubesse de sua existência, nem mesmo Jason e os outros. Era essencial que Douglas estivesse anônimo por todo esse tempo. Ensinei por algum tempo tudo sobre a SOPPE, Elizabeth e as pedras elementares. Foi então, durante os treinamentos e as viagens à procura de nossa querida Elizabeth que ficamos sabendo das intenções malignas de Bhaltair Arasgain.

“Douglas voltou para o templo sagrado na caverna para saber onde estariam os irmãos de Aquanator quando foi interceptado pelo cavaleiro, só que dessa vez ele estava sob o comando do mago e o enfrentou fortemente.

“Se protegeu do ataque segurando a pedra elementar, onde se quebrou com o golpe da espada do guerreiro partindo ao meio, produzindo uma estrondosa explosão, jogando ambos para longe.

“A metade de cima do talismã foi arremessado para as águas da cachoeira do templo sagrado, onde se perdeu em algum lugar da

caverna. A outra metade ficou nas mãos de Douglas, que correu o quanto pôde para se livrar dos ataques de Aquanator, conseguindo por sorte se afastar e chegar até a caverna Marbo, onde após sua saída se fechou novamente selando a entrada do templo mágico.

“Douglas nunca me contou o porquê de ter voltado para cá sem o pedaço de baixo da lendária pedra, já que havia saído da caverna com ela em suas mãos, mas após a chegada de vocês pude compreender sua intenção. Ele enfim entendeu que somente o verdadeiro guardião seria capaz de acabar com as forças malignas de Bhaltair Arasgain.

— Mas eu, mesmo depois de acreditar no meu propósito, não consegui derrotar o cavaleiro elemental. Foi Frank quem o fez!

— A vida é um completo mistério em que precisa ser desvendada aos poucos, caro aprendiz. Essa é a verdadeira graça em se viver.

— Ah, entendi, mestre. — disse Walter com um sorriso em seu rosto e piscando para Cadassi.

— Eu que não estou entendendo nada. — disse Frank sem obter uma resposta.

— Muito bem, Frank. Você deve se perguntar porque eu "fiz" vocês enfrentarem o lendário cavaleiro da água, mesmo sabendo o perigo que enfrentariam naquele lugar.

— Não é necessário explicar, mestre. Após derrota-lo percebi que Aquanator nunca esteve realmente sob o comando de Arasgain.

— Exatamente! — respondeu Cadassi surpreso e feliz com o crescimento daquele garoto, amadurecendo tanto em tão pouco tempo. — Na verdade Aquanator é o cavaleiro mais leal dos quatro guerreiros. Sua causa sempre foi o bem da humanidade e seu espírito é tão forte quanto seu coração, que é a base de toda a vida da Terra. Nada nem ninguém o controlaria para fazer o mal.



— Mas por que então ele nos atacou? — perguntou Barbara.

— Foi "cruel"? Sim, mas foi única maneira de termos evoluído tanto e compreendido tudo em tão pouco tempo. Ele quis nos mostrar o que de fato iremos enfrentar. A todo instante ele tentou nos provar, nos ensinar...

— Autocontrole, amor ao próximo, trabalho em equipe, saber compartilhar, justiça e principalmente nos aceitarmos e acreditarmos no que nascemos para ser. — completou Walter.

— Exatamente! — respondeu Cadassi feliz de ver o guardião de volta à ativa.

— Mas uma coisa não bate! — insistiu Barbara. — Por que fez de escravos todos esses garotos?

— Acredito que não foi Aquanator que os sequestrou, tampouco os fez de escravos. Isso foi coisa do impiedoso Arasgain. Os monstros na caverna não eram controlados pelo cavaleiro, mas sim pelo mago. O general da água só se aproveitou da situação para ensiná-los por meio de seus métodos um tanto quanto bizarro. Porém...

— ...Porém, se percebesse que não tivéssemos chance iria interceder, certo? — antecipou-se Barbara.

Cadassi riu balançando sua cabeça em um gesto afirmativo. — Pelo menos é o que eu acredito.

— Pelo que eu entendi, tudo estava sob controle, mas então, onde está meu pai? — perguntou Frank digerindo todas as informações que o mestre lhes passava.

— Não sei, jovem rapaz. Assim que ele voltou, pegou algumas coisas e partiu sem sequer me falar para onde iria. Acredito que, durante a batalha com Aquanator, que assim como fez com vocês também o estava alertando e ensinando sobre os perigos que ele irá enfrentar, deve ter dito algo a Douglas indicando onde procura-la.

— Então na verdade a pedra nunca fora enviada para mim, certo?

— Era destinada para encontrar seu avô, mas como este não acreditava ou não queria acreditar, ela, por vontade própria, lhe encontrou e escolheu você! Se fortaleceu com a sua incrível fé. Não esqueça que o sangue do guardião corre em suas veias!

— E para onde devemos ir, mestre? Onde devemos procurá-los?

— perguntou Frank com lágrimas em seus olhos após a maior descoberta de sua vida.

— Isso ainda é um mistério que precisamos compreender.

— Só mais uma perguntinha que ainda não estou conseguindo entender. Como que minha mãe conseguiu escrever nessa pedra? — questionou Frank, apontando para o lendário artefato.

— Essa é uma pergunta muito pertinente, nobre garoto. A essa altura você já sabe que Aquanator, além de poderoso era o cavaleiro mais fiel e devotado às boas causas, mas o que você talvez não saiba é que Elizabeth e ele tinham uma forte amizade. Foi ele mesmo quem escreveu na pedra as palavras que Elizabeth pediu, mesmo sem entender na hora o que se passava na cabeça de sua "chefe", que era como a chamava carinhosamente. Ela, como diretora da Sociedade de proteção às pedras elementares tinha grande conhecimento desses raros artefatos, além de conhecer pessoalmente todos os guerreiros e guardiões elementais.

— Pessoal! — interrompeu Emily, correndo para encontrá-los. — Acabei de ouvir na televisão que um vulcão adormecido há mais de oitocentos anos acabou de entrar em erupção de grande magnitude na península de Reykjanes, próxima à capital Reykjavík na Islândia.

— Parece que encontramos a resposta que tanto procura, nobre rapaz — argumentou Cadassi, levantando-se da mesa e retirando seu prato.

— Islândia! Nunca pensei em conhecer a terra do fogo e do gelo.

— Nem eu, Frank. Mas parece que é pra lá que devemos ir — disse Walter, abraçando o garoto. — Até agora não acredito que cometi um erro tão infantil na tradução. Era “amo vocês”, no plural. Agora tudo ficou mais claro — disse Walter, balançando sua cabeça negativamente, se cobrando pelo erro.

— Pode deixar, vô, que assim que chegarmos em casa, providenciarei aulas de Chamorro para o senhor, ha ha ha — riu Frank. E todos caíram na gargalhada.

— Estou precisando de férias. Acho que ficarei mais alguns dias nas Ilhas Marianas aproveitando um pouco de tudo que perdi na juventude. Quem sabe eu me recordo dos plurais, dentre outras coisas — riu mais uma vez Walter.

— Não, senhor. Acabei de comprar as passagens para nós três no último voo que parte às onze da noite com destino à Tóquio, onde faremos escala para Reykjavík, chegando amanhã por volta do meio dia — disse Barbara, apontando seu celular para os dois, onde podiam ver o comprovante do pagamento em um website de passagens aéreas.

— Vamos para Islândia! — vibrou Frank comemorando. — Ouvi dizer que é muito frio lá. Precisamos comprar algumas roupas e agasalhos.

— Não se preocupem. Compramos alguns há um tempo quando viajamos de férias antes de minha esposa falecer. Ainda as temos, se vocês não se importarem — ofereceu Jason.

— Meu amigo, você sempre nos ajudando quando mais precisamos. Aceitamos com o maior prazer — respondeu Walter.

— Acredito que ficará um pouco grande em vocês, mas irei pedir que nosso alfaiate ajuste rapidamente ao tamanho correto. Para

Barbara temos algumas roupas também que eram de Minerva, minha querida esposa.

— Muito obrigada, senhor. É uma honra para mim.

A despedida chegou rapidamente e foi breve, pois já estavam atrasados e não poderiam perder o voo que os levaria ao encontro de Douglas e Elizabeth, além é claro, de um possível confronto contra o irmão de Aquanator, que os três concordaram se tratar do cavaleiro do fogo.

Jason fez um kit para eles com algumas ervas medicinais que Jason cultivava em seu jardim, enquanto Emmy se responsabilizou em não deixá-los com fome e saudades de suas iguarias, lhes entregando uma mochila cheia de mantimentos e alguns docinhos da região.

— Formamos uma incrível equipe — disse Walter a Jason.

— Foi uma experiência única acompanhá-los nessa jornada.

— Obrigado por nos ajudar, sem vocês não conseguiríamos derrotar aqueles seres malignos — agradeceu Frank.

— Guarde uma muda daquela planta maravilhosa para mim, Jason, que depois eu volto a Guam só pra levá-la comigo para casa.

— Pode deixar, meu amigo. Estará lhe aguardando!

— Antes de saírem, tenho algo para lhes dar — disse Cadassi, com uma caixa dourada em suas mãos. — Não é como a lendária espada Gram, mas para nós é muito mais especial. Por todos esses anos, tenho aguardado o momento certo de entregar essa relíquia de nosso chefe Gadao para que seja utilizada em uma batalha justa, pelo bem da humanidade.

— Ora, muito obrigado! — disse Frank pegando o artefato dentro da caixa que Cadassi carregava. — Mas o que é isso, um estilingue?

— Não, caro Frank — riu Cadassi com a comparação do garoto.  
— Isso é uma funda chamorro! É uma arma de arremesso extremamente poderosa e eficiente utilizada pelo nosso grande ancestral chefe Gadao em suas batalhas. Dizem que com ela nunca errou nenhum alvo.

— É a mesma arma que dizem David ter matado o gigante Golias?

— Isso mesmo, jovem aprendiz. Já ouvi esse e diversos outros relatos na história sobre a utilização desse tipo de armamento. Só a use quando realmente for necessário e tome muito cuidado, pois essa funda do chefe Gadao pode disparar projéteis tão fortes e velozes quanto um revólver.

Entraram no táxi que já os aguardava na rua com o motor ligado. Walter deu mais uma longa olhada naquele outdoor que outrora havia o deixado em pânico e riu ao ver o semblante do Megalodon, gigantesco assim como a sua fé nele mesmo.

Frank riu ao ver seu avô mais feliz e acreditando nele mesmo.

— Meus pais, nos aguardem que logo os acharemos. Novas aventuras estão por vir. Islândia, aí vamos nós! — disse o jovem guerreiro acariciando a pedra elementar antes de guardá-la no porta-joias de veludo de Barbara em que mantinha sempre em seu bolso.

— Epílogo —

Já era cedo quando Mark retirou as últimas pedras de cima de seu pai, que ainda continuava desacordado. Só descobriu o Sol surgindo no horizonte, quando o puxou do amontoado de escombros, levando-o até o portal, onde atravessou com Thomas em seu ombro, arrastando-o pela escuridão até chegarem ao lago da Caverna Marbo, que estava um pouco iluminada pelos raios do dia. Demorou alguns bons minutos até que as famosas águas milagrosas da caverna resolvessem se manifestar e restabelecer um pouco da energia do oficial, o acordando daquele demorado e angustiante desmaio.

— Mark, é você meu filho?

— Sim, pai. Estou aqui com você.

— E onde estamos?

— Na caverna Marbo, em Guam.

— Onde estão minhas roupas? — perguntou Thomas, virando-se para o garoto e fulminando-o com seu olhar enraivecido.

Mark apontou para o deck de madeira que se situava próximo ao lago onde estavam e Thomas, ainda com o maior esforço, se arrastou por entre as águas do lago até chegar em seus pertences.

— Moleque, onde está aquele seu maldito celular?

— Está comigo, em minha mochila. Peguei em seu bolso quando te resgatei naquele deslizamento.

— Não está vendo que preciso dele? Me entregue agora!

Thomas, que havia desligado o celular de Mark assim que perdera o sinal naquela caverna misteriosa, tinha poupado o resto de

bateria para caso uma emergência surgisse, como, por exemplo, naquele momento.

— Ótimo, temos um pouco de sinal aqui.

— *Base Naval, Tenente Anderson bom dia.*

— Tenente, aqui é o general Wolf. Passe a ligação para o major Preston, agora.

— *Contra-Almirante Wolf? O senhor está vivo? Onde está? Como podemos ajudá-lo, senhor?*

— Não ouviu minhas ordens, Tenente?

— *Me desculpe, senhor. Estou passando a ligação para o major Preston. Me desculpe novamente.*

— *Preston às ordens.*

— Major, ligue agora mesmo para seus contatos e descubra se algum verme chamado Frank Payne tomou algum voo no aeroporto e qual seu destino.

— *Sim, senhor. Ligarei agora mesmo. Precisa que mande algum helicóptero buscá-lo, senhor?*

— Onde estamos? — questionou o oficial, chutando Mark com sua perna para que o avoado garoto prestasse atenção.

— Na caverna Marbo.

— Sim, na caverna Marbo, major. Mas antes, descubra o que te ordenei o quanto antes.

— *Ok, almirante.*

— Almirante não, general.

— *Sim, senhor general* — respondeu major Preston um tanto quanto confuso, querendo desligar o telefone o mais rápido possível.

Não passaram nem cinco minutos quando o celular de Mark recebeu a esperada ligação.

— *General, major Preston novamente...* — Mas, antes da chamada

ser completada, a bateria acabou, irritando o oficial, que atirou o aparelho com tamanha força que acertou uma pedra e o quebrou em trezentas partes.

Mark, que não queria ser novamente o saco de pancadas de seu pai, se afastou o mais longe que pôde, enquanto Thomas andava em direção à saída da caverna. O garoto esteve mais alguns minutos contemplando aquele lugar antes de se juntar a seu pai. Após ouvir todas as grosserias e engolir os coices que Thomas insistia em lhe dar, se permitiu a sentir novamente o infinito desejo por vingança.

Em poucos instantes, um helicóptero sobrevoou o local parando a alguns metros de onde estavam. Os dois andaram em direção ao transporte aéreo, onde o major que perdera o contato com o tirano oficial os aguardavam.

— Senhor, acho que a ligação caiu e não consegui lhe avisar, parece que o garoto tomou um avião ainda ontem à noite para Reykjavík na Islândia, junto de mais duas pessoas, Walter Payne e Barbara Bell.

— Esses patifes imundos. Quando que eles chegarão lá, major?

— Parece que o voo demora cerca de doze horas, senhor, portanto, pelos meus cálculos devem estar chegando agora.

— E o que está esperando para solicitar a prisão deles, major?

Preston pegou seu celular e ligou para seus contatos, para ordenar a detenção do trio alegando exigências superiores, mas a polícia da Islândia pediu que lhes informasse qual o crime que as três pessoas se enquadravam, pois sem processos concretos ou alguma prisão em flagrante, nada poderiam fazer.

— Major, solicite uma passagem para o primeiro voo com destino a Reykjavík. Não vou deixá-los espalhar o terrorismo nos quatro cantos do mundo, mesmo que alguns países ridículos com suas leis



ultrapassadas não queiram nos ajudar.

— Uma não, duas major — disse Mark que até então estivera quieto em seu canto. — Tenho algumas contas para acertar e já os enfrentei e sei como poderemos dar um fim neles.

Thomas, com seu olhar penetrante, enxergou fúria e vingança nos olhos de seu filho, movimentando sua cabeça afirmativamente e sorrindo com o canto da boca.

— Ouviu o garoto, major. Compre duas passagens, somente de ida.